

**AGRADECIMENTOS E DESCULPAS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO E EM
ESPAÑHOL: UM ESTUDO COMPARADO DE POLIDEZ A PARTIR DE
ROTEIROS CINEMATOGRAFICOS CONTEMPORÂNEOS**

por

Flávia de Almeida Monteiro

Dissertação de Mestrado em
Língua Espanhola apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Letras
Neolatinas (Espanhol) da Universidade
Federal do Rio de Janeiro como parte dos
requisitos necessários à obtenção do título
de Mestre em Língua Espanhola.
Orientador: Professora Doutora Leticia
Rebollo Couto.

Rio de Janeiro

2008

FLAVIA DE ALMEIDA MONTEIRO

MONTEIRO, Flavia A. *Agradecimentos e Desculpas em português brasileiro e em espanhol: um estudo comparado de polidez a partir de roteiros cinematográficos contemporâneos*. Dissertação de mestrado em Língua Espanhola – Curso de Pós-graduação em Letras Neolatinas, Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdades de Letras, 2008.

BANCA EXAMINADORA:

Professora Doutora Leticia Rebollo Couto
(Departamento de Letras Neolatinas/UFRJ)
Orientadora

Professora Doutora Célia Regina dos Santos Lopes
(Departamento de Letras Vernáculas/UFRJ)

Professora Doutora Maria Zulma Moriondo Kulikowski
(Departamento de Letras Modernas/USP)

Professora Doutora Márcia Machado Vieira
(Departamento de Letras Vernáculas/UFRJ)
Suplente

Professor Doutor Uli Reich
(Departamento de Letras Vernáculas/UFRJ e
Departamento de Lingüística de Línguas Românicas/Universidade de Colonia)
Suplente

Examinada a dissertação:

Conceito: _____.

Em: ____/____/2008.

RESUMO

MONTEIRO, Flavia A. *Agradecimentos e Desculpas em português brasileiro e em espanhol: um estudo comparado de polidez a partir de roteiros cinematográficos contemporâneos*. Dissertação de mestrado em Língua Espanhola – Curso de Pós-graduação em Letras Neolatinas, Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdades de Letras, 2008.

Este trabalho tem como objetivo levantar o conjunto de fórmulas rituais, cristalizadas ou não, que permitem expressar agradecimentos e desculpas em diversas comunidades ibero-americanas. A partir das definições e categorias propostas por Kerbrat-Orecchioni (2005, 2006), analisamos uma amostra de nove filmes contemporâneos ambientados em oito diferentes centros urbanos (Havana em Cuba, Madri na Espanha, Cidade do México no México, Lima no Peru, Santiago no Chile, Rio de Janeiro no Brasil, Buenos Aires na Argentina e Bogotá na Colômbia). Como resultado preliminar, observamos que houve algumas divergências no uso dos agradecimentos e das desculpas nas comunidades hispânicas ou brasileiras quanto (1) a suas *formulações* – os agradecimentos parecem ter um caráter mais convencionalizado que as formulações de desculpas, menos variação, menos flexão verbal e menos intensificações; (2) aos tipos de *ofensas* que são objeto de desculpas e aos tipos de *presentes* que são objeto de agradecimentos – nos roteiros em português as ofensas e os presentes tendem a ser mais territoriais ou físicos, ou seja, mais materiais e concretos que nos roteiros em espanhol; (3) à *intensificação* – nos roteiros em português a intensificação dos agradecimentos e desculpas é menos importante que nos roteiros em espanhol; e (4) à *realização da desculpa e do agradecimento como outro ato de fala* – as desculpas cumprem em português menos atos de fala como pedidos que em espanhol. Os agradecimentos cumprem desacordos, com ou sem humor mais em espanhol que em português.

RESUMEN

MONTEIRO, Flavia A. *Agradecimentos e Desculpas em português brasileiro e em espanhol: um estudo comparado de polidez a partir de roteiros cinematográficos contemporâneos*. Dissertação de mestrado em Língua Espanhola – Curso de Pós-graduação em Letras Neolatinas, Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdades de Letras, 2008.

Este trabajo tiene como objetivo repertoriar el conjunto de fórmulas rituales, fosilizadas o no, que permiten expresar agradecimientos y disculpas en diversas comunidades iberoamericanas. A partir de las definiciones y categorías propuestas por Kerbrat-Orecchioni (2005, 2006), analizamos una muestra de nueve películas contemporáneas ambientadas en ocho diferentes centros urbanos (La Habana en Cuba, Madrid en España, Ciudad de México en México, Lima Perú, Santiago en Chile, Rio de Janeiro en Brasil, Buenos Aires en Argentina y Bogotá en Colombia). Como resultado preliminar, observamos que hay algunas divergencias en el uso de agradecimientos y disculpas en cuanto (1) a las *formulaciones* – los agradecimientos parecen tener un carácter más convencionalizado que las formulaciones de disculpas, menos variación, menos flexión verbal y menos intensificación; (2) a los tipos de *ofensas* que son objeto de disculpas y los tipos de *regalos* que son objeto de agradecimientos – en los guiones en portugués las ofensas y los regalos tienden a ser más territoriales o físicos, o sea más materiales y concretos, que en los guiones en español; (3) a la *intensificación* – en los guiones en portugués la intensificación de los agradecimientos y disculpas es menos importante que en los guiones en español; y (4) a la *realización de disculpas y de agradecimiento como otro acto de habla* – las disculpas cumplen en portugués menos actos de discursos como peticiones que en español. Los agradecimientos cumplen más desacuerdos, con o sin humor, en español que en portugués.

*Dedico este trabalho a minha mãe e ao
meu marido.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, e dentro do âmbito acadêmico, quero expressar meu agradecimento:

À Leticia Rebollo Couto, que acreditou ser possível orientar-me, proporcionando esta oportunidade de poder dar continuidade ao mestrado e, mais que isso, poder ter a chance de concluí-lo com sucesso. Além do exemplo profissional, construímos laços fraternos que, acredito, serão preservados em nossas vidas.

À Célia Regina dos Santos Lopes, pela ajuda e conversas durante o tempo em que estivemos juntas em Valencia, durante o II Colóquio Internacional de Edice. Pela sua seriedade, tranquilidade e transparência em todos os assuntos que compartilhamos. E também, por fazer parte da Banca.

À professora María Zulma Moriondo Kulikowski (USP), que gentilmente aceitou participar e colaborar com este trabalho fazendo parte da Banca.

À Samira Rovedo Varela, minha grande amiga e procuradora, pela sua constante ajuda nesses três anos. Tratando a minha vida acadêmica como se fosse a sua.

À Jannaina Vaz da Costa, pela gentileza de compartilhar comigo sua pesquisa, sua presença e sua voz nos colóquios da UFRJ, e no Congresso dos Hispanistas, sua generosidade no que diz respeito às informações e aos materiais que puderam me ajudar de alguma forma neste trabalho e, por compartilhar comigo todas as etapas de criação de sua dissertação.

À Leonardo Lennertz Marcotulio, por todos os arquivos enviados e por sempre dividir seu conhecimento.

Aos meus amigos Kátia Regina Reis e José María Alfaro Delgado, por todas as correções, traduções e revisões de textos.

À Marcia Nascimento, minha grande amiga, que se disponibilizou a imprimir este trabalho e que acompanhou cada passo dessa trajetória.

À Ana Paula Oliveira, minha amiga, que sempre esteve pronta para ajudar no que fosse preciso.

À Jair de Oliveira Souza, pela confiança demonstrada e por disponibilizar, sem reservas, o texto de sua dissertação como base de estudo a meu trabalho.

E, para finalizar, dentro do âmbito familiar, quero expressar meu agradecimento às duas pessoas mais importantes da minha vida:

À minha mãe Neuza de Almeida, pela vida, pelo amor, pelo exemplo de mulher independente que sozinha soube me educar e pela constante e incansável presença em todos os momentos da minha vida.

Ao meu marido Renato Guimarães Rodrigues, pelo amor, companheirismo, cumplicidade, paciência e pelo exemplo de caráter, personalidade e profissional em que sempre me espelho.

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 Os agradecimentos e as desculpas: fundamentos teóricos e metodologia de análise.....	13
1.1. Os atos de linguagem e as teorias da polidez.....	15
1.2. Usos convencionais de agradecimentos e desculpas: as intensificações, as respostas e os atos de linguagem derivados.....	24
1.3. As formulações dos agradecimentos e das desculpas.....	32
1.4. O contexto de interação: os tipos de relações sociais e a distância interpessoal.....	47
1.5. Os diálogos cinematográficos.....	51
1.6. Conclusões: problemas, perguntas e hipóteses.....	56
CAPÍTULO 2 As formulações diretas e indiretas das desculpas	60
2.1. As formulações diretas das desculpas nos roteiros hispânicos.....	62
2.1.1. As formulações imperativas.....	63
2.1.2. As formulações elípticas	81
2.1.3. As formulações performativas.....	90
2.2. As formulações diretas das desculpas nos roteiros brasileiros.....	92
2.2.1. As formulações imperativas.....	93
2.3. As formulações indiretas das desculpas nos roteiros hispânicos.....	104
2.3.1. As formulações indiretas descritivas.....	105
2.3.2. As formulações interrogativas.....	112
2.3.3. As formulações interrogativas elípticas.....	114
2.4. As formulações indiretas das desculpas nos roteiros brasileiros.....	116
2.4.1. As formulações indiretas descritivas.....	117
2.4.2. As formulações interrogativas.....	118
2.5. Conclusão: as formulações diretas e indiretas das desculpas nos roteiros brasileiros e hispânicos.....	119

CAPÍTULO 3 As formulações diretas e indiretas dos agradecimentos.....	130
3.1. As formulações diretas dos agradecimentos nos roteiros hispânicos.....	132
3.1.1. As formulações elípticas.....	133
3.1.2. As formulações performativas.....	153
3.2. As formulações diretas dos agradecimentos nos roteiros brasileiros.....	156
3.2.1. As formulações elípticas.....	156
3.3. As formulações indiretas dos agradecimentos nos roteiros hispânicos	163
3.4. As formulações indiretas dos agradecimentos nos roteiros brasileiros	166
3.5. Conclusão: as formulações diretas e indiretas dos agradecimentos nos roteiros brasileiros e hispânicos.....	170
4. CONCLUSÕES	178
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	192
ANEXOS	203

ÍNDICE DE QUADROS E GRÁFICOS

Quadro 01:	Formulações diretas e indiretas das desculpas.....	61
Quadro 02:	Formulações diretas nos roteiros hispânicos: total de formulações lingüísticas.	62
Quadro 03:	Formulações diretas nos roteiros hispânicos: formulações lingüísticas.....	63
Quadro 04:	Formulações diretas nos roteiros brasileiros.....	92
Quadro 05:	Formulações indiretas nos roteiros hispânicos: total de formulações lingüísticas	104
Quadro 06:	Formulações indiretas nos roteiros hispânicos: formulações lingüísticas.....	105
Quadro 07:	Formulações indiretas nos roteiros brasileiros: total de fórmulas lingüísticas.....	116
Quadro 08:	Formulações indiretas nos roteiros brasileiros: formulações lingüísticas.....	116
Quadro 09:	Tipos de ofensas em espanhol e em português.....	121
Quadro 10:	Tipos de ofensas conversacionais nos roteiros hispânicos.....	122
Quadro 11:	Tipos de ofensas conversacionais nos roteiros brasileiros.....	122
Quadro 12:	Tipos de ofensas territoriais em espanhol.....	123
Quadro 13:	Tipos de ofensas territoriais em português.....	123
Quadro 14:	Tipos de ofensas relacionais em espanhol.....	124
Quadro 15:	Tipos de ofensas relacionais em português.....	124
Quadro 16:	Desculpa e atos de fala em espanhol e português.....	124
Quadro 17:	Formulações diretas e indiretas dos agradecimentos.....	131
Quadro 18:	Formulações diretas nos roteiros hispânicos: formulações lingüísticas.....	132
Quadro 19:	Formulações diretas nos roteiros brasileiros: formulações lingüísticas.....	156
Quadro 20:	Formulações indiretas nos roteiros hispânicos: formulações lingüísticas.....	163
Quadro 21:	Formulações indiretas nos roteiros brasileiros: formulações lingüísticas.....	167
Quadro 22:	Tipos de presentes em espanhol e em português.....	171
Quadro 23:	Tipos de presentes conversacionais nos roteiros hispânicos	172
Quadro 24:	Tipos de presentes conversacionais nos roteiros brasileiros	172
Quadro 25:	Tipos de presentes territoriais em espanhol.....	173
Quadro 26:	Tipos de presentes territoriais em português.....	173
Quadro 27:	Tipos de presentes relacionais em espanhol.....	174
Quadro 28:	Tipos de presentes relacionais em português.....	174
Quadro 29:	Agradecimentos e atos de fala em espanhol e português.....	175
Quadro 30:	Tipos de intensificação das desculpas em espanhol e português.....	186
Quadro 31:	Intensificação das desculpas em espanhol e português	187
Quadro 32:	Tipos de intensificação dos agradecimentos em espanhol e português.....	188
Quadro 33:	Intensificação dos agradecimentos em espanhol e português.....	188
Gráfico 01:	Formulações das desculpas nos roteiros hispânicos.....	60
Gráfico 02:	Formulações das desculpas nos roteiros brasileiros.....	60
Gráfico 03:	Formulações dos agradecimentos nos roteiros hispânicos.....	130
Gráfico 04:	Formulações dos agradecimentos nos roteiros brasileiros.....	130

Em várias línguas e culturas as “saudações”, os “agradecimentos” e as “desculpas” são os três principais atos rituais da interação conversacional. São enunciados cujas formulações e condições de emprego estão muito estereotipadas, pois têm uma função basicamente relacional, com pouco ou nenhum conteúdo proposicional. Para Kerbrat-Orecchioni (2005: 110-144), os agradecimentos e as desculpas apresentam analogias evidentes em seu ritual de realização (a) por prestar-se a inúmeras formulações diretas e indiretas, (b) por constituírem-se como atos de fala a partir de um intercâmbio ternário, (c) por suscitar uma reação e (d) por ter a função comum de restabelecer o equilíbrio ritual da interação.

A observação de situações nas que se reconhece verbalmente que houve um presente ou uma ofensa, sua importância nos intercâmbios cotidianos, nos permitem analisar situações particularmente representativas do funcionamento da polidez em diferentes comunidades socioculturais. O *corpus* desta pesquisa está composto por nove roteiros cinematográficos ambientados em oito diferentes centros urbanos.

Este trabalho pretende ser um estudo preliminar de polidez que nos permita organizar um repertório inicial de temas e problemas relacionados aos agradecimentos e desculpas, em português e em espanhol, para posterior sistematização. A partir das definições e categorias propostas por Kerbrat-Orecchioni (2005, 2006) queremos saber como se realizam lingüisticamente os atos de agradecimentos e de desculpas, quando e para que se utilizam em roteiros de filmes ambientados em diferentes centros urbanos ibero-americanos.

Nosso trabalho se baseia numa dupla perspectiva pragmática: pragmalingüística e sociopragmática. A dimensão pragmalingüística se refere às estruturas lingüísticas específicas que as diferentes línguas utilizam na realização de um ato de linguagem determinado, no nosso caso os atos de linguagem que expressam os agradecimentos e desculpas. Nesse sentido, propomos um levantamento das formulações encontradas nas diferentes comunidades sócio-culturais, em espanhol e em português, uma vez que a frequência de uso, o contexto conversacional e a finalidade destes dois atos de linguagem não são as mesmas em todas as sociedades. A dimensão sociopragmática trata das regras culturais que governam a eleição de

estratégias conversacionais, ou seja, a forma lingüística selecionada para expressar agradecimentos e desculpas depende de normas sociais e culturais.

Este tipo de estudo nos permite inferir algumas regras referentes aos sistemas de polidez que regem as práticas sociais em comunidade socioculturais ibero-americanas. Consideramos que estes tipos de estudos são uma clara contribuição ao ensino de línguas estrangeiras tanto do Espanhol (Hickley, 2004 e Dumitrescu, 2005) quanto do Português brasileiro (Fávero & Aquino, 2001 e Koike, 1992). Ainda que se trate de um campo clássico da pragmática (Blum Kulka & Kasper, 1989) contamos com poucas análises ou descrições que busquem comparar, nestas comunidades socioculturais, diferenças de variação e orientar melhor a prevenção de possíveis mal entendidos culturais.

Nas próximas linhas delinearemos a maneira como desenvolveremos a apresentação do trabalho. O **Capítulo 1** é dedicado à exposição da fundamentação teórica e metodológica da análise: esboçamos os conceitos básicos da teoria dos atos de linguagem e das teorias fundadoras da polidez; apresentamos os diálogos cinematográficos que são o objeto de nossa análise; esboçamos as diferentes definições das desculpas e dos agradecimentos; apresentamos o contexto de interação em que aparecem esses atos de linguagem nos diálogos: os tipos de relações sociais e a distância interpessoal; apresentamos os usos convencionais de agradecimentos e desculpas: as intensificações, as respostas e os atos de linguagem derivados; e para finalizar concluímos apresentando os problemas, as perguntas e as hipóteses deste trabalho. No **Capítulo 2**, analisamos as formulações diretas (através das formulações imperativas, elípticas e performativas) e as formulações indiretas (indiretas descritivas, interrogativas e interrogativas elípticas) das desculpas, procurando sistematizar seus contextos de uso, bem como a função conversacional das intensificações nas desculpas. No **Capítulo 3**, analisamos as formulações diretas e indiretas dos agradecimentos, procurando sistematizar seus contextos de uso, bem como a função conversacional das intensificações nos agradecimentos. E para finalizar, a última sessão das **Conclusões** está reservada para sintetizar resultados e confirmar hipóteses sobre os usos convencionais dos agradecimentos e desculpas: os objetos considerados como ofensas ou presentes, as respostas a estes dois atos de linguagem e os atos derivados, a indirecionalidade dos agradecimentos e das desculpas

1. Os agradecimentos e as desculpas: fundamentos teóricos e metodologia de análise

Em várias línguas e culturas os “agradecimentos”, as “desculpas” e as “saudações” são os três principais **atos rituais** da interação conversacional. Trata-se de enunciados cujas formulações e condições de emprego estão muito estereotipadas, tendo uma função basicamente relacional, com pouco ou nenhum conteúdo proposicional. Ou seja, sua função está mais centrada na preservação do vínculo social do que na transmissão de uma informação referencial ou factual.

A observação de situações nas que se reconhece verbalmente que houve um **presente** (o termo *presente* dever ser considerado em sentido amplo, designando qualquer forma de “ação benfeitora” que se pode fazer a outrem – **presentes não verbais**: presente no sentido estrito, favor, cumprimento, etc; e **presentes verbais**: elogios, expressões votivas, etc.) – no caso dos agradecimentos - ou uma **ofensa** (o termo *ofensa* deve ser considerado em sentido amplo, designando qualquer forma de ação que precise ser reparada pelas desculpas – **ofensas não verbais**: esbarrar em alguém, fazê-lo esperar; e **ofensas verbais**: lapsos, pergunta indiscreta, crítica, etc.) – no caso das desculpas, e a observação de sua importância nos intercâmbios cotidianos, nos permite analisar situações particularmente representativas do funcionamento da cortesia em diferentes comunidades socioculturais.

Este trabalho pretende ser um estudo preliminar do funcionamento dos agradecimentos e desculpas em oito diferentes comunidades ibero-americanas. Nosso objetivo principal é elaborar um repertório inicial de formulações de agradecimentos e desculpas a partir da análise de interações conversacionais em diálogos e roteiros de filmes contemporâneos. Procurando sistematizar os contextos de uso de formulações mais ou menos cristalizadas, pretendemos comparar os sistemas de polidez subjacentes destas diferentes comunidades, considerando três fatores de variação: a) os objetos dos agradecimentos e desculpas, b) os tipos de relações sociais nas que aparecem e c) a distância interpessoal assumida em cada situação.

Nosso trabalho se baseia numa abordagem conversacional e pragmática. Desde a perspectiva conversacional procuramos entender o funcionamento dos intercâmbios dialógicos e das regras de polidez subjacentes aos agradecimentos e desculpas em diferentes culturas. E, desde a perspectiva pragmática, consideramos duas dimensões: a vertente pragmalinguística e a vertente sociopragmática, para a caracterização desse fenômeno. A dimensão pragmalinguística se refere a estruturas linguísticas específicas que as diferentes línguas utilizam na realização de um ato de fala determinado, no nosso caso os atos de linguagem que expressam os agradecimentos e desculpas. Já a dimensão sociopragmática não trata de questões linguísticas, mas sim de regras culturais que governam a eleição de estratégias conversacionais, ou seja, a forma linguística selecionada para expressar agradecimentos e desculpas depende de normas sociais e culturais uma vez que seus contextos e frequência de uso são elementos socioculturais variáveis.

O *corpus* desta pesquisa está composto por nove diálogos de filmes, roteiros cinematográficos ambientados em oito diferentes centros urbanos. Nossa proposta é: (a) repertoriar o conjunto de fórmulas rituais, cristalizadas ou não que permitem expressar os agradecimentos e desculpas em diversas comunidades ibero-americanas; (b) comparar a natureza das ofensas e dos presentes nas diferentes comunidades ibero-americanas; (c) sistematizar os tipos de intensificação dos agradecimentos e das desculpas; (d) verificar quando as formulações de agradecimento e desculpas cumprem de forma indireta outros tipos de atos de fala; (e) verificar quando outros atos de fala expressam de forma indireta agradecimentos e desculpas; (f) verificar quando as interações não-verbais, ou seja, o gestual expressa agradecimentos ou desculpas; e (g) observar as reações que os atos que expressam agradecimentos e desculpas desencadeiam.

Este primeiro capítulo, teórico e metodológico, divide-se em seis partes.

Na sessão **1.1. Os atos de linguagem e as teorias da polidez**, tratamos da definição de atos de fala, atos de linguagem e atos do discurso; suas correlações com as teorias pragmáticas da polidez, em particular com os conceitos de imagem social, e o trabalho de imagem que representam atos de linguagem do tipo FTA ou FFA.

Na sessão **1.2. As formulações dos agradecimentos e das desculpas**, tratamos das definições dos agradecimentos e desculpas enquanto atos de linguagem, suas condições de sucesso, bem como os tipos de formulações possíveis, apresentando duas perguntas iniciais de pesquisa.

Na sessão **1.3. O contexto de interação: os tipos de relações sociais e a distância interpessoal**, tratamos da definição do contexto em pragmática em geral e do contexto conversacional específico desses dois atos de linguagem, definindo os tipos de relações consideradas, o conceito de coloquial bem como a importância das diferentes formas de tratamento, e sua variação dialetal, no cálculo da distância interpessoal.

Na sessão **1.4. Usos convencionais de agradecimentos e desculpas: as intensificações, as respostas e os atos de linguagem derivados**, tratamos da função das intensificações, dos tipos de resposta e da derivação pragmática a fim de analisar o grau de convencionalização ritual desses dois atos de linguagem nas diferentes comunidades socioculturais consideradas.

Na sessão **1.5. Os diálogos cinematográficos**, tratamos da justificativa da escolha do nosso *corpus* e sua relação com os preceitos da análise conversacional.

Na sessão **1.6. Conclusões: problemas, perguntas e hipóteses**, sintetizamos os problemas levantados com a recapitulação teórica, as perguntas de pesquisa e as hipóteses que norteiam este trabalho no que diz respeito à formulação dos agradecimentos e desculpas, ao seu contexto conversacional, bem como ao grau de convencionalização ritual desses dois atos de linguagem.

1.1. Os atos de linguagem e as teorias da polidez

A partir de alguns princípios teóricos da pragmática e da análise da conversação, os agradecimentos e as desculpas são analisados neste trabalho enquanto **atos de linguagem**, ou atos do discurso, **expressivos**. Definimos o nosso objeto de estudo como ato de linguagem ou ato do discurso (usaremos estes dois termos indistintamente na nossa análise), e não como ato de fala, para precisar bem nossa posição teórica com relação aos primórdios dos estudos da pragmática, a partir dos estudos sobre filosofia da linguagem de Austin, Searle e mais tarde Grice.

De acordo com Haverkate (2004:57), os atos de discurso (ou os atos de linguagem como os denomina Kerbrat Orecchioni, 2005) são atos de fala incrustados em uma situação comunicativa concreta, o que representa uma ampliação do conceito de ato de fala tal como fora idealizado por Searle ([1969]2001). Para Searle, assim como para Austin, o ato de fala é uma entidade monológica não associada com o uso

da linguagem em situações comunicativas concretas. Embora Grice inclua o contexto conversacional, as trocas lingüísticas ainda são tratadas desde uma perspectiva mentalista, filosófica da linguagem e não desde uma perspectiva empírica.

A pragmática, nos dias de hoje, ou pelo menos uma parte dela, pode ser definida como a disciplina que estuda os atos de fala, ou em outras palavras, é a disciplina que estuda as condições e regras que ocorrem para que um enunciado ou ato de fala seja idôneo em um contexto determinado (Moreno Fernández, 1998). Os **atos de fala** são um dos conceitos centrais desta linha de interpretação, juntamente com a noção de **contexto**. Vejamos, a seguir, desde uma perspectiva histórica algumas das definições e classificações dos atos de fala que nos serão úteis na definição dos agradecimentos e desculpas.

A teoria dos atos de fala surge com Austin (1962), o iniciador da pragmática moderna. Sua hipótese introduz uma importante mudança de perspectiva: falar não é só expressar opiniões ou pensamentos, ou descrever estados de coisas, mas sim e sobretudo falar é “fazer coisas”. Para este autor o **ato de fala** é a unidade mínima da comunicação lingüística. Chamados em inglês de *speech acts* e traduzidos como “atos de fala”, “atos de linguagem”, “atos de discurso” ou “atos de comunicação”, referem-se a qualquer ato ou ação realizada por meio da linguagem.

A teoria dos atos de fala proporciona uma classificação sistemática das intenções comunicativas e de que modo estas se codificam lingüisticamente no contexto. De acordo com essa teoria as expressões lingüísticas possuem a capacidade de realizar certos tipos de atos comunicativos, como: *afirmar, perguntar, desculpar-se, agradecer* etc. A partir desta percepção, Austin (1962) começou a observar a emissão de determinadas expressões e diferenciou dois tipos de enunciados: (1) **enunciados assertivos ou constataativos**: são enunciados que permitem fazer proposições relacionadas com coisas ou fatos do mundo, real ou imaginário do qual podemos dizer se são falsos ou verdadeiros; e (2) **enunciados performativos ou realizativos**: são enunciados que não se utilizam para dizer “algo” de “algo” ou de “alguém”, mas sim fazer “algo” no contexto adequado. Em outras palavras, estes enunciados fazem exatamente o que dizem. Ao contrário dos enunciados assertivos / constataativos, os enunciados performativos / realizativos não podem ser verdadeiros ou falsos, mas sim adequados ou inadequados.

Entretanto, se considerarmos que todos os enunciados supõem de um modo ou de outro a realização de uma ação e dado que as fronteiras entre os enunciados

assertivos / constatativos e performativos / realizativos não estão sempre claras, Austin (1962) introduz a distinção entre três tipos de atos: (1) **ato locutório**: é o ato de dizer alguma coisa, ou seja, é quando se emite um enunciado; (2) **ato ilocutório**: é o ato efetuado ao se dizer alguma coisa. Este ato se realiza quando se diz algo com certa intenção ou força por parte do falante (no caso desta pesquisa, seria agradecer ou desculpar-se); e (3) **ato perlocutório**: é o ato efetuado pelo fato de dizer alguma coisa. Este ato aparece como consequência do ato ilocutório e destina-se a exercer certos efeitos sobre o interlocutor: convencê-lo, assustá-lo, agradá-lo, etc., efeitos que podem realizar-se ou não.

Como diz Escandell Vidal (1993) é bastante difícil distinguir estes três atos:

“La distinción entre estos tipos de actos es sobre todo teórica, ya que los tres se realizan a la vez y simultáneamente: en cuanto decimos algo, lo estamos haciendo en un determinado sentido y estamos produciendo unos determinados efectos. Pero es interesante distinguirlos porque sus propiedades son diferentes: el acto locutivo posee significado; el acto elocutivo posee fuerza: y el acto perlocutivo logra efectos.” (Escandell Vidal:1996)

Dando continuidade aos estudos de filosofia de Austin, um dos seus mais fiéis discípulos, Searle (1976, *apud* Márquez Reiter e Placencia:2005:24) estabelece cinco categorias gerais de atos ilocutórios: (1) **assertivos**: o emissor se compromete a expressar a veracidade da proposição enunciada (desta maneira este tipo de ato de fala é plausível de ser analisado como verdadeiro ou falso). Fazem parte deste grupo as asserções, constatações, explicações, classificações, etc.; (2) **diretivos**: o emissor tem como finalidade modificar a conduta do interlocutor (ou pelo menos tentar). Sempre se trata de uma ação futura do interlocutor. A este grupo pertencem a pergunta, a solicitação, a ordem ou mandato, o convite e o conselho; (3) **promissivos**: o emissor é quem se compromete a modificar sua conduta futura. Encontramos a promessa, o juramento, a ameaça e o oferecimento; (4) **expressivos**: o emissor tem como finalidade expressar seu estado psicológico ou afetivo na proposição enunciada (que se pressupõem verdadeira ainda que não se possa submeter a juízos de verdade ou falsidade, como os assertivos). Fazem parte deste grupo a felicitação, o agradecimento, o lamento e a desculpa; e (5) **declarativos**: este tipo de ato tem como consequência a modificação do “mundo” se ocorre nas condições pertinentes e pelas pessoas que correspondem. “Batizar”, “casar”, “declarar a guerra”, “despedir”, “nomear”, “herdar”, etc. De acordo com Blum-Kulka (1997) uma declaração é um enunciado que produz uma modificação em certos estados de coisas (e é com frequência institucionalizada).

De acordo com a classificação de Searle, os agradecimentos e desculpas seriam um **ato de linguagem expressivo**. Entretanto, para Blum-Kulka (1997) esta classificação de Searle está longe de ser aceita universalmente. Alguns autores criticaram os princípios desta classificação, enquanto outros criticaram a afirmação mesma de que os atos de fala operam de acordo com princípios pragmáticos universais, demonstrando em que medida os atos de fala variam entre diferentes culturas e línguas, tanto no que se refere à conceituação quanto aos modos de verbalização.

Uma das perguntas do nosso trabalho de pesquisa tem a ver justamente com a variação intercultural desses dois tipos de atos expressivos (os agradecimentos e as desculpas) em português brasileiro e em espanhol, considerando neste segundo caso diversas comunidades hispânicas e seus sistemas subjacentes de polidez. A teoria da *polidez* (ou a teoria da *cortesía* como foi traduzida em espanhol - do inglês *politeness* e do francês *politesse*) é um ramo da pragmática que procura descrever o funcionamento de atos de fala que têm um papel social, ou seja atos de fala que estão relacionados à manutenção do vínculo social mais do que à transmissão de uma informação referencial.

Nessa perspectiva da polidez, Haverkate (1994) distingue ainda duas categorias de atos de fala: (1) **atos de fala corteses**: (a) **os atos expressivos**: nesta categoria não figura nenhum ato que denote uma propriedade atribuível somente ao emissor: como menciona o autor, todos os atos especificam uma reação do emissor ante uma situação na que o destinatário forma parte ativa ou passiva. Fazem parte dessa categoria os seguintes atos de fala: o *agradecimento*, a *felicitação*, o *pêsame*, a *desculpa* e a *saudação*; e (b) **os atos promissivos**: estes atos se definem como a expressão da intenção do emissor de realizar, em benefício do destinatário a ação descrita pelo conteúdo proposicional. Fazem parte desta categoria os seguintes atos de fala: a *promessa* e o *convite*; (2) **atos de fala não corteses**: (a) **os atos assertivos**: estes atos se definem como a intenção do emissor de convencer o destinatário de que ele acredita sinceramente que a proposição expressada corresponde a um estado de coisas reais, segundo Haverkate (1994); e (b) **os atos exortativos**: estes atos se definem como a intenção do emissor de influenciar no comportamento intencional do destinatário de forma que ele faça a ação descrita pelo conteúdo proposicional do enunciado. Haverkate (1994) diferencia os atos exortativos em dois: (a) **exortativos impositivos**: neste caso o emissor impositivo tenta que seu destinatário realize o ato

exortado em benefício do próprio emissor. Fazem parte desta categoria: o *rogo*, a *súplica* e o *mandato*; (b) **exortativos não impositivos**: neste caso o emissor procura conseguir que o destinatário realize o ato exortado primariamente em benefício de si próprio. Fazem parte desta categoria: o *conselho*, a *recomendação* e a *instrução*.

A alusão ao conceito de cortesia ou polidez nos remete a apresentar, brevemente, um conjunto de teorizações que definem a polidez como mecanismo ou critério que rege a interação social e mais em concreto a interação comunicativa. Para Kerbrat-Orecchioni (2006) é impossível descrever de modo eficaz o que se passa nas trocas comunicativas sem considerar alguns princípios da polidez ou cortesia, na medida em que tais princípios exercem pressões sobre a produção dos enunciados.

Por razões de polidez, de acordo com Kerbrat-Orecchioni (2005) um mesmo ato de fala (1) pode se realizar de diferentes maneiras, mas também, (2) uma mesma estrutura lingüística pode expressar valores ilocutórios diferentes. Kerbrat-Orecchioni (2005) afirma que para identificar a força ilocutória, ou seja, a intenção comunicativa, é preciso que intervenham simultaneamente diferentes fatores na interpretação dos enunciados, fatores lingüísticos e paralingüísticos, mas também fatores contextuais.

Um mesmo ato de fala pode ainda ser realizado de forma direta ou indireta. O **ato de fala indireto** (ou derivado), como diz Koch (2003), é aquele realizado através do recurso a formas típicas de outro tipo de ato. Para identificar a verdadeira força ilocucionária, é preciso que o destinatário utilize seu conhecimento de mundo ou traquejo social, o que nos remete diretamente ao conceito formulado por Grice para as implicaturas conversacionais.

As teorias fundadoras da polidez ou cortesia surgem do princípio de cooperação na conversação exposto por Grice (1975). Para este autor, o **princípio de cooperação** é o princípio geral que guia os interlocutores na conversação e que vale também para outros comportamentos. Ele acrescenta que há um acordo prévio, tácito e de colaboração na tarefa de comunicação entre os falantes. Este princípio tem caráter prescritivo e sua definição geral seria a seguinte: “adapte suas contribuições conversacionais à índole e ao objetivo do intercâmbio verbal do qual você participa”. Grice (1975, *apud* Haverkate:1994:44) complementa seu princípio geral com uma série de orientações secundárias denominadas **máximas conversacionais**: (1) **máxima de quantidade** – “proporciona a quantidade de informação requerida pelo objetivo do intercâmbio verbal.”; (2) **máxima de qualidade** – que a sua contribuição seja verdadeira, ou seja, “não diga o que acha que é falso” e “não diga o que não pode

provar adequadamente”; (3) **máxima de relação** – diga coisas relevantes; e (4) **máxima de modo** – seja claro, evite expressões ambíguas. As quatro máximas citadas, podem ser burladas e esses desvios, ou seja, o não cumprimento dessas máximas se chama **implicatura** (a implicatura é o que se comunica de maneira implícita). Toda a informação que transmite um enunciado estabelece uma distinção entre o que se diz e o que se comunica. O que se comunica é uma informação implícita a partir do que foi dito e se chama implicatura. Exemplificaremos em um contexto em que duas pessoas estão estudando de madrugada porque têm que fazer uma prova muito importante. Às quatro da manhã, uma delas diz ao companheiro: “*Preciso de um café.*”, seu interlocutor entende perfeitamente e rapidamente que o que seu colega quer comunicar é que “*tem sono*”. Então:

“*Preciso de um café.*” ———→ é o que se diz.

“*Tenho sono.*” ———→ é o que se comunica, ou seja, a implicatura.

As máximas conversacionais não se cumprem porque existem outras máximas de ordem moral ou social que tem que se respeitar. Para Moreno Fernández (1998), as máximas conversacionais de Grice são um conjunto de elementos que se transmitem com o enunciado e que não correspondem ao seu conteúdo proposicional; seriam os conteúdos implícitos, ou seja, o que se comunica em um enunciado junto com o que se diz. As implicaturas que afetam as máximas e o princípio de cooperação recebem o nome de **implicaturas conversacionais**.

De acordo com Reyes (2000:41), a **implicatura se produz** quando o emissor:

(a) **obedece às máximas** (Exemplo da autora: uma estudante percebe antes de ir para a aula que o botão da calça caiu e ao chegar na escola comenta o fato com a secretária que lhe diz: “*Eu tenho agulha e linha.*” A estudante entende que a secretária está oferecendo, pois não seria cooperativo e nem racional mencionar esses elementos sem oferecê-los. Neste caso, a aluna amplia o que diz a secretária e interpreta a implicatura correspondente);

(b) **parece violá-las** (Grice dá o exemplo de uma carta de recomendação que o professor escreve para seu aluno que está concorrendo a uma vaga para o doutorado. Nessa carta o professor dá menos informação do que é esperada e não cita em nenhum momento o talento do aluno para tal vaga. O destinatário interpretará a implicatura de que o aluno não tem talento para ser escolhido. Grice acredita que não se pode interpretar que o professor não quis colaborar uma vez que ele se predispôs a escrever a carta.);

(c) tem que **violar uma máxima para não violar outra** que acredita ter mais importância (às vezes damos uma informação mentirosa porque não sabemos, e portanto damos uma informação aproximada, violando a máxima de quantidade para não violar a de qualidade. Grice diz que se alguém pergunta onde fica a biblioteca e se não soubermos com exatidão, diríamos algo como: “*Fica mais para o sul, depois do parque.*”); e

(d) **viola uma máxima deliberadamente e abertamente** (Grice exemplifica com a conversa entre duas amigas. Uma delas diz para a outra que está grávida, mas não está. Neste caso, a máxima de qualidade (que sua contribuição seja verdadeira – não diga nada que ache que é falso) foi violada, uma vez que a interlocutora sabe que não está grávida.).

Reyes (2000:41) cita que um comportamento lingüístico bastante freqüente e sempre bem visto parece contradizer o princípio de cooperação que no caso seria a cortesia. Talvez um comportamento cortês seja responsável pelo não cumprimento de algumas máximas. Para ser cortês o emissor muitas vezes se comporta de modo que parece irracional e pouco eficiente, ou seja, o não cumprimento das máximas nada mais é que o uso de estratégias cortesias. Como afirma Haverkate (1993), se somos cortesias não podemos ser tão sinceros, nem breves, nem claros, nem precisos como prescrevia Grice (1975).

As máximas conversacionais não abarcam o componente social da interação verbal. A cortesia, ou do ponto de vista teórico a polidez, só entra em jogo quando o falante não cumpre umas das máximas. Para tentar resolver esse tipo de problema, Leech (1983) acrescenta outras máximas que correspondem ao “princípio de polidez”. Segundo Haverkate (1994:46) a proposta de Leech (1983) é mais elaborada já que estabelece um princípio de polidez análogo ao princípio de cooperação de Grice (1975). O **princípio de polidez** se manifesta através de seis máximas: (1) **máxima de tato**; (2) **máxima de generosidade**; (3) **máxima de aprovação**; (4) **máxima de modéstia**; (5) **máxima de unanimidade**; e (6) **máxima de simpatia**.

Leech (1983) associa as máximas de polidez com as categorias de atos de fala e as reparte da seguinte forma: (a) as máximas de tato e generosidade se aplicam aos atos exortativos e comissivos; (b) as máximas de aprovação e modéstia se aplicam aos atos expressivos e assertivos; e (c) as máximas de unanimidade e simpatia se aplicam aos atos assertivos. O autor ressalta que a máxima de modéstia se aplica tipicamente no ato de desculpar-se.

Enfim, como resume Haverkate (1994:28) as **máximas conversacionais** de Grice (1975) estão orientadas à estrutura cognitiva da conversação e as **máximas de polidez** de Leech (1983) estão determinadas pelos aspectos sociais da interação verbal. O não cumprimento das máximas conversacionais pode produzir efeito de cortesia, já o não cumprimento das máximas de cortesia de Leech tem como resultado um comportamento não cortês ou descortês. Mas como o mesmo autor acrescenta, o que se interpreta como cortesia ou como descortesia depende sempre da interpretação do interlocutor, ou seja, é ele quem julga o efeito perlocutivo do ato de fala independentemente da intenção comunicativa do emissor.

De forma extremamente breve falaremos de Lakoff (1973), pois seu modelo é uma tentativa de integrar categorias de Grice (1975) em uma só máxima “seja claro”, à qual se juntariam as três máximas de polidez: (1) não imponha sua vontade; (2) dê opções; e (3) faça que o seu interlocutor se sinta bem, seja amável. Estas máximas seriam as estratégias básicas de que se valem os emissores corteses. Com as máximas (1) e (2) o emissor dá a entender a seu destinatário que sabe que está ameaçando sua liberdade de ação e por isso lhe dá opções para que possa decidir o que fazer. Na máxima (3) cria no destinatário a impressão de que é um membro respeitado da sociedade.

A teoria da polidez que maior influência teve nos estudos da área foi apresentada por Brown e Levinson (1987). Inspirados no sociólogo americano Goffman (1971), estes autores propuseram uma teoria segundo a qual todo indivíduo possui duas faces (imagem social): uma **imagem positiva** que corresponde ao desejo de ser apreciado socialmente pelos outros e uma **imagem negativa** que corresponde ao desejo de manter o espaço próprio livre de intromissões. A seleção das estratégias de cortesia ou polidez dependerá dos três seguintes fatores: (1) **poder relativo**: do receptor respeito ao emissor; (2) a **distância social**: entre os interlocutores e que depende do grau de familiaridade e conhecimento e (3) o **grau de imposição**: de um ato de fala em relação com a imagem. Estes autores propõem a seguinte fórmula para calcular o risco de ameaça de um ato de fala: FTA (em inglês “*face threatening act*”) é o ato de fala que ameaça a imagem, D é a distância social e P é o poder relativo entre o falante e o ouvinte. Poderíamos simbolizar assim: $\text{Risco (FTA)} \propto (D+P+G)$

Outro conceito chave da teoria de Brown e Levinson (1987) é a questão da racionalidade, que como a imagem social também é vista como universal. Para estes autores, adultos competentes são agentes racionais que escolherão a melhor forma

para comunicar-se evitando assim ameaçar a sua imagem social e a do interlocutor. Desta forma, a interação é uma transmissão não dinâmica de informação que se “processa” de acordo com a racionalidade dos falantes e mediante conhecimentos compartilhados que permitem a codificação e a decodificação dos enunciados. Segundo Márquez Reiter e Placencia (2005:155), a noção de racionalidade está particularmente associada com o princípio de cooperação e a noção de imagem social está associada com a polidez.

Brown e Levinson (1987) afirmam que os atos de fala expressivos como as desculpas e os agradecimentos também são vistos como um FTA (“*Face Threatening Act*”, em inglês / “*Ato Ameaçador de imagem*”, em português) para a imagem positiva do emissor, uma vez que ele estará admitindo arrependimento por ter realizado um FTA, no caso das desculpas, portanto estará danificando a sua própria imagem social. No caso dos agradecimentos também ocorre um FTA, pois o destinatário pode se sentir na obrigação de ser recíproco com o emissor que o agradeceu. Estes autores concluem dizendo que a imagem social está constantemente sendo ameaçada durante a interação social.

A teoria de Brown e Levinson (1987) foi alvo de muitas críticas. Segundo Miranda Ubilla (2000), as duas principais seriam: (1) para Escandell Vidal (1996) a imagem pública (*face*) aparece como algo extraordinariamente sensível e vulnerável; (2) para Haverkate (1994) dá a impressão que estamos todo o tempo preocupados em manter as relações de solidariedade e de distanciamento, de não ofender e de não se deixar ofender ou ameaçar, de tal maneira que toda a comunicação se reduz a este aspecto. E ainda, para Hickey (2004), falta flexibilidade na escala de polidez em relação com as variáveis sociológicas de poder relativo, distância social e grau de imposição, além do que, este autor não aceita a universalidade do conceito de “imagem”.

Brown e Levinson consideram que a polidez seria um conjunto de estratégias verbais que são dirigidas por um emissor a um destinatário e que afeta a imagem social do destinatário, ou seja, a imagem social da pessoa à que vai dirigida a cortesia, ou a polidez, definida como *trabalho de imagem*. Segundo Hernández Flores (2004), a imagem do emissor não é considerada por estes autores quando tratam das estratégias cortesias. Esta mesma autora, assinala, em contrapartida, que não só a imagem do destinatário é afetada na comunicação pois a imagem do falante se vê afetada da mesma maneira que a do destinatário.

Outro ponto crítico desta teoria é o fato de que as características descritas por Brown e Levinson (1987) para a “imagem positiva” e para “imagem negativa” resultam dificilmente observáveis em numerosas culturas, entre elas as hispânicas (Bravo:1999 e 2003; Hernández Flores: 1999; Boretti: 2001 e Schrader-Kniffki: 2001), pois as características atribuídas às relações entre os indivíduos e seu grupo não servem para explicar os comportamentos sociais destes grupos culturais (Bravo: 2004).

Desta forma, Kerbrat-Orecchioni (2005) para melhorar a capacidade descritiva do modelo de Brown e Levinson (1987) introduz a noção de “Ato Valorizador de Imagem” (em inglês, “*Face Flattering Act*”) em oposição ao “Ato Ameaçador de Imagem” (em inglês, “*Face Threatening Act*”). A partir daí, todo ato de fala pode ser descrito como um FFA, um FTA ou um complexo dos dois componentes.

Para Kerbrat-Orecchioni (2005), a cortesia negativa consiste em evitar um FTA ou em suavizar sua realização por algum procedimento e a cortesia positiva consiste em realizar algum FFA de preferência reforçado. A partir de algumas oposições, tais como: FTA versus FFA, cortesia negativa versus cortesia positiva, ou imagem negativa versus imagem positiva, é possível descrever o funcionamento de diferentes sistemas de polidez.

Os atos de linguagem são tratados, neste trabalho, a partir das definições e categorias propostas por Kerbrat-Orecchioni. Consideramos que os atos de linguagem que expressam agradecimentos e desculpas estão no âmago dos sistemas de polidez, e sua análise, a partir do contexto de uso em função das ameaças às imagens sociais subjacentes, pode fornecer-nos pistas do funcionamento conversacional e do comportamento social em diferentes culturas.

1.2. As formulações dos agradecimentos e das desculpas

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2005), os atos de linguagem que expressam **agradecimentos e desculpas têm em comum** o fato de serem “rituais” e serem os mais eficazes no exercício da polidez. De acordo com a proposta de definição desta autora: a desculpa é um ato pelo qual o falante tenta obter de seu destinatário o perdão por uma “ofensa” pela qual ele é responsável, ou pelo menos assim se sente responsável. Já o agradecimento é o ato pelo qual o falante acusa o recebimento de

um “presente” qualquer, testemunhando seu reconhecimento ao responsável por este presente. De acordo com esta mesma autora, tanto o “presente” quanto a “ofensa” podem ser de natureza verbal e não-verbal, o importante mesmo é que para que se dê a condição de sucesso desses atos de linguagem expressivos é preciso que o ato de agradecimento seja precedido de um “presente” e que o ato que expressa desculpas seja precedido de uma “ofensa”.

As condições de felicidade ou de sucesso de um ato de fala foram definidas por Searle como os elementos chaves na definição do ato de fala, que não pode ser avaliado como “verdadeiro” ou “falso” com relação à sua condição de verdade mas sim como “adequado” ou “inadequado” com relação à sua condição de sucesso ou felicidade. Trata-se de um ato feliz ou infeliz, ou seja, teve sucesso na ação que se pretende realizar, ou não? Para Searle (1969: 18, apud Blum-Kulka: 1997) o agrupamento dos atos de fala está intimamente ligado ao conjunto de precondições propostas para a realização dos atos de fala e a natureza exata destas precondições serve para distinguir os diferentes tipos de atos de fala.

Searle (2001) propôs quatro parâmetros condicionais de este tipo:

(1) **conteúdo proposicional:** especifica as características do conteúdo semântico do enunciado. Blum-Kulka (1997) exemplifica com o pedido de desculpas ao dizer que (na maioria dos casos) se referem a um ato do passado. O mesmo acontece com os agradecimentos, estes também se referem a um ato do passado, afinal é preciso que haja um acontecimento anterior para que ocorram os agradecimentos. Não é muito freqüente, mas pode ocorrer o agradecimento e as desculpas a um ato futuro, no caso do primeiro, poderíamos exemplificar, quando o emissor faz uma *solicitação* “agradeço antecipadamente” ou quando ocorre um *pedido* “obrigado por aguardar”; já no segundo caso a desculpa ocorre antes (ou ao mesmo tempo) em que anuncia a ofensa: “Desculpa, posso te interromper um minutinho?”;

(2) **condições preparatórias:** especificam as características contextuais necessárias para que ocorra o ato de fala. No caso do pedido das desculpas, é preciso que tenha ocorrido uma “ofensa” e no caso dos agradecimentos que tenha ocorrido um “presente”;

(3) **condições de sinceridade:** especificam os desejos e as crenças do emissor. No caso das desculpas, o emissor acredita que tenha cometido uma “ofensa” e que foi reconhecida como tal pelo destinatário. O mesmo acontece com os agradecimentos, o

emissor acredita que tenha dado um “presente” e que foi reconhecido como tal pelo destinatário.¹

(4) **condição essencial:** a convenção mediante a qual o enunciado deve considerar-se como uma tentativa de que o destinatário, no caso das desculpas, reconhece a ofensa e recebe as “*desculpas*” como forma de reparação pelo dano que acabou de sofrer. Já no caso dos agradecimentos, o destinatário ao receber um “*obrigado*” ou “*gracias*” nota o reconhecimento do presente pelo seu interlocutor. Desta forma, a condição essencial, em ambos os casos, é o de manter o equilíbrio da relação social.

O que Searle (1969, *apud* Kerbrat-Orecchioni: 2005:39) denomina condição essencial, Kerbrat-Orecchioni (2005) chama de **condições de sucesso** (*felicity*). Para que se dêem as condições de sucesso de um enunciado, ou seja, que se alcance o ato que pretende efetuar, as condições de sucesso devem ser reunidas para que seu valor ilocutório tenha alguma chance de se realizar perlocutoriamente, afirma a autora. Acrescenta ainda que algumas dessas condições são extremamente gerais e valem para todos os tipos de atos de linguagem.

Kerbrat-Orecchioni (2005) divide em três as condições que um determinado ato de linguagem precisa reunir para que tenha sucesso: (1) **estado de coisas:** no caso dos agradecimentos – que exista um presente e que este tenha sido ofertado antes da enunciação do ato. No caso das desculpas – que exista uma ofensa e que esta tenha ocorrido antes da enunciação do ato. Sabemos que em ambos os casos, como mencionamos anteriormente, podem ocorrer em número reduzido desculpas antes da ofensa e de agradecimentos antes do presente; (2) **o emissor:** que ele tenha realmente vontade de se desculpar ou de agradecer (neste caso, o que Searle (1969:18, *apud* Blum-Kulka: 1997) chama de condição de sinceridade) e que ele esteja em posição de se desculpar ou de agradecer (é o que se chama de condições institucionais, ou seja, para perdoar é preciso que o “ilocutor” possua no momento da tomada da palavra credibilidade e autoridade e que disponha do “direito de resposta” ou uma “posição

¹ Para Kerbrat-Orecchioni (2005:41) a condição de sinceridade traz alguns problemas, como a diferença entre a verdade (que só pode caracterizar os atos assertivos) e a sinceridade (que vale para todos os atos de fala). Como a autora exemplifica, pode se falar de uma promessa sincera, uma ordem sincera, um pedido de desculpas sincero e um agradecimento sincero. Isso não significa que o emissor tem sempre a intenção de cumprir suas promessas ou que ele ache que deveria mesmo se desculpar ou que deveria agradecer. Não se pode acreditar que o emissor nestes casos sempre estará falando a verdade, mas segundo Kerbrat-Orecchioni (2005) significa que falar é pretender ser sincero em seu enunciado.

elevada” que lhe permita a “condolência do perdão – essas condições institucionais dizem respeito tanto aos sujeitos “dominados” quanto aos “dominantes”. (Kerbrat-Orecchioni, 2005:40); e (3) **o destinatário**: que ele aceite as desculpas e no caso dos agradecimentos, que ele se sinta reconhecido pelo interlocutor pelo presente que ofertou.

A condição de felicidade dos agradecimentos e das desculpas é portanto o “presente” ou a “ofensa” inicial, atos que desestabilizam o equilíbrio das relações interpessoais e que têm que ser reparados, respectivamente, por atos que expressam agradecimentos ou desculpas.

Kerbrat-Orecchioni (2005: 140) define o ato de linguagem que expressa desculpas como: “ato pelo qual um locutor tenta obter de seu destinatário que este lhe conceda o perdão por uma “ofensa” pela qual ele é, por alguma razão, responsável, a seu ver.” Como os agradecimentos, as desculpas são desencadeadas por um acontecimento prévio, ou seja, a “ofensa”. A “ofensa” pode ser de natureza verbal (lapsos, balbucios, expressão demasiadamente brutal, pergunta indiscreta, solicitação, crítica, etc.) ou não verbal (esbarrar em alguém, fazê-lo esperar, surpreendê-lo em sua intimidade, etc.).”

Para Kerbrat-Orecchioni (2005: 142), a condição de sucesso das desculpas é que seja precedida de uma “ofensa”, cometida por aquele que se desculpa diante do destinatário do enunciado reparador. Às vezes, uma determinada atitude pode não ser vista pelo destinatário como uma ofensa e as desculpas do emissor podem, nesse caso, parecer sem sentido. Por outro lado, um dos participante pode também ficar na dúvida se houve ou não ofensa, e conseqüentemente ficar sem saber se deve ou não se desculpar. Outro ponto citado pela autora é a inversão dos componentes, ou seja, quando as desculpas se antecipam à ofensa (ao mesmo tempo em que a anunciam), como no exemplo, já citado: “Desculpe, mas vou ser obrigado a te incomodar.”

Searle (1969) inclui as **desculpas** na categoria dos atos de fala expressivos e Austin (1962) na categoria dos atos de fala comportativos. Para Goffman (1981) as desculpas contêm vários elementos: a expressão de arrependimento, dor ou empatia e também a expressão ou implicação de que o emissor deixou de atuar conforme as normas sociais vigentes na comunidade em que faz parte. De acordo com o mesmo autor, o emissor assume a responsabilidade de evitar a violação da norma no futuro. No plano perlocutório, a reação que o emissor quer do destinatário é que ele lhe perdoe. Neste caso o emissor adota duas atitudes contrárias. A primeira seria uma

atitude retrospectiva, na qual reconhece a sua atitude reprovável, seu “erro”; a segunda seria prospectiva, que está orientada à reintegração do falante na comunidade como membro socialmente aceito.

Segundo Haverkate (1994), a desculpa é um ato expressivo cujo objeto ilocutório é mostrar ao interlocutor que ele reconhece que violou alguma norma social e que se acha parcialmente ou totalmente responsável por tal violação. Desta forma, a desculpa reforça a imagem positiva do destinatário e ameaça a imagem positiva do emissor. As desculpas podem ou não estar relacionadas com situações reais, ou seja, o emissor pode ter realizado um ato que provocou um efeito desfavorável ao destinatário ou pode ter deixado de realizar um ato que favoreceria o interlocutor.

Para Kerbrat-Orecchioni (2005:150), a desculpa é um FFA (ato valorizador para o destinatário), que se encadeia a um FTA (ato ameaçador para o destinatário). Em outras palavras, qualquer desculpa constitui, ao mesmo tempo, uma antiameaça (um FFA) para a imagem positiva daquele que a recebe e uma ameaça (um FTA) para a imagem positiva daquele que a produz. De acordo com a mesma autora, desculpar-se é sempre uma maneira de renegar a si mesmo e de “se rebaixar” diante do outro.

Para finalizar, Blum-Kulka, House e Kasper (1989, *apud* Escandell Vidal:1995) apresentam uma proposta de tipificação dos diversos integrantes dos atos de desculpar-se. Em uma desculpa prototípica podemos identificar até cinco componentes: (1) expressão de desculpa: “*Desculpa*”, “*Perdão*”, “*Sinto muito*”; (2) aceitação da responsabilidade: auto-acusação (“*A culpa foi minha.*”), falta de intenção (“*Não era minha intenção...*”), justificativa do aborrecimento do interlocutor (“*Você tem motivos para estar chateado comigo.*”); (3) explicação: “*É que...*”; (4) oferta compensatória: “*Se você quer, eu posso...*”; (5) última e única vez: “*Não acontecerá novamente...*”. Segundo a autora, não é necessário que as cinco categorias estejam presentes, mas não é possível conceber uma “boa desculpa” se não forem usadas ao menos duas ou três categorias mencionadas.

Assim como as desculpas, os agradecimentos também são definidos pela sua condição de felicidade, neste caso o “presente” recebido. Kerbrat-Orecchioni (2005 140) propõe a seguinte definição para o ato de fala que expressa agradecimentos:

“Ato pelo qual um locutor acusa recebimento de um “presente” qualquer, testemunhando seu reconhecimento ao responsável por este “presente” (o termo presente deve ser considerado em sentido amplo, designando qualquer forma de “ação benfeitora” que se pode fazer a outrem: presente no sentido estrito, favor, obséquio, cumprimento ou outro “presente verbal”).” (Kerbrat-Orecchioni: 2005: 140)

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2005), os agradecimentos são de natureza exclusivamente “ritual”, por serem fortemente estereotipados em sua formulação e em suas condições de emprego e por terem uma função, sobretudo relacional (seu conteúdo é relativamente pobre). Este “ritual”, também é desencadeado, por um acontecimento prévio, neste caso, o “presente”.

O ato de fala que expressa **agradecimentos** foi estudado por alguns autores “fundadores” da pragmática filosófica, como Austin (1962) e Searle (1969). Para o primeiro, estes atos são classificados como comportativos, pois eles visam inicialmente e antes de tudo modificar o estado da relação pessoal (Kerbrat-Orecchioni: 2005:140).

“Os comportativos incluem a idéia de uma reação à conduta e a sorte de outrem, a idéia de atitudes e de manifestações de atitudes diante da conduta anterior ou iminente de alguém. Destaca-se uma relação evidente desses verbos com, de um lado, a afirmação ou a descrição de nossos sentimentos e, de outro, a expressão destes (no sentido em que lhe damos livre curso), apesar de os comportativos serem atos diferentes tanto das primeiras quanto desta última”. (Austin: 1970:161, *apud* Kerbrat-Orecchioni: 2001:140)

Searle (1972, *apud* Kerbrat-Orecchioni: 2005) inclui os agradecimentos na categoria dos expressivos (conjunto de atos que consistem em exprimir um certo “estado psicológico” do locutor diante de um estado de coisas especificado no conteúdo proposicional). Para este mesmo autor, os agradecimentos são um ato ilocutório realizado pelo emissor por uma ação feita pelo destinatário. Esta ação prévia beneficia o emissor, ele tem consciência disso e se sente agradecido. E por isso, pronuncia umas palavras que expressam agradecimentos (Searle: 1969, *apud* Dumitrescu: 2005: 376).

De acordo com Leech (1983), a função ilocutória dos agradecimentos (expressar apreciação) coincide com a meta social de estabelecer e manter uma atmosfera cortês e cordial entre os interlocutores, ou seja, este ato de fala reforça a cortesia positiva e contribui para o desenrolar harmonioso das relações sociais entre os membros de uma comunidade humana (Dumitrescu, 2005: 377). Para Wierzbicka (1987, *apud* Dumitrescu, 2005: 377), as palavras que expressam agradecimentos podem ter outras funções discursivas que não têm nada a ver com a expressão de gratidão, assim como há alternativas de agradecer sem usar as expressões mais comuns, como “*Gracias*” ou “*Obrigado / a*”.

Segundo Haverkate (1994: 93), “o ato de agradecer” é um ato expressivo reativo cuja realização fica determinada por um ato previamente efetuado pelo

interlocutor. O efeito deste ato, que pode ser verbal ou não verbal redonda em benefício do emissor que diz “obrigado/a” ou “gracias”. Este ato de discurso serve para restabelecer o equilíbrio da relação custo - benefício entre o emissor e destinatário, ou seja, as fórmulas de agradecimentos compensam simbolicamente o custo investido pelo destinatário em benefício do emissor.

Assim como Haverkate (1994), Kerbrat-Orecchioni (2005) também identifica a natureza do “presente” como sendo verbal e não-verbal. De acordo com a mesma autora, pode acontecer de um participante duvidar em saber se houve ou não o “presente”, ou seja, se deve ou não agradecer. É o que ela chama de condição de sucesso do agradecimento, ou seja, para que ocorra um agradecimento é preciso que haja um “presente” qualquer, sendo seu autor aquele a quem se agradece e seu beneficiário aquele que formula o agradecimento.

De acordo com Haverkate (1994: 98), da mesma forma que as desculpas, os agradecimentos são atos expressivos reativos, pois tentam restabelecer o balanço desequilibrado das relações interacionais entre o emissor e o destinatário. A realização pragmalingüística dos agradecimentos e das desculpas pode ser enunciada através de uma formulação direta ou indireta. Na formulação direta o enunciado apresenta-se como uma fórmula mais convencionalizada de agradecimentos ou desculpas, enquanto que na formulação indireta a fórmula não aparece no enunciado e o ato de agradecer ou desculpar-se deve ser inferido por implicatura conversacional.

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2005:145), a formulação das desculpas é direta quando se apresenta como desculpas, como ilustramos a seguir com alguns exemplos do nosso *corpus* de pesquisa:

► **Formulações diretas:** apresenta-se uma formulação de **desculpas**:

→ **Formulações imperativas:** em espanhol: “*Perdóname*”, *Perdóneme*”, “*Perdoname*”, “*Perdona*”, *Perdoná*”, “*Perdone*”, “*Disculpa*”, “*Disculpe*”, “*Discúlpeme*” e “*Disculpame*”; em português: “*Desculpem*” e “*Desculpe*”.

→ **Formulações performativas:** em espanhol: “*Quería pedirte disculpas.*” e “*Te pido mil disculpas.*”

→ **Formulações elípticas:** em espanhol: “*Perdón.*” .

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2005:145), a formulação das desculpas é indireta quando não se apresenta como desculpas, mas sim como **descrição** ou **justificativa**, como ilustramos a seguir com alguns exemplos do nosso *corpus* de pesquisa:

► **Formulações indiretas (ou implícitas):** apresentam-se com formulações menos convencionalizadas, sem a formulação do ato de desculpas:

→ descrição de um estado de espírito condizente.

→ justificação da ofensa: enunciar as razões que fizeram com que se tenha cometido a ofensa e, ao mesmo tempo, implicitamente desculpar-se por ela.

→ reconhecimento do erro: reconhecer o erro que cometeu e, mais implicitamente ainda, pedir desculpas por isso.

O mesmo ocorre com os agradecimentos. Segundo Kerbrat-Orecchioni (2005:145), a formulação dos agradecimentos é direta quando se apresenta como agradecimentos, como ilustramos a seguir com alguns exemplos do nosso *corpus* de pesquisa:

► **Formulações diretas:** apresenta-se uma formulação de agradecimentos:

→ **Formulações performativas:** em espanhol: “*Les agradecemos mucho.*”, “*Te quería dar las gracias.*”, “*Yo agradezco el interés.*”, “*Te agradezco mucho que...*” e “*Quería darte las gracias.*”.

→ **Formulações elípticas:** em espanhol: “*Gracias*”, “*Muchas gracias*” e “*Muchísimas gracias*”; em português: “*Obrigado*”, “*Brigadão*” e “*Valeu*”.

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2005:145), a formulação dos agradecimentos é indireta quando não se apresenta como agradecimentos, mas sim como **descrição** ou **asserção**, como ilustramos a seguir com alguns exemplos do nosso *corpus* de pesquisa:

► **Formulações indiretas (ou implícitas):** apresentam-se com formulações menos convencionalizadas, sem a formulação do ato de agradecimentos:

→ Asserção focalizando o agradecedor (beneficiário do presente): expressão de um sentimento apropriado (gratidão, prazer, alegria...).

→ Asserção focalizando o agradecido (autor do presente): elogio

→ Asserção focalizando o próprio presente: elogio

As **formulações diretas e indiretas** são analisadas em função do seu **contexto** interacional considerando o *tipo de objeto* que desencadeia o ato (presente ou ofensa), e também o *tipo de relação social* e a *distância interpessoal* do interactantes no intercâmbio.

1.3. O contexto de interação: os tipos de relações sociais e a distância interpessoal

O segundo conceito fundamental para a pragmática, tão claro quanto o conceito fundador de atos de fala, é o de contexto. A noção de contexto, assim como a de atos de fala, está diretamente relacionada aos fundamentos da pragmática, uma vez que um dos princípios fundamentais deste enfoque é a atenção à natureza inerentemente contextualizada da comunicação.²

Muitas vezes se cita o “contexto” sem delimitar essa noção, que como diz Reyes (2000) é tão compreensível intuitivamente, mas tão difícil de definir. Cada teoria lingüística parece atribuir-lhe um significado diferente, e assim, os significados técnicos se sobrepõem aos da linguagem corrente, que também variam.

Para Kerbrat-Orecchioni (2006:25) o contexto ou situação comunicativa, compreende os seguintes elementos:

(1) o **lugar da interação**: (a) **quadro espacial** – características do lugar onde se desenvolveu a interação (restaurante, casa, loja, escola, etc) ou sob o ângulo de sua função social e institucional (como a autora exemplifica, o tribunal da justiça como lugar de exercício da função judiciária); e (b) **quadro temporal** – o discurso deve ser apropriado ao lugar, mas também ao momento. Não se agradece sem ter recebido um “presente”, como também não se desculpa sem ter cometido uma “ofensa”.

(2) o **objetivo da interação**: (a) **objetivo global** – por exemplo, uma consulta médica; e (b) **objetivo mais pontual** – corresponde aos diferentes tipos de atos de linguagem realizados ao longo do encontro. De acordo com esta mesma autora, há

² O contexto é a noção fundamental quando se procura conceituar o que seria a **pragmática**, como se vê nas seis definições apresentadas a seguir:

(1) Para Moreno Fernández (1998), a pragmática, ou pelo menos uma parte dela, estuda os atos de fala e mais em geral, as funções dos enunciados lingüísticos e seus caracteres na interação comunicativa.

(2) Para Reyes (2000), a pragmática é uma subdisciplina lingüística e seu objeto de estudo é o significado da linguagem em uso, ou seja em contexto. Para esta mesma autora a pragmática estuda o “excesso” de significado que a semântica não consegue explicar porque vem do contexto extralingüístico.

(3) Para Van Dijk (1981), a pragmática estuda as condições e regras que ocorrem para que um enunciado ou um ato de fala seja idôneo em um contexto determinado.

(4) Para Stalnaker (1980, *apud* Reyes: 2000), “a pragmática é o estudo de atos lingüísticos e dos contextos em que se realizam e abrange os aspectos do significado que dependem do contexto; esses aspectos são abstraídos sistematicamente pela semântica pura que trata da forma lógica.”

(5) Para Sperber e Wilson (1995), a pragmática é o estudo da interpretação dos enunciados, que se atualiza pela seleção da informação contextual relevante

(6) Segundo Blum-Kulka (1997), a pragmática é o estudo da comunicação lingüística em contexto.

interações com finalidade externa (compras, consulta médica, pedido de informações) e há interações mais “gratuitas” que neste caso seriam as conversações, nas quais predominam as interações de natureza relacional mais do que as de natureza transacional.

(3) os **participantes da interação**: (a) **número**: conversação face a face, a três (“triálogo”) ou mais (“poliálogo”); (b) **características individuais**: idade, sexo, profissão, posição social, traços de caráter, etc; e (c) **relações mútuas**: grau de conhecimento, natureza do laço social (familiar ou profissional, com ou sem hierarquia) e afetivo (simpatia ou antipatia, amizade, amor e outros sentimentos que podem ser compartilhados).

Para Bravo (2004:9), a noção de contexto deve incluir as características dos participantes, a descrição da situação de fala, as análises da interação e os significados emergentes, mas também levar em consideração o elemento extralingüístico. Para esta mesma autora, o contexto seria o “extralingüístico”, ou seja, abrange desde ações físicas realizadas no interior da mesma ação comunicativa até elementos externos à própria situação, como as características sociais dos participantes, suas crenças, atitudes e valores.

Segundo Reyes (2000:20), de maneira geral, se entende como contexto o conjunto de conhecimentos e crenças compartilhados pelos interlocutores de um intercâmbio verbal e que são pertinentes para produzir e interpretar seus enunciados. De acordo com esta mesma autora há três tipos de contexto: (1) **lingüístico**: está formado pelo material lingüístico que precede e segue a um enunciado; (2) **situacional**: é o conjunto de dados acessíveis aos participantes de uma conversação que se encontram no contorno físico imediato; e (3) **sócio-cultural**: é a configuração de dados que procedem de condicionamentos sociais e culturais sobre o comportamento verbal e sua adequação a diferentes circunstâncias. De acordo com esta mesma autora, este contexto contribui ativamente para a interpretação dos enunciados.

Para os autores da teoria da relevância, Sperber e Wilson (1995, *apud* Reyes:2000) o contexto se define em termos psicológicos e não sociais, culturais ou discursivos. Para estes autores a pragmática é a teoria da interpretação dos enunciados e destacam o papel fundamental da inferência nesse processo de interpretação. Para Sperber e Wilson (1995, *apud* Reyes, 2000), ao interpretar um determinado enunciado é preciso que se façam certas inferências e este é um processo dedutivo. Ou seja, o

contexto de cada interação pode derivar da percepção imediata da situação, do que foi dito antes ou porvir da memória. Para Sperber e Wilson (1995) o importante é que os interlocutores compartilhem ou acreditem compartilhar uma versão parecida do contexto. Para que a comunicação tenha sucesso é preciso que haja certo conhecimento mútuo, do que cada interlocutor sabe e sabe que o outro sabe.

Escandell Vidal (2002: 29) se refere ao contexto como entorno, para ela é o suporte físico, ou seja, o “cenário” onde se realiza a enunciação, e inclui como fatores principais as coordenadas de lugar e tempo. A situação espaço-temporal (o aqui e agora) influencia decisivamente em toda série de eleições gramaticais e ficam refletidas habitualmente na mesma forma de enunciado. E também têm papel fundamental para a sua interpretação. Coseriu (1967) menciona o contexto extraverbal para referir-se ao conjunto de circunstâncias não-lingüísticas que se observam diretamente ou que são conhecidas pelos falantes, ou seja, é tudo o que física ou culturalmente rodeia a conversação. Para este autor os componentes da situação comunicativa seriam: (1) **contexto físico**: as coisas que estão à vista ou às que se refere um signo; (2) **contexto empírico**: os objetivos que se conhecem por quem está falando em um lugar e em um momento determinado, ainda que não sejam visíveis; (3) **contexto natural**: o total de contextos empíricos; (4) **contexto prático ou ocasional**: a particular conjuntura objetiva ou subjetiva em que ocorre o discurso; (5) **contexto histórico**: as circunstâncias históricas conhecidas pelos falantes; e (6) **contexto cultural**: a tradição cultural de uma comunidade. De acordo com a idéia de entorno (ou contexto, como o chamamos aqui) Escandell Vidal (2002) acredita que só o contexto físico citado por Coseriu (1967) é externo e descritível. Para a autora, o resto dos contextos corresponde em realidade a conceitos do mundo feitos pelos falantes e que são determinados empírica, social ou culturalmente. Em sua opinião não seriam parte do entorno, ou seja, não seriam as coordenadas espaço-temporais que rodeiam a comunicação como ato físico, mas sim os tipos especiais de relações entre os sujeitos que se comunicam.

Uma vez que os agradecimentos e as desculpas são atos de linguagem reativos segundo Haverkate (1994: 98) e que pressupõem uma estrutura ternária de acordo com o sistema de trocas proposto por Kerbrat-Orecchioni (2005: 142), consideramos na nossa análise que os elementos fundamentais do contexto são: **o tipo de objeto** que é considerado como um “presente” no caso dos agradecimentos ou como uma

“ofensa” no caso das desculpas; **o tipo de relação social** entre os participantes e **a distância interpessoal** que assumem em cada intercâmbio.

Em primeiro lugar, com relação ao contexto, procuramos identificar e classificar os tipos de “**presentes**” ou tipos de “**ofensas**” em três grandes categorias de acordo com a natureza do objeto dos agradecimentos ou das desculpas.

Consideramos “presentes” ou as “ofensas” como **conversacionais** quando o objeto dos agradecimentos ou das desculpas são de natureza verbal e estão relacionados a algum ato de fala considerado como favorável (FFA) ou desfavorável (FTA) para a imagem social dos interactantes no que diz respeito ao sistema de polidez (tais como *elogios*, *votos* ou *oferecimentos*, no caso dos agradecimentos, e *interrupção*, *erro de identificação* ou *más notícias*, no caso das desculpas).

Consideramos “presentes” ou as “ofensas” como **territoriais** quando representam alguma incursão pelo território espacial, temporal ou físico do interlocutor (tais como *visitas* ou *receber flores ou comida*, no caso dos agradecimentos, e *entrar em algum lugar*, *chegar tarde* ou *esbarrar em alguém*, no caso das desculpas).

Consideramos “presentes” ou as “ofensas” como **relacionais** quando estão relacionadas ao cumprimento ou ao descumprimento de obrigações sociais esperadas nas diferentes relações sociais (tais como *o carinho ou a compreensão recebidos de um amigo, pai ou mãe*, no caso dos agradecimentos, e *ter pedido para dar um tempo na relação de casal*, *ter interrompido a relação com pai, mãe ou filho durante um tempo* no caso das desculpas, quando se quer reatar a relação).

Em segundo lugar, com relação ao contexto, procuramos identificar, e classificar os **tipos de relações sociais** dos interactantes que agradecem ou se desculpam. Segundo Briz (2004:81) é a *finalidade predominante* de uma conversação ou diálogo o que determina os tipos de interações.

São **interpessoais** as que buscam e favorecem os vínculos das relações sociais; a relação entre as pessoas; o contato entre elas; há proximidade social; e se existe distância prévia entre os interlocutores essa parece diminuir; do ponto de vista funcional, são simétricas, o qual indica sua estreita relação com as interações de mais solidariedade. A regras e a alternância dos turnos são rígidas, além disso, os direitos e obrigações dos participantes se reduzem essencialmente à participação colaborativa de escutar e ser escutado.

São **transacionais** as interações nas que existe um objeto de negociação concreto, uma finalidade precisa, daí que a disponibilidade e a participação também fazem parte desta negociação. Neste tipo de interação tudo parece mais regulado, inclusive os turnos de fala (o que realça a distância social). As interações são assimétricas funcionalmente, os direitos e obrigações apresentam-se de algum modo determinados e mais estritamente submetidos às convenções sociais e aos princípios de prioridade.

Dentro das relações interpessoais consideramos no nosso *corpus* sobretudo as relações que apareceram: a) entre casal, b) entre amigos e c) entre pais e filhos. Dentro das relações transacionais consideramos sobretudo as relações que apareceram: a) de compra e venda, b) de autoridade (no caso de interações oficiais com agentes ou polícia).

E ainda, **em terceiro lugar** com relação ao contexto, também procuramos calcular a **distância interpessoal** assumida nas relações. O cálculo da distância interpessoal pode ser delineado, tanto pelo léxico - mais ou menos coloquializador - quanto pelo sistema nominal, verbal e pronominal de formas de tratamento, usado na interação. Partimos, portanto, do conceito de coloquialidade para calcular a distância interpessoal. O contexto considerado como [+ coloquial] é um registro de maior proximidade interpessoal, enquanto que o contexto considerado como [- coloquial] é um registro de maior distância interpessoal.

Para definir o contexto coloquial, do ponto de vista pragmático, adotamos a definição de Briz (1998: 39) para o **espanhol coloquial**:

- é um registro, nível de fala, um uso determinado pela situação, pelas circunstâncias da comunicação;
- não é domínio de uma classe social, mas caracteriza as realizações de todos os falantes de uma língua.
- não é uniforme, nem homogêneo, já que varia segundo as características dialetais e socioletais dos usuários;
- reflete um sistema de expressão que, mais que simplificação do registro formal ou do uso escrito, parece ser a continuação e desenvolvimento do *modo pragmático* da comunicação humana;
- aparece em vários tipos de discurso, mas é na conversação onde se manifesta mais autenticamente esta modalidade lingüística.

O grau de coloquialidade, ou seja, a distância interpessoal, pode ser avaliada, do ponto de vista lingüístico, pela seleção lexical e pela seleção das formas de tratamento: nominais, verbais e pronominais. O sistema de formas de tratamento é particularmente complexo em espanhol e em português, e os valores de proximidade ou distância estão longe de uma relação unívoca forma-função, sobretudo se considerarmos variantes geoletais (como é o caso do nosso *corpus* - de sete filmes - em espanhol), ou variantes sociais (como é o caso do nosso *corpus* - de dois filmes - em português brasileiro).

As formas de tratamento (pronominal, verbal e nominal) e a polidez são noções pragmáticas que se exigem mutuamente e que não se podem explicar de forma independente ao contexto de interação, uma vez que são cruciais para determinar a distância interpessoal em função dos diferentes papéis sociais (médico-paciente, pai-filho) e funcionais (entrevistador-entrevistado) que os interactantes assumem no intercâmbio conversacional.

Segundo Briz (2004: 80), os papéis sociais dos interactantes emanam das relações institucionais que já vêm estabelecidas. E, os papéis funcionais têm a ver com o tipo de interação e com o controle do turno de fala no desenvolvimento do intercâmbio conversacional. Num extremo dos gêneros conversacionais (definidos pela alternância de turnos de fala em um cenário de interação social) está a conversação coloquial. Na conversa coloquial prototípica os participantes não têm papéis funcionais, pois não há controle de turno de fala por um dos participantes. No outro extremo dos gêneros conversacionais está a entrevista. Numa entrevista prototípica, os papéis funcionais dos interactantes estão definidos em função do controle de turno de fala por parte de um dos participantes, o entrevistador.

Em qualquer gênero conversacional, situado num *continuum* entre a conversa coloquial e a entrevista, as formas de tratamento são as estratégias conversacionais que permitem o posicionamento: a) mais próximo ou mais distante dos participantes ou b) mais solidários ou menos solidários - em função da negociação de identidades e distâncias. Nos diálogos dos filmes temos várias amostras de conversações mais ou menos coloquiais.

As formas de tratamento são expressões que o emissor utiliza ao dirigir-se ao seu (s) destinatário (s). No jogo de identidades, as formas pronominais, verbais e

nominais de tratamento assumem diferentes valores e funções de acordo como a comunidade sócio-cultural em questão.

As **formas nominais** apresentam um inventário muito amplo, e extremamente variável em função de indexações sociais (dialetos, diferenças de gênero, idade, escolaridade, redes sociais). As formas nominais estão compostas por diferentes subtipos de elementos que segundo Rigatuso (1994:21) seriam os seguintes: (1) **termos de tratamento**: (a) termos de parentesco: formas nominais utilizadas pelo emissor ao referir-se as relações familiares (*padre, madre, hijo*, etc); (b) termos gerais: formas nominais empregadas para pessoas não familiares (*señor, señora, joven, caballero*, etc.); (c) termos de ocupações: formas nominais relacionadas as profissões (*doctor, profesor, camarero*, etc); (d) termos de amizade, cordialidade e afeto: formas nominais empregadas a pessoas amigas e com expressão de afeto (*amigo, cariño, querido, tesoro*, etc.) (e) termos honoríficos: forma nominal para dirigir-se ao interlocutor de acordo com o cargo, título, etc. (*Va. Excelencia, Su Reverencia*, etc.; e (2) **nomes pessoais**: (a) nome de batismo ou hipocorísticos: nome de batismo - se refere aos nomes próprios das pessoas (*Esperanza, Catalina, Belén*, etc.), aos diminutivos (*Carmencita, Pablito*, etc.) ou alterações dos nomes (formas abreviadas), sejam próprios ou comuns, que se usam de forma carinhosa ou familiar (*Pepe, Gabi*, etc.).

Já Pedroviejo Esteruelas (2004:249) classifica as formas nominais em sete categorias: (1) nome próprio; na definição do autor incluem-se nesta categoria os nomes próprios e suas variantes: (a) diminutivo (*Juanito*); (b) hipocorístico (*Francisca > Paca*) que se usa de forma carinhosa e familiar; e (c) hipocorístico diminutivo (*Paquita*); (2) título genérico: formas nominais empregadas para pessoas não familiares (*señor, señora, joven, caballero*, etc.). A definição feita pelo autor para esta categoria é a mesma que Rigatuso (1994:21) fez e classificou como termos gerais; (3) apelido: forma nominal para designar informalmente uma pessoa (exemplos do autor: *el Pelusa, el Lince de Parla*, etc.); (4) termos de parentesco; para as relações familiares. Rigatuso (1994:21) utilizou a mesma definição; (5) termos de diversa relação; para as relações não familiares, ou seja, para outros tipos de relação (*amigo, camarada*, etc). Estas formas nominais foram nomeadas por Rigatuso (1994:21) como termos de amizade, cordialidade e afeto; (6) termos metafóricos: “*mi cielo*”, “*mi vida*” e etc.; e (7) interjeições: “*¡eh!*”, “*¡mira!*”.

Seja qual for a classificação, interessa na nossa análise reconhecer as formas nominais e suas funções conversacionais na expressão dos agradecimentos e desculpas. Segundo Kerbrat-Orecchioni (2007), as formas nominais de tratamento têm uma função conversacional primeira que é a de interpelar o interlocutor, mas podem desempenhar também duas funções conversacionais derivadas relacionadas: a) ao cálculo da distância interpessoal, reforçando os posicionamentos identitários entre os interlocutores (solidários ou não-solidários, por um lado, de proximidade ou de distância e deferência, por outro); b) intensificar ou atenuar a força ilocucionária do ato de linguagem no qual aparece.

De acordo com Cuba Vega (2002: 02), o interlocutor pode recorrer a dois tipos de formas nominais: (1) as ocasionais: são criações espontâneas dos falantes que se utilizam em situações comunicativas únicas ou mais específicas, como a linguagem amorosa, por exemplo; e (2) as convencionais: mais frequentes porque estão presentes em diversas situações comunicativas, ou seja, são formas que se referem às relações familiares, à posição política das pessoas, à idade, a cargos civis, a graus militares, empregos, ofícios, características sociais, etc. Na nossa análise é difícil fazer classificações em relação às formas nominais utilizadas, pois fugiria aos objetivos previstos, mas não podemos deixar de assinalar sua função pragmática no cálculo da distância interpessoal e na intensificação dos atos que expressam agradecimentos e desculpas.

As formas nominais mais convencionalizadas funcionam como verdadeiras partículas conversacionais (Costa, 2007), encontrando-se em diferentes etapas de cristalização, com funções conversacionais bastante precisas no que diz respeito às estratégias de identificação dos participantes, à marcação da distância interpessoal que se pretende, bem como, às estratégias de atenuação ou intensificação dos atos de fala. A cristalização das formas nominais de tratamento já levou à gramaticalização³ de algumas delas, como a forma pronominal *você* oriunda da forma nominal *Vossa Mercê* ou a forma pronominal *usted*, oriunda da forma nominal *Vuestra Merced*.

³ Segundo Naro e Braga (2000) a gramaticalização seriam processos através dos quais um item lexical se transforma em um item gramatical, ou como um item gramatical se torna ainda mais gramatical. Hopper (1991) formulou alguns princípios que contribuem para o processo de **gramaticalização**: (1) alguns traços da forma original são mantidos na forma gramaticalizada; (2) decategorização: algumas marcas morfológicas e sintáticas da forma original são neutralizadas ou perdidas assumindo os atributos da categoria-destino; e (3) especialização: algumas formas se tornam obrigatórias em determinados contextos, ou seja, há um limite de opções devido a pouca variedade de escolhas (Lopes e Marcotulio, 2005).

“A forma *Você* encontra-se ainda em vias de gramaticalização, ou seja, já deixou de ser uma forma nominal sem contudo perder todas os seus traços formais originais, e ainda não atingiu a forma absoluta de pronome, caracterizando-se como uma forma híbrida, conforme discutido em Rumeu (2004), apresentando-se ora com características mais pertinentes ao nome, ora ao pronome. Há uma continuidade e gradualismo no processo. A forma não perde completamente suas propriedades originais e não assume definitivamente os traços característicos da nova classe da qual passa a fazer parte. Persiste a especificação original de 3ª pessoa, embora a interpretação semântico-discursiva passe a ser de 2ª pessoa.” (Lopes e Marcotulio:2005)

Ao contrário das formas nominais, as **formas pronominais e verbais** apresentam um inventário de formas fechado, mas também extremamente variável nas diferentes comunidades hispânicas e nas variantes geoletais e sociais do português brasileiro. A interpretação do valor de cortesia e da distância interpessoal que assumem os interactantes através da seleção de formas verbo-pronominais de tratamento é variável nas comunidades ibero-americanas, devido às diferentes funções de polidez e coloquialidade (distância interpessoal) que a inserção de *Vossa Mercê* (*você*) em português e de *Vuestra Merced* (*usted*) causou no sistema, segundo Lopes e Duarte (2005).

Em espanhol e no português brasileiro, nenhuma forma de tratamento em si, seja nominal, verbal ou pronominal tem um valor de polidez fixo, um posicionamento automático de proximidade ou distância, se considerarmos o conjunto de variação geoletal ou social (Rebollo, 2005). Para a análise da distância interpessoal na expressão dos agradecimentos e desculpas é preciso calcular essa distância, de acordo com as diferentes combinações verbo-pronominais do uso de *tuteo*, *voseo* e *ustedeo* em espanhol, do uso de *tu*, *você* e *o senhor/a senhora* em português brasileiro.

Assim, no português brasileiro consideramos como sistema pronominal as formas: *tu*, *você*, *o senhor/a senhora* para o singular, e *vocês* ou *os senhores/as senhoras*, para o plural. E, no espanhol consideramos como sistema pronominal as formas: *tú*, *vos*, *usted* (e sua variante histórica *su mercê*) para o singular, e *vosotros* e *ustedes*, para o plural.

Estas formas de tratamento pronominal têm muitíssimas variantes na suas combinações verbo-pronominais e na atribuição das distâncias interpessoais. O conjunto de formas verbo-pronominais de cada dialeto (no caso dos nossos dados em espanhol) ou de cada socioleto (no caso dos nossos dados em português brasileiro), são elementos que pertencem ao âmbito da dêixis social, pois constituem a codificação lingüística das identidades sociais dos participantes e da relação que existe entre eles.

Para Carricaburo (1997:9), trata-se de um sistema muito complexo que pode variar de acordo com uma série de fatores: sociais, políticos, afetivos ou psicológicos, a complexidade vem da preservação do uso do *voseo* como tratamento para segunda pessoa do singular em alguns lugares da América e a dicotomia entre o trato de respeito e familiar que ocorre em todo o espanhol. Fontanella de Weinberg (1999) acrescenta que o sistema pronominal de segunda pessoa é complexo porque há diferentes formas de combinação dos sistemas pronominais com os sistemas verbais de acordo com cada região.

Desde uma **perspectiva sociolingüística**, para Moreno Fernández (1998) a função e o emprego de uma ou de outra forma de tratamento depende de dois conceitos que foram postulados por Brown e Gilman (1960): (1) o **poder**: supõem uma relação não recíproca entre duas pessoas (pelo menos). A não reciprocidade pode ocorrer por muitas e diferentes realidades: idade, relação familiar, relação de trabalho, situação social, etc. O poder se manifesta numa relação assimétrica em que um emissor recebe o tratamento de *usted* e seu interlocutor de *tú* ou *vos*; em português, o emissor recebe *senhor (a)* e seu interlocutor *tu* ou *você*; e (2) a **solidariedade**: supõem uma relação simétrica entre duas pessoas (pelo menos). Quando aparece este tipo de relação às formas de tratamento podem ser simétricas ou recíprocas. Moreno Fernández (1998) chama a atenção para não confundir poder com *status* e *papel social*:

“El poder y el estatus son valores que se derivan de unos papeles sociales determinados: estos, por su parte, son simplemente un producto de la división del trabajo dentro de una comunidad: el funcionamiento adecuado de un grupo o una sociedad depende del adecuado cumplimiento de unas tareas que se reparten entre los individuos que los componen. Ahora bien, en la práctica, los papeles no se distinguen solamente por la naturaleza de las tareas que se realizan, sino también por la forma en que son considerados socialmente. Dicho de una forma simple, el estatus refleja el valor inherente de un papel, mientras que el poder refleja la dimensión de la influencia que un papel ejerce sobre el individuo que cumple otro papel, otra función. El estatus, que implica una expectativa de comportamiento entre dos o mas individuos, representa tal vez el aspecto mas estático de la relaciones sociales.” (Moreno Fernández: 1998:150)

Este mesmo autor afirma que poder e solidariedade não são conceitos excludentes e classifica em quatro grandes grupos as relações entre os interlocutores: (1) com poder e sem solidariedade; (2) com poder e com solidariedade; (3) sem poder e sem solidariedade; e (4) sem poder e com solidariedade.

Já desde uma **perspectiva pragmática e conversacional**, para Briz (2004: 80) a solidariedade está relacionada às relações de proximidade e simetria entre os interlocutores. Não é uma característica estática, ou seja, o grau de mais ou menos

solidariedade pode estar baseado na relação social real ou ao contrário, em como é percebida. Este mesmo autor define as interações da seguinte forma:

→ **Interações de mais (+) relação de proximidade:** aquelas em que existem ou se percebe entre os interlocutores maior presença de: + vivências comuns, + saber compartilhado, + contato, + grau de compromisso afetivo.

→ **Interações de menos (-) relação de proximidade:** caracterizadas pela menor presença ou percepção dessas características: - vivências comuns, - saber compartilhado, - contato, - grau de compromisso afetivo.

→ **Interações simétricas:** aquelas em que existe ou se percebe entre os participantes da interação: + igualdade funcional, + nivelção dos papéis (idade, gênero, profissão, etc...ou os marcados pelo contexto da comunicação, como por exemplo, o de compra e venda), + identidade grupal.

→ **Interações assimétricas:** - igualdade funcional, - nivelção dos papéis, - identidade grupal.

Segundo Briz (2004:80), a hierarquização de tais características na interação determinará de forma dinâmica o comportamento lingüístico polido/cortês, adequado ou não à situação. Sendo assim, é fundamental para nossa análise conhecer os valores conversacionais que as diferentes formas de tratamento verbo-pronominal podem assumir nas comunidades sócio-culturais que estamos analisando, e interpretar a relação dessa distância com as diferentes formulações diretas e indiretas dos atos de linguagem que expressam agradecimentos e desculpas.

Há casos em que a proximidade vivencial pode ser hierarquicamente superior à relação social, o que nivelaria possível desigualdade social prévia, e vice-versa, há casos em que a relação social é hierarquicamente superior à proximidade vivencial o que acentua a desigualdade social prévia. Saber calcular essa distância interpessoal em função do contexto e do tipo de interação é uma operação complexa e delicada, trata-se da negociação dos papéis e da identidade dos interactantes no intercâmbio. Essa dificuldade de adequação se torna mais delicada ainda no caso do português brasileiro e do espanhol, devido à multiplicidade de sistemas resultantes da fusão de paradigmas. Por isso revisamos brevemente, a seguir o sistema atual de cada um dos centros urbanos que serão objeto de nossa análise.

Buenos Aires: encontramos como formas de mais proximidade *vos* e como forma de maior distância *usted*. No plural essa oposição se neutraliza com a forma *ustedes*.

Segundo Carricaburo (1997), na Argentina o *voseo* constitui a norma culta e tomou o lugar do *tú*, no tratamento solidário. E também avançou sobre o uso do *usted*, sobretudo em Buenos Aires, é fácil observar que o tratamento solidário (*vos-vos*) ganhou terreno sobre o tratamento distanciado. Segundo esta mesma autora é comum que os jovens *voseen* aos adultos não só nas relações familiares, mas também quando não há conhecimento entre os interlocutores. De maneira geral, interpreta-se como *voseo* argentino um tipo comum à área geolética do *Río de la Plata*. A fusão verbo pronominal do paradigma de *tú* e o de *vos* foi total, só guarda resquícios de variação no presente do subjuntivo: *cuando llores/cuando llorés* e no imperativo negativo: *no llores/no llorés*. O *voseo* não é um fenômeno homogêneo na Argentina do ponto de vista dialetal, varia no que diz respeito à morfologia verbal, à combinação pronominal no que diz respeito à expressão do sujeito sobretudo, e ao valor sócio-cultural. Nas zonas perto da fronteiras é possível observar outros tipos de *voseo*. Perto das cordilheiras é possível notar um *voseo* com influência chilena, o paradigma de declinação verbal é diferente. No sul da província de Santiago del Estero registra-se um tipo de *voseo* pronominal e *tuteo* verbal e nas províncias do noroeste é possível ouvir o *tuteo* entre pessoas de idade e ainda a variação do *voseo* pronominal e *tuteo* verbal. Pelo prestígio de Buenos Aires e pela influência dos meios de comunicação, o *voseo* que pertence à norma culta bonaerense é o mais difundido.

Bogotá: encontramos como formas de mais proximidade *tú*, *vos* e *usted* e como forma de maior distância *usted* e sua variante *su mercé*. No plural essa oposição se neutraliza com a forma *ustedes*.

Segundo Carricaburo (1997), na Colômbia a distribuição entre o *voseo*, o *tuteo* e o *ustedeo* é geolética, em todo o país o *voseo* coexiste com o *tú* - menos na costa atlântica onde só se utiliza o *tuteo*. Mas para esta autora a Colômbia é sobretudo um país *ustedeante*. Segundo Uber (1985, *apud* Carricaburo:1997:41) o *tuteo* é pouco utilizado em Bogotá, nas classes média e baixa, sendo mais frequente na classe alta. Para este mesmo autor, o *usted* em Bogotá tem dois empregos diferentes: o *usted* (de menos solidariedade) e o *usted* (de mais solidariedade). O primeiro marca o respeito ou a cortesia e se usa com desconhecidos, com superiores; o segundo marca o afeto e a confiança, é de uso familiar entre pais e filhos ou avós e netos ou irmãos ou cônjuges. Nesses casos, o uso do *tú* que estaria entre o *usted* (menos solidariedade) e o *usted* (mais solidariedade) seria uma fórmula de confiança intermediária. Quanto mais intimidade a relação entre os interlocutores fosse adquirindo a forma de

tratamento mudaria, desta forma no início da relação os interlocutores se tratariam pelo *usted* menos solidário, depois pelo *tú* e por fim, quando já tivessem bastante conhecimento compartilhado se tratariam pelo *usted* de solidariedade.

Cidade do México: encontramos como formas de mais proximidade *tú* e como forma de maior distância *usted*. No plural essa oposição se neutraliza com a forma *ustedes*.

Segundo Carricaburo (1997), México é um país *tuteante*. O *tuteo* tem ganhado espaço sobre o *usted* nas cidades, mas não ocorre o mesmo nas zonas rurais que são mais tradicionais. São três os motivos citados por Carricaburo (1997) para a utilização do *usted*: a maior idade do interlocutor (as pessoas de maior idade recebem o tratamento de *usted*, os jovens esperam receber o *tú* por parte das pessoas mais velhas e nas relações familiares o *tuteo* é praticamente exclusivo), a falta de conhecimento entre os interlocutores (somente os muitos jovens se *tutean* no primeiro encontro) e a classe social (o uso de *tú* ocorre nas interclasses, mas quando há desnível social o falante marcado pelo maior *poder* utiliza o *tú* e o de menos poder responde de *usted*).

Havana: encontramos como formas de mais proximidade *tú* e como forma de maior distância *usted*. No plural essa oposição se neutraliza com a forma *ustedes*.

Segundo Carricaburo (1997), Cuba é um país *tuteante*, porque a maior parte do país utiliza o *tú* e somente uma pequena parte *vosea*. Hans-Dieter Paufler (1978, *apud* Carricaburo:1997) assinala a existência de *voseo* em uma pequena parte da ilha, isolada do resto do país pela posição geográfica e pela falta de vias de comunicação. O falante culto considera vulgar o *voseo* e o próprio usuário do *voseo* tem uma atitude negativa, pois não o considera como *correto*. Segundo este mesmo autor, o *voseo* existe tanto no nível pronominal quanto verbal, mas também em sua variante só pronominal ou só verbal. De acordo com Carricaburo (1997), o *tuteo* a partir da revolução castrista se expandiu em relação ao *usted*, mostrando um tratamento nivelador nas hierarquias sociais, ou seja, refletindo a sociedade socialista. O *usted* se usa em situações de respeito, marcadas especialmente pela falta de conhecimento ou pela maior idade do interlocutor.

Lima: encontramos como formas de mais proximidade *tú* e como forma de maior distância *usted*. No plural essa oposição se neutraliza com a forma *ustedes*.

Segundo Carricaburo (1997), o Peru é um país *tuteante*. Mas vale ressaltar que há *voseo* nas regiões mais isoladas da capital, geralmente as que estão perto das fronteiras *voseantes*.

Madri: encontramos como formas de mais proximidade *tú* e como forma de maior distância *usted*. No plural essa oposição se neutraliza com a forma *ustedes*.

Segundo Carricaburo (1997), na Espanha o sistema se estabiliza no final do século XVII com a oposição *tú/usted*, *vosotros/ustedes*, menos em Andaluzia (que se usa a forma pronominal (P6) “*ustedes*” combinada com a forma verbal (P5) de “*vosotros*” = “*ustedes sabéis*”). Segundo Carricaburo (1997:10) nos últimos anos as fórmulas de tratamento sofreram algumas mudanças. As fórmulas simétricas de solidariedade informal (T-T, ou seja, *tú* recíproco) ou de solidariedade deferente (U-U, ou seja, *usted* recíproco) foram ganhando mais espaço. Esta mesma autora afirma que dentro desse uso simétrico as fórmulas de confiança, ou seja, de solidariedade informal (T-T) ganharam espaço sobre as fórmulas de respeito.

Santiago do Chile: encontramos como formas de mais proximidade *tú*, *vos* e *usted* e como forma de maior distância *usted*. No plural essa oposição se neutraliza com a forma *ustedes*.

Segundo Carricaburo (1997:32), a situação das formas de tratamento no Chile é complexa porque na capital não se deu a fusão total de paradigmas de *tú* e *vos*, como em Buenos Aires, e as formas de *tuteo* alternam na fala de Santiago com as formas de *voseo* e com formas solidárias de *ustedeo* (sinal de afeto entre casal em momentos de intimidade ou de pais para filhos). O *voseo* chileno tem um paradigma morfológico próprio diferente do rio-platense. Para Alfredo Torrejón (1986, *apud* Carricaburo: 1997:32) no Chile há dois tipos de *voseo* no Chile. O primeiro se chama “*voseo* autêntico” é freqüente nas zonas rurais e entre os falantes incultos das áreas urbanas, o segundo se chama “*voseo* mixto verbal” e ocorre especialmente entre os falantes cultos ou semicultos jovens, consiste em *tuteo* pronominal e *voseo* verbal. Para este mesmo autor, atualmente convivem várias formas de tratamento: - o *usted* e a variante *su merced*, ocorre com pessoas mais velhas e para mostrar respeito; - o *tú*: que seria a fórmula solidária entre a gente culta de uma determinada idade; o *voseo* verbal com *tuteo* pronominal ocorre entre o pessoal jovem educado; - e por último o *voseo* verbal e pronominal, ou seja, o *voseo* autêntico, que é próprio das pessoas de pouca cultura. E por fim, o autor acrescenta que o *tuteo* seria uma forma intermediária de confiança ou formalidade entre *vos* e *usted*.

Rio de Janeiro: encontramos como formas de mais proximidade *tu* e *você* e como forma de maior distância *o senhor /a senhora*. No plural, como forma não marcada ou de menor distância *vocês* e de maior distância interpessoal *os senhores / as senhoras*.

Na fala carioca há variação entre *tu* e *você* para marcar relações solidárias. O uso de *o senhor/a senhora*, geralmente é assimétrico e não se mantém na mesma interação por muito tempo, essa marca de distância parece estar relacionada a atos de fala específicos, que comprometam particularmente a imagem dos falantes (FTA) tais como desacordos ou petições, atos de natureza exortativa impositiva. O pronome *tu* está presente em todas as regiões do Brasil, embora em cada região não se configure da mesma forma. Há regiões em que o *tu* combina exclusivamente com a forma verbal de segunda pessoa ou há comunidades, como o Rio de Janeiro, que o *tu* concorda com o verbo de terceira pessoa do singular (*tu vai*, por exemplo). Do ponto de vista morfológico há uma redução às formas verbais de terceira pessoa na língua falada coloquial, sendo que a distância interpessoal, e também a indexação social, se dá pela seleção do pronome sujeito (*tu/você/o senhor ou a senhora*). Ao contrário do espanhol, o português brasileiro tende à redução do paradigma verbal e à expressão do sujeito.

Em suma, de acordo com Silva, Antonio & Lopes (2005), atualmente no Rio de Janeiro, *você* é empregado, ao lado de *tu*, como tratamento íntimo e solidário. O emprego de uma ou outra estratégia é determinado ou favorecido por fatores diversos: sociais, regionais, etários, etc. Estes autores também acrescentam que o fenômeno do sincretismo entre 2ª e 3ª pessoas parece não estar completamente cristalizado no português do Brasil. A forma *você* é mais recorrente como pronome reto, ao passo que marcas de segunda pessoa ainda resistem na forma oblíqua e no imperativo.

O reconhecimento do valor sociocultural das formas de tratamento nas diferentes comunidades estudadas é fundamental para a interpretação do contexto de interação e para o cálculo da distância interpessoal.

O **contexto** dos agradecimentos e das desculpas é portanto analisado em função do **tipo de objeto** que desencadeia o ato (presente ou ofensa), o tipo de **relação social** e a **distância interpessoal** dos interactantes no intercâmbio. Além do contexto, na análise dos agradecimentos e das desculpas é importante avaliar o grau de ritualização desses atos expressivos, de acordo como o grau de imposição da

imagem que representam os presentes e as ofensas, consideradas como desestabilizadoras do equilíbrio social nos intercâmbios conversacionais.

1.4. Usos convencionais de agradecimentos e desculpas intensificações, respostas e atos derivados

Os agradecimentos e as desculpas são **atos rituais**, mais ou menos convencionalizados. Gumperz (1982: 2) define um ato ritual como *a típica troca de inúmeras rotinas breves interativas que enchem o nosso dia e que em sua maioria passam completamente despercebidas*. Ainda segundo Gumperz (1982: 2), nos atos rituais, os movimentos de falantes e as respostas de destinatários seguem de um para o outro automaticamente. Estes atos tendem a ser produzidos sem muita reflexão consciente. É importante distinguir no caso dos agradecimentos e desculpas, quando se trata de atos de linguagem rituais, mais convencionalizados, e quando se trata de atos de linguagem menos convencionalizados.

Nesse sentido, para completar o estudo comparado dos agradecimentos e desculpas consideramos ainda o papel de mais três elementos relacionados a estes atos rituais de linguagem: as *intensificações*, ou as estratégias que reforçam a intenção comunicativa de agradecer ou desculpar-se; o *terceiro elemento da troca*, ou a resposta opcional aos agradecimentos e desculpas, e finalmente os *atos derivados*, ou seja, formulações convencionais de agradecimentos e desculpas que conversacionalmente funcionam para introduzir outro tipo de ato de linguagem.

Em primeiro lugar, para Kerbrat-Orecchioni (2005) tanto os agradecimentos quanto as desculpas podem expressar-se de maneira mais ou menos forte, regulando os princípios de intensificação ou atenuação dos atos de linguagem com diversas estratégias pragmatolinguísticas. A escolha de uma formulação apropriada depende de um princípio interacional geral chamado “Princípio de equilíbrio”. As desculpas e os agradecimentos têm a finalidade comum de procurar restaurar o equilíbrio ritual da interação.

De acordo com Briz (1998:113), a intensificação e a atenuação são dois fenômenos relacionados com a produção. São formulações capazes, respectivamente de reativar e desativar o conteúdo locutório e ilocutório dos enunciados. Segundo este mesmo autor, a intensificação e a atenuação são estratégias de discurso derivadas da atividade argumentativa e da atividade conversacional de negociação do acordo.

Tal processo negociador trata de ser claro, de dar força argumentativa ao dito ou ao ato de dizer, de reforçar o estado de coisas que se apresenta como real e verdadeiro e, se a argumentação o requer, veemente. Atenuantes e intensificadores não são simples valores semânticos atribuídos a uma série de formas gramaticais. São táticas que possuem uma função precisa no processo de intercomunicação e cujo emprego só pode ser explicado a partir de princípios pragmáticos, desde a retórica conversacional.

Para Briz (1998:116), as intensificações constituem na conversação uma categoria pragmática relacionada com a atividade retórica do que fala em relação a um TU que nem sempre está implicado ativamente. As intensificações se vinculam ao conceito de força argumentativa, ao realce de algumas das máximas de cooperação de Grice (1989), sobretudo a de qualidade e pertinência das contribuições do EU. Esse EU utiliza o intensificador para reforçar a verdade do expressado e em algumas ocasiões para fazer valer sua intenção de fala. Consegue-se a intensificação através de recursos morfológicos, sintáticos, léxicos e fonéticos, e com frequência combinando vários deles. Descrever esses recursos lingüísticos de intensificação é um de nossos objetivos de análise.

“Intensificar: é fazer que uma coisa adquira maior intensidade, em sentido figurado, veemência, através da ênfase ou força da expressão, da entonação ou de gestos”.
(Briz:1998:117)

Um dos objetivos do nosso trabalho é repertoriar as estratégias de intensificação dos agradecimentos e das desculpas comparando as formulações desses dois atos e procurando encontrar divergências de funcionamento nos diferentes sistemas de polidez estudados. Acreditamos que os procedimentos de intensificação dos agradecimentos e desculpas estejam diretamente relacionados ao grau de imposição dos presentes ou ofensas, considerados enquanto tal, nas diferentes comunidades socioculturais estudadas.

Em segundo lugar, consideramos o grau de imposição do objeto de agradecimentos e desculpas com relação ao terceiro elemento da troca, ou seja, a resposta opcional à formulação direta ou indireta dos agradecimentos e desculpas.

O ato de desculpar-se demanda uma reação. Este ato de fala é o núcleo central de uma seqüência constituída por três elementos: ofensa (produzida por A) – desculpas (produzida por A) – **reação à desculpa** (produzida por B). O **terceiro**

elemento da troca, ou seja, a reação às desculpas pode ser facultativa, negativa ou positiva (Kerbrat-Orecchioni, 2005:144).

“Uma reação negativa nega a existência da ofensa e, portanto, põe em jogo o pedido de desculpas, ou o encadeamento negativo ocorre porque o destinatário recusa-se aceitar as desculpas. A recusa ocorre devido ao caráter irreparável da ofensa ou pelo caráter inútil da desculpa. Neste caso, o destinatário não aceita que simples palavras possam vir a compensar o prejuízo sofrido, tampouco a possibilidade de se conceder uma absolvição mediante tão pouco trabalho. Mas há a reação positiva ao pedido de desculpas, ou seja, o ofendido deixa claro ao ofensor que ele considera reparado o dano que acaba de sofrer. Ele aceita a reparação e concede o perdão. Esta reação assume a forma de uma minimização ou mesmo de uma denegação da ofensa (cuja existência não é negada; a ofensa é reconhecida como tal, mas ela é de certo modo apagada pela desculpa).” (Kerbrat-Orecchioni: 2005:148).

Assim como as desculpas, para Kerbrat-Orecchioni (2005: 144) muitas vezes os agradecimentos também demandam uma reação. O ato de agradecimento é o núcleo central de uma seqüência constituída por três elementos: *Presente* (de A) - *Agradecimento* (de B) – *Reação ao agradecimento* (por parte de A). Observamos nessa troca que o presente e o agradecimento se devem a agentes diferentes e constituem duas intervenções diferentes (FFA e FTA).

A reação aos agradecimentos pode ser negativa, positiva ou não haver nenhum tipo de reação. Para Kerbrat-Orecchioni (2005:148), o encadeamento negativo nega a existência do “presente” e, portanto coloca em xeque o ato de agradecimento. Este tipo de encadeamento é contestatório, pois põe em jogo a condição de sucesso deste ato. Simbolicamente podemos desenhar a troca assim: *Presente* (de A) – *Agradecimento* (de B) – *Reação negativa ao agradecimento* (de A). Há algumas formas de reação positiva ao agradecimento, mas a realização mais comum é a minimização ou mesmo de denegação do “presente”. Alguns exemplos são: “Por nada”, “Não há por que”, “Não foi nada”. Simbolicamente podemos exemplificar desta forma: *Presente* (de A) – *Agradecimento* (de B) – *Reação positiva ao agradecimento* (de A). Neste caso não se coloca a condição de sucesso do ato de fala que expressa agradecimento em xeque já que o esperado é que haja uma reação positiva ao agradecimento. Para finalizar, pode não haver nenhuma reação ao agradecimento.

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2005), o terceiro componente da troca muitas vezes pode não existir. A autora comenta sobre o efeito deste ato de fala sobre a “imagem social” dos interlocutores, ou seja, é um FFA que reage a um FFA precedente. Isso significa que o agradecimento tenta anular de forma simbólica a dívida que o beneficiário acabou de contrair aceitando o “presente”. Para Haverkate (1994: 94.), ao agradecer restabelece-se o balanço custo – benefício, sendo que em

muitas culturas é ainda cortês informar à pessoa que agradece que não faz falta restabelecer o custo – benefício. Isso pode ilustrar-se através das seguintes fórmulas: “de nada”, “não há de que”, “por nada”, etc.

Haverkate (1994:94) conclui que os atos de agradecer e desculpar-se mostram características culturais bem específicas, porque não se produzem em todas as partes na mesma situação. Outro ponto interessante desta questão são os agradecimentos e as desculpas antecipadas, que normalmente introduzem atos de fala derivados com maior grau de imposição para a imagem, tais como atos exortativos (petições) ou desacordos conversacionais (juízo ou avaliação negativa do comportamento verbal ou não verbal do interlocutor).

Em terceiro lugar, na nossa análise sobre o nível de convencionalização dos agradecimentos e desculpas, verificaremos os atos derivados. Outro ponto interessante para a análise, segundo Haverkate (1994: 97), são os agradecimentos e as desculpas antecipadas. Segundo o autor, quando se antecipam os agradecimentos e as desculpas desviam-se da norma de que o conteúdo proposicional seja fato, pois estes atos de linguagem não se referem a um fato terminado, mas sim a um ato que ainda vai ser realizado pelo interlocutor. Por esta razão, o autor argumenta que o objeto ilocutório não é expressivo, mas sim exortativo.

Kerbrat-Orecchioni (2005) ilustra a ordem inversa dos componentes da troca, no caso dos agradecimentos que se antecipam ao “presente”. A autora exemplifica com agradecimentos expressados após um pedido ou solicitação, ato exortativo impositivo que designaremos na nossa análise como **petição**: “*Agradecendo antecipadamente,...*” geralmente empregado em cartas. O outro exemplo dado foi: “*Obrigado (ou Agradeço) por + infinitivo*”, neste caso o agradecimento precede a formulação de petição. Há também segundo a autora, a “indireção” dos agradecimentos, quando ao terminar uma prova o professor diz a aluna: “*Obrigado, minha jovem.*”, na verdade ele está dizendo: “*Pode se retirar.*”, neste caso trata-se de um ato de fala indireto convencional.

As formulações de agradecimentos e desculpas podem ser utilizadas para realizar um outro ato de fala, como vimos no exemplo anterior, mas o contrário também ocorre, ou seja, também podemos ter os atos de agradecimentos e desculpas realizados através de outros enunciados. Acreditamos que a realização derivada de outros atos e fala, assim como o terceiro elemento da troca, ou seja a resposta opcional aos agradecimentos e as desculpas, bem como as estratégias de

intensificação e seu contexto de uso podem servir de pistas para assinalar divergências de comportamento cortês nas diferentes comunidades de fala estudadas.

As **intensificações, o terceiro elemento da troca e os atos de fala derivados** são analisados em função do **contexto** conversacional, considerando o grau de ritualização ou ao contrário de imposição de imagem, variável de acordo com o tipo de objeto que desencadeia o ato (presente ou ofensa), o tipo de relação social e a distância interpessoal do interactantes no intercâmbio.

No nosso trabalho pretendemos estabelecer um repertório sistemático das intensificações dos agradecimentos e das desculpas, descrever as respostas e os contextos em que aparece esse terceiro elemento, bem como sistematizar atos de linguagem derivados que se realizam através de fórmulas de agradecimentos e desculpas.

Neste trabalho adotamos uma perspectiva pragmática de análise conversacional, abordando dois atos de linguagem tanto do ponto de vista da pragmalinguística quanto da sociopragmática. Acreditamos que este tipo de análise nos permite mostrar o lugar de conhecimentos, estritamente culturais, que refletem na aparição de rituais lingüísticos; e ainda distinguir certas informações socioculturais codificadas na língua, descrevendo quais são e como funcionam os mecanismos que remetem a elas.

1.5. Os diálogos cinematográficos

Neste trabalho analisaremos o funcionamento conversacional dos agradecimentos e das desculpas em diálogos ficcionais. A análise da presente investigação tem como objeto de estudo os diálogos de nove roteiros cinematográficos de filmes ibero-americanos, ambientados em oito centros urbanos contemporâneos: Buenos Aires, Lima, Santiago do Chile, Havana, Madri, Cidade do México, Bogotá e Rio de Janeiro.

Os **roteiros cinematográficos** são um gênero dramático cuja ficção narrativa está construída a partir da *imagem visual* e do *diálogo*. Nos gêneros dramáticos (peças de teatro, entremeses, telenovelas, novelas de rádio, curtas ou longas-metragens ficcionais) *falar é fazer*, no sentido austiniano, uma vez que a trama narrativa, a história, avança basicamente a partir dos deslocamentos espaciais das personagens e

dos seus diálogos, interpretados, oralmente por atores que representam papéis e caracteres dramáticos. Para Kerbrat-Orecchioni (2006) o exercício da linguagem mais comum é aquela em que a fala circula e se troca (o que chamamos de **diálogo**) e na qual se observam claramente os papéis do emissor e do destinatário.

É através deste tipo de interação conversacional, ou seja, é através da alternância de turnos de fala entre um emissor e um destinatário (**interactantes**) em diálogos dramáticos - e, portanto, ficcionais - que nos propomos a observar o funcionamento dos agradecimentos e das desculpas. Estes diálogos ficcionais representam, no sentido mimético da palavra, as interações sociais de personagens contemporâneos, considerando toda a complexidade de suas redes sociais. Os personagens principais são aqueles que têm uma rede mais ampla de relações sociais na trama, interagindo na esfera pessoal em relações com amigos, casal, pais ou filhos, e na esfera não-pessoal ou transacional com diversas instâncias de relações sociais, personagens mais ou menos conhecidos com os quais há um tipo de intercâmbio definido por situações mais institucionais (passageiros no mesmo voo, chefe e estagiário, garçom e cliente em restaurante), com esquemas ou cenários de interação mais rígidos.

Os diálogos cinematográficos representam diversas cenas conversacionais. Do ponto de vista teórico, da análise da conversação, para que haja conversação é preciso a existência de um destinatário distinto de um emissor e que haja “troca de palavras”, ou seja, uma **interlocução**. Para que a conversação exista é preciso que o emissor e o destinatário “cumpram os seus papéis” ou como diz Escandell Vidal (1996: 27) é preciso que os falantes estejam “engajados” na troca e que mostrem sinais desse engajamento através do que ela chama de validação interlocutória.

O **emissor** deve: sinalizar que está falando com o destinatário através da orientação do corpo, da direção do olhar ou pela produção de formas de tratamento; deve chamar a atenção através de “captadores” (“hein?”, “né?”, “entende?”, “vou te dizer” etc); e “corrigir” problemas de compreensão através do aumento da voz, das retomadas ou das reformulações (Kerbrat-Orecchioni, 2006:9). Os procedimentos executados pelo emissor citados anteriormente servem para assegurar se o destinatário está escutando o que está sendo dito. Assim como o emissor, o destinatário também precisa dar sinais dessa validação interlocutória. Dessa forma o **destinatário** deve: mostrar ao emissor que está escutando o que ele está dizendo através do que Kerbrat-Orecchioni (2006:9) chama de reguladores ou sinais de escuta - e estes têm

realizações verbais: “sim”, “certo” ou retomadas na forma de eco e não verbais (como observamos no nosso *corpus*, sorriso, tapinha no braço ou nas costas, sinal de OK com o dedo); vocais (“hummm” e outras vocalizações).

Este conjunto de elementos conversacionais é perfeitamente observável nos filmes analisados, tanto do ponto de vista das interações verbais quanto das não verbais. As interações em que emissor e destinatário estão envolvidos podem ser de natureza verbal ou não verbal. De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2006:12), as **interações verbais** são as que se realizam principalmente por meios verbais, como as conversações (no caso do nosso trabalho os atos de linguagem ou discurso que expressam agradecimentos e desculpas nos diálogos). As **interações não verbais** são as que se realizam através da dança, dos esportes coletivos etc. (no caso do nosso trabalho os gestos que acompanham os agradecimentos e as desculpas ou os gestos que foram interpretados como uma forma de agradecer ou de se desculpar nos filmes). Como esta mesma autora cita, as trocas comunicativas podem ser mistas, ou seja, nelas ocorrem ações verbais e não verbais indispensáveis ao desenvolvimento da interação.

Observamos em nosso *corpus* de pesquisa que geralmente o ato de fala que expressa agradecimento vem acompanhado de um sorriso e o ato de fala que expressa desculpas, em alguns casos, vem acompanhado de algumas expressões faciais (baixar o olhar ou a cabeça ou um sorrisinho sem graça).

Para Kerbrat-Orecchioni (2006), as conversações constituem um tipo particular entre as interações verbais e estas, por sua vez, constituem uma subclasse no conjunto das interações sociais. De acordo com esta mesma autora, as conversações são a forma mais comum e representativa do funcionamento geral das interações verbais e possuem regras - **regras conversacionais**. Quando um emissor fala com o seu filho ou com o vendedor da loja de roupas ou com o seu chefe ou com os seus pais ele seguramente se adapta a algumas regras conversacionais, afinal ele precisa se adequar. As conversações são objetos complexos que funcionam em diferentes níveis (Kerbrat-Orecchioni, 2006:14). De acordo com esta mesma autora, as regras conversacionais: (a) são de natureza bastante diversa; (b) algumas regras valem para todos os tipos de interação e outras são específicas de um ou outro “gênero” particular; (c) são bastante solidárias com o contexto; (d) variam amplamente de acordo com a sociedade e a cultura em que estão inseridas; (e) são relativamente mais flexíveis que as regras gramaticais; e (f) são adquiridas

progressivamente desde que a pessoa nasce. Não se adquirem através de um estudo sistemático.

Enfim, para Kerbrat-Orecchioni (2006), o objetivo de analisar conversações é explicitar essas regras de funcionamento das trocas comunicativas em diferentes gêneros. No caso dessa pesquisa, através dos diálogos de filmes e roteiros cinematográficos pretendemos descrever as ocorrências lingüísticas dos atos de linguagem que expressam agradecimentos e desculpas, suas formulações e contextos de uso em português brasileiro e em espanhol, a partir das pistas de funcionamento que este gênero dramático pode representar.

Os gêneros discursivos são textos empiricamente realizados, encontrados na sociedade de forma materializada, de natureza sócio-comunicativa, baseiam-se em parâmetros pragmáticos e discursivos e se dão por meio de práticas que visam a determinados propósitos comunicativos (Marcuschi. 2001). Segundo Oliveira (2000), os gêneros do discurso se adaptam a cada contexto situacional com um “propósito específico e seguem padrões lingüísticos e culturais de uma comunidade discursiva.”

Para esta pesquisa é importante a distinção entre gênero discursivo secundário e primário. Os roteiros de filmes constituem um gênero discursivo secundário, gênero específico que, para Bakhtin (1997), aparece em determinadas circunstâncias de comunicação cultural (na forma escrita, principalmente) e que, muitas vezes de acordo com o enredo desenvolvido, engloba os gêneros discursivos primários correspondentes a circunstâncias de comunicação verbal espontânea.

Trata-se de um gênero que por natureza relança o debate sobre a relação entre oralidade e escritura, uma vez que conta com uma primeira instância escrita, pelo autor roteirista, com forte experiência em drama, não raro sendo ele mesmo ator ou diretor de filmes. As técnicas de escrita de roteiro recomendam a leitura em voz alta, interpretada do texto, durante sua produção para melhor controlar a fluência do texto. Este texto deverá ser lido, memorizado e interpretado em voz alta por atores, nessa segunda instância, e na interação ator/diretor, o texto ainda pode ser modificado. Portanto, o resultado do texto final, no produto do filme, é um gênero marcado por instâncias híbridas entre o oral e o escrito.

Uma vez que o cenário dos filmes que selecionamos é um cenário urbano, contemporâneo, os personagens, em sua rede de relações sociais procuram, nos diálogos ficcionais, mimetizar ou recriar a língua falada. Há nesses diálogos uma representação da linguagem coloquial, segundo López Serena (2007), que merece ser

estudada sistematicamente pelas pistas do funcionamento conversacional, mais difícil de observar em *corpus* conversacionais “autênticos” pela grande quantidade de dados e de etapas de manipulação de dados necessárias à sua análise. Os diálogos de filmes e roteiros podem nos fornecer pistas, num primeiro momento de análise, aproximarmos a determinados fenômenos de interação, a partir da observação sistemática de características comunicativas próprias das interações verbais “cara-a-cara”.

Os nove filmes selecionados para nossa análise foram filmes que tiveram muito reconhecimento nacional e que tiveram uma boa recepção internacional também. A maioria deles teve seu roteiro original publicado (nos casos dos filmes brasileiros, argentino e espanhol), em outros contamos com o roteiro final que nos foi fornecido pelo diretor (no caso dos filmes chileno e peruano) e quando não tivemos acesso ao roteiro transcrevemos os diálogos dos filmes (no caso dos filmes mexicano, cubano e colombiano). Estes são os filmes analisados, por ordem alfabética:

- *Amores Perros* (México, 2000),
- *Amores Possíveis* (Brasil, 2001),
- *Carne Trémula* (Espanha, 1997),
- *Cidade de Deus* (Brasil, 2003),
- *El hijo de la novia* (Argentina, 2001),
- *Fresa y chocolate* (Cuba, 1993),
- *María llena eres de gracia* (Colômbia, 2004).
- *Taxi para tres* (Chile, 2001),
- *Tinta Roja* (Peru, 2000),

Do ponto de vista metodológico, nos casos que dispomos do roteiro, publicado ou manuscrito, verificamos as diferenças entre o roteiro original e o diálogo do filme na produção final, e analisamos apenas os diálogos finais, editados na versão final, comercial do filme, para manter a coerência com os três filmes sem roteiro original. Consideramos que neste tipo de gênero o produto final, é um resultado coletivo, polifônico no sentido de que passa por inúmeras instâncias de produção e editoração até chegar ao resultado da tela que é o que compõe o produto audiovisual final. A sinopse, a descrição dos personagens principais e sua rede de relações sociais em cada filme encontra-se na parte final desta dissertação (cf. Anexos).

A nossa análise dos agradecimentos e das desculpas nestes nove filmes tem como objetivo principal descrever as **formulações** destes dois atos expressivos em português brasileiro e em espanhol nas diferentes comunidades sócio-culturais implicadas (no caso dos roteiros em espanhol dos principais centros urbanos contemporâneos e no caso do português brasileiro, a fala carioca de duas classes

sociais extremas, a classe média baixa, ou marginal, de *Cidade de Deus* e a classe média alta, ou burguesa, de *Amores Possíveis*).

Além das formulações mais freqüentes e coloquiais dos agradecimentos e das desculpas pretendemos também sistematizar seu **contexto de uso** em função do **objeto dos agradecimentos e das desculpas** (e sua relação com o grau de imposição de imagem), em função dos **tipos de relações sociais** em que essas formulações aparecem e em função da **distância interpessoal**, ou seja, o grau de coloquialidade dessas interações.

Enfim, na próxima sessão sintetizaremos os problemas levantados com a recapitulação teórica, as perguntas de pesquisa e as hipóteses que norteiam este trabalho no que diz respeito à formulação dos agradecimentos e desculpas.

1.6. Conclusões: problemas, perguntas de pesquisa e hipóteses

Em síntese, neste trabalho propomos uma análise conversacional dos atos de fala que expressam agradecimentos e desculpas, através de uma dupla perspectiva pragmática: *pragmalingüística* e *sociocultural*. De acordo com Reyes (2000:7), a pragmática é a primeira tentativa dentro da lingüística de fazer uma teoria do significado das palavras em sua relação com os falantes e contextos. Considera-se que a linguagem é o principal meio de comunicação entre as pessoas e que apenas o conhecimento das palavras e da gramática não são suficientes para o sucesso da comunicação.

As palavras podem significar algo mais (ou algo diferente) do que dizem. Para interpretá-las é preciso levar em conta alguns fatores como: a familiaridade com o contexto, as marcas de entonação e os supostos culturais. A mesma frase pode ter diferentes significados em diferentes ocasiões, e podemos expressar a mesma intenção mediante diferentes meios lingüísticos. Trata-se de explicar, entre outras coisas, em que consiste a interpretação de um enunciado, qual é a função do contexto, que relação há entre o significado literal e o significado comunicado.

Blum-Kulka (1997) afirma que a pragmática ocupa-se de fenômenos como os descritos anteriormente. Mey (2001:42), por sua vez, define a pragmática como o estudo das condições do uso humano da linguagem que são determinados pelo

contexto da sociedade. Como nós, estes autores se distanciam de estudos centrados exclusivamente nos mecanismos psicológicos de interpretação e insistem nas condições sociais, políticas, culturais, históricas, que determinam o uso da linguagem.

A **pragmalingüística** se refere às estruturas lingüísticas específicas que as diferentes línguas utilizam na realização de um ato de fala determinado, ou seja, especificam as formas nas que os significados pragmáticos (a intenção comunicativa, a distância social, etc) são indicados por meios lingüísticos, ou que formas (morfológicas, sintáticas ou léxicas) são convencionalmente selecionadas numa determinada língua para marcar um ato de fala.

Para Haverkate (1994), a **sociopragmática** não trata de questões lingüísticas, mas sim de regras culturais que governam a eleição de estratégias conversacionais. Para este autor a forma lingüística selecionada para expressar determinado ato de fala depende de normas sociais e culturais que determinam, por exemplo, que tipos de atos de fala afetam a imagem pública que temos como membros de uma sociedade e, portanto, são mais ou menos agressivos para um falante. Segundo Bravo (2004) seria esta a área da pragmática que se ocupa especificamente das funções dos recursos comunicativos desde uma perspectiva sociocultural. O sociocultural tem como foco as relações da linguagem com a sociedade. Considera-se que o falante de uma língua dispõe de recursos interpretativos que provêm do seu entorno social e de suas experiências comunicativas prévias, as quais comparte com outras pessoas (grupo) e parcialmente não comparte com essas mesmas pessoas (indivíduo).

Os agradecimentos e desculpas e seus contextos de interação podem dar-nos pistas do perfil comunicativo de diferentes comunidades sócio-culturais pois remetem diretamente aos valores sociais de interação social, o que se considera um “presente”, o que se considera uma “ofensa” varia bastante de cultura para cultura

Nossos objetivos de pesquisa são: (a) repertoriar o conjunto de fórmulas rituais, cristalizadas ou não que permitem expressar os agradecimentos e desculpas em diversas comunidades ibero-americanas; (b) comparar a natureza das ofensas e dos presentes nas diferentes comunidades ibero-americanas; (c) sistematizar os tipos de intensificação dos agradecimentos e das desculpas; (d) verificar quando as formulações de agradecimento e desculpas cumprem de forma indireta outros tipos de atos de fala; (e) verificar quando outros atos de fala expressam de forma indireta agradecimento e desculpas; (f) verificar quando as interações não verbais, ou seja, o

gestual expressa agradecimento ou desculpa; e (g) observar as reações que os atos que expressam agradecimento e desculpas desencadeiam.

Pretendemos responder às seguintes perguntas de pesquisa:

Com relação às **formulações** dos agradecimentos e desculpas:

1) Quais são as formulações mais freqüentes para os agradecimentos e as desculpas em português e em espanhol?

Com relação ao **contexto conversacional** dos agradecimentos e desculpas:

2) Quais são os contextos de uso das formulações diretas e indiretas dos agradecimentos e desculpas, considerando como fatores de variação conversacional: a) o tipo de presente para os agradecimentos ou o tipo de ofensa para as desculpas; b) o tipo de relação social e c) a distância interpessoal nos intercâmbios?

E finalmente, com relação às **intensificações, ao terceiro elemento da troca e aos atos derivados**:

3) Quais são as estratégias de intensificação mais freqüentes de agradecimentos e desculpas?

4) Quais são os contextos conversacionais, mais ou menos convencionalizados, que condicionam o aparecimento do terceiro elemento da troca?

5) Quais são os usos convencionais de formulações de agradecimentos e desculpas que realizam, do ponto de vista pragmático, ou seja da intenção ilocutória, outros atos de linguagem derivados?

Nossas **hipóteses** com relação às formulações dos agradecimentos e desculpas, ao seu contexto conversacional e ao grau de convencionalização destas fórmulas são as seguintes:

1) As formulações diretas e indiretas dos agradecimentos e desculpas variam em função de três elementos contextuais: o objeto considerado como “presente” ou “ofensa”, o tipo de relação social e a distância interpessoal assumida pelos participantes da interação.

2) Os procedimentos de intensificação dos agradecimentos e desculpas, assim como as respostas a esses dois atos de linguagem e ainda, as funções derivadas que assumem, parecem estar diretamente relacionadas ao grau de imposição dos presentes e ofensas.

Acreditamos que este trabalho pode vir a ser útil para o ensino de espanhol ou português como língua estrangeira, pois “isolando”, ou seja, identificando e

analisando, este tipo de atos de linguagem seremos (enquanto professores) capazes de poder transmitir aos aprendizes de espanhol e / ou português língua estrangeira informações que os ajudem a prestar atenção à competência pragmática. De acordo com Blum-Kulka (1997), para se ter um conhecimento mais profundo da cultura da língua objeto e para poder interagir adequadamente, o estudante de uma língua estrangeira tem que aprender, além do código lingüístico, novas categorias de fala e valores culturais específicos de cortesia ou polidez.

2. As formulações diretas e indiretas das desculpas

Ao analisar os nove roteiros que compõem o nosso *corpus* de pesquisa, identificamos, do ponto de vista pragmalinguístico, um total de 74 formulações de desculpas em espanhol e 24 formulações de desculpas em português. Como vemos nos gráficos 1 e 2, nos dois *corpus* predominam as formulações diretas, 59/74 ocorrências em espanhol e 21/24 ocorrências em português.

Gráfico 1

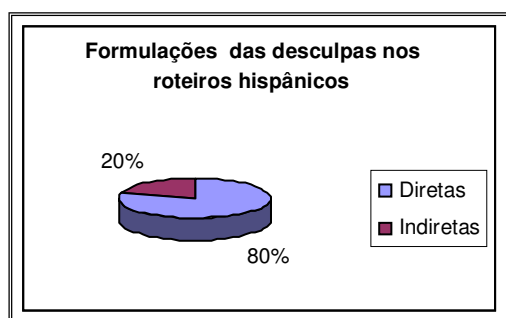
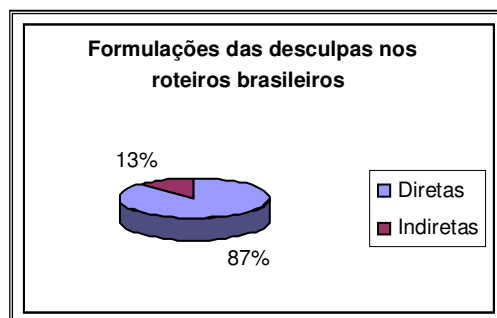


Gráfico 2



Consideramos três tipos de **formulações diretas de desculpas**:

- Formulação no imperativo com o verbo “*perdonar*” ou “*disculpar*” em espanhol, ou com o verbo “*desculpar*” em português;
- a formulação elíptica “*perdón*” em espanhol. Não observamos ocorrência nos roteiros em português.
- as formulações performativas que atualizam o pedido de perdão como em “*te pido perdón*”.

E três tipos de **formulações indiretas de desculpas**:

- os pedidos indiretos nos que se reconhece a ofensa, se descreve um estado de pesar ou se afirma involuntariedade,
- o interrogativo elíptico “*¿perdón?*” em espanhol. Não observamos ocorrência nos roteiros em português.
- as formulações interrogativas, “*¿me perdonas?*” em espanhol ou “*me perdoa?*” em português.

Nesse capítulo pretendemos responder às duas perguntas de pesquisa referentes às formulações diretas e indiretas das desculpas. Em primeiro lugar: *Quais são as formulações mais freqüentes para as desculpas em português e em espanhol?* E, em segundo lugar: *Quais são os contextos de uso das formulações diretas e indiretas das desculpas, considerando como fatores de variação conversacional: a) o tipo de ofensa para as desculpas; b) o tipo de relação social e c) a distância interpessoal nos intercâmbios?*

Como vemos no quadro 1, com relação à primeira pergunta, são as formulações diretas com os verbos em imperativo as formulações dominantes, tanto em português quanto em espanhol.

Quadro 1: Formulações diretas e indiretas das desculpas:

Formulações	Roteiro hispânico		Roteiro brasileiro	
Imperativa	38	50%	21	88%
Elíptica	19	26%	--	--
Performativa	02	3%	--	--
Interrogativa	03	4%	01	4%
Indireta descritiva	10	14%	02	8%
Interrogativa elíptica	02	3%	--	--
Total:	74	100%	24	100%

As formulações diretas com os verbos “*perdonar*” ou “*disculpar*” em imperativo são as mais freqüentes em espanhol, seguidas da formulação elíptica “*perdón*”. Em português as formulações imperativas são as dominantes e, como veremos a seguir, a formulação imperativa “*desculpa*” parece estar em pleno processo de discursivização, a meio caminho entre a formulação imperativa e a formulação elíptica.

A nossa hipótese inicial é que as formulações diretas das desculpas variam em função de três elementos contextuais: o objeto considerado como “ofensa”, o tipo de relação social e a distância interpessoal assumida pelos participantes da interação.

Para responder à segunda pergunta e procurar sistematizar o contexto de uso das formulações diretas e indiretas das desculpas dividimos nossa análise das desculpas em quatro sessões:

Na sessão **2.1. As formulações diretas das desculpas nos roteiros hispânicos**, tratamos da distribuição das formas *imperativas*, *elípticas* e *performativas* em função da variação nos contextos conversacionais.

Na sessão **2.2. As formulações diretas das desculpas nos roteiros brasileiros**, tratamos da distribuição apenas das formas *imperativas* em função da variação nos contextos conversacionais, considerando que não houve ocorrências de formas *elípticas* nem *performativas*.

Na sessão **2.3. As formulações indiretas das desculpas nos roteiros hispânicos**, tratamos da distribuição das formas *descritivas*, *interrogativas* e *interrogativas elípticas*, em função da variação nos contextos conversacionais.

Na sessão **2.4. As formulações indiretas das desculpas nos roteiros brasileiros**, tratamos da distribuição das formas *descritivas*, *interrogativas* e *interrogativas elípticas*, em função da variação nos contextos conversacionais.

Na sessão **2.5. Conclusões: as formulações diretas e indiretas nos roteiros hispânicos e brasileiros**, sintetizamos a análise das formulações das desculpas no que diz respeito ao seu contexto conversacional.

Vejam os a seguir quais são as formulações diretas mais frequentes e seus contextos de uso, considerando como fatores de variação conversacional: *o tipo de ofensa*, *o tipo de relação social* e *a distância interpessoal*.

2.1. As formulações diretas das desculpas nos roteiros hispânicos

O quadro 2 ilustra a distribuição geral das 59 formulações diretas das desculpas nos roteiros hispânicos. Encontramos um total de três formulações lingüísticas que realizam os atos discursivos das desculpas em espanhol. A formulação mais frequente é o **imperativo** (64%), seguida da formulação **elíptica** (32%) e dos **verbos performativos**, muito menos frequentes (2%).

Quadro 2: Formulações diretas nos roteiros hispânicos: total de formulações lingüísticas

	Imperativo	Elíptico	Performativo	Total
Formulações lingüísticas diretas	38 (64%)	19 (32%)	2 (4%)	59 (100%)

As desculpas que identificamos nas formulações diretas são estruturadas a partir de formulações nas que predominam os verbos no **imperativo** (38/59 casos), seguidas das **formulações elípticas** (19/59 casos). Estas duas formulações disputam os contextos de desculpas diretas, como veremos detalhadamente a seguir. Além delas, detectamos apenas duas ocorrências, ambas no roteiro argentino, de pedidos

explícitos de desculpas através de **verbos performativos** (2/59 casos), nos dois casos com a modalização da formulação “pedir desculpas”. O quadro 3 ilustra detalhadamente as formulações lingüísticas identificadas para a realização direta das desculpas em cada roteiro hispânico.

Quadro 3: Formulações diretas nos roteiros hispânicos: formulações lingüísticas

	<u>Imperativo</u>	<u>Elíptico</u>	<u>Performativo</u>	<u>Total</u>
España	Perdóname (3)	Perdón (1)		4
México	Perdona Perdóname (2)	Perdón (3)	-	5
Cuba	Perdona Perdóname (4)	Perdón (1)	-	7
	Disculpa (2)			
Colombia	Perdóname (1) Disculpe (1)	Perdón (3)	-	5
Chile	Disculpe Disculpa(4)	Perdón (1)	-	5
Perú	Perdone Perdona Perdoname (3)			8
	Disculpe Disculpa (5)			
Argentina	Perdóneme Perdoná Perdoname (8)	Perdón (10)	“Quería pedirte disculpas” “Te pido mil disculpas” (2)	25
	Disculpe Discúlpeme Disculpame (5)			
Total (100%)	38 /59 (64%)	19/59 (32%)	2/59 (4%)	59

Começamos a análise das formulações diretas com as formas imperativas, as mais frequentes e com a distribuição dos verbos “*perdonar*” x “*disculpar*” em espanhol, considerando o objeto de desculpas, o tipo de ofensa o tipo de relação social e a distância interpessoal, bem como a função intensificadora ou coloquializadora do clítico, que nesses casos é opcional.

2.1.1. As formulações imperativas

A formulação imperativa das desculpas é a mais frequente em nosso *corpus* de pesquisa, é um tipo de formulação que exige flexão pessoal e que desta forma está necessariamente associada ao sistema de formas de tratamento de cada comunidade, e

sujeita, portanto, a grande variação. Em espanhol há variação com relação à seleção do verbo, do clítico e da forma de tratamento.

Com relação à seleção do verbo no imperativo, ao todo identificamos 21 casos que selecionam o verbo “*perdonar*” e 17 casos que selecionam o verbo “*disculpar*”. No que diz respeito à distribuição dos verbos “*perdonar*” x “*disculpar*” nos contextos com o imperativo encontramos duas soluções possíveis:

- a) no roteiro **espanhol** e **mexicano** não observamos variação, só ocorre a seleção do imperativo com o verbo “*perdonar*”;
- b) no roteiro **chileno** não observamos variação, só ocorre a seleção do imperativo com o verbo “*disculpar*”;
- c) já no roteiro **cubano, colombiano, peruano e argentino** o verbo “*perdonar*” disputa este contexto com o verbo “*disculpar*” .

As formulações imperativas parecem ser, segundo Mosler (2006), categorias “fracas” muito propícias à mudança, provavelmente por estarem tão diretamente relacionadas à realização dos atos diretivos, atos estes cujas formulações e interpretações são bastante variáveis nos diferentes sistemas de cortesia. Em cada sistema se desenvolvem diferentes estratégias de cortesia para amenizar a força impositiva deste FTA, conforme o risco de ameaça à face que ele represente para cada comunidade sócio-cultural, tais variações certamente repercutem nas diferentes soluções e frequência de uso das formulações das desculpas em cada sistema.

Embora o tema do nosso estudo sejam as formulações que expressam desculpas em espanhol, seria impossível ter uma visão de conjunto desses usos se não os vincularmos com as formas de tratamento verbo- pronominais em cada um dos sete roteiros. Vejamos, portanto, essa distribuição das formulações imperativas no que diz respeito à variação entre “*perdonar*” e “*disculpar*”, com ou sem clíticos, e à sua necessária correlação com o sistema de formas de tratamento, roteiro por roteiro.

A seguir analisaremos os 21 casos encontrados das formulações com o verbo “*perdonar*” (6 casos com “*perdoname*”, 6 casos com “*perdóname*”, 5 casos com “*perdona*”, 2 casos com “*perdóneme*”, 1 caso com “*perdone*” e 1 caso com “*perdoná*”) considerando o objeto que desencadeia o ato (ofensa), o tipo de relação e a distância interpessoal dos interactantes no intercâmbio.

Formulação: “Perdóname”

Identificamos no *corpus* deste trabalho 6 casos de desculpas através da formulação “*perdóname*”:

No **roteiro espanhol** identificamos três ocorrências das desculpas através da formulação “*perdóname*”. Estes três casos ocorrem ao longo do roteiro sempre numa mesma relação entre casal, trata-se de uma relação interpessoal simétrica, de proximidade, os interlocutores têm muita experiência compartilhada, são doze anos de casados.⁴ As três ocorrências do imperativo foram usadas com clítico “*perdóname*”.

(1) Clara – Sancho: “¡No vuelvas a pegarme nunca más!”

Sancho – Clara: (*sincero*) “¡Me duele a mí más que a ti!”

Clara – Sancho: “Razón de más.”

Sancho – Clara: “**Perdóname**...Voy a poner la mesa.” (*Carne Trémula, España, 1997: 156*)

(2) Sancho – Clara: “**Perdóname**...Siento haberme ido de casa como me he ido.” (*Carne Trémula, España, 1997: 55*)

(3) Sancho – Clara: “Puedo cambiar. Te lo demostré la semana pasada, ¿no? (exige) **Perdóname**, joder!”

Clara – Sancho: “Te perdono.” (*Carne Trémula, España, 1997: 198*)

Será que esta formulação mais longa se justifica pelo grau de imposição da ofensa ou pela preferência pelos clíticos em espanhol? Consideramos que os dois primeiros casos de desculpas se referem a uma ofensa territorial (física, o marido pede desculpas por ter batido na mulher e ter deixado um olho roxo) e que o terceiro caso refere-se a uma ofensa relacional (o marido violento pede perdão pelos anos de casamento na eminência de que sua mulher o deixe). Interpretamos estas formas do roteiro espanhol como simétricas e de proximidade, sendo que o clítico⁵, considerando o grau de imposição de imagem das ofensas (uma surra e anos de violência doméstica), intensifica as desculpas.

No **roteiro mexicano** identificamos uma realização das desculpas através da formulação “*perdóname*”. Este caso ocorre numa relação de casal – é o homem quem se desculpa por ter gritado com a mulher, ter usado palavras de baixo calão

⁴ Nesta comunidade, observamos que prevalece o **tuteo** – ou seja, a forma que neste sistema traduz menos distância interpessoal - já que se trata de um ato de desculpas numa relação pessoal e simétrica. O *tuteo* é sem dúvida a forma mais esperada para um casal, na variante castelhana, num relacionamento igualitário de confiança.

⁵ Para Maingueneau (2001:18-19), esse tipo de emprego expletivo *manifesta uma espécie de excesso da enunciação sobre a sintaxe*: reservado à língua falada e às enunciações que exprimem acontecimentos extraordinários ou inesperados. O dativo constitui um dos traços de implicação do destinatário, o excesso sintático que o emprego do dativo ético supõe nos remete a um excesso mais radical que se tece na relação emissor/destinatário.

“chingados”, num momento de impaciência. Consideramos a ofensa como uma ofensa conversacional, pois está relacionada ao modo de falar.

(4) *Daniel – Valeria*: “Valeria, por favor. Ya sé que no tengo que pedirte **perdón**, pero está bien, **perdóname**. Ya estuvo, ¿no? Valeria, o abres o abro. Repito que si no abres a las tres, voy a tirar esta puerta... a la una, a las dos, a las dos y cuarto, a las dos y media, a las dos tres cuartos, carajo... Valeria, Valeria, ¿qué te pasa, mi amor? Valeria, Valeria, Valeria, ¿qué te pasa? Valeria, no me hagas eso, por favor, Valeria, Valeria, mi amor, Valeria...” (*Amores Perros*, México, 2000:40)

Interpretamos estas formas do roteiro mexicano como simétricas e de proximidade, sendo que o clítico, considerando o grau de imposição de imagem das ofensas (ter perdido a paciência e discutido com a amante que está seriamente doente) intensifica as desculpas.⁶

No **roteiro cubano** identificamos uma realização das desculpas através da formulação “*perdóname*”. Este caso ocorre numa relação interpessoal simétrica e de proximidade entre amigos com muita experiência compartilhada. No que diz respeito à forma de tratamento, identificamos o **tuteo** - ou seja, a forma que neste sistema traduz menos distância interpessoal - esperado neste caso nas relações entre Amigos.

(5) *Diego – Nancy*: “Nancy...Nancy sé que estás ahí. **Perdóname**. Yo no quise ofenderte. Abréme, anda.”

Nancy – Diego: “No te perdono. Ni que dejes una nota diciendo que tienes la culpa.” (*Fresa y chocolate*, Cuba, 1993:07)

Consideramos a ofensa como uma ofensa territorial, Nancy, ex-prostituta, se ofende porque o amigo Diego lhe pede que ofereça uma noite de amor a David, ela acha que ele está lhe pedindo para voltar a prestar serviços de prostituição. Trata-se de uma ofensa com um alto grau de imposição à imagem.

Interpretamos esta forma do roteiro cubano como simétrica e de proximidade, sendo que o clítico, considerando o grau de imposição de imagem da ofensa (ter pedido à amiga que volte à prostituição), intensifica as desculpas.⁷

No **roteiro peruano** identificamos uma realização das desculpas através da formulação “*perdóname*”. Este caso ocorre numa relação transacional simétrica de

⁶ No que diz respeito à forma de tratamento, identificamos o **tuteo** – ou seja, a forma que neste sistema traduz menos distância interpessoal - esperado neste caso nas relações simétricas pessoais.

⁷ Nos exemplos 3, 4 e 5, as desculpas implicam um pedido de continuidade da relação. Em 3, ela está indo embora, e em 4 e 5, a mulher está trancada e o homem à porta pede para abrir, nos três casos pedem que se dê continuidade à relação, de marido, amante ou amigo. Embora, nos dois últimos casos não tenhamos classificado as ofensas como relacionais, numa segunda instância seriam, mas preferimos mantê-las como conversacionais e territoriais, respectivamente, uma vez que a continuidade da relação estava ameaçada mas não na iminência de ser cortado como em 3. O engraçado de 3 é que ela aceita as desculpas (que pressupõem um pedido de “fica” mas continua disposta a ir embora. Da mesma forma os dois homens que estão atrás da porta estão pedindo desculpas e indiretamente pedindo que as mulheres ofendidas abram a porta (material e relacional, claro).

compra e venda, os participantes da interação têm muita experiência compartilhada, os dois são homens e jovens, o que favorece a diminuição da distância interpessoal.

(6) *Mozo – Alfonso*: “**Perdóname** que me meta, pero no te has portado bien con don Saúl.” (*Tinta Roja*, Perú, 2000:82)

No que diz respeito à forma de tratamento, identificamos o **tuteo** - ou seja, apesar de se tratar de uma relação transacional, os interactantes têm muita proximidade, muita experiência compartilhada o que diminui a distância interpessoal entre eles. Desta forma, podemos explicar a presença do *tuteo* numa relação de Compra e venda. Alfonso e o pessoal do trabalho freqüentam quase que diariamente o bar e este garçom sempre participa das conversas do grupo. A realização das desculpas introduz um desacordo conversacional do garçom sobre o que Alfonso fez com Faundez, por isso consideramos como uma ofensa conversacional.

Neste caso, interpretamos o clítico como uma intensificação das desculpas ou como uma fórmula ritual conversacional para introduzir um desacordo? Parece-nos que a expressão “*perdóname que me meta*” poderia estar em processo de cristalização com essa função pragmática de introduzir uma avaliação, não favorável, ao comportamento do destinatário.

Formulação: “Perdoname”

Identificamos no *corpus* deste trabalho 6 casos de desculpas através da formulação “*perdoname*”.

No **roteiro argentino** identificamos seis ocorrências das desculpas através da formulação “*perdoNAmé*”. As 6 formulações imperativas “*perdoname*”, ocorreram através do **voseo** - ou seja, a forma que neste sistema traduz menor distância interpessoal - em relações interpessoais, entre amigos (3), casal (2), pais e filhos (1).

O primeiro caso ocorre numa relação simétrica entre amigos, trata-se de uma relação de proximidade, daí o *voseo* no imperativo.

(7) *Rafael – Juan Carlos*: “Contame un poco de vos, che. ¿Te casaste, tenés familia?”

Juan Carlos – Rafael: “Me casé, sí señor, con una mina bárbara. Y tuve una hija.”

Rafael – Juan Carlos: “¿Y, qué tal?”

Juan Carlos – Rafael: “Y, para mí son como dos angelitos.”

Rafael – Juan Carlos: “Lindas.”

Juan Carlos – Rafael: (Serio) “No. Fallecieron. Pero digo que para mí son como dos angelitos de la guardia, por que están conmigo todo el tiempo, ¿viste?”

Rafael – Juan Carlos: (Risa ambigua) “¿Dejate de joder!”

Juan Carlos – Rafael: No, de verdad, fallecieron hace dos años.”

Rafael se deja de reír de a poco, se queda serio.

Rafael – Juan Carlos: “**Perdoname**, estoy...”

Juan Carlos – Rafael: “No hay drama...” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 60)

Rafael e Juan Carlos são amigos de infância que se reencontram depois de anos. Rafael acha que o amigo está brincando quando diz que a sua mulher e a sua filha morreram e são anjos, ele ri como se fosse uma piada, até que percebe que o amigo está falando sério. Consideramos a gafe como uma ofensa conversacional. Neste caso trata-se de uma gafe que envolve morte e luto, o grau de imposição da imagem é alto, e interpretamos que o clítico intensifica as desculpas.

O segundo caso ocorre também numa relação simétrica entre amigos, trata-se de Rafael, o protagonista, e seu primo, Nacho, quem trabalha para ele no restaurante da família, é uma relação de proximidade, daí o *voseo* do imperativo.

(8) Reflejado en el vidrio del portarretratos vemos entrar a Rafael cargando una caja de cartón que deja sobre su escritorio. Guarda en ella las fotos que decoraban el restaurante, sin nostalgia. La última foto que guarda es la del cumpleaños y casi ni la mira. Cierra la caja. Mira una de las paredes totalmente vacía de retratos pero, por las diferencias de color y suciedad y los clavos aún en ella, podemos distinguir claramente dónde estaba colgado cada cuadro, su tamaño y la cantidad que había. Hay algo en la mirada de Rafael que no habíamos advertido hasta ahora. Se da vuelta para ver otra pared y se asusta al ver Nacho mirándolo.

Rafael – Nacho: “¡Aaay! ¡Qué hacés, boludo, me querés cagar de otro infarto!”

Nacho – Rafael: “Bueno, **perdoname**, loco, te estaba mirando.” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 119)

Consideramos a reação de Nacho ao desacordo de Rafael, pela aparição repentina no restaurante como desculpas a uma ofensa territorial, no que se considerou como uma invasão de espaço. Rafael o acusa de assustar um cardíaco, e Nacho nega a ofensa, ele afirma que a ofensa foi ter ficado olhando para ele, o que em princípio não seria uma ofensa. Nacho diminui o grau de imposição de imagem com a justificativa, e intensifica as desculpas com o clítico? Ou trata-se nesse caso de uma cristalização da forma?

O terceiro caso também ocorre numa relação simétrica entre amigos de proximidade. Trata-se de desculpas reativas, Rafael se desculpou por ser indelicado com o amigo e Juan Carlos em resposta diz que não houve ofensa da parte de Rafael, quem ofendeu foi ele Juan Carlos por ter-se metido na vida de Rafael e estar apaixonado pela namorada dele.

(9) *Juan Carlos – Rafael*: “Ah, no, **perdoname** vos a mí...” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 123)

Consideramos que se trata de uma ofensa relacional, Juan Carlos pede desculpas por ter errado no seu comportamento de amigo, trata-se de uma ofensa que responde às desculpas de Rafael de forma solidária, desculpando-se também por ter-se apaixonado pela sua namorada, o que não se espera de um amigo. É uma ofensa com

alto grau de imposição da imagem, ter sido desleal a um amigo, o clítico nesse caso pode intensificar as desculpas.

O quarto e o quinto caso ocorreram nas relações simétricas de casal, nos dois casos, são as mulheres (a namorada em 10 e a ex-mulher em 11) as que se desculparam com Rafael.

(10) *Rafael – Nati*: “Natalia, no la puedo exponer a mi mamá a una cosa así. Sería un problema para ella, para mi viejo, para toda mi familia.”

Nati – Rafael: “Bueno, **perdoname**. Pensaba que yo también era parte de tu familia. (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 66)

(11) *Sandra – Rafael*: “No. No, no, no, no, no. No, cortala. Estoy cansada, es tarde, estoy indispueta, segundo día, no tengo ganas de escuchar pelotudeces, **perdoname**. ¿Vos estás en pedo? ¿Estás en pedo? ¿Vicki hacer la escuela allá? ¿Quién le va a dar clases? ¿El profesor Jirafales? Pensá lo que decís, querido, cómo va a hacer Vicki el colegio allá. ¿Qué te vas, con la pendeja?” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 97)

Consideramos que são ofensas conversacionais, uma vez que introduzem elementos de contra-argumentação em desacordos no exemplo 10, ou interrupção de turno de fala e desacordo, no exemplo 11. O grau de imposição de imagem neste caso não é alto. No exemplo 10, como no exemplo 9, a ofensa é negada, nos dois casos falta a condição de sinceridade. Nati diz, sarcasticamente, que ela achou que era da família, se fosse o caso, não teria sido ofensa ter opinado sobre o casamento dos pais de Rafael. E no exemplo 11, trata-se de uma discussão de casal sobre a educação dos filhos, esperam-se desacordos. Portanto, nestes dois casos o clítico poderia ser mais uma cristalização da forma do que uma intensificação das desculpas numa relação solidária e de proximidade.

O sexto e último caso ocorrem numa relação simétrica entre pais e filhos, em princípio é uma relação de proximidade mas, faz mais de um ano que os dois não se falam. Rafael, abraçado à mãe e chorando se desculpa.

(12) *Rafael – Norma*: “**Perdoname**, mamá. **Perdoname...**, **perdoname**.” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 137)

Consideramos que se trata de uma ofensa relacional, Rafael se desculpa com a sua mãe por não ter sido o filho que ela tinha sonhado, a grau de imposição de imagem faz com que o pedido de desculpas venha intensificado pela forma de tratamento nominal e pela repetição, além dos gestos que acompanham as desculpas: as lágrimas e o abraço, Rafael chora e abraça a mãe ao desculpar-se.

Formulação: “Perdóneme”

Identificamos no *corpus* deste trabalho 2 casos de desculpas através da formulação “*perdóneme*”:

No **roteiro colombiano** identificamos uma realização das desculpas através da formulação “*perdóneme*”. Trata-se de uma relação simétrica e de proximidade, entre amigos. Estamos diante de um caso de **ustedeo** íntimo, de proximidade, característico de Bogotá.

(13) *Carla – Maria / Blanca*: “Ustedes nunca fueron amigas de Lucy. Nunca.”

Maria – Carla: “No diga eso. Yo traté de ayudarla.”

Carla – Maria / Blanca: “¡Se me salen ya!”

Maria – Carla: “Pero yo traté de ayudarla, Carla. Se lo juro.”

Carla – Maria / Blanca: “¡Sálganse!”

Maria – Carla: “**Perdóneme.**” (*María llena eres de gracia*, Colombia, 2004:26)

Em relação à forma de tratamento, identificamos nesta comunidade o **ustedeo solidário**— ou seja, a forma que neste sistema traduz menor distância interpessoal - na relação pessoal entre amigos. Maria se desculpa por não ter contado a Carla que a irmã dela havia falecido como “mula” levando drogas no estômago. Consideramos que se trata de uma ofensa relacional, com elevado grau de imposição de imagem, uma amiga que não foi sincera nem leal. Maria falha na relação de amizade e confiança com a amiga que a recebeu em sua casa, nos Estados Unidos. O clítico pode intensificar as desculpas neste caso.

No **roteiro argentino** identificamos uma realização das desculpas através da formulação “*perdóneme*”, numa relação transacional com pouca experiência compartilhada entre os interlocutores. Rafael está conversando no restaurante com o agente de fiscalização sanitária, mas começa a duvidar que se trate de um agente, pelo comportamento estranho.

(14) *Rafael – Hombre (Oficial)*: “**Perdóneme**, oficial, ¿me permite su identificación, por favor?” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 41)

A formulação introduz um pedido de identificação de Rafael, o dono do restaurante, dirigido ao oficial, a autoridade, que veio fiscalizar as instalações e que, neste caso, pode ser interpretado como um desacordo atenuado. Consideramos que se trata de uma ofensa conversacional, uma vez que introduz um pedido de identificação e um desacordo com relação à maneira como o oficial está atuando na fiscalização em andamento. Nesta situação o **ustedeo** traduz maior distância interpessoal. Fica para

nós também a dúvida, neste caso, se o clítico intensifica as desculpas ou se é uma formulação cristalizada, em relações de menor distância interpessoal.

Formulação: “Perdona”

Identificamos no *corpus* deste trabalho 5 casos de desculpas através da formulação “*perdona*”, sem clítico.

No **roteiro mexicano** identificamos uma realização das desculpas através da formulação “*perdona*”. Este caso ocorre numa relação de casal – e, portanto, em relação interpessoal simétrica e de proximidade. Os dois acabam de se mudar para morar juntos mas tem problemas de relação, o homem perde a paciência e se desculpa.

(15) *Daniel – Valeria*: Pues bueno, ¿qué chingados quieres? **Perdona. Perdona.** Vas a ver que todo va a salir bien.” (*Amores Perros*, México, 2000:37)

Nesta comunidade o **tuteo** traduz menos distância interpessoal – e é esperado neste caso nas relações simétricas pessoais. Consideramos que se trata de uma ofensa conversacional quanto ao modo de falar dele, agravada pelo fato de que ela acabou de sofrer um acidente grave de carro e pode perder a perna. O grau de imposição da imagem do FTA parece ser importante do ponto de vista de uma ofensa conversacional, pois pode afetar a relação do casal. A formulação mais breve “*perdona*” sem o clítico é intensificada pela repetição.

No **roteiro cubano** identificamos três ocorrências das desculpas através da formulação “*perdona*”. Estes três casos ocorrem em relações simétricas e de proximidade entre amigos.

O primeiro caso cobre o que consideramos uma ofensa conversacional, trata-se de um FTA com pouca imposição de imagem. Diego se desculpa do seu erro de identificação e justifica o convite que tinha feito para David ir a sua casa:

(16) *Diego - David*: Yo a tí te conozco (...) “Te he visto muchísimas veces saliendo de la universidad.”
David - Diego: “No soy yo.”
Diego - David: “Sí, niño. ¿Cómo no vas a ser tú?”
David - Diego: “No soy yo.”
Diego - David: “Ay... **perdona** compañero Torvaldo. Sólo quería prestarte unos libros y regalarte una foto de cuando actuaste en “Casa de muñecas”. (*Fresa y chocolate*, Cuba, 1993:02)

O segundo caso refere-se também ao que consideramos uma ofensa territorial. Diego se desculpa por não ter conseguido doar sangue para a amiga que tentou se suicidar e ter implicado David, que é quem doa sangue para Nancy:

(17) Diego - David: “¡Coño! Si yo me fuera a suicidar cada vez que tengo un problema. **Perdona** que yo no haya podido donarla, pero a mi ya me tiene seco. Cuando termine vamos para la casa... que te voy a preparar un bistecito”.(Fresa y chocolate, Cuba, 1993:13)

O terceiro e último caso também reparam o que consideramos como uma ofensa territorial, Diego se desculpa por elogiar o sorriso de David e faltar assim com a promessa feita de respeitar as diferentes opções sexuais de cada um.

(18) *Diego - David*: “Compañero, la vocación se respeta. Ay, David. Estás yendo contra ti mismo. Yo tengo un amigo que de niño tenía un talento extraordinario para el piano, pero extraordinario, pero el padre se opuso por aquello de que el arte es cosa de afeminados. Hoy mi amigo tiene sesenta años, es maricón y no sabe tocar el piano. ¡Uy! ¡Una sonrisa en este día haciago! Ay, **perdona**, David. ¡Qué sonrisa más linda tienes ! No te asustes, sé cumplir mis promesas. ¿Qué signo eres?” (*Fresa y chocolate*, Cuba, 1993:14)

Nos dois primeiros casos os amigos ainda não se conhecem muito, acabaram de conhecer-se, e no último eles já são amigos, mas Diego, ao elogiar o sorriso de David, descumpre a promessa que sustenta a amizade dos dois, que é a de respeitar a heterossexualidade de David, pois o elogio pode ser interpretado como uma cantada.

No **roteiro peruano** identificamos uma realização das desculpas através da formulação “*perdona*”. Este único caso ocorre numa relação pessoal simétrica e de proximidade entre casal. Faundez se desculpa com a amante por ter sumido uns dias.

(19) *Faundez – Rosana*: “Hola amor. Sí, **perdona**, ... yo sé que debí avisarte, pero estuve muy mal, todo el día en cama sin poder moverme... el hígado otra vez, sí ¿me perdonas? No, no, tú sabes que te quiero, ninguna parranda, amor, que dices...” (*Tinta Roja*, Perú, 2000:70)

Consideramos que se trata de uma ofensa relacional, Faundez se desculpa por não ter dado notícias, o que compromete a relação do casal. Interpretamos que o **tuteo** traduz menor distância interpessoal.

Formulação: “Perdoná”

Identificamos no *corpus* deste trabalho somente 1 caso de desculpas através da formulação “*perdoná*” sem clítico.

Este único caso foi identificado no **roteiro argentino**. A formulação “*perdoná*”, ocorre numa relação que é difícil de classificar como pessoal ou transacional. Trata-se do monólogo dramático de um ator interpretando no filme um personagem que está rodando um filme, é o filme dentro do filme. O ator veterano interpreta um personagem com malária e não sabe o que é melhor: se lutar contra a doença ou deixar-se morrer. Num momento de fraqueza a personagem dramática acha que é melhor morrer, mas logo se arrepende e se desculpa com Deus.

(20) *Monólogo – Alfredo Alcón*: “Como decía el Bardo...: ser o no ser, ahí está la cosa. ¿Será más piola sufrir los cachetazos de esta malaria horrenda, o pelearla hasta que quede aplastada como un pucho? Ma’ sí...mejor morirse, total...Morirse es dormir...Ay dios, **perdoná, perdoná...**” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 108)

Interpretamos pelo **voseo** e pela seleção do verbo *perdonar*, que ele projeta uma relação simétrica e de proximidade com Deus.

Formulação: “***Perdone***”

Identificamos no *corpus* deste trabalho somente 1 caso de desculpas através da formulação “*perdone*”, sem clítico.

Este único caso foi identificado no **roteiro peruano**. A formulação “*perdone*”, ocorreu numa relação transacional assimétrica entre o estagiário e seu chefe. Os participantes da interação têm bastante experiência compartilhada, o que diminui a distância interpessoal, mas prevalece a assimetria de tratamento de inferior para superior e, portanto, Alfonso, o estagiário, trata Faundez, o chefe, de “*usted*”, mesmo que estejam fora do trabalho e falando à noite sobre relações pessoais.

(21) *Alfonso – Faundez*: “**Perdone**, no sé qué me pasa, es que... no me gusta acordarme de él, prefiero pensar que está muerto, que no existe. A veces hasta quisiera cambiarme de apellido, carajo.” (*Tinta Roja*, Perú, 2000:60)

Alfonso se desculpa pelo modo de falar, ele perdeu a paciência com as perguntas de Faundez sobre seu pai. Consideramos que se trata de uma ofensa conversacional. As desculpas estão intensificadas pela justificativa de que ele não quer responder às perguntas que o chefe lhe faz sobre seu pai. Trata-se de uma relação assimétrica mas de proximidade pela experiência compartilhada e pelo tipo de assunto tratado. Interpretamos que a assimetria se traduz na seleção do **ustedeo** – ou seja, a forma que neste sistema traduz maior distância interpessoal.

A seguir analisaremos os 17 casos encontrados das formulações com o verbo “***disculpar***” (7 casos com “*disculpe*”, 6 casos com “*disculpa*”, 2 casos com “*disculpame*” e 2 casos com “*disculpeme*”) considerando o objeto que desencadeia o ato (ofensa), o tipo de relação e a distância interpessoal dos interactantes no intercâmbio.

Formulação: “Disculpe”

Identificamos no *corpus* deste trabalho 7 casos de desculpas através da formulação “*disculpe*”:

No **roteiro colombiano** identificamos uma realização das desculpas através da formulação “*disculpe*” numa relação transacional, entre passageiros em viagem de avião, os interlocutores não se conhecem.

(22) *Pasajera – Blanca*: “**Disculpe!**” (*María llena eres de gracia*, Colombia, 2004:15)

Branca decidiu sentar ao lado de Maria já que a passageira tinha ido ao banheiro. Ao voltar, a senhora pede desculpas a Branca para poder ocupar novamente seu lugar. Consideramos uma ofensa territorial, por relacionar-se a uma invasão de espaço. Em relação à forma de tratamento, identificamos o **ustedeo não solidário** – ou seja, a forma que neste sistema traduz maior distância interpessoal – na relação transacional entre desconhecidos, com pouco ou nenhum conhecimento mútuo.

No **roteiro chileno** identificamos duas ocorrências das desculpas através da formulação “*disculpe*”.

O primeiro caso aparece numa relação de maior distância interpessoal, uma relação transacional com hierarquia funcional, na interação com a autoridade.

(23) *Ulises – Padilla*: “**Disculpe**, es que no fumo. Me tenté no más.” (*Taxi para tres*, Chile, 2001:30)

Trata-se da recusa de um oferecimento, o que consideramos na nossa análise como uma ofensa conversacional. É a única recusa de oferecimento em espanhol que se faz através de uma desculpa e não de um agradecimento, o que acentua a assimetria entre emissor e destinatário. Aqui se trata de uma interação de Inferior para Superior e o “*usted*”, recíproco na primeira instância da interação marca essa distância interpessoal máxima.

O segundo caso ocorre, ao contrário, numa relação simétrica e com pouca distância interpessoal entre amigos. Chavelo e Coto, fugindo da polícia, vão até a casa de Ulises e pedem um lugar para dormir onde possam se esconder por um tempo. Após a permissão do dono da casa, Chavelo agradece e se desculpa por incomodar.

(24) *Chavelo – Ulises*: “Gracias compadre, **disculpe** las molestias, pero si no nos damos la manito entre nosotros, calcule.” (*Taxi para tres*, Chile, 2001:63)

Consideramos a ofensa como uma ofensa territorial relativa à invasão do espaço físico. Neste segundo caso de **ustedeo**, temos ao contrário do exemplo 24, uma

forma de tratamento afetiva entre dois amigos, o trato de “*usted*” em “*disculpe*”, “*calcule*” está no outro pólo da distância interpessoal, combinado com a forma nominal “compadre” traduz situações de camaradagem, neste caso entre os dois homens da mesma idade. O sistema de formas de tratamento chileno é bastante complexo nesse sentido pois encontramos na fala de Santiago do Chile pelo menos dois tipos de *ustedeo*, o de maior distância interpessoal, exemplo 23, e o de menor distância interpessoal, com valor afetivo, exemplo 24.

No **roteiro peruano** identificamos três ocorrências de desculpas através da formulação “*disculpe*”.

As duas primeiras na relação assimétrica do estagiário para seu chefe, introduzindo um desacordo, seja na forma de redigir a notícia, exemplo 25, seja por cortar o assunto quando Faundez lhe faz muitas perguntas sobre seu pai, exemplo 26.

(25) Alfonso – Faundez: “**Disculpe** don Saúl pero eso no me consta.” (*Tinta Roja*, Perú, 2000:23)

(26) Alfonso – Faundez: “**Disculpe** don Saúl pero no me gusta hablar de esas cosas.” (*Tinta Roja*, Perú, 2000:36)

Consideramos que se trata de duas ofensas conversacionais, desacordo em relações transacionais assimétricas.

O terceiro caso também ocorre numa relação transacional entre o repórter e entrevistado, neste caso as desculpas introduzem um ato derivado, uma petição, ato exortativo impostivo segundo Haverkate (1994). O repórter pede ao familiar uma foto da vítima morta acidentalmente.

(27) Escalona – Mujer: “**Disculpe**, pero ¿no tendría usted una foto de su hijo? Para ponerla en el diario.” (*Tinta Roja*, Perú, 2000:47)

Consideramos as petições como invasões de território, nesse caso o espaço físico relativo a um objeto que pertence ao interlocutor, e por isso a tratamos como uma ofensa territorial. Além de tratar-se de uma relação transacional com pouca ou nenhuma experiência compartilhada entre os interactantes, o grau de imposição de imagem do FTA é considerável, daí a distância do trato de *usted*.

No **roteiro argentino** identificamos somente uma realização das desculpas através da formulação “*disculpe*”. Este único caso identificado ocorre numa relação transacional com a autoridade, quando Rafael se desculpa pelo comportamento do funcionário e primo, junto ao oficial que está fiscalizando o seu restaurante.

(28) *Rafael – Hombre (Oficial)*: “**Disculpe**, oficial... eh... tiene problemas... Tiene problemas desde chico... Es ... está en tratamiento...es, es...como un síndrome...es un pelotudo. Se está tratando, pero...¿No existe la posibilidad de que podamos arreglar esto de una forma más...civilizada? (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 42)

Consideramos este tipo de ofensa como uma ofensa relacional - são cidadãos que ao infringir a lei deixam de cumprir o seu papel social ou o comportamento que se espera das suas obrigações e direitos legais: neste caso, um funcionário do restaurante porta substância tóxica ilegal. As desculpas realizam um ato indireto de petição para não ser multado ou ter o restaurante embargado, a ofensa tem um alto grau de imposição da imagem, a relação é supostamente transacional (na verdade é um amigo passando trote) e de muita distância interpessoal.

Formulação: “Disculpa”

Identificamos no *corpus* deste trabalho 6 casos de desculpas através da formulação “*disculpa*”:

No **roteiro cubano** identificamos duas ocorrências das desculpas através da formulação “*disculpa*”. Esses dois casos ocorrem em relações interpessoais, simétricas e de proximidade entre amigos.

No primeiro caso Diego se desculpa por derramar café na camisa do amigo.

(29) *Diego - David*: “Ah, ay. **Disculpa**. Ay, Dios mío. ¿Te quemé? ¡Qué vergüenza! Ay, pero, ¿cómo me puede pasar eso a mí? Dejame ver. Corre. Quítate la camisa. Acabado de caer, tiene remedio.” (*Fresa y chocolate*, Cuba, 1993:05)

Consideramos que é um tipo de ofensa territorial, Diego derruba uma xícara de café quente na roupa de David, o que pode ser considerado como uma invasão do território físico corporal, já que ele tem ainda que tirar a camisa para remediar o estrago. Os dois têm pouca experiência compartilhada, acabaram de se conhecer e a imposição de imagem do FTA é considerável o que pode explicar a seleção do verbo *disculpar* numa relação entre amigos, de maior proximidade.

No segundo caso, Diego se desculpa com Nancy por discordar da interpretação que ela faz da petição dele para iniciar a vida sexual de um amigo.

(30) *Diego – Nancy*: “El favor que te iba a pedir tiene que ver con él. Nunca se ha acostado con una mujer.”

Nancy – Diego: “¿Y?”

Diego – Nancy: “¿Por qué tú no lo inicias?”

Nancy – Diego: “De cualquiera lo esperaba, menos de ti. ¿Qué te crees que soy?”

Diego – Nancy: “**Disculpa**, pero hubo un mal entendido.” (*Fresa y chocolate*, Cuba, 1993)

Consideramos que é um tipo de ofensa territorial porque envolve a doação do corpo de Nancy. Trata-se de uma relação de proximidade daí o **tuteo** entre amigos, mas o grau de imposição de imagem da ofensa é importante, daí a seleção do verbo *disculpar*. Diego ofende verbalmente Nancy, mas discorda da interpretação que ela dá a sua petição. O enunciado 30 é a seqüência anterior a (5). Diego se desculpa com Nancy porque discorda de sua interpretação – ela acha que ele está pedindo para voltar a prestar serviços como prostituta - e emprega na interação cara a cara “*disculpa*”, exemplo 30, já quando ela vai embora, e ele se desculpa atrás da porta, reitera as desculpas com “*perdóname*”, exemplo 5.

Esta variação parece demonstrar que “*disculpa*” e “*perdóname*” são intercambiáveis no contexto cubano, uma vez que ambos se referem à mesma ofensa e ao mesmo tipo de relação. Entretanto, podemos pensar que com *perdóname* são intensificados os laços de proximidade da relação, da confiança e do afeto pela seleção do verbo, do clítico e do **tuteo**, claro.

No **roteiro chileno** identificamos duas ocorrências das desculpas através da formulação “*disculpa*”. Esses dois casos ocorrem em relações ambíguas, de transição entre relações pessoais e transacionais. Prostituta ou amante? Assaltante ou amigo? São momentos chave da trama em que há uma virada na relação entre os personagens do filme. Estes dois casos de “*disculpar*” com **tuteo** ocorreram em relações interpessoais entre amigos ou entre casal, com pouca experiência compartilhada, sendo que no caso do casal o grau de imposição de imagem do FTA que constitui a ofensa é bastante importante.

No primeiro caso, Ulises quer pagar a primeira noite de amor que teve com a Jeanette, mas ela recusa receber o dinheiro e ele se desculpa, embaraçado.

(31) *Ulises – Jeanette*: “Sin boleta, ¿okey?”
(La vendedora, ofendida, mueve la cabeza. Ulises guarda el dinero, confundido)
Ulises – Jeanette: “**Disculpa**” (*Taxi para tres*, Chile, 2001:49)

Consideramos que se trata de uma ofensa conversacional, um erro de identificação do interlocutor numa relação entre casal, mas o FTA da ofensa tem um alto grau de imposição à imagem.

No segundo caso, Chavelo numa situação paródica se desculpa com Ulises por recebê-lo com a casa desarrumada, e justifica a bagunça dizendo que a empregada - “*la nana*” - não foi limpar hoje.

(32) *Chavelo – Ulises*: “**Disculpa** el desorden taxista, pero es que hace días que no viene la nana.” (*Taxi para tres*, Chile, 2001:45)

Na verdade Ulises está chegando ao quarto dos fundos da sua própria casa onde aceitou receber Chavelo e Coto, os dois assaltantes procurados pela polícia. Trata-se de uma paródia de ofensa territorial, uma fórmula convencionalizada de boas vindas quando se recebe uma visita sem muita proximidade na relação interpessoal.

No **roteiro peruano** identificamos duas ocorrências de desculpas através da formulação “*disculpa*”.

O primeiro caso ocorre numa relação assimétrica, o chefe se dirige ao estagiário com “*tú*” e recebe do estagiário “*usted*”, mesmo que haja muita experiência compartilhada entre os participantes da interação e que nem sempre se trate de situações de trabalho.

(33) *Alfonso – Faundez*: “Ya dije que no. ¿Qué está haciendo, un reportaje? ¿Quiere sacarme información? ¿escribir sobre hijos abandonados, padres conchasumadres...”
Faundez – Alfonso: “**Disculpa**” (*Tinta Roja*, Perú, 2000:60)

Consideramos que se trata de uma ofensa conversacional. Faundez se desculpa por estar fazendo perguntas pessoais a Alfonso, invadindo seu espaço privado. Interpretamos que a seleção do tuteo se refere ao grau de experiência compartilhada e à hierarquia superior do emissor, à seleção do verbo “*disculpar*” poderia ser explicada ao tipo de ofensa, um FTA com mais imposição de imagem.

O segundo caso também ocorreu numa relação transacional, só que desta vez simétrica. A jornalista Rosana, amante do chefe, se dirige ao estagiário de “*tú*”, e também recebe neste caso “*tú*”.

(34) *Rosana – Alfonso*: “Ay, querido, **disculpa**. ¿Cómo va todo? Pensé que esta mañana me ibas a pedir que te acompañara ya que tu jefe se nos perdió. ¿Tienes algo que valga la pena compartir?” (*Tinta Roja*, Perú, 2000:70)

Rosana se desculpa ao telefone por ter confundido o estagiário com o amante e ter brigado com ele ao telefone pensando que estava falando com Faundez. Consideramos que esse tipo de problema ou falha na identificação do destinatário, sobretudo ao telefone, é um tipo de ofensa conversacional, que em si não representaria muita carga de imposição à imagem, mas Rosana discute e insulta o destinatário, pensando que é Faundez. Interpretamos que o **tuteo** traduz a relação de proximidade, e a seleção do verbo “*disculpar*” sem clítico poderia ser explicada pelo tipo de ofensa e a avaliação do FTA por parte do emissor.

Formulação: “Disculpame”

Identificamos no *corpus* deste trabalho 2 casos de desculpas através da formulação “*disculPAmé*”, com **voseo** e clítico.

Estes dois casos com a formulação “*disculpame*” ocorreram no **roteiro argentino**. O primeiro caso ocorre numa relação transacional de compra e venda. Rafael se desculpa pelo modo de falar com o provedor, com quem trabalha há anos.

(35) Suena el celular. Rafael atiende.

Rafael – Molina: “Hola. Molina. ¿Qué pasó con el vino, viejo? ¿Mmm? (*Se pone serio.*) No, no, pará, tranquilizate un poco. Calmate.”

Rafael – Molina: (Off-sigue) “No. Me parece que está fuera de lugar que me digas una cosa así... ¡Che! No, no me digas chanta. No, nosotros depositamos la plata hace tres días... ¿Yo alguna vez te quedé debiendo alg...? ¡A la mierda te vas vos, che!

Rafael – Molina: “¡ Sí! Pará, pará un cachito, pará un cachito, pará un cachito. Ehhh...**disculpame**. Mandame el vino, por favor... Sí, mañana tenés la guita, quedate tranquilo... es que estoy un poco nervioso, **disculpame**, qué voy a hacer. Sí. Sí. Mandame seis cajas de blanco también que siempre alguien de mal gusto aparece. Bueno. Chau. Y gracias.” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 37/38)

Consideramos que se trata de uma ofensa conversacional, Rafael desculpa-se por insultar o provedor, por reação manda o homem “*a la mierda*”, mas decide mudar o tom da conversa pois corre o risco de perder a relação e não receber a entrega de mercadorias que precisa. Interpretamos o **voseo** na relação transacional pela experiência compartilhada e provavelmente por serem interlocutores da mesma idade e gênero. Interpretamos a seleção do verbo *disculpar* pelo grau de imposição à imagem do FTA a ofensa, no caso ter retrucado o insulto e pela avaliação material das conseqüências de um rompimento.

O segundo caso ocorre numa relação pessoal entre amigos, Juan Carlos se apresenta, no corredor do hospital, a Nati, a namorada do amigo que está internado.

(36) *Juan Carlos – Nati*: “**Disculpame**, ¿vos sos Nati?”

Nati – Juan Carlos: (Se seca las lagrimas.) ¿Eh? Sí.” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 55)

Trata-se de um pedido de identificação entre dois desconhecidos, uma espécie de pedido de licença para começar uma interação. Consideramos portanto a ofensa como uma ofensa conversacional numa relação interpessoal. Identificamos um voseo de proximidade e interpretamos que a seleção do verbo *disculpar*, se deve à situação de pouca experiência compartilhada entre dois desconhecidos, e à invasão de território que é dirigir-se a uma mulher sozinha desconhecida no corredor de um hospital. Interpretamos que o clítico aqui se refere à coloquialidade, diminui a distância do verbo *disculpar*, remete às relações de proximidade mútua de Juan Carlos com Rafael, enquanto amigo e de Nati com Rafael, enquanto namorada. Essa marca de

coloquialidade também está no conhecimento da forma nominal reduzida, familiar de *Natalia*, que Juan Carlos demonstra na sua primeira abordagem com uma desconhecida.

Formulação: “Disculpeme”

Identificamos no *corpus* deste trabalho 2 casos de desculpas através da formulação “*disculpeme*”:

Estes dois casos com a formulação “*disculpeme*” ocorrem no **roteiro argentino**. Os dois casos identificados ocorreram em relações transacionais, com pouca proximidade interpessoal.

No primeiro caso trata-se de uma relação de compra e venda e introduz um desacordo conversacional de Rafael com a secretária do contador.

(37) *Rafael – Proveedor*: “**Discúlpeme**, señorita, hace dos días que depositó mi contador...¿Y ahora me vienen con que no hay fondos? Bueno, deme con alguien que sepa algo. (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 15)

Trata-se de uma ofensa que consideramos como ofensa conversacional porque introduz um desacordo.

No segundo caso, trata-se de uma interação com a autoridade, e introduz uma petição indireta de não ser multado pelo policial por estar dirigindo e falando ao celular ao mesmo tempo

(38) *Rafael – Policía*: (Sigue. Cuelga. Frena). “Sí, **discúlpeme**, oficial, ya sé, venía hablando por el celular. ¿Sabe qué pasa? Tengo a mi mujer embarazada, y estoy...” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 20)

Ao infringir uma lei de trânsito, consideramos que se trata de uma ofensa relacional. Interpretamos que o **ustededeo** reforça a hierarquia e a distância entre o infrator e o guarda de trânsito, assim como a seleção do verbo *disculpar*. E neste caso, interpretamos que o clítico intensifica as desculpas, reforçando o ‘favor’ ou o presente que está sendo pedido por Rafael, a indulgência da multa.

Formulação: “Perdonar” x “Disculpar”

A distribuição das formulações “*perdonar*” e “*disculpar*” em espanhol é indiscutivelmente estratégica, variando em função de diferenças dialetais mas também

em função do tipo de ofensa, de relação social e de distância interpessoal. Cabe perguntar-nos se essas diferenças dialetais estão relacionadas às formas em si ou às diferenças de organização social, ao perfil comunicativo e às preferências de interação. A preferência pelas formas com *disculpar* em alguns filmes, e nas suas respectivas comunidades socioculturais, é uma preferência por esta forma ou por marcar a distância interpessoal nas interações, como resquício de sociedades mais conservadoras?

A combinação da forma de tratamento, do verbo e da forma pronominal, com ou sem clítico, permite um elenco variado de formulações que se amoldam ao contexto de acordo com a atualização dos traços de contexto que parecem mais favoráveis ao emissor no intuito de alcançar seu propósito comunicativo.

A partir dos nossos dados, podemos afirmar a preferência em todos os roteiros pela formulação com “*perdonar*” em relações simétricas e de menor distância interpessoal e pela formulação com “*disculpar*” em relações assimétricas e de maior distância interpessoal. A seleção destes dois verbos combinada com a seleção das formas de tratamento nominais e verbo-pronominais graduam essa distância ou proximidade, sendo que ainda o clítico, ou seja, a forma pronominal do verbo pode tanto aumentar o fator de coloquialidade, diminuir a distância ao marcar a condição de proximidade ou afeto da relação, quanto intensificar as desculpas.

As formulações diretas com o verbo em imperativo são as mais frequentes, mas alternam ainda com as formulações elípticas e com menos frequência com as performativas na expressão direta das desculpas.

2.1.2. As formulações elípticas

A formulação elíptica das desculpas é a segunda formulação direta mais frequente no *corpus* em espanhol. Registramos 19 ocorrências de desculpas realizadas através da formulação elíptica “*perdón*”.

Observamos a seguinte distribuição da formulação elíptica: 10 casos no roteiro argentino; 3 casos no roteiro colombiano e mexicano; 1 caso no roteiro espanhol, cubano e chileno; e nenhuma ocorrência no roteiro peruano. Vejamos nos roteiros hispânicos como se realizam essas formulações das desculpas considerando, mais uma vez, o objeto que desencadeia o ato valorizador ou FFA, ou seja, a ofensa, ou

FTA, que reclama um FFA para reequilibrar a relação, bem como, o tipo de relação social e a distância interpessoal dos interactantes no intercâmbio:

Formulação: “Perdón”

No **roteiro espanhol** encontramos 1 caso da realização das desculpas através da formulação elíptica “*perdón*”. Esta única ocorrência ocorre numa relação interpessoal simétrica com pouca experiência compartilhada entre amigos.

(39) *Víctor – David: (suave) “Perdón.* (a David) Me gustaría hablar contigo antes de irte.” (*Carne Trémula*, España, 1997: 162)

Víctor e David são dois homens da mesma idade, e rivais no amor. Víctor vai até a sala de Elena para falar com David, pede desculpas por abrir a porta, entrar e começar uma interação verbal com alguém que se supõe é seu inimigo. Consideramos como uma ofensa conversacional a interrupção ou o pedido de início de intercâmbio. Trata-se de uma fórmula ritual, bastante convencionalizada neste tipo de função pragmática.

No **roteiro mexicano** encontramos 3 casos da realização das desculpas através da formulação elíptica “*perdón*”, as três ocorrências reparam o que consideramos como ofensas conversacionais.

O primeiro caso de desculpas para reparar a ofensa conversacional ocorre numa relação transacional simétrica entre o médico e o namorado da paciente, os dois homens têm a mesma idade e se conhecem há muito tempo. Nacho se esquece que Daniel não está mais casado e que agora vive com Valéria, a amante que está doente.

(40) *Nacho(médico) – Daniel: “¿Tú asumes la responsabilidad?”*

Daniel – Nacho: “Muchas gracias, Nacho.”

Nacho / Daniel: “No hay de qué. Saludos a Julieta. Perdón, es la costumbre. Beso a las niñas.”

Daniel – Nacho: “No hay problema.” (Amores Perros, México, 2000:30)

Consideramos este tipo de ofensa como uma gafe verbal, um comportamento verbalmente inadequado, o médico da família se deixa levar pelo hábito conversacional de mandar lembranças a Julieta, a ex-esposa e para as filhas de Daniel, seu amigo. O grau de imposição de imagem não é muito elevado, visto que ele acaba de deixar a mulher e quem comete a gafe verbal está tendo um papel fundamental na recuperação de Valéria, após o acidente de carro.

O segundo caso de desculpas ocorre numa relação transacional entre colegas de trabalho. Trata-se de uma interrupção de intercâmbio entre interlocutores que não

possuem muita experiência compartilhada nem têm muita proximidade. Em meio a uma reunião com clientes a secretária de Daniel avisa que ele tem uma ligação e ao deixar a sala e conseqüentemente ter que interromper a reunião, Daniel se desculpa.

(41) *Secretaria – Daniel*: “Licenciado Estrada, tiene una llamada.”

Daniel – Secretaria: “Diles que dejen su número que yo me comunico después.”

Secretaria – Daniel: “Me parece que es urgente, creo que es su esposa.”

Daniel – Colegas de trabajo: “**Perdón.**” (*Amores Perros*, México, 2000:36)

Consideramos com uma ofensa conversacional, no sentido em que o que está em jogo é a interrupção momentânea do intercâmbio conversacional, mais uma vez o grau de imposição de imagem é baixo, a interrupção é momentânea, embora tome mais tempo dos demais, invasão de território temporal do outro.

O terceiro caso de desculpas ocorre numa relação interpessoal simétrica entre casal. Trata-se de um erro de identificação entre interlocutores, Daniel ao atender ao telefone pensa que é sua ex-mulher Julieta, pois a secretária tinha avisado que era sua esposa, mas era Valéria a atual namorada, que não gosta nada da confusão.

(42) *Daniel (teléfono)*: “Julieta, ¿qué pasó? Julieta, contesta.”

Valeria – Daniel: “Yo no soy Julieta.”

Daniel – Valeria: “Mi amor, **perdón.** Es que la secretaria...” (*Amores Perros*, México, 2000:36)

Consideramos que se trata de uma ofensa conversacional, um problema de identificação do interlocutor, bastante comum ao telefone, mas a ofensa se agrava pela situação do casal, recém constituído e já com problemas de relacionamento, Daí a intensificação das desculpas com justificativa e com a forma nominal *mi amor*.

No **roteiro cubano** encontramos 1 caso da realização das desculpas através da formulação elíptica “*perdón*”. Esta ocorrência aparece numa relação interpessoal entre amigos, com pouca experiência compartilhada, Nancy entra sem avisar na casa de Diego, e encontra David lá dentro.

(43) *Nancy - David*: “¿Llegaron las cebollas?”

David - Nancy: “No...”

Nancy - David: “Ay... **perdón.** Yo pensé que Dieguito estaba solo (...) Como vi la puerta abierta (...)” (*Fresa y chocolate*, Cuba, 1993:05)

Consideramos que se trata de uma ofensa territorial, entrar na casa de alguém, mesmo que seja um amigo, sem avisar nem bater. Mais uma vez o grau de imposição de imagem da ofensa é baixo, compensado pelas desculpas e pela intensificação das desculpas com a justificativa.

No **roteiro colombiano** encontramos 3 casos das desculpas através da formulação elíptica “*perdón*” e as 3 ocorrências reparam ofensas conversacionais:

O primeiro caso de desculpas para reparar a ofensa conversacional ocorre na relação interpessoal entre amigos, com pouca experiência compartilhada. Franklin começa a rir quando Maria diz que vai tentar trabalhar em Bogotá na casa de uma família. Ela pede para ele não rir, e ele, após perceber que cometeu uma gafe, se desculpa e intensifica as desculpas justificando seu riso.

(44) *Franklin – María: “Oíste, y vos ¿a qué vas a Bogota?”*

María – Franklin: “A Bogotá voy porque yo tengo una amiga que trabaja allá. Ella trabaja en una casa de ricos. Y no sé, me va a ayudar. No, no se ría.”

*Franklin – María: “No, no, que pena, **perdón**. Lo que pasa es que vos estás muy bonita como para irte de sirvienta. Pues una mamacita para disfrazarte de gorrito y delantal y todo” (María llena eres de gracia, Colombia, 2004:9)*

Consideramos o riso como uma ofensa conversacional, uma gafe, ou comportamento inadequado, não verbal. Os dois estão rindo e conversando, rola um clima de paquera, consideramos então que a ofensa nesse caso não tem um grau de imposição da imagem tão elevado como no exemplo 6, quando Rafael ri da morte da mulher e da filha de Juan Carlos, por exemplo.

O segundo caso de desculpas com formulação elíptica ocorre na relação interpessoal de Maria com um rapaz que trabalha no posto de gasolina. Trata-se de um início de intercâmbio com pessoa desconhecida. Maria está num país estrangeiro, precisa chegar até a casa da Carla, mas não sabe como ligar, então decide perguntar ao frentista o que fazer para ligar.

(45) *Maria – Homem que trabalha no posto de gasolina: “**Perdón**, ¿sabe como hago una llamada?”*

Homem que trabalha no posto – Maria: “¿qué?” (María llena eres de gracia, Colombia, 2004:18)

Temos umas desculpas bem formulaicas que servem para introduzir perguntas, ou seja, pedido de informação. Neste caso o pedido de informação está relacionado a um modo de operar, mas também é freqüente para a orientação espacial. Consideramos a ofensa como uma ofensa conversacional, pois se trata de começar um intercâmbio conversacional com um desconhecido, invadindo seu território temporal e físico-mental.

O terceiro ato de desculpas ocorre numa relação interpessoal entre amigos, com pouca experiência compartilhada. María já havia se apresentado a Carla, mas como ela não se lembrava do nome, perguntou novamente.

(46) *Carla – Maria: “**Perdón**. ¿Cómo se llama otra vez?”*

Maria – Carla: “María Álvarez.” (María llena eres de gracia, Colombia, 2004:19)

Temos um pedido de desculpas bem convencional que serve para introduzir um pedido de identificação ou um pedido para repetir/confirmar uma informação já dada conversacionalmente. Consideramos este tipo de ofensa como uma ofensa conversacional, trata-se de um pedido de identificação, bastante convencionalizado entre interlocutores que possuem pouco conhecimento mútuo.

No **roteiro chileno** encontramos 1 caso das desculpas através da formulação elíptica “*perdón*”. Esta ocorrência de desculpa aparece numa relação transacional assimétrica com a autoridade, numa relação entre duas pessoas com pouca experiência compartilhada e de grande distância interpessoal, acentuada pela atitude do policial. O policial começa a fumar durante o interrogatório informal sem oferecer cigarro ao Ulises, o taxista interrogado, se desculpa por não ter oferecido o cigarro ao interrogado.

(47) *Padilla – Ulises*: “¡Ah! **Perdón**, no le ofrecí.” (*Taxi para tres*, Chile, 2001:30)

A condição de sinceridade aqui não se realiza, o policial apenas finge um tratamento de cortesia, procurando reparar uma suposta ofensa conversacional, consideramos que se trata de uma gafe verbal, ou seja, um comportamento verbal considerado inconveniente entre interlocutores, fumar ou comer diante de outra pessoa sem oferecer. Trata-se em princípio de uma paródia a um tipo de ofensa sem muito grau de imposição à imagem, sobretudo se a pessoa percebe que não oferece, reconhece, se desculpa e oferece em seguida.

No **roteiro argentino** encontramos 10 ocorrências da formulação das desculpas através da forma elíptica “*perdón*”.

Destes 10 casos de desculpas com a formulação elíptica “*perdón*”, 7 reparam o que consideramos ofensas conversacionais. Temos ofensas, ou FTAs, relacionadas à identificação do interlocutor (3 casos); à interrupção de turno de fala ou intercâmbio (2 casos); a gafe verbal (1 caso); e ao modo rude ou insultante de falar (1 caso).

As desculpas para reparar problemas de **identificação** são as mais frequentes, temos três casos no roteiro argentino.

O primeiro caso de desculpas ocorre na interação pessoal de Rafael com um desconhecido ao atender o celular, trata-se de uma relação interpessoal com alguém que se supõe tem experiência compartilhada com ele, se não, não chamaria ao celular. Rafael se desculpa por não saber quem está falando ao telefone e por pedir para o interlocutor se identificar.

(48) *Rafael – Sargento García: (Atiende) “¡Perdón! ¿Quién es? ¡Uh, Sargento García, cómo le va! No, oíme...Hablé con mi viejo, le pregunté, no se acuerda para nada de vos...Después te lo presento...(A un mozo.) Poneme esto en un balde y llevámelo a la mesa. (Al teléfono.) ¿Eh? Sí, tomé las tres, sí, las tres...” (El hijo de la novia, Argentina, 2001:88)*

Trata-se de um caso recorrente ao telefone, no caso do celular imaginamos que seja alguém conhecido, mas pela pouca experiência compartilhada nos últimos anos Rafael não reconhece Juan Carlos, o amigo de infância. Não reconhecer alguém no telefone não é uma ofensa que tenha um alto grau de imposição de imagem.

O segundo e o terceiro caso de desculpas ocorrem na interação pessoal de Rafael com o pai de sua namorada, no dia em que os dois se conhecem. Rafael erra na identificação do homem da sua mesma idade, por não conhecer pessoalmente o pai da namorada, acha que ele é amante dela, ao surpreendê-los numa cena afetuosa de despedida dentro do carro.

(49) *Rafael – Padre de Nati: “¿Quién? Uy, perdón. Perdón. Hace tanto tiempo que quería conocerlo, conocerte, digo...” (El hijo de la novia, Argentina, 2001: 114)*

(50) *Rafael - Padre de Nati: “Lo que pasa es que...perdón, me imaginé, no sé, un padre...más padroso. Familiar, eh...perdón.” (El hijo de la novia, Argentina, 2001: 115)*

A ofensa tem um alto grau de imposição de imagem, as desculpas são intensificadas pela interjeição *uy*, pela repetição *perdón perdón*, pela justificativa *lo que pasa es que...*, e pela extensão das desculpas por dois turnos de fala. Neste caso, a não identificação do destinatário não é tão comum como no caso do telefone. Os dois homens têm pouca experiência compartilhada, Rafael não sabe que tipo de distância adotar - maior por ele ser o pai da namorada *conocerlo*, ou menor por eles terem a mesma idade *conocerte*.

O uso da forma elíptica *perdón* parece ser uma estratégia de Rafael para escapar das formas de tratamento, que o obrigam a tomar uma posição com relação à distância interpessoal, distância essa com a qual Rafael tem dificuldade de lidar, pois não sabe como posicionar-se com relação ao pai da namorada, que distância assumir.

As desculpas para reparar problemas de **interrupção** de turno de fala ou de intercâmbio conversacional também são recorrentes, temos dois casos no roteiro argentino.

O primeiro caso de desculpas por uma interrupção ocorre numa interação transacional de compra e venda. Rafael, o dono do restaurante, se desculpa com Sciacalli, representante do grupo italiano que quer comprar o restaurante, por ter interrompido a interação para atender à ligação da ex-mulher no celular.

(51) *Rafael – Sandra*: “ ¡Sandra! ¡Qué querés! Sí, ya sé que hoy es jueves. No, no me voy a olvidar, yo la voy a buscar... ¡Qué no me voy a olvidar, terminála...! ¡¿Cómo me voy a olvidar?! ¡Es mi hija! ¡Chau!” (Cuelga. A Sciacalli)
Rafael – Sciacalli: “Sciacalli...**Perdón**. Mi ex mujer. Qué bárbaro sería ser viudo, ¿no?”
Sciacalli – Rafael: “Yo soy viudo.”
Rafael – Sciacalli: “Uy, **Perdón**.”
Sciacalli – Rafael: “No, es bárbaro.” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 13)

O grau de imposição da ofensa não é muito importante, e nesse caso, responde a uma necessidade conversacional rotineira, no caso de interrupção de intercâmbio.

O segundo caso de desculpas por uma interrupção se refere a uma interrupção do próprio turno de fala numa interação transacional entre o ator principal com o resto da equipe que está filmando. Trata-se de um pedido de desculpas dirigido a um grupo de interlocutores plural. O ator se desculpa por interromper a gravação, por ter esquecido a fala do personagem dele.

(52) *Alcón – Director*: “Oíme, es el desfile de Nueve de Julio, ahí atrás... no veo más que movimiento..., faltan los cañones, no-más...”
Director – Alcón: “Pero, nadie se movió, Alfredo, estaba yo solo ahí, te lo puedo asegurar...”
Alcón – Director: “Pero, entonces tengo que ver qué me pasa a mí... ¿algo?”
Director – Alcón: “No, no te pasa nada...pero ¿te sentís bien?”
Alcón – Director: “Por qué no me voy a sentir bien... Si se mueven, se mueven, a mí y a cualquier actor del mundo...”
Director – Alcón: “OK, te pido mil disculpas, quedate tranquilo...OK, OK, te pido mil disculpas...;Chicos, por favor! ¿Hacemos un poco de silencio?”
Alcón – Director: “**Perdón**, eh...” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 109)

O grau de imposição de imagem desta ofensa nesse caso, mais uma vez, não é muito importante, e também responde a uma necessidade conversacional rotineira, no caso de interrupção da própria fala por esquecimento, dúvida ou ato falho.

As desculpas para reparar **gafes** verbais ou não verbais também são situações conversacionais freqüentes com este tipo de formulação elíptica, embora só tenhamos uma ocorrência no roteiro argentino.

O único caso de desculpas ocorre numa interação transacional de compra e venda. Rafael comete uma gafe; ao desligar o telefone ele comenta que seria ótimo ser viúvo e Sciacalli diz que é viúvo, sem querer tem um comportamento verbal inadequado.

(53) *Rafael – Sandra*: “ ¡Sandra! ¡Qué querés! Sí, ya sé que hoy es jueves. No, no me voy a olvidar, yo la voy a buscar... ¡Qué no me voy a olvidar, terminála...! ¡¿Cómo me voy a olvidar?! ¡Es mi hija! ¡Chau!” (Cuelga. A Sciacalli)
Rafael – Sciacalli: “Sciacalli...Perdón. Mi ex mujer. Qué bárbaro sería ser viudo, ¿no?”
Sciacalli – Rafael: “Yo soy viudo.”
Rafael – Sciacalli: “Uy, **Perdón**.”
Sciacalli – Rafael: “No, es bárbaro.” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 13)

O grau de imposição da ofensa neste caso é maior, uma vez que Rafael faz humor com a morte da esposa, numa relação transacional, com alguém com pouca

experiência compartilhada, a distância interpessoal existe, Rafael trata o destinatário pelo sobrenome, forma de tratamento nominal de distância, nas relações transacionais ou com desconhecidos.

As desculpas para reparar o **modo de falar** também são situações conversacionais frequentes, embora no roteiro argentino só ocorra uma vez.

O único caso de desculpas ocorre na interação pessoal de Rafael com sua mãe. Rafael atende ao celular e insulta o funcionário do banco pela confusão com suas contas. Quando desliga se desculpa com a mãe que estava perto e escutou tudo o que foi dito:

(54) *Rafael – Norma:* (Alcanzándolos)“ **Perdón**, mami, me puse nervioso.” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 28)

O grau de imposição da ofensa, neste caso, não é muito importante, considerando que a mãe tem Alzheimer e não reconhece nem lembra nada, e que ela mesma adora dizer palavrões. Trata-se de uma ofensa conversacional rotineira, os insultos não estavam dirigidos à mãe mas a outro destinatário, o que se considera como ofensa é ela ter ouvido a discussão e os insultos.

Dos 10 casos de desculpas, no roteiro argentino, com a formulação elíptica “*perdón*”, os 3 restantes reparam o que consideramos ofensas territoriais.

O primeiro caso de desculpas, por uma ofensa que consideramos como ofensa territorial, usando a formulação elíptica *perdón*, ocorre na interação pessoal de Rafael com sua ex-mulher, Sandra. É uma relação de casal, com muita experiência compartilhada, no caso deles demais, e de proximidade também. Rafael chega atrasado para buscar a filha na escola por isso sua ex-mulher precisa se ausentar do trabalho e ir até a escola.

(55) *Sandra – Rafael:* “¡Vos te creés que yo no trabajo! ¡Tengo cosas mucho más importantes que tu restaurante de mierda!”
Rafael – Sandra: “¡Ah, Bueno! ¡**Perdón**, doctora! ¿Victoria está bien?” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 33)

Consideramos a ofensa como uma ofensa territorial relacionada ao território temporal do outro. As desculpas de Rafael são uma reação à recriminação da ex-mulher. Trata-se de um caso de desculpas, provocadas ou exigidas pela crítica ao comportamento. Rafael se desculpa de forma irônica, a forma nominal “*doctora*” assim o indica e a condição de sinceridade nesse caso está comprometida.

O segundo caso de desculpas também ocorre na interação pessoal de Rafael com sua ex-mulher, Sandra. Rafael vai até a casa de Sandra levar a filha deles, só que decide subir sem avisá-la. Mais uma vez ela reclama e ele se desculpa.

(56) *Sandra – Rafael*: “No avisaste que subías.”

Rafael – Sandra: “Ah, **Perdón**” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 90)

Trata-se, mais uma vez, de um caso de desculpas provocadas ou exigidas pela crítica ao comportamento. Rafael se desculpa mas sem muita convicção, a interjeição “*ah*” acusa o recebimento da crítica e a entonação denota que a condição de sinceridade nesse caso também está comprometida. É um caso de desculpas convencional, puramente formal, uma troca ritual da conversação, orientado pelo par adjacente crítica-resposta.

O terceiro caso de desculpas ocorre na interação transacional de Rafael com uma colega doente da mãe, internada na mesma clínica que ela, trata-se de uma senhora de idade e desconhecida. Rafael se desculpa com a outra paciente internada na clínica geriátrica que está comendo e lhe devolve o pão que sua mãe doente pegou, ao passar pela mesa do refeitório comum.

(57) *Rafael – Señora de la clínica geriatra*: “No, no, deja eso. No es tuyo. **Perdón**.”

Rafael- Norma: ¿Tenés hambre?” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 142)

Consideramos que se trata de uma ofensa territorial, relacionada à subtração de um objeto físico pertencente ao outro. O grau de imposição de imagem neste caso não é alto devido às circunstâncias da doença da mãe e da outra paciente que parece não ter consciência do que ocorre ao seu redor.

A partir de nossos dados, observamos que a formulação elíptica “*perdón*” pode ser considerada como uma formulação convencionalizada, trata-se de uma expressão fixa, fossilizada, para momentos conversacionais específicos, ritualizados no trato com pessoas sem muita proximidade entre si ou experiência compartilhada. Do total de 19 ocorrências, 15 desculpas reparam o que consideramos como ofensas conversacionais, sobretudo problemas de identificação do interlocutor ou interrupção do intercâmbio, no início ou ao final da interação, dois momentos delicados do ponto de vista do sistema de cortesia, ou ofensas relacionados ao que se diz ou ao modo como se diz, e 4 desculpas que reparam o que consideramos como ofensas territoriais sem muito comprometimento ou imposição da imagem, tais como, entrar na casa de alguém sem se anunciar, tirar a comida de alguém num hospital para doenças mentais ou chegar atrasado em algum lugar.

São, portanto, formas menos marcadas do ponto de vista da polidez no sentido de que não pressupõem um verdadeiro “*work face*”, o fato de usá-las não significa que seja necessariamente uma estratégia de polidez, no sentido de preservação das faces ameaçadas na interação. São quase obrigatórias do ponto de vista do funcionamento conversacional, conforme os diferentes sistemas sócio-culturais, sua presença não é necessariamente cortês, mas sua ausência se reconhece imediatamente como descortês.

2.1.3. As formulações performativas

A formulação performativa das desculpas é a terceira formulação direta identificada no *corpus* em espanhol, em termos de frequência de uso. Das **59 desculpas** através de formulações diretas, repertoriamos somente 2 casos, ambos no roteiro argentino, as duas fórmulas encontradas são: “*te pido mil disculpas*” e “*quería pedirte disculpas por..*”.

Formulação: “*te pido mil disculpas*”

Este caso de desculpas através da formulação performativa “*te pido mil disculpas*” ocorre numa interação transacional do diretor do filme para o ator. Os figurantes e a equipe de gravação estão caminhando perto do ator no momento que está sendo gravada a fala dele. Por essa invasão física, do som ou do ruído que desconcentra, o ator esquece a fala e ao reclamar com o diretor, este se desculpa.

(58) *Alcón – Director*: “Oíme, es el desfile de Nueve de Julio, ahí atrás... no veo más que movimiento..., faltan los cañones, no-más...”

Director – Alcón: “Pero, nadie se movió, Alfredo, estaba yo solo ahí, te lo puedo asegurar...”

Alcón – Director: “Pero, entonces tengo que ver qué me pasa a mí... ¿algo?”

Director – Alcón: “No, no te pasa nada...pero ¿te sentís bien?”

Alcón – Director: “Por qué no me voy a sentir bien... Si se mueven, se mueven, a mí y a cualquier actor del mundo...”

Director – Alcón: “OK, **te pido mil disculpas**, quedate tranquilo...OK, OK, **te pido mil disculpas...**¡Chicos, por favor! ¿Hacemos un poco de silencio?”

Alcón – Director: “Perdón, eh...” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 109)

Trata-se do que consideramos como uma ofensa conversacional, a fala dos outros interrompe o turno de fala do ator em seu monólogo dramático. É o diretor o responsável por garantir as condições de trabalho ideais para a gravação, que tem um alto custo financeiro. Portanto, o fato do ator ter que recomençar muitas vezes sua fala implica em prejuízo econômico, além do que se trata de um ator veterano, de uma

estrela temperamental, daí a intensificação das desculpas com a formulação performativa, a repetição, a quantificação (*mil*), o acordo (*OK*) e a petição de silêncio.

Formulação: “quería pedirte disculpas por lo del otro día...”

Este caso de desculpas através da formulação performativa “*quería pedirte disculpas por lo del otro día...*” procura reparar o que consideramos como uma ofensa conversacional. Rafael se desculpa com o amigo por ter gritado e insultado Juan Carlos quando ele disse que estava apaixonado por sua namorada, Nati:

(59) *Rafael - Juan Carlos*: “Sí, no..., yo tampoco sé. No, vine...che, boludo, **quería pedirte disculpas por lo del otro día...**” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 123)

O grau de imposição de imagem foi alto durante a discussão, com insultos, gritos, ameaças de briga corporal. Daí a formulação performativa e a visita à casa do amigo, que reage positivamente negando que houve ofensa por parte de Rafael e assumindo sua culpa ou ofensa no caso, como se viu no exemplo 9. Responder às desculpas desculpando-se é uma estratégia solidária para contrabalançar o peso das desculpas iniciais e seu grau de imposição da imagem para o emissor, negando a ofensa ou assumindo a ofensa para si.

Em síntese, nos roteiros hispânicos, as **formulações diretas** são as formulações mais frequentes.

□► As formas imperativas estão mais relacionadas ao trabalho de imagem, apresentam um amplo repertório de possibilidade no que diz respeito à combinação do tipo de verbo, com as formas de tratamento e com a forma verbo-pronominal dativa em primeira pessoa (*me*). Esse repertório é estrategicamente selecionado segundo o contexto do FTA que desencadeia as desculpas, em função do tipo de ofensa e de seu grau de imposição da imagem, do tipo de relação social e da distância interpessoal.

As formas com *perdonar* parecem ser mais coloquiais que as formas com *disculpar*. As formas nominais e verbo-pronominais acentuam a distância ou proximidade, e em relações mais hierárquicas a simetria ou a solidariedade adotadas como postura discursiva pelos interactantes.

□► As formulações elípticas estão relacionadas a ofensas mais conversacionais e com uma baixa imposição de imagem, são fórmulas cristalizadas, rituais na conversação, são situações conversacionais que se repetem, tais como identificar alguém ao telefone, pedir para repetir o nome, pedir licença para entrar em

algum lugar ou abordar um desconhecido para iniciar um intercâmbio conversacional ou para pedir informações sobre modos de operar ou orientar-se.

Também são estratégicas em relações porque evitam a seleção da forma de tratamento, portanto a distância interpessoal não é marcada o que pode ser útil em relações com pouco conhecimento compartilhado nas quais é difícil calcular a proximidade ou a distância adequada.

□► As formulações performativas, bastante mais raras, pela sua formulação mais longa, são expressões reservadas para situações menos coloquiais, com maior distância interpessoal, e sempre que a imposição da imagem da ofensa seja considerada alta: quanto maior o FTA maior o FFA para contrabalançar o desequilíbrio da relação.

Vejamos agora como se comportam as formulações diretas nos roteiros brasileiros, os principais pontos de convergência e divergência com os resultados que acabamos de expor.

2.2. As formulações diretas das desculpas nos roteiros brasileiros

O quadro 4 ilustra a distribuição geral das 21 formulações diretas das desculpas nos roteiros brasileiros, do total de 24. Encontramos somente um tipo de formulação lingüística direta que realiza os atos discursivos das desculpas em português brasileiro, a formulação imperativa com o verbo *desculpar*. As formulações **imperativas** são as dominantes (21 casos), e como veremos a seguir, a formulação imperativa “*desculpa*” parece estar em pleno processo de discursivização, a meio caminho entre a formulação imperativa e a formulação elíptica.

Quadro 04: Formulações diretas nos roteiros brasileiros

	<u>Imperativo</u>	<u>Elíptico</u>	<u>Total</u>
Brasil (A)	Desculpem (1) Desculpe (1) Me desculpe (3) (5)		16
	Me desculpa (1) ↔ Desculpa (10) ↔ (11)		
Brasil (B)	↔ Desculpa (3) ↔ ↔ Desculpa aí (2) ↔ (5)		5
Total (100%)			21

Comecemos a análise das formulações diretas com as formas imperativas e com a distribuição do verbo “*desculpar*” em português brasileiro. Analisamos sua redução de paradigma, no que diz respeito à morfologia verbal, e o repertório de formas resultantes em função do objeto das desculpas, ou seja, do tipo de ofensa, do tipo de relação social e da distância interpessoal, bem como a função intensificadora do clítico dativo (*me*), que nesses casos é opcional.

2.2.1. As formulações imperativas:

A formulação imperativa das desculpas também é a mais freqüente nos roteiros brasileiros, é um tipo de formulação que exige flexão pessoal e que desta forma está necessariamente associada ao sistema de formas de tratamento de cada comunidade, e sujeita, portanto, a importantes variações sociais na morfologia verbal. **Amores Possíveis (Brasil A)** retrata a classe média alta da zona sul do Rio de Janeiro, enquanto que **Cidade de Deus (Brasil B)** retrata a classe média baixa ou baixa, o cenário é a favela carioca e o tráfico de drogas. Com menos escolaridade, o Brasil retratado neste filme tem acesso a cultura letrada mais restrito, desempenha papéis sociais mais marginalizados. Acreditamos que estas diferenças de distribuição social repercutem na seleção das formas lingüísticas, e também nos atos ritualizados como as desculpas.

Nos dois roteiros em português, a forma verbal predominante é “*desculpar*”. E a forma mais freqüente ou menos marcada, “*desculpa*”, parece estar em franco processo de lexicalização ou discursivização, considerando que só guarda resquícios de flexão verbal em situações menos coloquiais, como no Brasil (A). No Brasil (B) a flexão verbal não aparece nos nossos dados, nem para marcar distância interpessoal, nem para marcar plural.

Com relação à seleção do verbo identificamos 21 casos que selecionam o verbo “*desculpar*”; não identificamos nenhuma ocorrência com o verbo “*perdoar*” ou com a forma elíptica “*perdão*”, embora esta última exista e possa disputar alguns contextos de uso com a forma imperativa.

A seguir analisaremos os 21 casos encontrados das formulações com o verbo “*desculpar*” considerando o objeto que desencadeia o FTA (a ofensa), o tipo de relação social e a distância interpessoal dos interactantes no intercâmbio. Encontramos 13 ocorrências com “*desculpa*”, 3 ocorrências com “*me desculpe*”, 2

ocorrências com “*desculpa aí*”, 1 ocorrência com “*desculpe*”, 1 ocorrência com “*desculpem*” e 1 ocorrência com “*me desculpa*”. Desses 21 casos, 16 são do Brasil (A) e apenas 5 do Brasil (B). Poderíamos perguntar-nos se nas classes mais baixas se usam menos as desculpas, ou se é apenas uma coincidência de roteiro devido às necessidades da trama.

Formulação: “Desculpa”

Identificamos no *corpus* deste trabalho 13 ocorrências de desculpas através da formulação “*desculpa*”, 10 casos no roteiro do que denominamos Brasil (A) e 3 casos no roteiro que denominamos Brasil (B).

No **roteiro brasileiro (A)** identificamos 10 ocorrências das desculpas com a formulação “*desculpa*”. Destas 10 ocorrências, 9 referem-se a relações pessoais, de maior proximidade e experiência compartilhada, sete nas relações entre casal e duas nas relações entre amigos e, apenas uma ocorrência refere-se a uma relação transacional de compra e venda.

A primeira ocorrência de desculpas com a formulação direta “*desculpa*” se realiza numa relação de casal, portanto de mais proximidade e simétrica, no roteiro do Brasil (A). Carlos 1 se desculpa com a mulher, Maria por esquecer de apresentar Júlia 1, a ex-namorada de infância.

(60) *Julia 1 – Carlos 1*: “Bem, já é tarde. Tenho que ir.

Julia 1 – Maria: “Prazer em te conhecer”.

Maria – Julia 1: “Prazer.”

Carlos se apressa em consertar a indelicadeza.

Carlos 1 – Julia 1: “**Desculpa**. Julia, esta é a Maria...” (*Amores Possíveis*, Brasil, 2001:32)

Consideramos a ofensa como uma ofensa conversacional, esquecimento de cumprir um ritual conversacional de apresentação, o grau de imposição de imagem é baixo trata-se de uma função bastante convencional das desculpas.

A segunda ocorrência de desculpas com a formulação direta “*desculpa*” também se realiza numa relação de casal, são dois amantes, separados há muito tempo, que quando se reencontram parodiam uma situação de recepção de hotel.

(61) *Carlos 1 (irônico) – Julia 1*: “Você teria um quarto vago?”

Julia 1 – Carlos 1: (aceitando o jogo) “Não. Estamos lotados. Mas, se quiser, pode ficar no meu.”

Carlos 1 – Julia 1: “**Desculpa**, mas minha religião só me permite um pecado por dia e hoje foi a bebida.” (*Amores Possíveis*, Brasil, 2001:84)

Carlos 1 acabou de deixar a sua mulher e vem se instalar na casa da amante, durante o jogo inicial de sedução, Carlos 1 recusa o oferecimento do quarto parodiando um crente. Consideramos a recusa de oferecimento ofensa conversacional, mesmo que neste caso seja uma brincadeira ou simulação, numa relação simétrica e de proximidade, o grau de imposição de imagem é baixo e a função das desculpas é bastante convencional, recusar oferecimento.

A terceira e a quarta ocorrências são de desculpas com a formulação direta “*desculpa*”, ambas se realizam na mesma relação de casal, no roteiro do Brasil (A), em torno do mesmo objeto, acordar o outro. Carlos 2 tem que acordar cedo, colocou o despertador e acorda o namorado, Pedro, que está dormindo com ele.

(62) *Pedro 2 – Carlos 2*: “Ah, Carlos! Desliga esse relógio.”

Carlos 2 – Pedro 2: “**Desculpa**...é que eu...hum...acordei meio tonto...” (*Amores Possíveis*, Brasil, 2001:14)

(63) *Pedro 2 – Carlos 2*: “Espero que tenha um incêndio em algum lugar para você estar me acordando a essa hora!”

Carlos 2 – Pedro 2: “Não era pra te acordar. **Desculpa**. Vou ver o Lucas.” (*Amores Possíveis*, Brasil, 2001:66)

Consideramos o ruído e acordar o outro como uma ofensa territorial, relativa ao território físico, que ocorre numa relação simétrica e com muita experiência compartilhada. O grau de imposição da imagem é um pouco maior que nos casos anteriores, daí as justificativas que intensificam as desculpas.

A quinta ocorrência de desculpas com a formulação direta “*desculpa*” também se realiza numa relação de casal, Carlos 2 vai até a casa de Julia 2, sua ex-mulher sem avisar.

(64) *Carlos 2 – Julia 2*: “**Desculpa** vir sem avisar...é que eu precisava ver o Lucas...” (*Amores Possíveis*, Brasil, 2001:67)

Consideramos que se trata de uma ofensa territorial, chegar na casa de alguém sem ser convidado ou sem avisar, pode ser considerado como uma invasão ao espaço do destinatário, sobretudo ao tratar-se da ex-mulher. O grau de imposição da imagem contudo não é alto, e as desculpas são bastante convencionais e ritualizadas.

A sexta ocorrência de desculpas com a formulação direta “*desculpa*” é uma consequência dessa visita improvisada à ex-mulher. Carlos 2 acaba beijando Julia 2 e eles vão pra cama, mas entre beijos e abraços ele desiste e se desculpa.

(65) Carlos 2 e Julia 2 se agarram e se beijam na cama. O que parecia tesão acaba se transformando em irritação. Carlos desiste e se atira ao lado dela na cama. Julia está decepcionada, Carlos arrasado.

Carlos 2 – Julia 2: “**Desculpa**, Julia...isso não está certo...estou te enganando. Me enganando...” (*Amores Possíveis*, Brasil, 2001:124)

Trata-se da mesma relação de casal, com grande proximidade e experiência compartilhada, mas o grau de imposição da imagem aqui é bem maior, ele está rejeitando a mulher pela segunda vez. Consideramos que se trata de uma ofensa relacional, as desculpas estão intensificadas pela forma nominal “*Júlia*”, pela justificativa e pela descrição com reconhecimento do erro.

A sétima ocorrência de desculpas com a formulação direta “*desculpa*” é a última que registramos numa relação de casal no roteiro do Brasil (A). Carlos 1 se desculpa com sua mulher Maria por não lhe ter pedido para arrumar as malas para suposta viagem de negócios que ele ia fazer.

(66) *Maria – Carlos 1*: “Por que não pediu para eu arrumar suas malas? Você sempre esquece alguma coisa importante.”

Carlos 1 – Maria: “**Desculpa**, foi tudo em cima da hora, não tive como te avisar.” (*Amores Possíveis*, Brasil, 2001:83)

Trata-se de um pedido de desculpas reativo a uma recriminação. Consideramos este tipo de ofensa como uma ofensa relacional, pois Carlos deixa de cumprir seu papel tradicional de marido, dependente da mulher para fazer a mala, ou por tirar o espaço dela na organização da sua vida, que é o que ele está tentando fazer ao longo do filme mesmo.

Este tipo de desculpas reativa a uma recriminação nos parece mais convencional, está atrelada à realização conversacional de um par adjacente: recriminação-desculpas ou recriminação-justificativa, e tem portanto um grau de imposição de imagem menor do que no exemplo 66.

A oitava ocorrência de desculpas com a formulação direta “*desculpa*” aparece numa relação entre amigos no roteiro do Brasil (A). Pedro 3 ri do amigo Carlos 3 quando este lhe conta como ficou algemado à cama depois de ter passado a noite com uma ex-namorada e conta o desenlace da situação: os dois amantes tiveram que chamar um chaveiro para tirá-lo daquela posição, situação embaraçosa.

(67) *Carlos 3 – Pedro 3*: “Vai, me sacaneia, vai. Queria ver se fosse você que estivesse lá, peladão, com um cara serrando as algemas e te olhando com a cara mais debochada do mundo dizendo: “Taradinho, hein, doutor?””

Pedro 3 – Carlos 3: “**Desculpa**, Carlos, mas nunca fui muito chegado a essas coisas “hardcore”.” (*Amores Possíveis*, Brasil, 2001:77)

Consideramos o riso do amigo diante de uma situação vexatória contada por Carlos 3 como uma gafe comportamental, trata-se portanto do que consideramos como uma ofensa conversacional, sendo que o grau de imposição da imagem neste caso não é muito grande pois se trata de dois homens contando casos sobre sua vida

sexual. Mais uma vez trata-se de um pedido de desculpas reativo a uma recriminação, portanto esperado na lógica conversacional e mais convencionalizado nesse sentido.

A nona ocorrência de desculpas com a formulação direta “*desculpa*” também aparece numa relação entre amigos no roteiro do Brasil (A). Maria interrompe sua conversa com Julia 1, num encontro fortuito em supermercado, pois diz que está atrasada e que precisa ir embora.

(68) *Maria – Julia 1*: “**Desculpa**, mas tenho que ir... Vou falar pro Carlos que encontrei com você. Bom ter te visto. Tchau.” (*Amores Possíveis*, Brasil, 2001:112)

Consideramos que as desculpas cobrem, neste caso, uma ofensa conversacional, que consiste na interrupção do intercâmbio. O começo e o final de um intercâmbio conversacional são situações críticas do ponto de vista da polidez que exigem diferentes trabalhos de imagem de acordo com os pressupostos culturais e conversacionais de cada comunidade. Segundo Kerbrat-Orecchioni (2005) numa sociedade com um perfil comunicativo de maior proximidade as despedidas serão mais longas que numa sociedade de maior distância. Trata-se de um pedido de desculpas bastante convencional do ponto de vista da lógica conversacional.

A décima e última ocorrência de desculpas com a formulação direta “*desculpa*” no roteiro do Brasil (A), aparece numa relação transacional de Compra e venda. Sônia e Carlos, mãe e filho, estão esperando por Júlia no restaurante. Carlos está apaixonado e quer apresentar a moça à mãe, mas ela não chega e eles decidem ir embora. Sônia, a mãe de Carlos, recusa o oferecimento do garçom de fazer o pedido da comida e se desculpa dizendo que vão embora sem pedir nada.

(69) *Garçom – Carlos 3 e Sônia*: “Com licença, senhores. Já escolheram?”
Carlos 3 – Sônia: “Pode pedir, eu não quero nada, perdi o apetite.”
Sônia – Garçom: “**Desculpa**, não queremos nada. A conta, sim?” (*Amores Possíveis*, Brasil, 2001:98)

Consideramos que a recusa de oferecimento é uma ofensa conversacional, embora também pudesse ser considerada como uma ofensa relacional, se supõe que se você senta na mesa de um restaurante é pra comer, é o que se espera socialmente desse tipo de esquema ou situação de interação, e eles estão quebrando o esquema. Entretanto o grau de imposição de imagem não é muito grande pelo que consideramos a ofensa como conversacional, no par adjacente: oferecimento e recusa.

No **roteiro brasileiro (B)** encontramos apenas 3 ocorrências da realização das desculpas através da formulação “*desculpa*”.

A primeira ocorrência de desculpas com a formulação direta “*desculpa*” no roteiro do Brasil (B), aparece numa relação transacional entre desconhecidos, com pouca experiência compartilhada. O fotógrafo vai tirar uma foto do grupo de traficantes e quer tirar um deles da foto, o traficante chefe não concorda e recrimina sua forma de falar, o fotógrafo se desculpa.

(70) *Busca-Pé – Bandido*: “Corredor. Todo mundo assim, com a arma. Tu vai ficar fora, rapaz, chega pra lá.”

Zé Pequeno – Busca- Pé: “Ficou maluco, rapaz. Fala direito com o cara.”

Busca-Pé – Bandido: “**Desculpa, desculpa**. Chega ali. Acho que agora acabou o filme.” (*Cidade de Deus*, Brasil, 2003:172)

Consideramos que se trata de uma ofensa conversacional, pela maneira de falar de Busca Pé a um dos traficantes do grupo de Zé Pequeno. O grau de imposição da imagem é importante porque trata-se de uma relação assimétrica, os traficantes têm mais poder, inclusive de vida e morte, que o fotógrafo, daí a intensificação das desculpas com a repetição. Entretanto, por ser uma desculpa reativa, conversacional no par adjacente recriminação-desculpas, têm um valor mais convencional.

A segunda ocorrência de desculpas com a formulação direta “*desculpa*” no roteiro do Brasil (B), aparece numa relação transacional entre morador e traficante da favela. Galinha esbarra sem querer em Dadinho, que tem mais poder neste caso, e que recrimina a conduta de Galinha.

(71) *Dadinho – Galinha*: “Não está me vendo aqui, não, filho da puta?”

Galinha – Dadinho: “O que isso, cara? **Desculpa**”. (*Cidade de Deus*, Brasil, 2003:86)

Consideramos que a ofensa neste caso é uma ofensa territorial, por consistir numa invasão do território físico, o corpo, do outro. Trata-se de um ato de linguagem reativo, pois responde a uma acusação. O grau de imposição da imagem é importante dada a assimetria da relação e o grau de violência habitual nesse espaço urbano.

A terceira e última ocorrência de desculpas com a formulação direta “*desculpa*” no roteiro do Brasil (B), aparece numa relação transacional entre consumidor e traficante de drogas; Thiago esbarra na bicicleta de Neguinho e a deixa cair.

(72) Thiago deixa cair a sua bicicleta para levantar a de Neguinho, sem deixar de notar que continua sendo observado estranhamente por Bené.”

Thiago – Neguinho: “**Desculpa**, cumpádi!”

Neguinho – Thiago: “Cumpádi é o caralho! Batizei algum filho seu? Vaza daqui.”

Thiago – Neguinho: “Desculpa aí.” (*Cidade de Deus*, Brasil, 2003:99)

Consideramos que se trata de uma ofensa territorial; relativa a um objeto físico pertencente ao território do outro. As desculpas parece que não são aceitas

verbalmente, mas sim na prática, pois o traficante permite que Thiago vá embora. O grau de imposição da imagem é grande considerando a assimetria de poder da relação. Daí que o pedido de desculpas aparece intensificado pela forma nominal de tratamento *cumpádi*, que sublinha o caráter de camaraderia entre homens. Uma vez que o traficante libera a saída de Thiago, ele volta a desculpar-se, agora com uma variante mais coloquial da formulação “*desculpa aí*”.

Em síntese, a formulação direta “*desculpa*” é a mais freqüente nos dois roteiros brasileiros, tanto na Brasil (A) quanto no Brasil (B). Aparece com freqüência em contextos de ofensas conversacionais, em pares adjacentes que compõem o ritual conversacional, ou em ofensas territoriais, envolvendo objetos mais concretos ou materiais. Esta forma parece ter perdido sua marca funcional de proximidade ou distância e se usa indistintamente em ambos contextos como forma não marcada. A forma “*desculpa*” parece ser não marcada com relação à distância interpessoal, em oposição às formas “*desculpa aí*” e “*me desculpa*”, a primeira marcada com relação à proximidade coloquial, e a segunda marcada com relação à distância interpessoal.

Formulação: “Desculpa aí”

Identificamos no *corpus* deste trabalho 2 ocorrências de desculpas através da formulação “*desculpa aí*”, as duas no **roteiro brasileiro (B)**

A primeira ocorrência aparece numa relação transacional em público, entre desconhecidos. O narrador, Busca Pé, ao começar a apresentar a história da favela Cidade de Deus, se desculpa por ter começado sem apresentar-se ao público.

(73) *Busca-pé* (V.O.): “**Desculpa aí**. Esqueci de me apresentar.” (*Cidade de Deus*, Brasil, 2003:21)

Consideramos que se trata de uma ofensa conversacional, problemas de identificação são bastante recorrente na conversação e as desculpas são neste caso mais convencionais, são quase partículas conversacionais para desculpar-se de ofensas com baixa imposição de imagem.

É interessante neste caso notar que o contexto é o de um espetáculo, o apresentador se dirige ao público, plural, mas não há flexão verbal. A fórmula *desculpa aí* está cristalizada no singular, com imperativo originário da flexão verbal correspondente à segunda pessoa (P2). A forma traduz informalidade, coloquialidade, que não vem da experiência compartilhada mas de uma postura de proximidade

marcada socialmente neste caso, ou o baixo grau de escolaridade do apresentador, ou sua pertença a um grupo social mais jovem talvez.

A segunda ocorrência das desculpas com a formulação direta “*desculpa aí*” no roteiro do Brasil (B), aparece como já vimos no exemplo 72, numa relação transacional entre consumidor e traficante de drogas; Thiago esbarra na bicicleta de Neguinho e a deixa cair. Ele se desculpa uma vez e quando o traficante o libera se desculpa uma segunda vez, usando uma fórmula mais coloquial.

(74) Thiago deixa cair a sua bicicleta para levantar a de Neguinho, sem deixar de notar que continua sendo observado estranhamente por Bené.”

Thiago – Neguinho: “Desculpa, cumpádi!”

Neguinho – Thiago: “Cumpádi é o caralho! Batizei algum filho seu? Vaza daqui.”

Thiago – Neguinho: “**Desculpa aí.**” (*Cidade de Deus*, Brasil, 2003:99)

Como já vimos, consideramos que se trata de uma ofensa territorial; relativa a um objeto físico pertencente ao território do outro. A variação entre *desculpa*, a forma não marcada e *desculpa aí*, a forma mais marcada como [+ coloquial], ou seja de maior proximidade, repete-se às avessas com a formulação *me desculpa*, forma mais marcada como [- coloquial], ou seja, de maior distância interpessoal.

Formulação: “Me desculpa”

Identificamos no *corpus* deste trabalho 1 ocorrência de desculpas através da formulação “*me desculpa*”, esta única ocorrência aparece no **roteiro de brasileiro (A)**. Trata-se de uma relação interpessoal entre casal, o marido reitera as desculpas por ter abandonado e por não desejar mais a ex-mulher.

(75) Carlos 2 e Julia 2 se agarram e se beijam na cama. O que parecia tesão acaba se transformando em irritação. Carlos desiste e se atira ao lado dela na cama. Julia está decepcionada, Carlos arrasado.

Carlos 2 – Julia 2: “Desculpa, Julia...isso não está certo...estou te enganando. Me enganando...”

Carlos 2 – Julia 2: “**Me desculpa...**”

Julia 2 – Carlos 2: “Te desculpar? Eu quero que você morra!” (*Amores Possíveis*, Brasil, 2001:124 e 125)

Consideramos que se trata de uma ofensa relacional, o grau de imposição da imagem é alto, trata-se de dar continuidade ou fim a uma relação, neste caso de casal. E de fato, as desculpas têm uma reação negativa, ou seja, considera-se que a ofensa é muito grave e que a mera reparação verbal não é suficiente. Este único caso de “*me desculpa*”, é uma reiteração de um pedido anterior, o clítico dativo, intensifica as desculpas, numa relação simétrica e de proximidade, ao contrário do “*me desculpe*” que intensifica as desculpas numa relação de mais distância.

Formulação: “Me desculpe”

Identificamos no *corpus* deste trabalho 3 ocorrências de desculpas através da formulação “*me desculpe*”, as três no **roteiro brasileiro (A)**.

A primeira ocorrência aparece numa relação transacional de compra e venda, é uma transação comercial, nada convencional, pois, Carlos 3 está procurando sua alma gêmea através de uma empresa. A funcionária erra na indicação da escolha matemática da cliente mais adequada probabilisticamente ao perfil dele.

(76) *Lídia – Carlos 3*: “Os dados conferem. Sua alma gêmea está aqui.”

Carlos 3 – Lídia: “Aqui onde?”

Lídia – Carlos 3: “É a nossa cliente número 1010. Você é o 1020.”

Carlos 3 dá um pulo na poltrona. Olha no monitor.

Carlos 3 – Lídia: “Mas essa não é a Júlia!”

Lídia – Carlos 3: “Ah, não?! **Me desculpe.**”

Carlos 3 – Lídia: “Claro, errar é humano. Todos merecem uma segunda chance. Olha só, eu quero o nome e endereço dessa mulher. Onde posso encontrá-la?” (*Amores Possíveis*, Brasil, 2001:120)

Consideramos que se trata de uma ofensa relacional, a funcionária reconhece sua falha na relação comercial, e suas desculpas são recebidas por Carlos 3 com uma resposta positiva: *Claro, errar é humano. Todos merecem uma segunda chance.*

A segunda ocorrência de “*me desculpe*”, no **roteiro brasileiro (A)** também aparece numa relação transacional de compra e venda, num esquema de restaurante. Trata-se uma situação tensa, o que aumenta a distância interpessoal entre o garçom e a cliente, que se tratam simetricamente de *o senhor / a senhora*. O desacordo verbal se estende por três turnos conversacionais (a sequência da interação completa se dá nesta ordem: a) desculpas e petição do garçom no exemplo 79, b) desculpas e desacordo da cliente no exemplo 77 e c) desculpas e petição intensificada por ameaça do garçom no exemplo 78). O garçom quer que a cliente pare de fumar, Júlia 3 se desculpa, mas diz que vai continuar fumando porque está muito nervosa, mesmo que se trate uma área de não fumantes.

(77) *Julia 3 – Garçom*: “Mas o senhor não está entendendo...O senhor é que **me desculpe**. Mas está vendo essa coisa linda aqui, essa gracinha? Eu sou louca por ele, sou apaixonada por ele e tudo isso foi arrumado para a mãe dele me conhecer. Ela tem que me aceitar. Tem que me aprovar.” (*Amores Possíveis*, Brasil, 2001:99)

O exemplo 77 é uma resposta reativa à petição de deixar de fumar por parte do garçom, consideramos que a ofensa é uma ofensa conversacional, uma vez que o objeto de desculpas é o desacordo.

A terceira ocorrência de “*me desculpe*”, no **roteiro brasileiro (A)** é a continuação do exemplo 77, na mesma relação transacional de compra e venda, no cenário do restaurante. Trata-se do desfecho da interação, o garçom reitera a petição, ato exortativo impositivo, e intensifica a exortação com uma ameaça.

(78) *Julia 3 – Garçom*: “Ih...tá vendo? Olha só! Estou muito nervosa. A mãe dele acha que estou bêbada e eu preciso fumar.”

Garçom – Julia 3: “A senhora **me desculpe**, mas vou ter que chamar o maître.” (*Amores Possíveis*, Brasil, 2001:99)

Consideramos que a ofensa é uma ofensa conversacional, uma vez que o objeto de desculpas é a petição reiterada e intensificada pela ameaça. Os três casos de formulação direta de “*me desculpe*”, ocorrem apenas no **roteiro brasileiro (A)** em situações interacionais com importante imposição de imagem. Nesses casos a classe A representada usa como estratégia conversacional recursos de distanciamento através das formas de tratamento, o mesmo que ocorre com a formulação “*desculpe*”.

Formulação: “Desculpe”

Identificamos no *corpus* deste trabalho apenas 1 ocorrência de desculpas através da formulação “*desculpe*” no **roteiro de brasileiro (A)**.

Esta ocorrência aparece na já mencionada relação transacional de compra e venda; e introduz o desacordo entre o garçom e Julia 3, quando este informa à cliente que não pode fumar por estar na área de não-fumante.

(79) *Garçom – Julia 3*: “**Desculpe**, senhora, mas aqui é área reservada para não-fumantes. (*Amores Possíveis*, Brasil, 2001:99)

Trata-se de uma ofensa conversacional para introduzir um desacordo. É a primeira intervenção de um desacordo que se estende por três turnos de fala, a distância interpessoal está acentuada pelas formas nominais o “*senhor*” e a “*senhora*”, nas intervenções seguintes, exemplo 77 e 78, respectivamente. As formas imperativas de maior distância, com flexão verbal no imperativo, só parecem no roteiro brasileiro (A), tanto no singular quanto no plural, como é o caso de “*desculpem*”.

Formulação: “Desculpem”

Identificamos no *corpus* deste trabalho apenas 1 ocorrência de desculpas através da formulação “*desculpem*” no **roteiro de brasileiro (A)**.

Trata-se ainda da desastrada Júlia 3, quando chega ao restaurante para conhecer a mãe do namorado novo. Ela está muito atrasada e se desculpa com os dois pelo atraso.

(80) *Julia 3 – Carlos 3 e Sonia*: “**Desculpem** o atraso.” (Amores Possíveis, Brasil, 2001:98)

No caso da formulação longa, “*desculpem*” sem clítico, as desculpas dirigidas a dois destinatários, aumenta a solenidade do ato de linguagem, diminuindo o tom coloquial da forma não marcada “*desculpa*”. Consideramos que se trata de uma ofensa territorial de tempo; Julia 3 está muito atrasada, os dois estavam indo embora, tinham pedido a conta. A imposição de imagem é grande tanto pelo atraso quanto pela tensão da situação, conhecer a sogra.

Na formulação imperativa das desculpas a forma “*desculpa*” parece ter perdido as flexões e estar cristalizando-se como forma não marcada com relação à distância interpessoal. O Brasil (B) parece ter mais necessidade de marcar a proximidade na expressão das desculpas com a formulação “*desculpa aí*”, enquanto que o Brasil (A) o distanciamento, sobretudo em interações transacionais e com tipos de ofensa com grande imposição de imagem, nesses casos a flexão parece voltar em: “*desculpe*”, “*me desculpe*”, “*desculpem*”. O clítico dativo (*me*) intensifica as desculpas, tanto nas relações pessoais, “*me desculpa*” quanto nas relações transacionais, “*me desculpe*”.

Em síntese, nos roteiros brasileiros, as **formulações diretas** são também as formulações mais frequentes.

□ ► Nos roteiros em português a formulação predominante é “*desculpar*”. Em Brasil (B) a formulação imperativa do verbo “*desculpar*” é desculpa. Não importa se a relação é transacional ou pessoal, se os participantes compartilham muita ou nenhuma experiência, as formulações “*desculpa*” e “*desculpa aí*” prevalecem em todas as situações. Neste contexto sociocultural a formulação “*desculpa*”, alterna em registros mais coloquiais com a formulação “*desculpa aí*” (variante de “*desculpa lá*” de Lisboa?).

□► Já em Brasil (A) a formulação imperativa do verbo “*desculpar*” é “*desculpa*”, que alterna com registros menos coloquiais com as formulações “*desculpe*”, “*desculpem*” e “*me desculpe*”; as formulações flexionadas e com clíticos neste caso aumentam a distância interpessoal, de acordo com as hierarquias sociais ou funcionais

□► Nos dois roteiros brasileiros a formulação “*desculpa*” pode estar a meio caminho de uma fossilização e configurar-se como uma estratégia elíptica das formulações verbais imperativas “*desculpa-me*”, “*desculpe-me*”, ou talvez do enunciado performativo, “*eu te peço desculpas*”. Além disso, em português a fusão de paradigmas entre as formas de tratamento “*você*” e “*tu*” fez que no imperativo prevaleça “*desculpa*”. As demais variações matizam tanto a proximidade social (“*desculpa aí*”, “*foi mal*”) como a tomada de distância (“*desculpe*”, “*desculpem*”) uma vez que as flexões pessoais se perderam com a redução da morfologia verbal para marcar diferenças de tratamento e de registros mais ou menos coloquiais.

Vejamos seguir quais são as formulações indiretas mais freqüentes e quais são os contextos de uso dessas formulações, considerando como fatores de variação conversacional o tipo de ofensa, o tipo de relação social e a distância interpessoal.

2.3. As formulações indiretas das desculpas nos roteiros hispânicos

O quadro 5 ilustra a distribuição geral das 15 formulações indiretas das desculpas nos roteiros hispânicos. Encontramos um total de três formulações lingüísticas que realizam os atos discursivos das desculpas em espanhol. A formulação mais freqüente é a indireta descritiva (67%), seguida da formulação interrogativa “¿*Me perdonas?*” (20%) e da formulação interrogativa elíptica “¿*Perdón?*” (13%).

Quadro 5: Formulações indiretas nos roteiros hispânicos: total de formulações lingüísticas

	Interrogativo	Descritiva	Interrogativo Elíptico	Total
Formulações lingüísticas indiretas	3 (20%)	10 (67%)	2 (13%)	15 (100%)

As desculpas que identificamos nas formulações indiretas são estruturadas a partir de enunciados indiretos descritivos (10/15 ocorrências), predominando neste contexto a formulação ritual fossilizada “*lo siento*” (5 ocorrências), seguidas das

formulações interrogativas (3/15) e das formulações interrogativas elípticas (2/15). O quadro 6 ilustra detalhadamente as formulações lingüísticas identificadas para a realização indireta das desculpas em cada roteiro hispânico:

Quadro 06: Formulações indiretas nos roteiros hispânicos: formulações lingüísticas

	<u>Interrogativo</u>	<u>Descritiva</u>	<u>Interrogativo Elíptico</u>	<u>Total</u>
Espanha	¿Me perdonas? (1)	“Lo siento” (3)	-	4
México	-	“Lo siento” (1)	-	1
Cuba	-	“Tengo una pena contigo” “Te debo una explicación” (2)	-	2
Colombia	-	“Lo siento” (1)	-	1
Chile	-	“Fue culpa mía” (1)	-	1
Peru	¿Me perdonas? (1)	“Lo lamento” (1)	¿Perdón? (2)	4
Argentina	¿Me perdonás? (1)	“Hice todo mal” (1)	-	2
Total	3/15 20%	10/15 67%	2/15 13%	15

Começamos a análise das formulações indiretas com as formas descritivas, que foram as mais freqüentes, seguidas das formas interrogativas e interrogativas elípticas. As formas descritivas encontram-se em diferentes graus de cristalização, as mais freqüentes cobrem ofensas mais conversacionais ou territoriais concretas, materiais, enquanto que as menos freqüentes ofensas com maior imposição de imagem e maior distância interpessoal entre os interactantes. Já as formas interrogativas e interrogativas elípticas têm uma função conversacional bastante mais convencionalizada, e fazem parte dos automatismos conversacionais rituais na interação.

2.3.1. As formulações indiretas descritivas

A formulação indireta ou implícita das desculpas é a mais freqüente em nosso *corpus* de pesquisa, é um tipo de formulação na qual o emissor ou reconhece a ofensa, ou descreve um estado de pesar, ou afirma involuntariedade. Predomina neste contexto a formulação “*lo siento*” que tem, entretanto, valores dialetais diferentes.

Vejam os como se realizam as desculpas indiretas, considerando como fatores de variação conversacional o tipo de ofensa, o tipo de relação e a distância interpessoal.

Formulação: “Lo siento”

Identificamos no *corpus* deste trabalho 5 ocorrências de desculpas através da formulação “*lo siento*”:

No **roteiro espanhol** identificamos 3 ocorrências de desculpas através da formulação indireta “*lo siento*”, as três ocorrem em relações de proximidade e em pares adjacentes de recriminação-desculpas, ou seja, são atos reativos, ao contrário das ocorrências nos roteiros mexicano e colombiano.

A primeira ocorrência da formulação “*lo siento*”, no roteiro espanhol, aparece numa relação entre casal. Víctor, ao sair da prisão, começa a seguir Elena e ela se queixa de encontrá-lo sempre nos lugares aonde vai, classificamos a ofensa como ofensa territorial, neste caso relativa ao espaço.

(81) Elena – Víctor: “Desde que has salido de la cárcel te veo por todos lados...”
Víctor – Elena: “**Lo siento**, pero vivimos en la misma ciudad.” (*Carne Trémula*, España, 1997: 148)

Trata-se de um ato reativo, um par adjacente de recriminação-desculpas, portanto com menor imposição de imagem. A condição de sinceridade das desculpas não parece cumprir-se, uma vez que Víctor nega a ofensa com a sua justificativa.

A segunda ocorrência da formulação “*lo siento*”, no roteiro espanhol, aparece numa relação entre colegas de trabalho. Víctor chega atrasado e Joseph tem que ficar mais tempo com as crianças esperando que o colega chegue, classificamos a ofensa como ofensa territorial, neste caso relativa ao tempo.

(82) Joseph – Víctor: “Pensé que no venías...”
Víctor – Josep: “He tenido muy movida... **Lo siento**...” (*Carne Trémula*, España, 1997: 185)

Trata-se mais uma vez de um ato reativo, um par adjacente de recriminação-desculpas, portanto com menor imposição de imagem, uma vez que entre colegas um certo atraso na troca do turno é tolerável ou renegociável.

A terceira ocorrência da formulação “*lo siento*”, no roteiro espanhol, aparece numa relação entre casal. Clara se surpreende ao voltar pra casa e encontrar o marido na cozinha, pergunta a ele o que está festejando e ele lembra que os doze anos de casados. Consideramos o esquecimento de Clara como uma ofensa relacional.

(83) *Sancho – Clara*: “Nuestro decimosegundo aniversario. Por eso me he tomado la tarde libre...”
Clara – Sancho: “**Lo siento**, Sancho. Me había olvidado.” (*Carne Trémula*, España, 1997: 153)

Trata-se mais uma vez de um ato reativo, um par adjacente de recriminação-desculpam, a recriminação não é verbal mas está implícita na situação e pode ser inferida pelo tom de Sancho quando responde às perguntas da mulher. Entretanto o grau de imposição de imagem, para Clara, não é muito elevado, uma vez que seu marido é violento e a relação deles passa por muitas crises e desentendimentos.

Ao contrário, no roteiro mexicano e no roteiro colombiano, a formulação “*lo siento*” parece reparar ofensas com maior imposição da imagem, sempre em relações transacionais, e mais especificamente na transmissão de más notícias. Os emissores se desculpam, em relações transacionais, por dar notícias trágicas, referentes à morte ou à saúde de algum ser próximo ou querido.

No **roteiro mexicano** identificamos 1 realização de desculpas através da formulação indireta “*lo siento*”. Esta aparece numa relação transacional entre médico e namorado da paciente. Trata-se de dar uma má notícia, o médico avisa a Daniel que precisou amputar a perna de Valéria.

(84) *Nacho (médico) – Daniel*: “Se presentó un cuadro de gangrena avanzada y tuve que amputarle la pierna. **Lo siento**, Daniel.” (*Amores Perros*, México, 2000:40)

Consideramos a transmissão de más notícias como uma ofensa conversacional, as desculpas ou o conforto, são intensificadas pelo gesto do médico que toca o ombro de Daniel como gesto de simpatia e solidariedade, o que demonstra o grau de proximidade também entre médico e familiar da paciente, apesar de tratar-se de uma relação transacional.

No **roteiro colombiano** identificamos a última ocorrência da formulação “*lo siento*”. Esta ocorrência repara uma ofensa conversacional, transmissão de más notícias, numa relação transacional, Don Fernando se encarrega de encontrar emprego para colombianos ilegais e de fazer a intermediação entre o mundo legal das instituições oficiais (polícia, hospitais, empregadores) e o mundo ilegal da imigração clandestina.

(85) *Don Fernando – Maria*: “Encontraron el cuerpo de una mujer. Tenía el estómago abierto...y se cree que es de una mula. Enviaron esta información y la foto del rostro. **Lo siento**. Por favor, necesito saber el nombre de tu amiga...y una dirección en Colombia. ¿Cuál es el nombre de ella?” (*María llena eres de gracia*, Colombia, 2004:24)

Don Fernando comunica a María a morte de sua amiga. O contexto de uso da expressão “*lo siento*” no roteiro espanhol e nos roteiros colombiano e mexicano parece evidente. Nos roteiros colombiano e mexicano o uso é mais restrito e convencional, nos casos de maior distância interpessoal para a transmissão de más notícias. No roteiro espanhol o uso é mais coloquial, em situações de maior proximidade interpessoal e é mais freqüente que a forma elíptica “*perdón*” que só aparece uma vez nesse roteiro contra três ocorrências de “*lo siento*”.

A forma “*lo siento*”, na nossa interpretação, encontra-se na variante espanhola em pleno processo de discursivização, como é o caso do “*desculpa*” nos roteiros brasileiros. Acreditamos que seja a forma não marcada e mais freqüente, nos casos de menor imposição de imagem para esta variante dialetal.⁸ Já nos roteiros colombiano e mexicano a formulação “*Lo siento*” é a formulação convencional para transmitir más notícias (amputar a perna ou avisar sobre o falecimento de uma amiga), e pode inclusive substituir a própria má notícia, em quadros clínicos ouvir um *lo siento* do médico equivale a enunciar a morte do paciente.

As outras formulações indiretas respondem menos a automatismos, ou seja, a contextos mais convencionais, menos rotineiros, de uso.

No roteiro cubano encontramos as duas formulações mais longas das desculpas indiretas: “*tengo una pena contigo*” ou “*te debo una explicación*”. Ambas aparecem em relações interpessoais, numa relação entre amigos, com ofensas de grande imposição de imagem.

Formulação: “*Tengo una pena contigo*”

Identificamos no *corpus* deste trabalho apenas 1 ocorrência de desculpas através da formulação “*Tengo una pena contigo*”, no **roteiro cubano**. Diego deixa cair café na camisa de David, como parte de seu plano de conquista, e o obriga a ficar sem camisa.

⁸ De fato, encontramos em livrarias, à venda na Espanha, cartões prontos com fórmulas de agradecimentos ou desculpas, e no caso das desculpas é a fórmula “*lo siento*” a que vem selecionada para a inscrição. Igualmente, em observações de intercâmbios conversacionais de proximidade, observamos a formulação “*se siente*” com um clichê melódico ascendente acompanhada de sorriso indicando, ironicamente, as desculpas por estar ganhando num jogo ou levando vantagem em alguma situação. Neste caso, a fórmula “*se siente*” derivada impessoal de “*lo siento*” nega a condição de verdade das desculpas, pois se considera que a vitória é merecida.

(86) *Diego - David*: “Ay ya, mira. No quedó ni rastros de la mancha. **Tengo una pena contigo**. Ya sé. Voy a resarcirte de inmediato. Prueba este té. Es de la India. Los personajes de Dostoievsky tomaban té y los ingleses ni se diga. A las 5 de la tarde la Gran-Bretaña entera está alrededor de las mesas de té. ¿Qué horas es?” (Fresa y chocolate, Cuba, 1993:06)

Consideramos que se trata de uma ofensa territorial, física, neste caso, pois a exposição do corpo de David é o que está implicado. O grau de imposição de imagem é importante uma vez que é a primeira vez que David vai à casa de Diego e está muito desconfiado com o comportamento do amigo, e procurando evitar o assédio de Diego. O grau de imposição de imagem também é importante na ofensa reparada através da formulação “*tengo una pena contigo*”.

Formulação: “Te debo una explicación por lo del otro día.”

Identificamos no *corpus* deste trabalho apenas 1 ocorrência de desculpas através da formulação “*Te debo una explicación por lo del otro día*”, no **roteiro cubano**. Diego falou de forma muito rude com David alguns dias atrás e fica contente que o amigo volta a visitá-lo apesar de tudo.

(87) *Diego - David*: “Murió en 1630. No te abochornes. Nadie lo sabe todo. **Te debo una explicación por lo del otro día.**”

David - Diego: “No no. No me debes nada, al contrario, si yo fui el que me puse pesado, es que había tenido un día malísimo.”

Diego - David: “Fui un frívolo. No sé que me pasó, me puse nervioso. No sé, yo nooo... bueno realmente yo no soy así (...) y además creo en la amistad (...) y creo que podemos ser amigos.”

David - Diego: “Yo también. En la amistad (...) lo otro es otra cosa.” (Fresa y chocolate, Cuba, 1993:10)

Consideramos que se trata de uma ofensa conversacional, neste caso, pois David insultou o amigo de forma bem direta e exaltada. O grau de imposição de imagem é importante assim como no reconhecimento da ofensa através da formulação “*Te debo una explicación por lo del otro día*”.

Formulação: “fue culpa mía”

Identificamos no *corpus* deste trabalho apenas 1 ocorrência de desculpas através da formulação “*fue culpa mía*”, no **roteiro chileno** numa relação pessoal entre amigos. Chavelo, o assaltante, prometeu a Ulises, o taxista, ajudá-lo a quitar as

prestações do táxi. O assalto fracassou porque chegou a polícia e Chavelo se desculpa, reconhecendo a dívida com o amigo por não ter cumprido uma promessa.

(88) *Chavelo – Ulises*: “Compadre, **fue culpa mía**, por eso, quiero arreglarlo. Usted me había pedido un último favor para salir de toda esta mierda y yo estoy en deuda con usted.” (*Taxi para tres*, Chile, 2001:83)

Consideramos a ofensa, não ter cumprido uma promessa, como uma ofensa relacional, uma vez que se espera que os amigos cumpram suas promessas. As ofensas relacionais parecem ser um contexto favorecedor de desculpas indiretas, exceto no caso de “*lo siento*”, em processo de discursivização. Nos casos a seguir as formulações indiretas das desculpas cobrem ofensas relacionais entre casal e pais e filhos. Pede-se desculpas por ter de alguma forma interrompido o relacionamento e se espera ser aceito de volta pelos filhos, no caso dos roteiros peruano e mexicano, ou pela namorada, no caso do roteiro argentino.

Formulação: “lo lamento”:

Identificamos no *corpus* deste trabalho apenas 1 ocorrência de desculpas através da formulação “*lo lamento*” no **roteiro peruano**. Alfonso é jornalista e seu pai é médico. Seu pai o abandonou quando era pequeno e agora que se encontra envolvido num escândalo médico vem pedir ao filho que não publique o que ele e sua equipe de jornalistas descobriu sobre o caso.

(89) *Padre - Alfonso*: “Te tocó el peor padre, hijo. Y **lo lamento**.”
Alfonso – Padre: “¿A eso has venido? ¿A pedir perdón?” (*Tinta Roja*, Perú, 2000:89)

As desculpas não são aceitas pelo filho que reage negativamente, com sarcasmo, interrogando sobre a real intenção do pai ao vir falar com ele depois de tantos anos.

Formulação: “Hice todo mal, todo mal...”

Identificamos no *corpus* deste trabalho apenas 1 ocorrência de desculpas através da formulação “*hice todo mal, todo mal*” no **roteiro argentino**. Trata-se de uma formulação indireta de desculpas bastante longa entre Rafael e Nati sua

namorada, Rafael reconhece que errou com ela e pede uma segunda chance através do interfone da casa dela.

(90) *Rafael – Nati*: “Bueno, quedate, qué carajo me importa. (Pausa.) Oíme, correte. Escuchame, por favor, Nati. Escuchame. Necesito que me escuches. Bueno... **Hice todo mal, todo mal.** Nunca te escuché, nunca te di bola en todo lo que me dijiste. Pero... parece que lo vi, el problema, y dicen que... que si lo ves, eso es parte de la solución. La cagada es que no te dicen qué parte es. ¿El cincuenta por ciento, el dos por ciento? No, no sé. Pero... yo creo que me hizo bien la terapia... la intensiva, digo. Eh... qué más... ¡Ah, sí! Que ... bueno, no es verdad que no quiero tener más problemas con las cuentas, los proveedores, todo eso. Pero... quiero los tuyos, quiero los de Vicki, los de mi viejo, te lo juro. Son mi familia, yo los... los quiero ayudar, ¿me entendés? Eh... ¡Ah! Y que... mirá, yo quiero... vivir toda una vida con vos, llena de problemas. Los tuyos y los míos, por que... porque esos son problemas, eso son. Y el que no tiene... esos problemas... bueno, ése es el problema más grande que puede tener. Y ... que aunque no sea, no sé, Bill Gates, Einstein o el... el Dick Watson, yo quiero vivir toda mi vida con vos, este... llena de problemas, y te voy a cuidar, te voy a ... te voy a cuidar, por más problemas que tengas. ¡Que tenga! ¡Que tengamos! ¡Que tengamos! Y... No sé qué más decirte...eh... Decime algo vos, por favor... (Silencio. Rafael le habla a Osvaldo.) No contesta.” (El hijo de la novia, Argentina, 2001: 140-141)

Este monólogo, para reparar o que consideramos como uma ofensa relacional, é aceito pela namorada que não responde verbalmente mas desce até portaria, abraça e beija Rafael, ao contrário do caso anterior houve recebimento positivo das desculpas através de uma realização não verbal, um duplo gesto, abraço e beijo.

As desculpas indiretas são difíceis de reconhecer, como no caso da mensagem que a personagem do **roteiro mexicano** deixa pra sua filha na secretária eletrônica no final do filme, revelando-lhe que ele, seu pai biológico está vivo, e não morto como sempre lhe disseram.

(91) **Contestador automático**: *¡Hola! Estás hablando al 55 44 58 50, ahorita no te puedo contestar pero déjame tu recado y tu número telefónico y después me comunicaré contigo. ¡Gracias!* (3x)

El Chivo: Maru... mi amor... te habla Martín... tu papá... tu papá de sangre... Debes pensar que se trata de una... broma absurda, sobretodo después de tantos años que... me morí para ti... pero no... soy un fantasma que sigue vivo... Cuando te dejé de ver... acababas de cumplir dos años... pero te juro que no ha pasado un solo día en que he dejado de pensar en ti... La tarde en que me fui... te abracé... (empieza a llorar)... te cargué... **te pedí perdón por lo que iba a hacer... entonces... creía que había cosas más importantes que estar con tu madre y contigo...** quería... **quería componer el mundo para después...** compartirlo contigo... Te habrás dado cuenta de que **fracasé...** (llora)... acabé en la cárcel... combiné con tu madre que te dijera que... que había muerto... fue, **fue idea mía, no suya...** y le juré que no, no te buscaría jamás... pero no pude... (llora)... me estaba muriendo... más de lo muerto que ya estaba... **voy a regresar a buscarte... en cuanto encuentre valor para mirarte a los ojos...** (termina el tiempo de grabación)... te, te quiero mucho, mi hijita... (llora)... (*Amores Perros*, México, 2000:36)

Assinalamos em negrito partes do seu relato que poderiam ser consideradas como desculpas indiretas do pai que abandonou a filha pequena, ele relembra quando lhe pediu perdão à filha anos atrás, justifica com suas crenças e desejos o abandono, reconhece os erros e termina com uma promessa de retomar a relação no futuro com a filha. O gesto do choro, lágrimas e gemidos intensificam as desculpas que poderíamos considerar reparam uma ofensa relacional. Entretanto, o próprio emissor considera

que a ofensa é por demais grande para ser reparada apenas com palavras. Por não ter uma formulação clara das desculpas indiretas, não consideramos o exemplo 91 entre os dados da nossa análise final.

Assim, das 10 ocorrências de desculpas através da formulação indireta, verificamos que exceto a forma “*lo siento*”, as demais procuram reparar ofensas com maior grau de imposição de imagem. A formulação “*lo siento*”, assim como a formulação interrogativa “¿*me perdonas?*” e a interrogativa elíptica “¿*perdón?*” têm funções conversacionais mais convencionalizadas do ponto de vista pragmático.

2.3.2. As formulações interrogativas

A formulação interrogativa é a segunda formulação indireta mais freqüente em nosso *corpus* de pesquisa, registramos três ocorrências nos roteiros hispânicos. É um tipo de formulação que exige flexão pessoal e que está, portanto, necessariamente associada ao sistema de formas de tratamento de cada comunidade.

No que diz respeito à seleção da forma interrogativa para expressar desculpas com formulação, encontramos as seguintes distribuições, nos roteiros hispânicos:

- a) no roteiro espanhol e peruano identificamos a formulação interrogativa “¿*me perdonas?*” ;
- b) no roteiro argentino identificamos a formulação interrogativa “¿*me perdonás?*”; e
- c) nos roteiros mexicano, cubano, colombiano e chileno não identificamos ocorrência das desculpas através de formulação interrogativa.

Não encontramos nos roteiros hispânicos variação com relação à seleção do verbo, as 3 ocorrências identificados ocorreram como verbo “*perdonar*”. Ou seja, a forma está bastante cristalizada, nesse sentido, e também nas suas funções pragmáticas específicas. Repetir a formulação imperativa de desculpas em situações de familiaridade e intimidade, daí a seleção do verbo “*perdonar*” no caso dos roteiros espanhol e peruano, e anunciar o fim ou a interrupção da interação, no roteiro argentino.

Formulação: “¿*Me perdonas?*”:

Identificamos no *corpus* deste trabalho 3 ocorrências de desculpas através da formulação “¿*Me perdonas?*”.

A primeira ocorrência aparece no **roteiro espanhol** numa relação pessoal entre casal, com muita proximidade interpessoal, são doze anos de casados. Após uma briga entre Sancho e Clara, ele se desculpa por tê-la agredido fisicamente e reitera suas desculpas num segundo turno conversacional com esta formulação interrogativa.

(92) *Sancho – Clara: (insiste, tierno) “¿Me perdonas?” (Carne Trémula, España, 1997: 56)*

Consideramos que se trata de reparar uma ofensa relacional, com alto grau de imposição de imagem, violência doméstica, este é o segundo turno de fala reiterando as desculpas por parte do marido, que já havia dito, nos turnos de fala anteriores, correspondente aos exemplos 2, comum a formulação imperativa seguida de uma descrição de estado de ânimo: “*perdóname... siento haberme ido de casa como me he ido*”. O tipo de interação não é cara a cara, mas intermediada pelo telefone, assim como no caso a seguir, encontrado no roteiro peruano.

A segunda ocorrência aparece no **roteiro peruano** também numa relação pessoal entre casal, ao telefone, como no exemplo 92, e também reitera uma formulação imperativa, numa relação de bastante proximidade. Após ter ficado alguns dias sem ligar ou encontrar com sua amante, Faundez liga para se desculpar pela ausência.

(93) *Faundez – Rosana: “Hola amor. Sí, perdona, ... yo sé que debí avisarte, pero estuve muy mal, todo el día en cama sin poder moverme... el hígado otra vez, sí ¿me perdonas? No, no, tú sabes que te quiero, ninguna parranda, amor, que dices...” (Tinta Roja, Perú, 2000:70)*

Consideramos mais uma vez que se trata de reparar uma ofensa relacional. É curioso que o contexto é exatamente o mesmo, repetir expressão de desculpas, numa relação de casal, de homem para mulher, falando por telefone, relação à distância e não cara a cara. A ofensa relacional teve tanta imposição de imagem que o reencontro do casal, momentaneamente afastado fisicamente deve ser anunciado antes porque há risco de ruptura. Trata-se de uma situação muito diferente do contexto da terceira ocorrência, que analisamos no roteiro argentino.

A terceira ocorrência aparece no **roteiro argentino** numa relação pessoal entre amigos. Norma, a mãe de Rafael, está conversando com um outro paciente internado na clínica geriátrica quando seu filho e seu marido chegam para visitá-la. Para ir ao encontro deles, ela se desculpa por ter que interromper o intercâmbio.

(94) *Norma – Señor: “ ¿Me perdonás? Yo voy con el señor afuera un ratito. Enseguida vuelvo. (Se van y Norma le habla en secreto a Rafael) Este viejo es un depravado. Vámonos.” (El hijo de la novia, Argentina, 2001: 23)*

Consideramos que se trata de reparar uma ofensa conversacional. Trata-se neste caso de uma forma bastante convencionalizada para introduzir ou anunciar a saída do interlocutor do cenário conversacional. É um automatismo, ritual, de interrupção, anuncia-se ao interlocutor que o emissário não estará mais disponível para a interação por ter que sair, ir embora ou atender ao telefone por exemplo.

Das 3 ocorrências de desculpas através da formulação interrogativa, identificamos 2 ocorrências para reparar o que consideramos como ofensas relacionais com maior imposição da imagem, sempre em relações de muita intimidade e repetindo uma formulação anterior imperativa, com o verbo “*perdonar*”, menos marcada afetivamente.

A única ocorrência para reparar ofensa conversacional, aparece num contexto pragmático específico, o momento delicado da interrupção de intercâmbio, que parece ter uma fórmula cristalizada para indicar a retirada do interlocutor. A interrogação elíptica, também apresenta um contexto conversacional específico, com uma função pragmática fixa, ritual, habitual na lógica conversacional.

2.3.3. As formulações interrogativas elípticas

A formulação interrogativa elíptica, ao contrário da formulação interrogativa não exige flexão pessoal e desta forma não está necessariamente associada ao sistema de formas de tratamento de cada comunidade. As duas únicas ocorrências repertoriados da formulação interrogativa elíptica foram encontrados no roteiro do filme peruano através da formulação “¿*perdón?*” e reparam ofensas conversacionais de forma bastante cristalizada.

Formulação: “¿*Perdón?*”

Identificamos no *corpus* deste trabalho 2 ocorrências de desculpas através da formulação “¿*Perdón?*”:

Estes duas ocorrências aparecem no **roteiro peruano**; na relação entre chefe e estagiário para reparar o que consideramos como uma ofensa conversacional.

No primeiro caso Faundez pergunta a Alonso há quanto tempo ele não transa. A formulação é uma maneira convencional de pedir que o interlocutor repita o que disse, e pode introduzir um desacordo atenuado.

(95) *Faundez – Alfonso*: “¿Y tú? ¿Desde cuándo que no remojas la guasamandrapa?”
Alfonso – Faundez: “¿Perdón?” (*Tinta Roja*, Perú, 2000:36)

Consideramos a ofensa como uma ofensa conversacional, comum papel fixo na interação, pedir ao interlocutor que repita o que ele disse, por não ter entendido ou por não ter concordado com a intrusão territorial do interlocutor.

A segunda ocorrência das desculpas com a forma interrogativa “¿perdón?”: também repara o que consideramos como uma ofensa conversacional na mesma relação assimétrica entre chefe e estagiário. Ortega, chefe do Jornal *El Clamor*, faz uma pergunta a Juanqui. Ortega não concorda com a resposta e introduz o desacordo com a formulação interrogativa elíptica.

(96) *Juanqui – Ortega*: “Bueno...a...es decir...ser lo mas objetivos posible, verificar las fuentes, comprobar los datos.”
Ortega mira a Juanqui como si este fuera un retrasado mental.
Ortega – Juanqui: “¿Perdón? ¿Usted lleva trabajando más de dos meses en EL Clamor? (Sonríe despectivo) A ver, dígame, ¿entretener o informar?” (*Tinta Roja*, Perú, 2000:75)

As duas ocorrências no *corpus* deste trabalho da expressão de desculpas através da formulação indireta “¿perdón?” aparecem em situações de distância interpessoal intermediária, e têm uma função ritual cristalizada do ponto de vista conversacional, implicando seja num ato exortativo impositivo, petição, ou num desacordo atenuado.

Em síntese, nos roteiros hispânicos, as **formulações indiretas**:

► são na maioria fórmulas bastante convencionais na interação conversacional, as principais são “*lo siento*”, com a função de transmitir más notícias nas comunidades colombianas e mexicanas; com relação às demais formulações, ¿*me perdonas?* ou ¿*me perdonás?*, com a função de reiterar afetivamente a expressão das desculpas em contexto de familiaridade; e ¿*perdón?* como fórmula conversacional que introduz petição ou desacordo como ato de linguagem derivado;

► as formulações descritivas, com muitas intensificações e mais longas tanto na formulação quanto na intervenção do emissor, cobrem ofensas relacionais com maior imposição da imagem, muitas vezes essas formulações indiretas são difíceis de

identificar como desculpas, uma vez que recorrem mais a diversas estratégias de intensificação e gestos do que a formulações específicas, recorrentes e habituais.

Vejamos agora como se comportam as formulações indiretas nos roteiros brasileiros, os principais pontos de convergência e divergência com os resultados que acabamos de expor.

2.4. As formulações indiretas das desculpas nos roteiros brasileiros

O quadro 7 ilustra a distribuição geral das 3 formulações indiretas das desculpas nos roteiros brasileiros. Encontramos um total de duas formulações lingüísticas que realizam os atos discursivos das desculpas em português. A formulação mais freqüente é a indireta descritiva (67%), seguida da formulação interrogativa “*Me perdoa?*” (33%).

Quadro 7: Formulações indiretas nos roteiros brasileiros: total de fórmulas lingüísticas

	<u>Interrogativo</u>	<u>Indireto</u>	<u>Total</u>
Formulações lingüísticas indiretas	1 (33%)	2 (67%)	3 (100%)

As desculpas que identificamos nas formulações indiretas são estruturadas a partir de enunciados indiretos descritivos (2/3 ocorrências), com as formulações “*Foi mal.*” e “*Foi sem querer.*”; seguida da formulação interrogativa “*Me perdoa?*” (1/3). O quadro 8 (abaixo) ilustra detalhadamente as formulações lingüísticas identificadas para a realização indireta das desculpas em cada roteiro brasileiro:

Quadro 08: Formulações indiretas nos roteiros brasileiros: formulações lingüísticas

	<u>Interrogativo</u>	<u>Descritivo</u>	<u>Total</u>
Brasil (A)	Me perdoa? (1)	Foi mal (1)	2
Brasil (B)	-	Foi sem querer (1)	1
Total	1/3 (33%)	2/3 (67%)	3 (100%)

Vejamos como se realizam as desculpas indiretas realizadas nos roteiros brasileiros através de formulações descritivas e interrogativas.

2.4.1. As formulações descritivas

A formulação descritiva, das desculpas é formulação indireta mais freqüente em nosso *corpus* de roteiros brasileiros. O emissor reconhece a ofensa, descreve um estado de pesar ou afirma involuntariedade. Identificamos neste contexto as seguintes formulações: “*foi mal.*” e “*foi sem querer*”.

Formulação: “*Foi mal*”

Identificamos no *corpus* deste trabalho apenas 1 ocorrência de desculpas através da formulação “*foi mal*” no **roteiro brasileiro (A)** numa relação de mais proximidade entre casal. Julia 3 ao namorar Carlos 3 o deixa algemado na cama e perde a chave das algemas. Foi preciso chamar um chaveiro para arrombá-la, ela se desculpa por tê-lo exposto a essa situação embaraçosa.

(97) *Julia 3 – Carlos 3*: “**Foi mal**, Carlos, isso nunca tinha me acontecido antes...Você foi a primeira pessoa que deixou que eu a algemassem na cama.” (*Amores Possíveis*, Brasil, 2001:81)

Consideramos que se trata de reparar uma ofensa territorial relacionada ao território físico de Carlos, seu corpo e imagem social, o chaveiro o libera com um comentário brincalhão, “*taradinho hein chefe?*”. A formulação mais coloquial acentua ou intensifica as desculpas marcando a relação de confiança e proximidade.

Formulação: “*Foi sem querer*”

Identificamos no *corpus* deste trabalho apenas 1 ocorrência de desculpas através da formulação “*foi sem querer*” no **roteiro brasileiro (B)** numa relação de mais proximidade entre amigos. Alicate bate com o carro derrubando o muro do bar da favela e acaba machucando seu amigo.

(98) *Marreco – Alicate*: “Vai tomar no cu, porra! Cuzão!”
Alicate- Marreco: “Não fode, rapaz! **Foi sem querer**, meu irmão!” (*Cidade de Deus*, Brasil, 2003:38)

Consideramos que se trata de reparar uma ofensa territorial relacionada ao território físico de Alicate. É uma formulação indireta e reativa, no par adjacente recriminação-desculpas.

As duas formulações indiretas descritivas, nos roteiros brasileiros (A) e (B), aparecem para reparar ofensas territoriais, relacionadas ao físico do destinatário, trata-se de objetos de desculpas mais concretos e materiais, ao contrário da formulação interrogativa.

2.4.2. As formulações interrogativas

Identificamos somente 1 ocorrência da formulação interrogativa no roteiro de Brasil (A). Esta única ocorrência de desculpas através da formulação interrogativa “*me perdoa?*” aparece, como nos roteiros hispânicos, numa relação de casal após uma ofensa com uma carga de imposição da imagem tão importante que põe em risco a continuidade da relação.

Formulação: “*Me perdoa?*”

Identificamos no *corpus* deste trabalho apenas 1 ocorrência de desculpas através da formulação “*me perdoa?*”, no roteiro brasileiro (A).

Trata-se da reconciliação final do casal, é a última cena do filme. Carlos 2 se separou do namorado, Pedro 2, para voltar com sua ex-mulher, mas descobre que ele ama mesmo Pedro 2 por isso volta a procurá-lo e pede desculpas, ou seja, que o aceite de volta, é a mesma situação dos exemplos 92 e 93, nos roteiros espanhol e peruano, respectivamente.

(99) Carlos 2 – Pedro 2: “Eu amo você, Pedro. **Me perdoa?**”

Pedro 2 – Carlos 2: “Ta bom. É muito chato jogar sozinho mesmo.” (*Amores Possíveis*, Brasil, 2001:129)

Consideramos que se trata de reparar uma ofensa relacional. Ter deixado o interlocutor, é uma ofensa com séria imposição de imagem. Esta interação, à diferença das duas encontradas nos roteiros hispânicos, é uma interação cara a cara, o que aumenta a intensidade das desculpas e deixa menos dúvidas sobre a condição de sinceridade do ato.

Nos roteiros brasileiros, as formulações indiretas das desculpas cobrem ofensas relacionais ou territoriais e físicas, relacionadas a objetos de desculpas mais concretos e materiais, e menos conversacionais, como no caso dos roteiros hispânicos.

Em síntese, nos roteiros hispânicos e brasileiros, podemos concluir com algumas observações sobre as **formulações indiretas**.

□ ► Ao analisar os nove roteiros que compõem o nosso *corpus* de pesquisa, identificamos um total de 74 ocorrências de desculpas em espanhol e 24 ocorrências de desculpas em português. Das 74 desculpas em espanhol identificamos 15 formulações indiretas e das 24 desculpas em português identificamos 3 formulações indiretas. Consideramos três tipos de formulações indiretas:

- a) os pedidos indiretos nos que se reconhece a ofensa, se descreve um estado de pesar ou se afirma involuntariedade,
- b) o interrogativo elíptico “¿perdón?” em espanhol e nenhuma ocorrência em português;
- c) o interrogativo “*me perdonas?*” em espanhol e “*me perdoa?*”, em português.

□ ► Nos roteiros hispânicos, das 15 formulações indiretas ou implícitas (que se constituem de enunciados descritivos, interrogativos ou interrogativos elípticos), as formulações indiretas mais freqüentes foram as desculpas descritivas (10 ocorrências), seguida da formulação interrogativa (3 ocorrências) e por último da formulação interrogativa elíptica (2 ocorrências). As desculpas reparam de forma bastante sistemática de acordo com sua formulação ofensas conversacionais, com menor imposição de imagem ou ofensas relacionais, com maior imposição de imagem.

► Em português identificamos 3 ocorrências de desculpas através de formulações indiretas; 2 ocorrências indireto descritivo e 1 ocorrência interrogativo. Apesar de termos pouquíssimos dados, as desculpas reparam de forma bastante sistemática de acordo com sua formulação ofensas territoriais relacionadas ao físico (esbarrar, empurrar, machucar), ou ofensas relacionais, com maior imposição de imagem, em situação de ruptura da relação.

2.5. Conclusão: as formulações diretas e indiretas das desculpas nos roteiros brasileiros e hispânicos

O objetivo deste capítulo é, basicamente, responder a duas perguntas de pesquisa referentes às formulações diretas e indiretas das desculpas. Em primeiro lugar gostaríamos de saber: *Quais são as formulações mais freqüentes para as desculpas em português e em espanhol?*

E, em segundo lugar: *Quais são os contextos de uso das formulações diretas e indiretas das desculpas, considerando como fatores de variação conversacional:*

a) o tipo de ofensa para as desculpas; b) o tipo de relação social e c) a distância interpessoal nos intercâmbios?

As formulações diretas das desculpas, com os verbos “*perdonar*” ou “*disculpar*” em imperativo são as mais frequentes em espanhol, seguidas da formulação elíptica “*perdón*”. Em português as formulações imperativas são as dominantes e, a formulação imperativa “*desculpa*” parece estar em pleno processo de discursivização, a meio caminho entre a formulação imperativa e a formulação elíptica.

Nossa hipótese inicial foi confirmada no que diz respeito às desculpas. As formulações diretas e indiretas das desculpas variam em função do contexto conversacional, ou seja, em função do objeto considerado como “ofensa”, em função do tipo de relação social e da distância interpessoal assumida pelos participantes da interação.

As principais diferenças no contexto de formulação das desculpas nos roteiros brasileiros, considerando o conjunto de roteiros hispânicos, estão relacionadas a três fatores principais, o tipo de ofensa, a realização indireta de atos derivados e a resposta opcional às desculpas. No seu conjunto, a análise dessas divergências nos dá pistas sobre o perfil comunicativo e o funcionamento conversacional das diferentes comunidades sócio-culturais implicadas na nossa análise.

► No que diz respeito ao contexto convencional de uso das desculpas é importante considerar o **objeto** que se considera como **ofensa** para procurar pistas sobre o funcionamento conversacional das diferentes comunidades sócio-culturais implicadas na nossa análise.

As desculpas são um ato reparador do discurso. O ofensor tenta obter do ofendido algum tipo de perdão por uma ofensa, que supostamente ou realmente cometeu. A ofensa seria o acontecimento prévio que desencadeia o ritual das desculpas (Kerbrat-Orecchioni, 2005:140).

Após analisar os roteiros dos filmes estabelecemos basicamente três tipos de ofensas (conversacionais, territoriais e relacionais) que desencadearam atos reparadores. No quadro 9 podemos observar a frequência das ofensas que foram motivos de desculpas nos roteiros escritos em português e espanhol.

Identificamos 74 casos de ofensas nos roteiros hispânicos e 24 casos de ofensas nos roteiros brasileiros.

Quadro 09: Tipos de ofensas em espanhol e em português:

<u>Tipo de ofensas</u>	<u>Espanhol</u>		<u>Português</u>	
Conversacionais	42	57%	10	42%
Territoriais	21	28%	09	37%
Relacionais	11	15%	05	21%
	74		24	

Consideramos “ofensas” como **conversacionais** quando o objeto das desculpas são de natureza verbal e estão relacionados a algum ato de linguagem considerado desfavorável (FTA) para a imagem social dos interactantes no que diz respeito ao sistema de polidez. Consideramos nove tipos de **ofensas conversacionais**: (1) Identificação; (2) Inicio de intercâmbio; (3) Interrupção de intercâmbio; (4) Interrupção do turno de fala; (5) Maneira de falar; (6) Desacordo; (7) Más notícias; (8) Recusa de oferecimento; e (9) Gafes.

As ofensas conversacionais foram às ofensas mais freqüentes identificadas no *corpus* desta pesquisa. Nos roteiros em espanhol há uma diferença acentuada entre as ofensas conversacionais (42 casos) e as ofensas territoriais (21 casos) e as ofensas relacionais (11 casos). Nos roteiros em português também identificamos as ofensas conversacionais como as mais freqüentes (10 casos), seguida das ofensas territoriais (09 casos) e das ofensas relacionais (05 casos). Diferente do que observamos nos roteiros em espanhol, a freqüência das ofensas conversacionais está bem próxima das ofensas territoriais nos roteiros em português.

► No que diz respeito às **ofensas conversacionais** elas parecem ser mais freqüentemente reparadas por desculpas nos roteiros hispânicos que nos brasileiros.

Nos roteiros hispânicos, como pode ser visto no quadro 10, das 42 ofensas conversacionais identificadas, as que foram reparadas com mais freqüência são: **identificação** (10 casos); **maneira de falar** (8 casos); **desacordo** (08 casos); **gafes** (6 casos); **interrupção de intercâmbio** (03 casos); **inicio de intercâmbio** (2 casos); **interrupção do turno de fala** (2 casos); **más notícias** (2 casos) e **recusa de um oferecimento** (1 caso).

Nos roteiros brasileiros, como pode ser visto no quadro 11, das 10 ofensas conversacionais identificadas as que foram reparadas com mais freqüência são: **desacordo ou negociação do tema conversacional** (3 casos); **identificação** (2 casos); **recusa de oferecimento** (2 casos); **gafe** (1 caso); **interrupção de intercâmbio** (1 caso) e **maneira de falar** (1 caso).

Quadro 10: Tipos de ofensas conversacionais nos roteiros hispânicos

<u>Tipo de ofensas conversacionais</u>	<u>Espanhol</u>	
Identificação	10	24%
Início de intercâmbio	02	5%
Interrupção de intercâmbio	03	7%
Interrupção do turno de fala	02	5%
Maneira de falar	08	19%
Desacordo	08	19%
Más notícias	02	5%
Recusa de oferecimento	01	2%
Gafes	06	14%
Total	42/100%	

Quadro 11: Tipos de ofensas conversacionais nos roteiros brasileiros

<u>Tipo de ofensas conversacionais</u>	<u>Português</u>	
Identificação	02	20%
Início de intercâmbio	--	--
Interrupção de intercâmbio	01	10%
Interrupção do turno de fala	--	--
Maneira de falar	01	10%
Desacordo	03	30%
Más notícias	--	--
Recusa de oferecimento	02	20%
Gafes	01	10%
Total	10/100%	

Não repertoriamos, nos roteiros brasileiros, casos de ofensas conversacionais quando o emissor transmite **má notícia**, quando **interrompe o turno de fala** ou quando vai **iniciar um intercâmbio**.

► No que diz respeito às **ofensas territoriais** há um percentual maior de desculpas relativas à invasão do espaço do outro nos roteiros hispânicos, enquanto que nos roteiros brasileiros as desculpas estão bem restritas a questões físicas.

Nos roteiros hispânicos, como pode ser visto no quadro 12, das 21 ofensas territoriais identificadas nos roteiros hispânicos, as que foram reparadas com mais frequência são: **físico** (13 casos); **espaço** (6 casos) e **tempo** (2 casos).

Dos 13 casos identificados de ofensas territoriais físicas nos roteiros hispânicos, 11 casos ocorrem por **invasão física ao corpo** do destinatário: 6 casos no roteiro cubano, 4 casos no roteiro espanhol e 1 caso no roteiro argentino. E 2 casos ocorrem por **invasão física ao objeto / propriedade** do destinatário: 1 caso no roteiro argentino e 1 caso no roteiro peruano. Os 6 casos identificados das **ofensas territoriais por invasão ao espaço** do destinatário foram reparados com mais frequência com a formulação imperativa com o verbo *disculpar*. Todos os casos ocorrem nas relações pessoais.

Nos roteiros brasileiros, como pode ser visto no quadro 13, das 9 ofensas territoriais identificadas nos roteiros hispânicos, as que foram reparadas com mais frequência são: **físico** (07 casos); **espaço** (1 caso) e **tempo** (1 caso).

Quadro 12: Tipos de ofensas territoriais em espanhol:

Tipo de ofensas territoriais	Espanhol	
Espaço	06	28%
Tempo	02	10%
Físico	13	62%
Total	21/100%	

Quadro 13: Tipos de ofensas territoriais em português:

Tipo de ofensas territoriais	Português	
Espaco	01	11%
Tempo	01	11%
Físico	07	78%
Total	9/100%	

Dos 7 casos identificados de ofensas territoriais físicas nos roteiros brasileiros, 5 casos ocorrem por **invasão física ao corpo** do destinatário: 3 casos no roteiro de Brasil A (*Amores Possíveis*) e 2 casos no roteiro de Brasil B (*Cidade de Deus*). E 2 casos ocorrem por **invasão física ao objeto / propriedade** do destinatário: este único caso foi identificado no roteiro de Brasil B (*Cidade de Deus*).

► No que diz respeito às **ofensas relacionais** nos roteiros hispânicos e brasileiros predominam nas relações sociais de maior proximidade, em relações pessoais, bem mais do que em relações transacionais. Nos roteiros brasileiros as desculpas relacionais, como prática de cortesia, só aparecem no roteiro do Brasil (A) no roteiro do Brasil (B) não há nenhum caso de desculpas por ofensas relacionais.

Nos roteiros hispânicos, como pode ser visto no quadro 14, das 11 ofensas relacionais identificadas nos roteiros hispânicos, as que foram reparadas com mais frequência ocorreram nas relações entre: **Casal** (4 casos); **Amigos** (3 casos); **Pais e Filhos** (2 casos) e **Autoridade** (2 casos).

Nos roteiros brasileiros, como pode ser visto no quadro 15, das 5 ofensas relacionais identificadas, as que foram reparadas com mais frequência ocorreram nas relações entre: **Casal** (4 casos) e nas relações de **Compra e Venda** (1 caso).

Quadro 14: Tipos de ofensas relacionais em espanhol:

Tipo de ofensas relacionais	Espanhol	
Pessoal		
Casal	04	37%
Amigos	03	27%
Pais e filhos	02	18%
Transacional		
Autoridade	02	18%
Compra e venda	--	--
Total	11/100%	

Quadro 15: Tipos de ofensas relacionais em português:

Tipo de ofensas relacionais	Portugues	
Pessoal		
Casal	04	80%
Amigos	--	--
Pais e filhos	--	--
Transacional		
Autoridade	--	--
Compra e venda	01	20%
	5/100%	

Nos roteiros brasileiros, os 4 casos identificados de ofensas relacionais entre **Casal** e 1 caso identificado de ofensa relacional nas relações de **Compra e Venda** ocorreram no roteiro brasileiro de *Amores Possíveis*. Não identificamos ofensa relacional no roteiro do filme *Cidade de Deus*.

► No que diz respeito às formulações de **desculpas que realizam outro ato de fala nos roteiros hispânicos e brasileiros** há uma clara diferença no que diz respeito ao desacordo e à utilização de estratégias de humor. Enquanto nos roteiros hispânicos o humor irônico, sarcástico ou paródico está relacionado aos contextos de desacordo conversacional atenuados, no único caso de humor paródico, nos roteiros brasileiros, a estratégia de humor está relacionada a um jogo de sedução entre casal, na hora da intimidade.

Quadro 16: Desculpa e atos de fala em espanhol e português

<u>Atos de fala</u>	<u>Espanhol</u>		<u>Português</u>	
Desculpas	51	69%	20	83%
Petição	09	13%	--	--
Desacordos	07	9%	03	13%
Humor	07	9%	01	4%
	74 (100%)		24 (100%)	

A formulação de desculpa além de reconhecer uma ofensa pode introduzir de forma indireta outros atos de linguagem, como pedido e desacordo, e também conter estratégia de humor (cf. quadro 16).

► No que diz respeito ao **terceiro componente da troca das desculpas nos roteiros hispânicos e brasileiros**, não se trata de uma estratégia comum e prevalece em relações pessoais de mais proximidade ou coloquialidade.

O terceiro componente da troca é a reação que o interlocutor manifesta após as desculpas. Segundo Kerbrat-Orecchioni (2005: 154) o funcionamento da troca é a seguinte: ofensa (FTA) + desculpa (FFA) + “por nada” (minimização). No que diz respeito ao componente central da troca, o pedido de desculpas sucede um FTA, então deve ser produzida pelo autor da ofensa inicial (A), que tenta neutralizar pelo menos parcialmente a ofensa com um comportamento reparador. No que diz respeito ao terceiro componente da troca, a ofensa é avaliada como um ato negativo, então cabe a vítima (B) minimizá-la. A presença do terceiro componente da troca é facultativa, teoricamente a reação pode ser negativa ou positiva.

a) reação negativa: (1) o ofendido nega a existência prévia de uma ofensa; (2) o ofendido considera a ofensa irreparável; (3) o ofendido considera as desculpas inútil.

b) reação positiva: (1) o ofendido considera reparado o dano que acaba de receber.

Vale ressaltar que a reação negativa não significa que o ofendido não conceda o perdão ao ofensor. Identificamos no *corpus* deste trabalho encadeamentos aparentemente negativos constituindo aceitação às desculpas.

Ao analisar os nove roteiros que compõem o nosso *corpus* de pesquisa, identificamos um total de 74 desculpas em espanhol e 24 desculpas em português. Das 74 desculpas em espanhol identificamos apenas 9 reações e das 24 desculpas em português identificamos apenas 3 reações. Ou seja, as reações às desculpas não são muito frequentes e devem responder a contextos bem específicos de interação. Quais são esses contextos é o que tentaremos definir a seguir.

Nos roteiros hispânicos, das 9 **reações** das desculpas, 7 ocorrências foram interpretadas como reações positivas e 2 ocorrências foram interpretadas como reação negativa. O terceiro componente da troca se distribui da seguinte maneira nos roteiros hispânicos:

- a) no roteiro **espanhol** e **mexicano** identificamos 1 reação positiva ao pedido de desculpas em cada roteiro;
- b) no roteiro **argentino** identificamos 4 reações positivas;
- c) no roteiro **cubano** identificamos 1 reação positiva e 1 reação negativa ao pedido de desculpas;
- d) no roteiro **peruano** identificamos 1 reação negativa ao pedido de desculpas;
- e) e não identificamos nenhum tipo de reação ao pedido de desculpas no roteiro **colombiano e chileno**.

As duas reações negativas se dão em relações pessoais entre amigos e de pai para filho, como vimos nos exemplos 5 e 89 desta análise.

(5) *Diego – Nancy*: “Nancy...Nancy sé que estás ahí. Perdoname. Yo no quise ofenderte. Abrame, anda.”

Nancy – Diego: “**No te perdono**. Ni que dejes una nota diciendo que tienes la culpa.” (*Fresa y chocolate*, Cuba, 1993)

(89) *Padre - Alfonso*: “Te tocó el peor padre, hijo. Y lo lamento.”

Alfonso – Padre: “**¿A eso has venido? ¿A pedir perdón?**” (*Tinta Roja*, Perú, 2000:89)

A reação negativa ocorre através do encadeamento “*No te perdono*” ou, da pergunta sarcástica “*¿A eso has venido? ¿A pedir perdón?*”. Kerbrat-Orecchioni (2005:149) afirma que fórmulas deste tipo “*No te perdono*.” “recusam o ato de reparação, sublinhando seu caráter puramente simbólico: de modo algum se admite que simples palavras possam vir a compensar o prejuízo sofrido, tampouco a possibilidade de se conceder uma absolvição mediante tão pouco trabalho...”

As sete reações positivas às desculpas também ocorrem majoritariamente em relações pessoais, sendo que as estratégias de aceitação das desculpas são variadas e têm implicaturas conversacionais diferentes.

No exemplo 53, o cliente nega que haja gafe conversacional e concorda com Rafael de que ser viúvo é realmente ótimo.

(53) *Rafael – Sandra*: “ ¡Sandra! ¡Qué querés! Sí, ya sé que hoy es jueves. No, no me voy a olvidar, yo la voy a buscar... ¡Qué no me voy a olvidar, terminala...! ¡¿Cómo me voy a olvidar?! ¡Es mi hija! ¡Chau!” (Cuelga. A Sciacalli)

Rafael – Sciacalli: “Sciacalli...Perdón. Mi ex mujer. Qué bárbaro sería ser viudo, ¿no?”

Sciacalli – Rafael: “Yo soy viudo.”

Rafael – Sciacalli: “Uy, Perdón.”

Sciacalli – Rafael: “**No, es bárbaro.**” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 13)

No exemplo 3, Clara concede a aceitação verbal das desculpas mas comportalmente continua decidida a partir, razão pela qual o marido volta a bater nela, pra que ela não saia de casa.

(3) *Sancho – Clara*: “Puedo cambiar. Te lo demostré la semana pasada, ¿no? (exige) Perdóname, joder!”
Clara – Sancho: “**Te perdono.**” (*Carne Trémula*, España, 1997: 198)

No exemplo 40, Daniel responde à gafe conversacional com um “*no hay problema*”, que minimiza os efeitos da ofensa.

(40) *Nacho(médico) – Daniel*: “¿Tú asumes la responsabilidad?”
Daniel – Nacho: “Muchas gracias, Nacho.”
Nacho / Daniel: “No hay de qué. Saludos a Julieta. Perdón, es la costumbre. Beso a las niñas.”
Daniel – Nacho: “**No hay problema.**” (*Amores Perros*, México, 2000:30)

No exemplo 87, Diego nega que houve ofensa e assume a responsabilidade da briga para si desculpando-se também indiretamente, uma vez que reconhece que também errou. É uma maneira de igualar-se ao interlocutor e diminuir o FTA que consiste o pedido de desculpas.

(87) *Diego - David*: “Murió en 1630. No te abochornes. Nadie lo sabe todo. Te debo una explicación por lo del otro día.”
David - Diego: “**No no. No me debes nada, al contrario, si yo fui el que me puse pesado, es que había tenido un día malísimo.**”
Diego - David: “Fui un frívolo. No sé que me pasó, me puse nervioso. No sé, yo nooo... bueno realmente yo no soy así (...) y además creo en la amistad (...) y creo que podemos ser amigos.”
David - Diego: “Yo también. En la amistad (...) lo otro es otra cosa.” (*Fresa y chocolate*, Cuba, 1993:10)

No exemplo 7, o Juan Carlos responde à gafe conversacional com um “*no hay problema*”, negando as consequências da ofensa.

(7) *Rafael – Juan Carlos*: “Contame un poco de vos, che. ¿Te casaste, tenés familia?”
Juan Carlos – Rafael: “Me casé, sí señor, con una mina bárbara. Y tuve una hija.”
Rafael – Juan Carlos: “¿Y, qué tal?”
Juan Carlos – Rafael: “Y, para mí son como dos angelitos.”
Rafael – Juan Carlos: “Lindas.”
Juan Carlos – Rafael: (Serio) “No. Fallecieron. Pero digo que para mí son como dos angelitos de la guardia, por que están conmigo todo el tiempo, ¿viste?”
Rafael – Juan Carlos: (Risa ambigua) “¡Dejate de joder!”
Juan Carlos – Rafael: No, de verdad, fallecieron hace dos años.”
Rafael se deja de reír de a poco, se queda serio.
Rafael – Juan Carlos: “Perdoname, estoy...”
Juan Carlos – Rafael: “**No hay drama...**” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 60)

No exemplo 9, Juan Carlos aceita as desculpas desculpando-se, e igualando-se ao interlocutor desta forma..

(9) *Rafael – Juan Carlos*: “Sí, no..., yo tampoco sé. No, vine...che, boludo, quería pedirte disculpas por lo del otro día...”
Juan Carlos – Rafael: “**Ah, no, perdoname vos a mí...**” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 123)

E finalmente, no exemplo 90, a formulação mais longa das desculpas indiretas, quando Rafael se desculpa pelo interfone com sua namorada. Nati desce do

apartamento e aceita as desculpas através do não verbal (abraço e beijo apaixonado), reatando assim a relação entre eles.

(90) *Rafael – Nati*: “Bueno, quedate, qué carajo me importa. (Pausa.) Oíme, correte. Escuchame, por favor, Nati. Escuchame. Necesito que me escuches. Bueno... Hice todo mal, todo mal. Nunca te escuché, nunca te di bola en todo lo que me dijiste. Pero... parece que lo vi, el problema, y dicen que... que si lo ves, eso es parte de la solución. La cagada es que no te dicen qué parte es. ¿El cincuenta por ciento, el dos por ciento? No, no sé. Pero... yo creo que me hizo bien la terapia... la intensiva, digo. Eh... qué más... ¡Ah, sí! Que ... bueno, no es verdad que no quiero tener más problemas con las cuentas, los proveedores, todo eso. Pero... quiero los tuyos, quiero los de Vicki, los de mi viejo, te lo juro. Son mi familia, yo los... los quiero ayudar, ¿me entendés? Eh... ¡Ah! Y que... mirá, yo quiero... vivir toda una vida con vos, llena de problemas. Los tuyos y los míos, por que... porque esos son problemas, eso son. Y el que no tiene... esos problemas... bueno, ése es el problema más grande que puede tener. Y ... que aunque no sea, no sé, Bill Gates, Einstein o el... el Dick Watson, yo quiero vivir toda mi vida con vos, este... llena de problemas, y te voy a cuidar, te voy a ... te voy a cuidar, por más problemas que tengas. ¡Que tenga! ¡Que tengamos! ¡Que tengamos! Y... No sé qué más decirte...eh... Decime algo vos, por favor... (Silencio. Rafael le habla a Osvaldo.) No contesta.” (El hijo de la novia, Argentina, 2001: 140-141)

Nos roteiros brasileiros, das 3 reações ao pedido de desculpas, 2 ocorrências foram identificadas como reações positivas e 1 ocorrência foi identificada como reação negativa. Os três casos identificados do terceiro componente da troca foram repertoriados no roteiro do filme brasileiro *Amores Possíveis*, não encontramos ocorrência do terceiro componente da troca em *Cidade de Deus*.

As duas reações positivas ocorrem numa relação transacional, no exemplo 76 e numa relação pessoal.

No exemplo 76, Carlos 3 está interessado em continuar a transação por isso aceita rapidamente as desculpas com um “claro” mais uma justificativa: “*errar é humano*”.

(76) *Lídia – Carlos 3*: “Os dados conferem. Sua alma gêmea está aqui.”

Carlos 3 – Lídia: “Aqui onde?”

Lídia – Carlos 3: “É a nossa cliente número 1010. Você é o 1020.”

Carlos 3 dá um pulo na poltrona. Olha no monitor.

Carlos 3 – Lídia: “Mas essa não é a Júlia!”

Lídia – Carlos 3: “Ah, não?! Me desculpe.”

Carlos 3 – Lídia: “**Claro, errar é humano. Todos merecem uma segunda chance.** Olha só, eu quero o nome e endereço dessa mulher. Onde posso encontrá-la?” (*Amores Possíveis*, Brasil, 2001:120)

No exemplo 99, Pedro 2 aceita Carlos 2 de volta, com uma fórmula de aceitação “*ta bom*”, intensificada pela paródia humorística, que como já vimos parece ser recorrente no discurso amoroso: “*é muito chato jogar sozinho mesmo*”.

(99) *Carlos 2 – Pedro 2*: “Eu amo você, Pedro. Me perdoa?”

Pedro 2 – Carlos 2: “**Tá bom. É muito chato jogar sozinho mesmo.**” (*Amores Possíveis*, Brasil, 2001:129)

A reação negativa ocorre, assim como nos roteiros hispânicos, numa relação pessoal, a ofensa é muito grave e a ruptura de relacionamento causou danos que não podem ser reparados com fórmulas de desculpas.

(75) *Carlos 2 – Julia 2*: “Me desculpa...”
Julia 2 – Carlos 2: “**Te desculpar? Eu quero que você morra!**” (*Amores Possíveis*, Brasil, 2001:125)

A negação das desculpas se dá por pergunta sarcástica e expressão votiva encadeadas: “*Te desculpar? Eu quero que você morra!*”.

As formulações das respostas às desculpas podem ser mais ou menos formulaicas, assim como a própria expressão das desculpas em função do tipo de ofensa, da relação social entre os interactantes e da distância interpessoal. O repertório de fórmulas e contextos de uso dos agradecimentos, como veremos a seguir, é muito mais restrito, e segue padrões rituais de comportamento, está mais sujeito a automatismo talvez por representarem atos de linguagem com menos imposição da imagem.

3. As formulações diretas e indiretas dos agradecimentos:

Ao analisar os nove roteiros que compõem o nosso *corpus* de pesquisa, identificamos, do ponto de vista pragmalingüístico, um total de 77 agradecimentos em espanhol e 21 agradecimentos em português. Como vemos nos gráficos 03 e 04, nos dois *corpus* predominam as formulações diretas, 72/77 ocorrências em espanhol e 14/21 ocorrências em português.

Gráfico 03

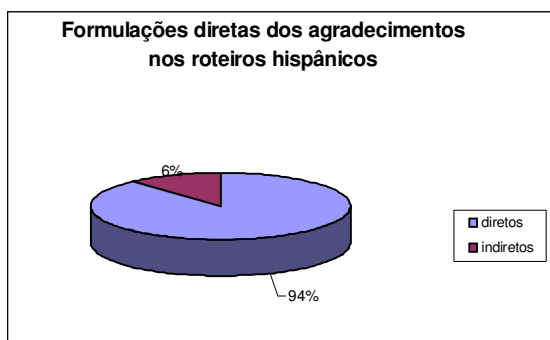
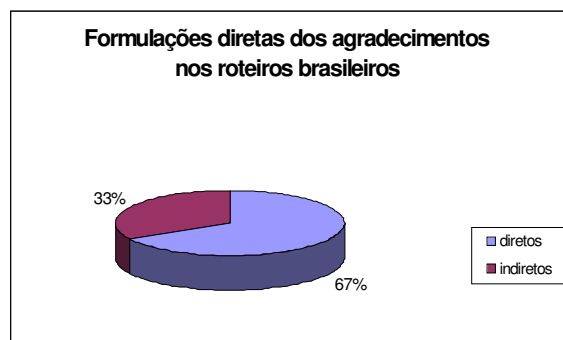


Gráfico 04



Consideramos dois tipos de **formulações diretas**:

- a) As formulações elípticas “*gracias*” em espanhol ou “*obrigado(a)*”, “*obrigado por*”, “*valeu*” e “*brigadão*” em português;
- b) os enunciados verbais performativos “*Les agradecemos mucho.*”, “*Te quería dar las gracias.*” e “*Yo agradezco.*” em espanhol e não identificamos ocorrência em português.

E dois tipos de **formulações indiretas**:

- a) Os agradecimentos indiretos, como: “*Te estoy tan agradecido.*” e “*Te pasaste.*” em espanhol ou “*Mãe o que seria de mim sem a senhora?*”, “*Tu é legal pra caramba.*” e “*Esse cara é legal pra caramba.*” em português;
- b) o gesto do agradecimento – tapinha nas costas, olhada e sorriso no roteiro hispânico ou sinal de OK com o dedo, tapinha nas costas, tapinha no ombro e beijo no rosto no roteiro brasileiro.

Nesse capítulo pretendemos responder a duas perguntas de pesquisa referentes às formulações diretas e indiretas dos agradecimentos. Em primeiro lugar: *Quais são as formulações mais freqüentes para os agradecimentos em português e em espanhol?* E, em segundo lugar: *Quais são os contextos de uso das formulações diretas e indiretas dos agradecimentos, considerando como fatores de variação*

conversacional: a) o tipo de presente; b) o tipo de relação social e c) a distância interpessoal nos intercâmbios?

Como vemos no quadro 17, com relação à primeira pergunta, são as formulações diretas elípticas as formulações dominantes, tanto em português quanto em espanhol.

Quadro 17: Formulações diretas e indiretas do agradecimentos:

Formulações	Roteiros hispânicos		Roteiros brasileiros	
Elíptica	67	87 %	14	67 %
Performativa	05	6 %	--	--
Indireta descritiva	02	3 %	03	14 %
Não verbal	03	4 %	04	19 %
Total	77	100 %	21	100 %

As formulações diretas com a formulação elíptica “*gracias*” são as mais frequentes em espanhol, seguidas da formulação performativa. Em português as formulações elípticas “*valeu*”, “*obrigado(a)*”, “*obrigado por*” e “*brigadão*” são as dominantes, seguidas do não verbal.

Nossa hipótese inicial é que as formulações diretas e indiretas dos agradecimentos variam em função do contexto conversacional, ou seja, em função do objeto considerado como “presente”, em função do tipo de relação social e da distância interpessoal assumida pelos participantes da interação.

Para responder à segunda pergunta e procurar sistematizar o uso contextual das formulações diretas e indiretas dos agradecimentos dividimos esse capítulo em quatro sessões:

Na sessão **3.1. As formulações diretas dos agradecimentos nos roteiros hispânicos**, tratamos da distribuição das formas elípticas e performativas em função da variação nos contextos conversacionais.

Na sessão **3.2. As formulações diretas dos agradecimentos nos roteiros brasileiros**, tratamos da distribuição das formas elípticas em função da variação nos contextos conversacionais.

Na sessão **3.3. As formulações indiretas dos agradecimentos nos roteiros hispânicos**, tratamos da distribuição das formas descritivas e não-verbais em função da variação nos contextos conversacionais.

Na sessão **3.4. As formulações indiretas dos agradecimentos nos roteiros brasileiros**, tratamos da distribuição das formas descritivas e não-verbais em função da variação nos contextos conversacionais.

Na sessão **3.5. Conclusões: as formulações diretas e indiretas nos roteiros hispânicos e brasileiros**, sintetizamos a análise das formulações dos agradecimentos no que diz respeito ao seu contexto conversacional.

Vejamos a seguir quais são as formulações diretas mais frequentes; quais são os contextos de uso dessas formulações considerando como fatores de variação conversacional: o tipo de presente, o tipo de relação e a distância interpessoal.

3.1. As formulações diretas dos agradecimentos nos roteiros hispânicos:

O quadro 18 ilustra detalhadamente as formulações lingüísticas identificadas para formulação direta dos 72 casos de agradecimentos nos roteiros hispânicos. Encontramos um total de duas fórmulas lingüísticas que realizam os atos discursivos dos agradecimentos em espanhol. A formulação mais frequente é a **elíptica** (88%), seguida da formulação **performativa** (7%).

Quadro 18: Formulações diretas nos roteiros hispânicos: formulações lingüísticas

	<u>Elíptico</u>	<u>Performativo</u>	<u>Total</u>
España	Gracias (5) Muchísimas Gracias (2) Muchas Gracias (1)	--	8
México	Gracias (10) Muchas gracias (4)	“Les agradecemos Mucho” (1)	15
Cuba	Gracias (3) Gracias por (1) Muchas gracias por (1)	“Te quería dar las gracias” (1)	6
Colombia	Gracias (5) Muchas gracias (2)	--	7
Chile	Gracias (11) Muchas gracias (1)	--	12
Peru	Gracias (12)	--	12
Argentina	Gracias (7) Gracias por ... (2)	“Yo agradezco el interés” “Te agradezco mucho que” “Quería darte las gracias” (3)	12
Total	67/77 (87%)	5/77 (8%)	72 (95%)

Comecemos a análise das formulações diretas com as formas elípticas, as mais frequentes, considerando o tipo de presente, o tipo de relação social e a distância interpessoal.

3.1.1. As formulações elípticas

A formulação elíptica do agradecimento é a realização direta mais frequente no *corpus* em espanhol. Dos 72 agradecimentos realizados através de formulações diretas, repertoriamos 67 casos da formulação elíptica “*gracias*”.

A seguir analisaremos os 67 casos encontrados das formulações elípticas (53 casos de “*gracias*”; 8 casos de “*muchas gracias*”; 3 casos de “*gracias por*”; 2 casos de “*muchísimas gracias*”; e 1 caso de “*muchas gracias por*”) considerando o objeto que desencadeia o ato (presente), o tipo de relação e a distância interpessoal dos interactantes no intercâmbio.

Formulação: “Gracias”

Identificamos no *corpus* deste trabalho 53 casos de agradecimentos através da formulação “*Gracias*”:

No **roteiro espanhol** identificamos 5 casos de agradecimentos com a formulação “*gracias*”. O primeiro caso ocorre numa relação pessoal entre Desconhecidos. Víctor vai até o cemitério visitar o túmulo de sua mãe e encontra uma moça que está procurando um sepultamento, como não o encontra oferece ajuda a Víctor para colocar as flores no vaso do túmulo da mãe dele.

(100) Clara – Víctor: “Déjame...”

Coge las flores que Víctor colocó previamente y las vuelve a ordenar, con cuidado dentro de un recipiente casual. El resultado es mucho mejor. Se nota que Clara está familiarizada con las flores. A Víctor le encanta el gesto y se lo agradece con una sonrisa de oreja a oreja. Clara sucumbe a esa sonrisa.”

Víctor – Clara: “¡**Gracias!**” (*Carne Trémula*, España, 1997: 118)

Consideramos este presente como presente conversacional por se tratar de um oferecimento de ajuda.

O segundo caso de agradecimento ocorre numa relação pessoal entre amigos com muita experiência compartilhada. David chega na casa de Sancho no momento que ele estava tentando fazer um curativo no machucado e se oferece para ajudá-lo.

(101) Sancho coge un algodón e intenta curarse alguna de las heridas, pero no le resulta fácil.

David – Sancho: “Deja que te cure...”

Sancho – David: “**Gracias**” (*Carne Trémula*, España, 1997: 208)

Consideramos como presente relacional já que Sancho ajuda a cuidar do curativo do seu amigo Sancho reafirmando assim os laços de amizade.

O terceiro caso de agradecimento ocorre numa relação interpessoal simétrica entre desconhecidos. Após se conhecerem no cemitério, Clara oferece uma carona a Víctor e ao deixá-lo em casa ele mostra todo o dinheiro que tem e a convida para fazer o que quiser.

(102) *Víctor – Clara*: “ Pero tengo dinero para invitarte a lo que quieras... Mira...ciento cincuenta mil pesetas...”

Clara – Víctor: “**Gracias**, otro día me invitas...” (*Carne Trémula*, España, 1997: 121)

Consideramos como presente conversacional, recusa de oferecimento. Clara não aceita o convite feito por Víctor.

O quarto caso de agradecimento ocorre entre amigos, trata-se de uma relação interpessoal simétrica, de proximidade, os interlocutores têm muita experiência compartilhada. Neste caso temos a recusa de oferecimento, pois David não aceita o uísque oferecido por Sancho.

(103) *Sancho – David*: “Ahí los tienes, robando, trapicheando, traicionando y corrompiéndose los unos a los otros... Somos los centinelas de un rebaño enfermo. Toma, bebe para celebrarlo.”

David – Sancho: “No, **gracias**. Ya bebas tú por los dos”. (*Carne Trémula*, España, 1997: 53)

Consideramos como presente conversacional, recusa de oferecimento.

O quinto caso de agradecimento numa relação pessoal entre amigos, trata-se de uma relação interpessoal simétrica, de proximidade, os interlocutores têm alguma experiência compartilhada. Neste caso temos a recusa de oferecimento, pois David não aceita que Clementina vá chamar Elena:

(104) *David – Clementina*: (Con cara de pocos amigos): “ ¿Está mi mujer?”

Clementina – David: “ Sí, ¿te la busco?”

David – Clementina: “ No, ya voy yo. **Gracias**.” (*Carne Trémula*, España, 1997: 159)

Consideramos como presente conversacional, recusa de oferecimento.

No **roteiro mexicano** identificamos 10 casos de agradecimentos com a formulação “*gracias*”.

O primeiro caso de agradecimento ocorre por haver recebido um presente territorial físico numa relação pessoal entre pais e filhos, trata-se de uma relação interpessoal simétrica, de proximidade, os interlocutores têm muita experiência compartilhada. Octavio agradece sua mãe o prato de comida que ela lhe serviu.

(105) *Octavio – Su madre*: “**Gracias**.” (*Amores Perros*, México, 2000:04)

O segundo caso de agradecimento ocorre numa relação entre amigos, trata-se de uma relação simétrica com muita experiência compartilhada. Daniel trabalha numa revista famosa e colocou Andrés na capa.

(106) *Andrés – Daniel*: “**Gracias** por la portada en la revista.” (*Amores Perros*, México, 2000:28)

Consideramos como presente relacional por reafirmar a relação de amizade entre eles.

O terceiro caso de agradecimento ocorre entre amigos, trata-se de uma relação interpessoal simétrica, de proximidade.

(107) *Andrés – Valeria* : “¿Me vas a decir a mí “Andrés Salgado” que no puedes venir a cenar conmigo?”

Valeria – Andrés: “Mira, una cosa es una cosa...”

Valeria y Andrés: “... y otra cosa es otra cosa.”

Andrés – Valeria: “Pero mira, mira, mira. Es una sorpresa que te va a encantar. Vamos, ¿sí?, ¿sí?”

Valeria – Andrés: “Venga, vale.”.”(*Amores Perros*, México, 2000:06)

Andrés – Valeria: “**Gracias.**” (*Amores Perros*, México, 2000:27)

Consideramos como presente conversacional, já que se trata de uma aceitação de oferecimento

O quarto caso de agradecimento ocorre entre Atriz e público, trata-se de uma relação transacional com pouca proximidade.

(108) *Presentador – Espectador / Público*: “Hoy tenemos en nuestro programa una sorpresa que ningún hombre se va a querer perder. Quiero darle la bienvenida a una de las mujeres más hermosas de Ibero América. Valeria Amaya.”

Valeria – Presentador: “¡Muchas gracias!”

Valeria – Público: “**¡Gracias!**” (*Amores Perros*, México, 2000:23)

Consideramos como presente conversacional os elogios recebidos do apresentador.

O quinto caso de agradecimento ocorre entre amigos. Trata-se de uma relação interpessoal simétrica, de proximidade, os interlocutores têm conhecimento mútuo.

(109) *Andrés – Valeria*: “¿Qué vas a hacer hoy?”

Valeria – Andrés: “No sé. ¿por qué?”

Andrés – Valeria: “Te invito a comer.”

Valeria – Andrés: “Ay, **gracias**, pero no voy a poder ir.” (*Amores Perros*, México, 2000:26)

Consideramos como presente conversacional o convite, neste caso temos o agradecimento para recusar um oferecimento.

No sexto caso temos o agradecimento antecipado entre interactantes que não sabemos quem serão. Pode se tratar de uma relação interpessoal se o recado for deixado por amigos ou familiares, por exemplo. Mas também pode se tratar de uma relação transacional, afinal não recebemos somente ligações pessoais. Ao

observarmos o recado deixado na secretária eletrônica, a filha de Chivo opta pela proximidade, pela diminuição da distância interpessoal quando diz “*déjame **tu** recado y **tu** número telefónico y después me comunicaré **contigo***”.

(110) Contestador automático: *¡Hola! Estás hablando al 55 44 58 50, ahorita no te puedo contestar pero déjame tu recado y tu número telefónico y después me comunicaré contigo. ¡Gracias!*.”(Amores Perros,México, 2000:53)

Consideramos presente conversacional já que o agradecimento ocorrerá pelo recebimento de mensagens ou informações.

O sétimo caso de agradecimento ocorre numa relação transacional de Compra e venda sem nenhuma proximidade. Trata-se de uma fórmula ritual, bastante convencionalizada neste tipo de função pragmática. Ramiro é caixa de um supermercado e recebe o dinheiro das compras da cliente:

(111)Ramiro–cliente: “Son cien pesos, por favor. **Gracias**. Veinte vueltos.
Cliente – Ramiro: “Gracias.”(Amores Perros,México, 2000:15)

Consideramos como presente relacional já que se trata do cumprimento de obrigação social, numa relação de compra e venda.

O oitavo caso de agradecimento ocorre como resposta à sequência anterior. Trata-se de uma relação transacional de compra e venda. E como no exemplo anterior, este tipo fórmula ritual está bastante convencionalizada neste tipo de função pragmática.

(112)Ramiro–cliente: “Son cien pesos, por favor. Gracias. Veinte vueltos.
Cliente – Ramiro: “**Gracias**.”(Amores Perros,México, 2000:15)

Consideramos como presente relacional o agradecimento da cliente ao troco / serviço prestado por Ramiro como caixa do supermercado

O nono caso de agradecimento também ocorre numa relação transacional de Compra e venda. Leonardo, um cliente, foi até a casa de Chivo para pagar o serviço que havia pedido e levou um sanduíche de presente:

(113) Chivito / Leonardo: “Órale, cabrón. Bien chido / Chivito ja ja ja **Opa**... Sin chile y sin cebolla, bien chido. **Gracias**. Siéntense, **por favor** un poco.” (Amores Perros,México, 2000:42)

Consideramos o presente relacional porque Chivo cumpre seu papel – matador profissional. Ele ganha a vida matando as pessoas por encomenda.

O décimo caso de agradecimento ocorre entre amigos, trata-se de uma relação interpessoal simétrica com muita experiência compartilhada. Suzana é cunhada de Octavio, os dois moram na mesma casa e ele nutre uma grande paixão por ela.

(114) *Suzana – Octavio*: “**Gracias** por lo de hace rato.” (*Amores Perros*, México, 2000:06)

Consideramos presente relacional já que a atitude de Octavio fortaleceu a relação de amizade entre eles. Suzana estava entrando em casa e deixou sem querer o cachorro escapar. Quando o marido dela chegou do trabalho começou a perguntar se ela havia deixado o cachorro fugir novamente. Octavio diz que foi ele o responsável pela fuga do animal. Com esta atitude, o marido de Suzana não brigou com ela.

No **roteiro cubano** identificamos 3 casos de agradecimentos com a formulação “*gracias*”.

O primeiro caso de agradecimento ocorre numa relação transacional entre desconhecidos.

(115) *Taxista - Diego*: “Cobro el de los dos ¿No es verdad?”

Diego - taxista: “Sí (...) Y quédese con el vuelto.”

Taxista – Diego: “**Gracias.**” (*Fresa y chocolate*, Cuba, 1993:03)

Consideramos como presente territorial físico o dinheiro, neste caso o troco que Diego deixou para o taxista.

O segundo caso de agradecimento ocorre entre desconhecidos, trata-se de uma relação interpessoal sem proximidade, sem conhecimento compartilhado. Diego e David haviam acabado de se conhecer numa lanchonete. Diego o convida para ir a sua casa e lhe entregar algumas fotos, mas na verdade não há, foi uma forma mentirosa de levar David até a sua casa. Enquanto esperava pelas tais fotos, Diego derrubou de propósito café na camisa de David e o fez tirá-la para lavar, mas o que ele queria era ver o corpo do rapaz.

(116) *David - Diego*: “Bueno, mira, yo no tengo tiempo para estar aquí toda tarde hablando boberías. Así que, si no me vas a dar las fotos alcánzame la camisa ya me voy y **gracias.**” (*Fresa y chocolate*, Cuba, 1993:06)

Neste caso, temos o agradecimento antes do presente, com a intenção de finalizar o intercâmbio e de se despedir. Consideramos como presente territorial físico às fotos (que não existem) e a camisa que Diego pendurou depois de lavá-la.

O terceiro caso de agradecimento ocorre entre amigos, ao contrário do enunciado anterior que classificamos como desconhecidos, neste caso David e Diego já compartilhavam muita experiência, estavam muito próximos, conversavam sobre vários assuntos e dividiam vários segredos.

(117) *David - Diego*: “Pues mira que me alegro. Esta exposición no te iba a traer nada de bueno.”

Diego - David: “**Gracias.** Pero te aseguro que van a perder el apetito cuando reciban eso. ¡Ay!

¿Hasta cuando? ¿Cuándo van a comprender que una cosa es el arte y otra la propaganda? Para no pensar ya tienen bastante: la televisión, los periódicos, la radio y todo lo demás. Hasta cuando ¿no? Alguien tiene que decírselo.” (*Fresa y chocolate*, Cuba, 1993:22)

Consideramos presente relacional, David tenta mostrar ao amigo que a exposição que ele tanto queria fazer só lhe traria problemas, uma vez que o governo cubano era contra por se tratar de imagens religiosas vindas de outro país. Com esta atitude David reafirma os laços de amizade entre os dois, já que sabia os riscos que Diego corria de ser expulso do país

No **roteiro colombiano** identificamos 5 casos de agradecimento através da formulação “*gracias*”. O primeiro caso ocorre numa relação transacional assimétrica entre Empregado e chefe.

(118) *Javier – María: “Y ahora, como yo sé que tu tienes muchos problemas y estás en una situación muy difícil...y no quiero de ninguna manera que se tome la decisión con presiones. ¿Me entiendes? Te voy a dar esto como para que puedas resolver unas cositas.”*
*María – Javier: “La verdad es que no es necesario, **gracias**.”* (*María llena eres de gracia*, Colombia, 2004:11)

Consideramos como presente conversacional por se tratar de um agradecimento para recusar oferecimento. Maria agradece o dinheiro que seu futuro chefe está lhe oferecendo.

O segundo caso de agradecimento ocorre numa relação entre o transacional e o pessoal. Don Fernando trabalha em um escritório para ajudar expatriados hispano-americanos que vivem nos Estados Unidos. Trata-se de uma relação transacional, serviço de recepção, do atendente ao público, um público conhecido e com o qual se mantêm laços identitários que os aproximam.

(119) *Don Fernando – Carla: “¿Qué tal?”*
Carla – Don Fernando: “Muy bien.”
Don Fernando – Carla: “¿Y el pequeñín?”
*Carla – Don Fernando: “Muy bien, **gracias**, Don Fernando. Como le parece que mi hermana en Colombia me mandó una sorpresita: Maria y Blanca.”* (*María llena eres de gracia*, Colombia, 2004:21)

Consideramos a pergunta de interesse sobre o filho de Carla como um presente conversacional, Don Fernando pergunta sobre o bebê que Carla está esperando.

O terceiro caso de agradecimento ocorre numa relação pessoal entre amigos com pouca experiência compartilhada. Carla explica a Maria e Blanca como elas fazem para chegar até o apartamento dela.

(120) *Carla – María / Blanca: “Él las ayudará. Me tengo que ir para el trabajo. ¿Saben regresar al apartamento? Tres cuerdas hacia abajo y voltean. Yo llego esta noche.”*
*María – Carla: “**Gracias**”* (*María llena eres de gracia*, Colombia, 2004:22)

Consideramos presente conversacional por se tratar de uma informação.

O segundo caso de agradecimento ocorre numa relação entre o transacional e o pessoal, como no exemplo 119. Trata-se de atendimento ao público conhecido com o qual Don Fernando mantém laços identitários que os aproximam.

(121) *Carla – Don Fernando*: “Alo. ¿Cómo le va, Don Fernando? Muy bien, **gracias**. ¿Y usted? ¿Por qué?” (*María llena eres de gracia*, Colombia, 2004:25)

Consideramos presente conversacional por se tratar de uma pergunta feita por Don Fernando de como ela está.

O quinto caso de agradecimento ocorre numa relação transacional de Compra e venda, trata-se de uma fórmula ritual, bastante convencionalizada neste tipo função pragmática. Maria vai até uma clínica para gestantes e paga por uma consulta para saber como está o bebê.

(122) *Recepcionista – María*: “¿Tiene cita?”
María – Recepcionista: “No.”
Recepcionista – María: “Puedo darle una para la semana que viene.”
María – Recepcionista: “No, tiene que ser hoy.”
Recepcionista – María: “Si no le importa esperar, podría darle una cita, pero no le prometo nada.”
María – Recepcionista: “**Gracias**.” (*María llena eres de gracia*, Colombia, 2004:23)

Consideramos como presente relacional por se tratar do cumprimento do serviço. Mais uma vez temos um agradecimento bastante convencionalizado nesta função pragmática – atendente x cliente.

No **roteiro chileno** identificamos 11 casos de agradecimentos através da formulação “*gracias*”.

O primeiro caso ocorre numa relação interpessoal entre desconhecidos, trata-se de uma relação assimétrica (o assaltado e o assaltante) com nenhum conhecimento compartilhado, sem proximidade. Após ser assaltado por Chavelo, Muchacho participou de um assalto junto com o grupo de bandidos e recebeu sua parte do roubo.

(123) *Chavelo – Muchacho*: “Ya, ustedes dos con el motor andando, listos para apretar cachete.”
Muchacho – Chavelo: “Oiga, **gracias**.”
Chavelo – Muchacho: (sarcástico) “Me da las gracias el huevón.” (*Taxi para tres*, Chile, 2001:17)

Consideramos como presente territorial físico por se tratar de recebimento de dinheiro.

O segundo caso de agradecimento ocorre numa relação pessoal entre Desconhecidos, trata-se da mesma relação citada acima, ou seja, assimétrica com distância entre os interactantes. Após cometerem o segundo assalto (o primeiro foi no exemplo anterior), Chavelo entrega uma parte do dinheiro do roubo ao Muchacho:

(124) *Chavelo – Muchacho*: “ Lo único que falta es que me de las gracias.”
Muchacho – Chavelo: “ **Gracias.**” (*Taxi para tres*, Chile, 2001:22)

Consideramos como presente territorial físico o recebimento do dinheiro.

O terceiro caso de agradecimento ocorre numa relação que começou transacional. Jeanette é atendente do bar onde Ulises sempre ia comer um sanduíche. Após vários encontros comerciais eles passaram a ser amantes. A partir daí a relação passou a ser interpessoal entre Casa com muita experiência compartilhada, afinal ela ajudava a ele se esconder da polícia e guardava o dinheiro dos roubos que ele fazia nas ruas da capital chilena.

(125) “Ulises le pasa la pluma que rescato del botín de Coto. Jeanette la prueba escribiendo sobre su mano, luego abre la cortina de metal, Ulises sale a la luz.”
Jeanette - Ulises: “**Gracias.** Es bonita”. (*Taxi para tres*, Chile, 2001)

Consideramos como presente territorial físico por se tratar de um presente material – caneta.

O quarto caso de agradecimento ocorre numa relação que começou transacional e que com o passar do tempo compartilhando tantas experiências se tornaram amigos. Trata-se de uma relação interpessoal com bastante proximidade entre os interactantes. Coto pede para dormir na casa de Ulises:

(126) *Ulises -Coto*: “Ya, aquí pueden pasar la noche.”
Coto – Ulises: “**Gracias**” (*Taxi para tres*, Chile, 2001:63)

Consideramos presente territorial pela incursão ao espaço - casa de Ulises.

O quinto caso de agradecimento ocorre numa relação que começou transacional e que com o passar do tempo se tornou interpessoal entre amigos. Trata-se de uma relação com bastante proximidade entre os interactantes. Temos aqui o mesmo exemplo anterior, só que desta vez quem agradece por poder dormir na casa é Chavelo:

(127) *Ulises – Chavelo*: “ Ya, aquí pueden pasar la noche.”
Chavelo – Coto: “ *Pasa Cotito.*”
Ulises – Chavelo: Ya, Ya
Chavelo – Ulises: “**Gracias** compadre, disculpe las molestias, pero si no nos damos la manito entre nosotros, calcule.” (*Taxi para tres*, Chile, 2001:63)

Consideramos presente territorial pela incursão ao espaço - casa de Ulises.

O sexto caso de agradecimento ocorre numa relação transacional de Compra e venda. Ao contrário do exemplo (125) nesta fase da relação, Ulises e Jeanette não

compartilhavam muita experiência, não tinham muita proximidade e a relação deles era estritamente comercial. Ela fazia e vendia o sanduíche e ele comprava.

(128) *Ulises – Jeanette*: “Con ajicito, por favor. **Gracias.**”
Jeanette – Ulises: “Gracias.” (*Taxi para tres*, Chile, 2001:18)

Consideramos como presente relacional justamente por esse cumprimento dos papéis sociais entre o vendedor e cliente. Neste caso, observamos o agradecimento bastante convencionalizado nesta função pragmática.

O sétimo caso de agradecimento é a sequência do enunciado anterior. Após o cliente agradecer o sanduíche, quem agradece é a atendente por ele ter comprado. Mais uma vez, temos a fórmula ritual de agradecimento, bastante convencionalizada nesta função pragmática. Trata-se de uma relação transacional de compra e venda entre participantes que não possuem experiência compartilhada.

(129) *Ulises – Jeanette*: “Con ajicito, por favor. Gracias.”
Jeanette – Ulises: “**Gracias.**” (*Taxi para tres*, Chile, 2001:18)

Consideramos presente relacional pela mesma razão do enunciado anterior, o cumprimento dos papéis sociais – vendedor / cliente.

O oitavo caso de agradecimento ocorreu numa relação transacional de Compra e venda. Mais uma vez temos o agradecimento bastante convencionalizado neste tipo de interação.

(130) *Secretaria – Ulises*: “Su letra por favor.”
Ulises – secretaria: “**Gracias.** Sabe señorita, quiero pagar otra letra por adelantado.” (*Taxi para tres*, Chile, 2001:29)

Consideramos como presente relacional o cumprimento dos papéis sociais. Ulises paga a prestação do carro e a secretária recebe o pagamento.

O nono caso de agradecimento é a sequência do enunciado (130). Após pagar uma prestação Ulises gostaria de pagar outras, afinal estava com dinheiro dos roubos que havia cometido. Trata-se de um agradecimento numa relação transacional de Compra e venda.

(131) *Secretaria – Ulises*: “Sabe que, le voy a hacer las dos letras con un mismo comprobante, ¿ya?”
Ulises – Secretaria: “Sí, **gracias.**” (*Taxi para tres*, Chile, 2001:29)

Consideramos também como presente relacional já que há o cumprimento dos papéis sociais. Ulises paga a prestação do carro e a secretária recebe o pagamento.

No décimo caso de agradecimento temos a última seqüência dessa troca entre Ulises e a secretária. Trata-se de uma relação transacional de Compra e venda entre participantes que não possuem experiência compartilhada.

(132) *Secretaria – Ulises*: “Muy bien, me firma acá por favor señor Ulises.”
Ulises – Secretaria: “Ya, **gracias**.” (*Taxi para tres*, Chile, 2001:29)

Consideramos como presente relacional pelo cumprimento das obrigações sociais. A secretária por prestar o serviço e Ulises, como comprador, por pagar a prestação do carro.

O décimo primeiro caso de agradecimento ocorre numa relação transacional de compra e venda. Trata-se de mais uma seqüência entre Jeanette e Ulises, como ele vai com muita freqüência ao bar dela comer o sanduíche temos mais uma ocorrência do agradecimento entre estes interactantes.

(133) *Jeanette – Ulises*: “Así está bien?”
Ulises – Jeanette: “Así está muy muy bien, **gracias**.” (*Taxi para tres*, Chile, 2001:34)

Consideramos como presente relacional justamente por esse cumprimento dos papéis sociais entre o vendedor e cliente. Neste caso, observamos mais uma vez o agradecimento bastante convencionalizado nesta função pragmática.

No **roteiro peruano** identificamos 12 casos de agradecimentos através da formulação “*gracias*”. O primeiro caso ocorre numa relação transacional entre Cantor e público.

(134) *Eva – Publico*: “**Gracias** querido público por acompañarme esta noche. **Gracias** por quererme como lo hacen. **Gracias** por apoyar al artista peruano porque sin ustedes no somos nada. Quiero, antes de despedirme, dar curso a un pedido muy conmovedor: Dice: “De Saúl para Rosana, ¿Podrías cantar “Amantes?” A ella, mi amor eterno, esa canción la hace vibrar.” Caramba, eso sí es amor. Felicidades a la parejita, sigan queriéndose así eternamente.” (*Tinta Roja*, Perú, 2000:56)

Consideramos presente territorial espacial, Eva agradece o público por ter ido ver o seu show. Acreditamos que a intensificação pela repetição da formulação de agradecimento tenha ocorrido porque para um cantor não há nada mais importante que ter a presença do público.

O segundo caso de agradecimento ocorre numa relação transacional entre Estagiário e chefe. Alfonso agradece o cigarro oferecido por Faundez:

(135) *Faundez – Alfonso*: “Se jodió porque escogió un cementerio para pitucos. (A Alfonso, advirtiéndolo el rechazo). ¿No fumas?”
Alfonso – Faundez: “No, **gracias**.” (*Tinta Roja*, Perú, 2000:14)

Consideramos presente conversacional por se tratar de uma recusa de oferecimento.

O terceiro caso de agradecimento ocorre numa relação transacional entre Jornalista e policial, apesar de se tratar de uma relação transacional, podemos observar neste enunciado a intimidade e a pouca distância interpessoal entre os interlocutores quando Mayor diz a Rosana: “*Te la dejo a ti, Rosanita, ve tú cómo la difundes.*”, através da forma nominal “*Rosanita*” ; pronominal “*te, ti e tu*” e verbal “*difundes*” podemos notar que se trata de uma relação de proximidade onde Mayor faz questão de diminuir a distância interpessoal entre ele, o policial, e Rosana, a jornalista.

(136) Mayor – Rosana: “ Se nos ha malogrado la impresora y tengo sólo una copia de esta nota de prensa. Te la dejo a ti, Rosanita, ve tú cómo la difundes.”

Rosana – Mayor: “ **Gracias**, mi mayor. Si quieren les dicto, muchachos. Acomódense.” (*Tinta Roja*, Perú, 2000:27)

Consideramos presente conversacional por se tratar de uma informação sobre algum acontecimento.

O quarto caso de agradecimento ocorre numa relação transacional assimétrica entre estagiário e chefe. Os participantes da interação têm bastante experiência compartilhada, o que diminui a distância interpessoal, mas prevalece a assimetria de tratamento de inferior para superior e, portanto, Alfonso, o estagiário, trata Faundez, o chefe, de “*usted*”, mesmo que estejam fora do trabalho e falando à noite sobre relações pessoais.

(137) Faundez – Alfonso: “ Cuando paguen te voy a llevar con una puta y santo remedio, vas a ver.”

Alfonso – Faundez: “No **gracias**, don Saúl. De verdad, no se preocupe.” (*Tinta Roja*, Perú, 2000:36)

Consideramos presente conversacional por se tratar de recusa de oferecimento. Alfonso agradece o oferecimento de Faundez que lhe diz que o levará para ter relações sexuais com mulheres de programa quando o salário sair.

O quinto caso de agradecimento ocorre numa relação transacional entre Fotógrafo e chefe, trata-se de uma relação assimétrica mas de proximidade pela experiência compartilhada, já que eles sempre saem juntos depois do trabalho para beber e conversarem sobre assuntos pessoais.

(138) Faundez – Alfonso: “Recortan los artículos donde salieron, hasta los enmarcan. Así es, Varguitas. Nosotros no nos aprovechamos de nadie, les damos espacio y nombre, así que no vengas a hacerte la hembra. Escalona es un artista, el único que sabe hacer atractiva a la gente más cagada, sus fotos deberían exponerse en el Museo de Arte, carajo. Y deberías agradecer la suerte de trabajar con un fotógrafo como él.”

Escalona – Faundez: “ **Gracias**, jefe.” (*Tinta Roja*, Perú, 2000:49)

Consideramos presente conversacional por se tratar de recebimento de elogios.

O sexto e o sétimo caso de agradecimentos ocorreram numa relação transacional entre estagiário e chefe.

(139) *Faundez – Alfonso*: “ Esto te va a levantar. Es de primera, me regaló el mayor.”
Alfonso – Faundez: “ No, **gracias**.” (*Tinta Roja*, Perú, 2000:58)

(140) *Faundez – Alfonso*: “ Pasó el temporal más rápido de lo que pensé. Hasta me dijo que vayamos al Kimbara a bailar. ¿vienes con nosotros? Podemos avisarle a la podóloga.”
Alfonso – Faundez: “ No, **gracias**. ¿No está mal del hígado? (*Tinta Roja*, Perú, 2000:71)

Trata-se de interactantes que possuem muita experiência compartilhada, mas prevalece a assimetria do estagiário para o chefe, ou seja, de Alfonso para Faundez. Nos dois casos, consideramos como presente conversacional para recusar oferecimento. Em 139 Alfonso agradece e recusa a cocaína oferecida e em 140 Alfonso agradece o convite para sair.

O oitavo caso de agradecimento ocorre numa relação interpessoal simétrica entre amigos com muita experiência compartilhada.

(141) *Van Gogh – Alfonso*: ““Para componer historias y libros, de cualquier suerte que sean, es menester un gran juicio y un maduro entendimiento” Miguel de Cervantes. Y este premio que te has ganado, sobrino, demuestra que tienes juicio, madurez y talento.”
Alfonso – Van Gogh: “**Gracias**, Van Gogh.” (*Tinta Roja*, Perú, 2000:73)

Consideramos como presente conversacional, Alfonso agradece os elogios feitos por Van Gogh.

O nono e o décimo caso de agradecimentos ocorreram numa relação transacional entre Estagiário e jornalista, trata-se de uma relação assimétrica entre participantes que possuem muita proximidade. A assimetria ocorre do inferior para o superior – de Alfonso, o estagiário, para a jornalista, Rosana

(142) *Rosana – Alfonso*: “¿Quieres?”
Alfonso – Rosana: “No, **gracias**. No fumo.” (*Tinta Roja*, Perú, 2000)

(143) *Rosana – Alfonso*: “ Sigue encerrado en el hotelucho ese. (A Alfonso) ¿Tienes algo? Acabo de pasar un a nota sobre la captura de los robacarros, ¿te interesa?”
Alfonso – Rosana: ¿Los de la banda de los pingüinos? Ya la tengo, **gracias**.” (*Tinta Roja*, Perú, 2000:86)

Consideramos presente conversacional por se tratar de uma recusa de oferecimento (exemplo 142) e por se tratar de uma informação (exemplo 143).

O décimo primeiro caso de agradecimento ocorre numa relação transacional entre estagiário e policial. Apesar de não terem muita proximidade, muita experiência compartilhada, o policial tem a mesma faixa etária de Alfonso e sempre pede a ele

para sair no jornal *El Clamor*. Acreditamos que sejam estas as razões que a relação entre eles seja simétrica e justifique a forma de falar de Alfonso: “*Putá, te pasaste Hugo.*” (consideramos este enunciado como um agradecimento indireto). Não observamos a mesma coloquialidade quando se trata de Hugo, talvez seja porque ele se dirige a mais de um destinatário sem proximidade e com certa distância interpessoal - estavam com Alfonso, o fotógrafo e o motorista do jornal. Consideramos presente conversacional, Alfonso agradece a informação de que havia um sepultamento de uma criança e que os pais haviam comprado óbito falsificado. Esta informação seria importante, pois seria a primeira capa da edição do jornal *El Clamor*.

(144) *Alfonso – Hugo*: “Putá, te pasaste Hugo. ¿Y vamos a poder entrar?”

Hugo – Alfonso: “Cuando lleguen los patrulleros ustedes se aparecen como si estuvieran por aquí dando vueltas. Y se meten no más, si pueden.”

Alfonso – Hugo: “**Gracias** Huguito, te debo varias.” (*Tinta Roja*, Perú, 2000:83)

O décimo segundo caso de agradecimento ocorre numa relação interpessoal entre desconhecidos que não possuem nenhum tipo de experiência compartilhada.

(145) *Faundez – Mujer*: “Por favor joven, más respeto. Nada de fotos. ¿Es necesario comercializar con el dolor de esta mujer? Por favor, le ruego que se retire.”

Mujer – Faundez: “**Gracias.**” (*Tinta Roja*, Perú, 2000:24)

Consideramos presente relacional por Faundez proteger, como jornalista, a imagem de uma senhora que acabou de perder o marido.

No **roteiro argentino** identificamos 7 casos de agradecimentos através da formulação “*gracias*”. O primeiro caso ocorre numa relação transacional assimétrica entre Médico e enfermeira. Os dois participantes da interação se tratam de “*usted*” aumentando a distância interpessoal entre eles.

(146) *Enfermera – Juan Carlos*: “Bueno, doctor Maroy, lo dejo en sus manos.”

Juan Carlos – Enfermera: “McKoy. Doctor McKoy. No se preocupe, vaya nomás (Le regala las flores). Son para usted. La llamo cuando haya que darle el pecho.”

Enfermera – Juan Carlos: “(A Rafael mientras se va) Éste es uno. **Gracias**, doctor...” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 58)

Consideramos que se trata de um presente territorial físico, dar flores de presente.

O segundo caso de agradecimento ocorre numa relação transacional simétrica entre Empregado e patrão. Nacho e Rafael são primos, tem muita proximidade, muita experiência compartilhada e nenhuma distância interpessoal.

(147) *Rafael – Proveedor*: “¡No, no, no! ¿Yo qué hago con doscientas cajas de raviolos? No, eso no me cubre ni lo que se morfan los empleados...”

Nacho – Rafael: “**Gracias**, viejo...” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 11)

Consideramos como presente conversacional por se tratar de um oferecimento. Rafael diz com humor ao seu fornecer que a quantidade de ravióli que ele quer mandar não dá nem para os empregados comerem. Nacho, um dos empregados, agradece considerando ironicamente o presente verbal que acaba de receber.

O terceiro caso de agradecimento ocorre numa relação transacional simétrica entre Patrão e empregado, trata-se da mesma relação do exemplo acima (147). Só que dessa vez quem agradece é Rafael a seu primo e funcionário por ele ter trabalhado durante todos esses anos no restaurante dele. Na verdade, Rafael sempre achou Nacho um pouco incompetente e só o empregava pelos laços familiares que os uniam. Quando decidiu vender o restaurante seu primo pediu que Rafael o agradecesse pelo tempo e pelo trabalho dedicado ao restaurante. Mas para Rafael o presente não lhe saltava aos olhos, há o agradecimento mas parece que ele não está muito convicto do recebimento do presente.

(148) *Rafael – Nacho*: “¿Y ahora por qué te quedás mirándome? ¡Explicámelo, eso es lo que no...!”

Nacho – Rafael: “A que me des las gracias, viejo! ¡Qué carácter de mierda que tenés!”

Rafael – Nacho: “Bueno, **gracias**.”

Nacho – Rafael: “(Emocionado) No seas boludo, no tenés nada que agradecer.” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 120)

Consideramos como presente relacional uma vez que Nacho sempre ajudou e foi muito companheiro de Rafael no restaurante o que fortaleceu não só a relação transacional entre empregado e patrão, mas também a relação entre primos.

O quarto caso de agradecimento ocorre numa relação interpessoal entre casal com muita proximidade. Foram anos de casados e dessa união eles tem uma filha. Sandra vai a festa no novo restaurante que Rafael acaba de adquirir.

(149) *Sandra – Rafael*: “No..., te felicito, en serio.”

Rafael – Sandra: “**Gracias**” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 150)

Consideramos como presente conversacional o elogio feito por Sandra a festa organizada por Rafael para o casamento de seus pais.

O quinto caso de agradecimento ocorre numa relação interpessoal entre amigos com muita experiência compartilha, já que se trata de dois grandes amigos de infância.

(150) *Juan Carlos – Rafael*: “¿Querés un maní?”

Rafael – Juan Carlos: “No, no, **gracias**. Ya tengo.” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 158)

Consideramos presente conversacional por se tratar de uma recusa de oferecimento. Rafael agradece o amendoim oferecido por Juan Carlos.

O sexto caso de agradecimento ocorre numa relação transacional simétrica de Compra e venda, os participantes possuem experiência compartilhada, pois trabalham juntos há anos. Molina é o fornecedor de bebidas do restaurante que Rafael é dono.

(151) *Rafael – Molina*: “¡Sí! Pará, pará un cachito, pará un cachito. Ehhh...disculpame. Mandame el vino, por favor... Sí, mañana tenés la guita, quedate tranquilo...es que estoy un poco nervioso, disculpame, qué voy a hacer. Sí. Sí. Mandame seis cajas de blanco también que siempre alguien de mal gusto aparece. Chau. **Y gracias.**” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 37/38)

Consideramos este tipo de presente como presente relacional, neste caso tanto Rafael quanto Molina cumprem o seu papel ou tem o comportamento que se espera dessa obrigação social: no caso que o fornecedor entregue a bebida que o cliente pede.

O sétimo caso de agradecimento ocorre numa relação pessoal entre pais e filhos com muita proximidade, muita experiência compartilhada. O pai de Rafael não se casou na igreja com a mãe dele e na época era sonho dela. Após viverem juntos muitos anos ele decide que quer fazer a vontade dela e resolve pedir ajuda do filho para os preparativos do casório.

(152) *Rafael – Nino*: “No, nada, queee...con eso del casamiento...Bueno, que si querés...yo te ayudo...”
Nino – Rafael: “¿En serio? Mañana mismo se lo contamos a mami entonces. ¿Y cómo para qué? Antes de casarme me tengo que declarar. ¿No? (Se ríe.) Bueno, pasá mañana a las diez. ¿Está bien? Hasta mañana...Che...**gracias**, hijo.” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 79)

Consideramos este presente como presente relacional porque há cumprimento do que se espera que aconteça nas relações entre pais e filhos, como a ajuda de Rafael a seu pai o que reafirma e fortalece os laços familiares.

Formulação: “Muchas Gracias”

Identificamos no *corpus* deste trabalho 8 casos de agradecimentos através da formulação “*Muchas gracias*”:

No **roteiro espanhol** identificamos 1 caso de agradecimento através da formulação elíptica “*muchas gracias*”. Este único caso ocorre numa relação transacional simétrica entre dois jovens amigos que possuem algum conhecimento mútuo e que trabalham num orfanato como voluntários.

(153) *Josep – Víctor*: “Está todo bajo control. Los niños ya se han domido...”
Víctor – Josep: “**Muchas gracias**. Ah, y feliz cumpleaños.” (*Carne Trémula*, España, 1997: 186)

Consideramos este presente como presente territorial espacial porque Víctor chega para ocupar o espaço / lugar de trabalho de Josep para que ele possa ir a um aniversário.

No **roteiro mexicano** identificamos 4 casos de agradecimento através da formulação elíptica “*muchas gracias*”. O primeiro caso ocorre numa relação transacional simétrica entre Apresentador e atriz. Valeria é atriz e modelo muito famosa e foi convidada para ir a um programa de auditório para ser entrevistada sobre a sua vida pessoal e profissional.

(154) *Presentador – Espectador / Público*: “Hoy tenemos en nuestro programa una sorpresa que ningún hombre se va a querer perder. Quiero darle la bienvenida a una de las mujeres más hermosas de Ibero América. Valeria Amaya.”

Valeria – Presentador: “¡**Muchas gracias!**”

Valeria – Público: “¡Gracias!” (*Amores Perros*, México, 2000:23)

Consideramos este presente como presente conversacional por se tratar de um objeto de natureza verbal que neste caso é o elogio feito pelo apresentador a Valeria.

O segundo caso de agradecimento ocorre numa relação pessoal entre Amigos com muita experiência compartilhada. Ambos são atores conhecidos e fingem que são namorados para mídia. Após saírem de um programa de televisão ele o convida para comer.

(155) *Valeria – Andrés*: “**Muchas gracias**, Andrés.” (*Amores Perros*, México, 2000:28)

Consideramos este presente como presente conversacional por ser de natureza verbal – convite. O agradecimento ocorre após Valeria aceitar o convite.

O terceiro caso de agradecimento ocorre numa relação simétrica entre médico e o namorado da paciente, os dois homens tem a mesma idade e se conhecem há muito tempo.

(156) *Daniel – Nacho (médico)*: “**Muchas gracias**, Nacho.”

Nacho / Daniel: “No hay de qué. Salúdame a Julieta. Perdón, es la costumbre. Besos a las niñas.” (*Amores Perros*, México, 2000:30)

Consideramos este presente como presente relacional por se tratar do cumprimento da obrigação social, que neste caso é o atendimento médico que Nacho está dando a namorada de Daniel.

O quarto caso de agradecimento ocorre numa relação pessoal entre amigos com muita experiência compartilhada. Daniel trabalha numa revista e é responsável pela escolha da pessoa que sairá na capa. Como Andrés ajudou a ele fazer a surpresa para Valeria, Daniel ofereceu a primeira capa da revista para seu amigo.

(157) *Daniel – Andrés*: “**Muchas gracias** por el paro.” (*Amores Perros*, México, 2000:28)

Consideramos este presente como presente relacional, por se tratar de ajudar a um amigo e desta forma reafirmar a relação de amizade.

No **roteiro colombiano** identificamos 2 casos de agradecimentos através da formulação “*muchas gracias*”. O primeiro ocorre numa relação transacional entre Desconhecidos entre interactantes sem experiência compartilhada, com distância pessoal.

(158) *Don Fernando – María / Blanca*: “Hay un lugar que a veces necesita mujeres para coser. No chequean los papeles y pagan el mínimo.”

Blanca – Don Fernando: “**Muchas Gracias**, Don Fernando, pero nosotras no necesitamos conseguir trabajo. Sólo necesitamos volver...al hotel adonde llegamos.” (*María llena eres de gracia*, Colombia, 2004:22)

Consideramos este presente como presente conversacional por se tratar de um objeto verbal, que neste caso é um oferecimento de trabalho a Maria e Blanca nos Estados Unidos já que ambas estão de favor na casa de uma amiga.

O segundo caso de agradecimento ocorre numa relação pessoal entre Amigos com pouca experiência compartilhada.

(159) *Carla* le da uma almohada y una alfombra a María.

María – Carla: “**Muchas gracias**.” (*María llena eres de gracia*, Colombia, 2004:20)

Consideramos este presente como presente relacional, Maria agradece a coberta e o travesseiro que Carla lhe entregou, mas na verdade agradece também a acolhida, afinal Carla a deixou dormir na casa dela e com isso reafirmou a relação de amizade.

No **roteiro chileno** identificamos 1 caso de agradecimento através da formulação “*muchas gracias*”. Este único caso ocorre numa relação transacional de Compra e venda sem proximidade e com muita distância pessoal. Ulises vai até a loja onde comprou o táxi que dirige para pagar algumas prestações de uma única vez. Assim que termina de prestar o serviço, a secretária agradece o pagamento efetuado. Temos aqui uma fórmula ritual de agradecimento, bastante convencionalizada nesta função pragmática.

(160) *Secretaria – Ulises*: “Sus letras y su comprobante, **muchas gracias**.” (*Taxi para tres*, Chile, 2001:29)

Consideramos este presente como presente relacional já que se trata do cumprimento das obrigações sociais, neste caso o comprador faz o pagamento das prestações como havia se comprometido no momento em que foi comprar o carro.

Formulação: “Gracias por”

Identificamos no *corpus* deste trabalho 3 casos de agradecimentos através da formulação “*Gracias por*”:

No **roteiro cubano** identificamos 1 caso de agradecimento através da formulação “*gracias por*”. Este único caso ocorre numa relação interpessoal entre amigos com muita experiência compartilhada. Nancy tentou se matar cortando os pulsos, como não conseguiu foi parar no hospital e precisou de doação de sangue. David foi um dos doadores. Após a sua alta médica e retorno para casa, David foi visitá-la para saber como ela estava passando. Consideramos como um importante FFA já que além da doação de sangue David vai visitá-la para saber como está. Esta atitude mostra preocupação e carinho com a amiga.

(161) *Nancy - David*: “Y **gracias por**... venir a saber como yo estaba, David.” (*Fresa y chocolate*, Cuba, 1993:19)

Consideramos este presente como presente territorial espacial já que David vai até a casa de Nancy, ou seja, há uma incursão pelo território espacial dela.

No **roteiro argentino** identificamos 2 casos de agradecimento através da formulação “*gracias por*”. O primeiro caso ocorre numa relação pessoal entre amigos com muita experiência compartilhada já que se conhecem desde a infância.

(162) *Juan Carlos – Rafael*: “¡Rafael! (Lo abraza efusivamente.)¿Qué hacés, querido? **Gracias por** venir. No sabés cómo necesitaba verte.” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 105)

Consideramos este presente como presente territorial espacial já que se trata de uma visita. Rafael vai até o trabalho de Juan Carlos para conversar.

O segundo caso de agradecimento ocorre numa relação pessoal entre casal, os participantes da interação possuem muita experiência compartilhada por terem vivido muitos anos juntos e por terem tido uma filha deste relacionamento.

(163) *Sandra – Rafael*: “ ¡Che, qué torta miserable! ¿Quién la hizo, tu novia? Está como pobre de merengue, viste, le falta...”
Rafael – Sandra: “ (Sonríe) No, no es de merengue. No es de merengue. **Gracias por** venir...” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 150)

Consideramos este presente como presente territorial espacial pela presença de Sandra na festa de casamento dos pais de Rafael.

Formulação: “*Muchísimas gracias*”

Identificamos no *corpus* deste trabalho 2 casos de agradecimentos através da formulação “*Muchísimas gracias*”:

No **roteiro espanhol** identificamos dois casos de agradecimentos através da formulação elíptica “*muchísimas gracias*”. O primeiro caso, ocorre numa relação pessoal assimétrica entre Desconhecidos, Víctor trata o funcionário do cemitério de “*usted*” e recebe “*tú*”. Esta diferença de tratamento pode ser explicada pela diferença de idade entre eles ou pelo papel social que ambos estão desempenhando neste contexto – o funcionário por ter o poder de decidir se vai dar as flores ou não e Víctor por estar pedindo.

(164) Víctor – *operario*: (en tono humilde) “Jefe, ¿le importa si cojo algunas flores par la tumba de mi madre?”

Operario – Víctor: “Coge las que quieras, no creo que al Sr. Benedetti le importe...las vamos tirar...”

Víctor – *Operario*: “***Muchísimas gracias***, jefe.” (*Carne Trémula*, España, 1997: 115)

Consideramos este presente como presente territorial físico já que se trata de um presente material, as flores.

O segundo caso de agradecimento ocorre numa relação pessoal entre amigos com muita experiência compartilhada. Víctor e Clara são mais que amigos, se tornaram amantes. Após ir à casa de Víctor e perceber que ele não tinha cama e nem sofá ela decidiu presenteá-lo com um sofá cama.

(165) Clara – Víctor: “Si lo pones así (lo dobla por un lado, dejando el otro como respaldo, contra la pared) funciona como sofá. Si lo despliegas del todo es una cama... Así podrás dormir como Dios manda...”

Víctor – Clara: “***Muchísimas gracias***.” (*Carne Trémula*, España, 1997: 136)

Consideramos este presente como presente territorial físico já que se trata de um presente material, neste caso um sofá cama.

Formulação: “*Muchas gracias por*”

Identificamos no *corpus* deste trabalho 1 caso de agradecimento através da formulação “*Muchas gracias por*”:

Identificamos no roteiro cubano o único caso de agradecimento através da formulação “*muchas gracias por*”; ocorre numa relação pessoal entre amigos com

muita experiência compartilhada. David foi visitar Nancy após ela sair do hospital e ao chegar lá ela oferece um café.

(166) *David -Nancy*: “Bueno, eh, **muchas gracias por** el café, estaba muy rico. Hasta luego.” (*Fresa y chocolate*, Cuba, 1993:19)

Consideramos este presente como presente territorial físico já que se trata de um presente material, neste caso o café.

A partir de nossos dados, observamos que a formulação mais freqüente encontrada nos roteiros hispânicos para a realização direta do agradecimento é a formulação elíptica “*gracias*” (67 casos); a realização do agradecimento através das formulações elípticas ocorreram tanto nas relações pessoais (35 casos), como nas relações transacionais (32 casos). Identificamos 28 casos de agradecimentos por receber presentes conversacionais (elogios, expressão de bons desejos, expressão votiva, informação, recusa de oferecimento (objeto, ação ou convite) ou quando aceita o oferecimento); 21 casos de agradecimentos por receber presentes territoriais - físicos (o agradecimento ocorre por ter recebido algum oferecimento) ou espaciais (o agradecimento ocorre por receber visitas ou por receber algum convite para “comer” ou “dormir”); e 18 casos de agradecimentos por receber presentes relacionais - transacionais (o agradecimento ocorre pela transação em si, o serviço prestado - compra e venda) ou pessoais (o agradecimento ocorre entre pais e filhos, marido e mulher ou entre amigos. O ato de agradecimento reafirma a relação de amizade, de casal, de irmãos e etc.).

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2005) os agradecimentos são de natureza exclusivamente “ritual”, por serem fortemente estereotipados em sua formulação e em suas condições de emprego e por terem uma função, sobretudo relacional (seu conteúdo é relativamente pobre). Após análise dos dados podemos comprovar exatamente isso que afirma Kerbrat- Orecchioni, ou seja, a formulação elíptica “*gracias*” é uma formulação convencionalizada e trata-se de uma expressão fixa, fossilizada, além disso, muitas vezes cumpre outro ato de linguagem. Já as formulações performativas fazem justamente o que enunciam e desta forma não há dúvida que o presenteado reconheceu o FFA que acabou de receber. A seguir veremos como se distribuem as formulações performativas no *corpus* desta pesquisa.

3.1.2. As formulações performativas:

A formulação performativa do agradecimento foi a segunda formulação identificada no *corpus* em espanhol. Dos 72 agradecimentos através de formulações diretas, repertoriamos somente 5 casos da formulação performativa “*Les agradecemos mucho...*”, “*Te quería dar las gracias.*”, “*Yo agradezco...*”, “*Te agradezco mucho...*” e “*Quería darte las gracias.*”.

Formulação: “*Les agradecemos mucho.*”

No **roteiro mexicano** identificamos um caso de agradecimento através da formulação performativa “*Les agradecemos mucho*”. Este único caso de agradecimento ocorre numa relação transacional entre Apresentador e atores com pouca experiência compartilhada. Valeria e Andrés vão ao programa de televisão e após serem entrevistados, o apresentador agradece a presença deles no programa.

(167) *Apresentador – Valeria / Andrés: “Les agradecemos mucho a Valeria Amaya y a Andrés Salgado que hayan venido a este programa. Y amigos, no se vayan que tenemos más sorpresas en “Gente de Hoy”.*(*Amores Perros*, México, 2000:26)

Consideramos este presente como presente territorial espacial já que há a incursão dos atores pelo território espacial do apresentador, neste caso a presença deles no programa.

Formulação: “*Te quería dar las gracias.*”

No **roteiro cubano** identificamos 1 caso de agradecimento através da formulação performativa “*Te quería dar las gracias.*” Este único caso de agradecimento ocorre numa relação entre Amigos com muita experiência compartilhada. Após doar sangue para Nancy, David foi visitá-la para ver como ela estava de saúde.

(168) *David – Nancy: “¿Estás bien?
Nancy - David: “¿Qué tú crees? Te quería dar las gracias. Te invito a un café o a comer un dulce de coco.”* (*Fresa y chocolate*, Cuba, 1993:18)

Consideramos este presente como presente relacional uma vez que David doou sangue a sua amiga quando estava correndo risco de vida no hospital. Temos aí o cumprimento do papel social, ou seja, o que se espera de amigo em um momento como este. Com esta atitude, David fortaleceu o laço de amizade que há entre eles.

Formulação: “Yo agradezco el interés.”

No **roteiro argentino** identificamos 1 caso de agradecimento através da formulação performativa “*Yo agradezco el interés*”. Este único caso ocorre numa relação transacional simétrica de Compra e venda entre participantes que não possuem muita proximidade, muita experiência compartilhada.

(169) *Rafael- Sciacalli*: “Mire, Sciacalli. **Yo agradezco el interés** que muestra Marchioli Internazionale en el restaurante, pero yo en este momento no tengo interés en vender.” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 13)

Consideramos este presente como presente conversacional já que o objeto é de natureza verbal, ou seja, Sciacalli representante do grupo italiano fez uma proposta para comprar o restaurante de Rafael.

Formulação: “Quería darte las gracias.”

No **roteiro argentino** identificamos 1 caso de agradecimento através da formulação performativa “*Quería darte las gracias.*”. Este único caso ocorre numa relação que beira o transacional e o pessoal entre Patrão e empregado, trata-se de uma relação simétrica com muita experiência compartilhada já que os interactantes além de terem laços profissionais são primos.

(170) *Nacho –Rafael*: “ Bueno, perdoname, loco, te estaba mirando.”
Rafael – Nacho: “ ¿Por qué? ¿Qué pasa?”
Nacho – Rafael: “Nada, pasa. Nada, quería... **quería darte las gracias** por todo lo que hacés por mí.”
Rafael – Nacho: “Está bien. No te preocupes.” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 119)

Consideramos este presente como presente relacional, Nacho agradece pelo emprego e pela ajuda dada pelo seu primo.

Formulação: “Te agradezco mucho.”

No **roteiro argentino** identificamos 1 caso de agradecimento através da formulação performativa “*Te agradezco mucho*”. Este único caso ocorre numa relação pessoal entre casal com muita experiência compartilhada. Nati e Rafael namoram há muito tempo, mas como ele anda com muitos problemas profissionais e de saúde decide dar um tempo na relação.

(171) *Rafael – Nati*: “ Sí, claro, es lógico...Nati, cuando yo te dije...todo eso de la libertad y ...No era para cortarla. Quiero decir, para que estemos más seguros sin sentirnos atados. ¿Entendés? Es...Eso, mirá, yo no quiero jugar, lo que quiero es que lo pensemos...”

Nati – Rafael: “No, no, pará, no me expliques. Yo ya lo pensé. Yo no estoy segura de estar enamorada de vos. (Se ríe.) Siempre supe que no tenés el cerebro de Einstein, ni la plata de Bill Gates... No sé, tampoco sos, yo qué sé, Dick Watson. Pero me enamoré. No sé por qué. Es más, dejé de hacer terapia porque sabía que en menos de un año te iba a dejar de querer. Pero me enamoré. Ahora no estoy segura. Yo no creo que seas el tipo que yo pensaba que eras. **Te agradezco mucho** que no quieras jugar conmigo. De todos modos, yo no te iba a dejar jugar conmigo. Porque yo valgo la pena. ¿Entendés? Yo valgo.” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 117)

Consideramos este presente como presente relacional uma vez que Rafael diz que não está brincando com Nati. Neste caso, esta atitude de Rafael reafirma a relação de casal e foi vista por Nati como objeto de agradecimento.

A segunda formulação encontrada nos roteiros hispânicos para a realização direta do agradecimento são as formulações performativas (5 casos) “*Les agradecemos mucho.*”, “*Te quería dar las gracias*”, “*Yo agradezco el interés.*”, “*Te agradezco mucho.*” e “*Quería darte las gracias.*”. A realização do agradecimento através das formulações performativas ocorre tanto nas relações pessoais (2 casos), como nas relações transacionais (3 casos). Identificamos 2 casos de agradecimentos por receber presentes relacionais (pessoais e / ou transacionais); 2 casos de agradecimentos por receber presentes conversacionais e 1 caso de agradecimento por receber presente territorial (espacial).

Em síntese, nos roteiros hispânicos, as **formulações diretas** são as formulações mais freqüentes.

□► As formulações elípticas são as mais freqüentes e ao contrário do que acontece com as desculpas, as formulações dos agradecimentos são fortemente estereotipadas o que faz com que estas formulações não estejam relacionadas ao tipo de presente ou ao tipo de relação ou distância interpessoal. Talvez isso explique a necessidade de intensificar o agradecimento “*muchas gracias*” ou “*muchísimas gracias*” quando se trata de um importante FFA.

□► E as formulações performativas, bastante mais raras, pela sua formulação mais longa, parecem também não estar relacionadas ao tipo de relação ou a distância interpessoal. De acordo com os nossos dados acreditamos que as formulações performativas estão reservadas para situações em que o FFA (o presente) seja mais importante, neste caso é preciso contrabalançar o desequilíbrio da relação, ou seja, quanto maior o FFA maior terá que ser o trabalho de agradecimento.

Vejamos agora como se comportam as formulações diretas dos agradecimentos nos roteiros brasileiros, os principais pontos de convergência e divergência com os resultados que acabamos de expor.

3.2. As formulações diretas dos agradecimentos nos roteiros brasileiros

Conforme pode ser visto no quadro 19, dos 21 agradecimentos identificados nos roteiros em português, repertoriamos 14 formulações lingüísticas para a realização direta dos agradecimentos. A única formulação encontrada é a formulação **elíptica** (67%) com as seguintes variações: “*valeu*” (10 casos), “*obrigado*” (2 casos), “*obrigado por*” (1 caso) e “*brigadão*” (1 caso).

Quadro 19: Formulações diretas nos roteiros brasileiros: formulações lingüísticas

	Elíptico	Total
Brasil (A)	Obrigado por (1)	1
Brasil (B)	Valeu (10) Obrigado (2) Brigadão (1)	13
Total	14/21 (67%)	

3.2.1. As formulações elípticas:

A formulação elíptica do agradecimento é a única formulação direta encontrada no *corpus* em português. Dos 14 agradecimentos realizados através de formulações diretas, repertoriamos 10 casos da formulação elíptica “*valeu*”, 2 casos da formulação elíptica “*obrigada*”, 1 caso da formulação elíptica “*brigadão*” e 1 caso da formulação elíptica “*obrigado por*”.

Formulação: “Valeu.”

No **roteiro brasileiro (B)** identificamos 10 casos de agradecimentos através da formulação “*Valeu*”. O primeiro caso de agradecimento ocorre numa relação pessoal entre amigos com muita experiência compartilhada. Ambos são moradores da

favela e ladrões. Dadinho saiu para fazer um assalto junto com um grupo de bandidos da favela de Cidade de Deus. Ao chegarem na porta do hotel, o lugar do assalto, Cabeleira entrega a arma para Dadinho.

(172) *Cabeleira – Dadinho*: “Essa aqui é que é a tua.”

Dadinho – Cabeleira: “**Valeu**, cara. Aí, vam’bora.” (*Cidade de Deus*, Brasil, 2003:33)

Consideramos este presente como presente territorial físico por ter recebido um presente material, a arma.

O segundo caso de agradecimento ocorre numa relação transacional assimétrica entre Patrão e empregado com muita proximidade. Filé com Fritas é um menino morador da favela que está começando a trabalhar para o tráfico. Neste começo, a função dele é entregar comida e levar algumas encomendas que os traficantes pedem. Após receber a comida que o menino trouxe, Bené o agradece.

(173) *Filé com Fritas – Bené*: “Aí. Bené: Filé com Fritas.”

Bené – Filé com Fritas: “**Valeu**, toma. Vinte cruzeiros.”

Filé com Fritas – Bené: “Vinte?. Valeu.” (*Cidade de Deus*, Brasil, 2003:98)

Consideramos este presente como presente territorial físico por se tratar de um presente material, neste caso a comida.

O terceiro caso de agradecimento ocorre numa relação transacional assimétrica entre Empregado e patrão com experiência compartilhada. Trata-se da sequência do exemplo 173, após entregar a comida para o chefe, Filé com Fritas recebe uma caixinha pelo serviço prestado.

(174) *Filé com Fritas – Bené*: “Aí. Bené: Filé com Fritas.”

Bené – Filé com Fritas: “Valeu, toma. Vinte cruzeiros.”

Filé com Fritas – Bené: “Vinte?. **Valeu.**” (*Cidade de Deus*, Brasil, 2003:98)

Consideramos este presente como presente territorial físico já que ocorre o recebimento de presente material, neste caso o dinheiro que Bené deu para Filé com Fritas.

O quarto caso de agradecimento ocorre numa relação pessoal entre amigos que possuem pouca experiência compartilhada. Trata-se de um rapaz da zona sul que frequenta a favela para comprar droga. Numa ida a boca de fumo encontrou com Bené que ficou encantado com as roupas de marca que o rapaz usava e enchendo a mão de Thiago de dinheiro pediu para comprar as mesmas roupas para ele. Após comprar várias peças de roupas, voltou para a favela para entregar, como havia sobrado dinheiro, Bené deu de presente para ele.

(175) *Thiago – Bené*: “Sobrou um dinheiro.”
Bené – Thiago: “Fica pra você, véio.”
Thiago – Bené: “**Valeu.**” (*Cidade de Deus*, Brasil, 2003:102)

Consideramos este presente como presente territorial físico por se tratar de um presente material, neste caso o dinheiro.

O quinto caso de agradecimento ocorre numa relação pessoal entre amigos com alguma experiência compartilhada. O sonho de Busca-Pé era ser fotógrafo. Na festa que Bené fez de despedida apareceu um rapaz que queria trocar uma câmera fotográfica por droga. Após efetuar a troca, Bené lembrou de Busca-Pé e o presenteou com a máquina. Temos aí um importante FFA, afinal durante muito tempo Busca-Pé queria comprar uma máquina fotográfica. Esse presente é a realização de um sonho material, mas também profissional, já que ele queria ser fotógrafo.

(176) *Bené – Busca-Pé*: “Presente para tu.”
Busca-Pé – Bené: “Caralho, mané! **Valeu!**” (*Cidade de Deus*, Brasil, 2003:139)

Consideramos este presente como presente territorial físico por se tratar de um presente material, neste caso a máquina fotográfica.

O sexto caso de agradecimento ocorre numa relação pessoal entre amigos com alguma experiência compartilhada. Bené fez uma festa de despedida da favela, pois não queria continuar como traficante.

(177) Bené cumprimenta um grupo de CRENTES junto a uma mesa.
Bené – Grupo de crentes: “Aí, ó, qualquer dia eu vou lá na igreja. Brigadão por ter vindo na minha festa, **valeu.**” (*Cidade de Deus*, Brasil, 2003:134)

Consideramos como presente territorial espacial a presença dos amigos na festa.

O sétimo caso de agradecimento ocorre numa relação transacional de Compra e venda entre participantes que possuem experiência compartilhada. Thiago, o menino da zona sul, vai até a boca de fumo comprar droga e pede a Filé com fritas para ver se os traficantes podem vender cocaína para ele.

(178) *Thiago – Filé com Fritas*: “Tá vendo. Esse é que é o mal. Os caras viciam a gente e depois fica tudo entocado com a porra do pó. Faz um favor pra mim, apanha um pozinho mágico pra mim.”
Filé com Fritas – Thiago: “Vou ver se os cara libera.”
Thiago – Filé com Fritas: “**Valeu.** Avisa que é pro Thiago, só pra ele não ficar na adrenalina.” (*Cidade de Deus*, Brasil, 2003:150)

Consideramos como presente relacional, uma vez que há o cumprimento do papel social, ou seja, o vendedor vai ver se consegue a mercadoria que o cliente quer comprar.

O oitavo caso de agradecimento ocorre numa relação interpessoal entre amigos com pouca experiência compartilhada. Barbantinho conheceu o Paulista após pedir uma carona para ele. Dentro do carro eles começaram a fumar maconha e a conversar, tiveram identificação imediata.

(179) Barbantinho, agradecido, bate no ombro do Paulista.

Barbantinho – Paulista: “Aí, Paulista, tu é legal pra caramba, hein, meu irmão?”

Paulista – Barbantinho: “**Valeu**, carioca.” (*Cidade de Deus*, Brasil, 2003:129)

Consideramos presente conversacional por se tratar de objeto verbal, neste caso o elogio que Barbantinho faz a Paulista.

O nono caso de agradecimento ocorre numa relação transacional assimétrica de Compra e venda entre participantes que não possuem experiência compartilhada. O Garotão da zona sul vai até a favela trocar uma televisão por cocaína.

(180) Um garotão troca uma TV por cocaína.

Bené – Garotão: “Esse papelote ta maneiro?”

Garotão – Bené: “**Valeu**.” (*Cidade de Deus*, Brasil, 2003:94)

Consideramos como presente relacional uma vez que o cliente consegue efetuar a sua troca, neste caso a televisão por droga e desta forma realiza a ação comercial.

O décimo caso de agradecimento ocorre numa relação transacional assimétrica de Compra e venda sem proximidade e com muita distância interpessoal. Um garoto da zona sul, Cocota, está sem dinheiro para comprar droga e pede para pagar com um relógio.

(181) *Cocota – Bené:* “Pó, faz esse favor pra mim. Eu sei que tu é parceiro, não vai negar.”

Bené – Cocota: “Toma aí.”

Cocota – Bené: “**Valeu**.” (*Cidade de Deus*, Brasil, 2003:138)

Consideramos como presente relacional pela mesma razão do exemplo acima (180), o cliente consegue efetuar a sua troca, neste caso o relógio por droga e desta forma realiza a ação comercial.

Formulação: “Obrigada”

No **roteiro brasileiro (B)** identificamos 2 casos de agradecimentos através da formulação “*Obrigada*”. O primeiro caso de agradecimento ocorre numa relação pessoal entre Desconhecidos. A Jovem é moradora da favela, mas não está relacionada ao tráfico. Já Zé Pequeno é um dos bandidos mais perigosos da Cidade de Deus. Na festa de despedida de Bené, Zé Pequeno convidou-a para dançar.

(182) *Zé Pequeno – Jovem*: “Você quer dançar comigo?”
Jovem – Zé Pequeno: “Ah, não, **obrigada**. Eu tô acompanhada.” (*Cidade de Deus*, Brasil, 2003:135)

Consideramos presente conversacional por se tratar de um objeto verbal - um convite para dançar. Neste caso, temos o agradecimento para recusar o oferecimento. Como se trata de uma negação, há a justificativa “*Eu tô acompanhada*.”

O segundo caso de agradecimento ocorre numa relação pessoal entre amigos com muita intimidade. Bené estava paquerando há algum tempo Angélica e num baile na favela ele aproveitou a oportunidade para dançar com ela. A partir daí eles começaram a namorar.

(183) *Bené – Angélica*: “Você é linda, sabia?”
Angélica – Bené: “**Obrigada**.” (*Cidade de Deus*, Brasil, 2003:106)

Consideramos como presente conversacional por se tratar de um elogio.

Formulação: “Brigadão”

No **roteiro brasileiro (B)** identificamos 1 caso de agradecimento através da formulação “*Brigadão*”. Este único caso de agradecimento ocorre numa relação pessoal entre amigos com pouca experiência compartilhada. Na festa de despedida de Bené da favela havia vários convidados, dentre eles um grupo de crentes.

(184) Bené cumprimenta um grupo de CRENTES junto a uma mesa.
Bené – Grupo de crentes: “Aí, ó, qualquer dia eu vou lá na igreja. **Brigadão** por ter vindo na minha festa, valeu?” (*Cidade de Deus*, Brasil, 2003:134)

Consideramos como presente territorial espacial a presença dos amigos na festa.

Ao observarmos as formulações lingüísticas para realizar o agradecimento no roteiro de Cidade de Deus, identificamos a formulação “*Obrigada*” vindo de

mulheres. No primeiro caso, é a Jovem, namorada de Zé Galinha, quem nega o convite de Zé Pequeno para dançar. Apesar de ser moradora da favela não tem relação com o mundo do tráfico. Já o segundo caso, é Angélica, uma menina da zona sul quem agradece através da formulação “*obrigada*” ao elogio feito por Bené. O único homem que agradeceu com “*brigadão*” foi Bené ao grupo de crentes que foi a sua festa. Poderíamos concluir que a formulação “*valeu*” seria mais coloquial nessa comunidade sociocultural? E que a formulação “*obrigado/a*” e “*brigadão*” registrariam uma certa distância social entre os interlocutores.

Formulação: “Obrigado por.”

No **roteiro de Brasil (A)** identificamos 1 caso de agradecimento através da formulação elíptica “*obrigado por*”. Este único caso ocorre numa relação pessoal entre casal com muita experiência compartilhada. Consideramos como presente territorial espacial à visita de Julia 2 a Carlos 2.

(185) Carlos 2 – Julia 2: “Bem, eu te liguei...e **obrigado por** ter vindo. Eu queria falar com você, Julia.” (*Amores Possíveis*, Brasil, 2001:124)

A única formulação encontrada nos roteiros brasileiros para a realização direta do agradecimento são as formulações elípticas “*valeu*”, (10 casos), “*obrigado*” (2 casos), “*obrigado por*” (1 caso) e “*brigadão*” (1 caso); a realização do agradecimento através das formulações elípticas ocorreram tanto nas relações pessoais (9 casos), como nas relações transacionais (5 casos). Identificamos 7 casos de agradecimentos por receber presentes territoriais - físicos (o agradecimento ocorre por ter recebido algum oferecimento) ou espaciais (o agradecimento ocorre por receber visitas ou por receber algum convite para “*comer*” ou “*dormir*”); 4 casos de agradecimentos por receber presentes relacionais - transacionais (o agradecimento ocorre pela transação em si, o serviço prestado - compra e venda) ou pessoais (o agradecimento ocorre entre pais e filhos, marido e mulher ou entre amigos. O ato de agradecimento reafirma a relação de amizade, de casal, de irmãos e etc.); e 3 casos de agradecimentos por receber presentes conversacionais – (elogios, expressão de bons desejos, expressão votiva, informação, recusa de oferecimento (objeto, ação ou convite) ou quando aceita o oferecimento).

Em síntese, nos roteiros brasileiros, as **formulações diretas** são as formulações mais frequentes.

□► As formulações elípticas são as únicas encontradas nos roteiros brasileiros. Assim como em espanhol, notamos que independente do tipo de relação, do tipo de presente ou da distância interpessoal entre os interlocutores a formulação de agradecimento é bastante convencionalizada. Observamos a presença da formulação “*valeu*” entre interactantes com muita ou nenhuma experiência compartilhada, com muita ou pouca distância interpessoal e para manifestar agradecimento ao presente conversacional, relacional ou territorial. O que nos chamou atenção é o fato dessa formulação só ter sido repertoriada no roteiro do filme Cidade de Deus. Será que a frequência desta formulação está relacionada a variante social entre Brasil (A) e Brasil (B)?

Outra observação interessante é quanto a formulação “*obrigada*” identificada nas relações entre interactantes que não possuem muita experiência compartilhada e utilizadas por mulheres que não pertencem ao tráfico. Será que a formulação “*obrigada*” neste contexto sócio-cultural reflete menos coloquialidade e mais distância entre os interlocutores?

Após analisarmos os agradecimentos através das formulações diretas, que no nosso *corpus* de pesquisa são os mais frequentes, veremos a seguir como se distribuem as formulações indiretas nos roteiros hispânicos e brasileiros levando em conta o contexto conversacional, ou seja, o ato que desencadeia o agradecimento, o tipo de relação e o tipo de interação.

Ao analisar os nove roteiros que compõem o nosso *corpus* de pesquisa, identificamos um total de 77 casos de agradecimentos em espanhol e 21 casos de agradecimentos em português. Dos 77 agradecimentos em espanhol identificamos 5 formulações indiretas e dos 21 agradecimentos em português identificamos 7 formulações indiretas do agradecimento.

Consideramos dois tipos de **formulações indiretas**:

a) os agradecimentos **indiretos descritivos** “*Te pasaste.*” e “*Te estoy tan agradecido.*” em espanhol ou “*Mãe o que seria de mim sem a senhora?*”, “*Tu é legal pra caramba.*” e “*Esse cara é legal pra caramba.*” em português; e

b) **Não verbal**- tapinha nas costas, olhada e sorriso no roteiro hispânico ou sinal de OK com o dedo, tapinha nas costas, tapinha no braço e beijo no rosto no roteiro brasileiro

Em espanhol identificamos 5 casos de agradecimentos através de formulações indiretas; 3 casos através de material não verbal - tapinha nas costas, sorriso e troca de olhares; e 2 casos de agradecimento indireto descritivo através do enunciado “*Te pasaste*” e “*Te estoy tan agradecido.*”. Em português identificamos 7 casos de agradecimentos através de formulações indiretas; 4 casos através de material não verbal – sinal de Ok com o dedo, tapinha nas costas, tapinha no ombro e um beijo o rosto; e 3 casos de agradecimento indireto descritivo através dos seguintes enunciados: “*Mãe o que seria de mim sem a senhora?*”, “*Tu é legal pra caramba.*” e “*Esse cara é legal pra caramba.*”.

3.3. As formulações indiretas dos agradecimentos nos roteiros hispânicos

O quadro 20 ilustra a distribuição geral das 5 formulações indiretas do agradecimento nos roteiros hispânicos. Encontramos 3 casos através de **material não verbal** (4%) - tapinha nas costas, sorriso e troca de olhares; e 2 casos de agradecimento **indireto descritivo** (3%) através do enunciado “*Te pasaste*” e “*Te estoy tan agradecido.*”.

Quadro 20: Formulações indiretas nos roteiros hispânicos: formulações lingüísticas

	<u>Indireto</u>	<u>Nao verbal</u>	<u>Total</u>
Espanha	- -	-	-
México	- -	-	-
Cuba	“Te estoy tan Agradecido” (1)	-	1
Colombia	- -	-	-
Chile	- -	-	-
Peru	“Te pasaste” (1)	Troca de olhares e sorriso (2)	3
Argentina	- -	Tapinha nas costas (1)	1
Total	2/77 3%	3/77 4%	5/77 7%

Formulação: “Te estoy tan agradecido.”

No **roteiro cubano** encontramos 1 caso de agradecimento indireto descritivo através do enunciado “*Te estoy tan agradecido.*”. Este único caso ocorre numa relação pessoal entre amigos com muita experiência compartilhada. Nancy precisava de doador de sangue, como Diego não podia doar, pediu seu amigo para fazê-lo em seu lugar. Após doar sangue para Nancy, Diego agradece a David o favor que ele fez.

(186) *Diego – David: “Te estoy tan agradecido.”*

David - Diego: “Era mi deber. Es una compañera y la de Vigilancia. Yo doné sangre cuando el terremoto de Taskin” (Fresa y chocolate, Cuba, 1993:14)

Consideramos este presente como presente relacional, David reafirma a relação de amizade, uma vez que doou sangue por ser muito amigo de Nancy e de Diego.

Formulação: “Te pasaste.”

No **roteiro peruano** encontramos 1 caso de agradecimento indireto descritivo através do enunciado “*Te pasate.*”. Este único caso ocorre numa relação transacional entre estagiário e policial. Apesar de não terem muita experiência compartilhada, o policial tem a mesma faixa etária de Alfonso o que diminui a distância social entre eles. Neste enunciado observamos o agradecimento indireto através de uma asserção que focaliza o autor do presente; pelas palavras de Alfonso, Hugo se superou pela informação de que teria um sepultamento em que a família havia comprado óbito falso. Para Alfonso esta informação era muito importante já que poderia ser a primeira capa do Jornal *El Clamor*.

Segundo Kebrat-Orecchioni (2005), o agradecimento pode formular-se de um modo excessivamente discreto e o presenteador não notar que houve o agradecimento. Acreditamos que o agradecimento indireto através da formulação “*Te pasaste*” e depois através da formulação elíptica “*gracias*” faz com que Hugo não tenha dúvidas de como Alfonso se sentiu presenteado com a importante informação que acabou de receber.

(187) *Alfonso – Hugo: “Putá, te pasaste Hugo. ¿Y vamos a poder entrar?”*

Hugo – Alfonso: “ Cuando lleguen los patrulleros ustedes se aparecen como si estuvieran por aqui dando vueltas. Y se meten no más, si pueden.”

Alfonso – Hugo: “Gracias Huguito, te debo varias.” (Tinta Roja, Perú, 2000:83)

Consideramos este presente como presente conversacional, Alfonso agradece a informação dada por Hugo.

Formulação: GESTUAL

No **roteiro peruano** encontramos 2 casos de agradecimentos através do gestual (troca de olhares e sorriso). O primeiro caso de agradecimento através do gestual (sorriso) ocorre numa relação transacional Jornalista e estagiário. Alfonso oferece a Rosana uma nota importante para que ela possa publicar no jornal que trabalha. Ela olha para ele agradecida e lhe sorri.

(188) *Alfonso – Rosana*: “Estoy esperando algo grande, Rosana. Puedo compartirlo contigo si te comprometes a comunicarlos a ultima hora de la noche, para que ningún otro medio escrito alcance a sacarla mañana.” (*Tinta Roja*, Perú, 2000:87)

Consideramos este presente como presente conversacional já que se trata de uma informação / nota para que Rosana possa publicar no jornal que trabalha.

O segundo caso de agradecimento através do gestual (troca de olhar, um gesto com mão e um sorriso; todos estes gestos aconteceram simultaneamente) ocorre numa relação pessoal entre amigos de trabalho que compartilhem muita experiência. Van Gogh escuta que a novela escrita por Alfonso foi apresentada pelo pseudônimo de Van Gogh, neste momento ele olha para Alfonso com os olhos lagrimejados, faz um gesto com as mãos e dá um sorriso. Tais gestos foram interpretados como uma forma de agradecimento.

(189) *Rosana – Faundez / Todos* que están en la mesa: “No jodas, Faundez. Es un excelente premio, de lo mejor. ¿O te parece poco ganarse 10 mil dólares? Y para que vean que soy buena periodista, he conseguido con carácter de primicia el acta del jurado que será leída el día de la premiación. Dice que se presentaron 100 novelas, quedaron seis finalistas y por unanimidad se declaró como ganadora a *Todos los días muere alguien*, presentada bajo el seudónimo de Van Gogh (Todos aplauden). Una vez abierto el sobre se conoció que dicho seudónimo pertenecía a Alfonso Fernández Ferrer.” (*Tinta Roja*, Perú, 2000:74)

Consideramos como presente relacional uma vez que tal atitude reafirmou a relação de amizade entre eles.

No **roteiro argentino** encontramos 1 caso de agradecimento através do gestual (tapinha nas costas). Este único caso de agradecimento gestual ocorre numa relação pessoal entre Pai e filho, os participantes da interação possuem muita experiência compartilhada. Rafael agradece o tiramisú que seu pai levou de presente para ele. Rafael dá um tapinha nas costas do pai. Este gesto foi interpretado como forma de agradecimento.

(190) *Rafael – Nino*: “¡Papi! ¿Qué hacés?”

Nino – Rafael: “Te traje un regalito”

Le da un *tupper*. Rafael lo abre. Adentro hay tiramisú.

Rafael – Nino: “Vení, pasá, pasá. ¿Qué trajiste? Acá hay tiramisú, papá...”

Nino – Rafael: “No, acá tienen una compota de Mendingrim con borra de café incomedible. Ése es mascarpone para festejar el cumpleaños de mami.”

Rafael – Nino: “Uy, cierto, vení. La casa invita el brindis.”

(*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 47)

Consideramos este presente como presente territorial físico, já que se trata de um presente material, neste caso o tiramisú.

A realização indireta do agradecimento nos roteiros hispânicos foi identificada através de material não verbal (3 casos) - tapinha nas costas, sorriso e troca de olhares; e através do agradecimento indireto descritivo (2 casos) “*Te estoy tan agradecido*.” e “*Te pasaste*”. Os 3 casos identificados para realização indireta do agradecimento através de material não verbal ocorreram por haver recebido presente conversacional (1 caso), por haver recebido presente relacional pessoal (1 caso) e por haver recebido presente territorial (1 caso). Identificamos 2 casos nas relações pessoais e 1 caso numa relação transacional. Os dois casos identificados do agradecimento através da realização indireta ocorreram através da formulação lingüística “*Te estoy tan agradecido*” e “*Te pasaste*” (2 casos); estas realizações do agradecimento através da formulação indireta descritiva ocorreram numa relação pessoal e transacional, respectivamente. No primeiro caso por haver recebido um presente relacional pessoal e no segundo caso por haver recebido um presente conversacional.

Vejamos agora como se comportam as formulações indiretas nos roteiros brasileiros, os principais pontos de convergência e divergência com os resultados que acabamos de expor.

3.4. As formulações indiretas dos agradecimentos nos roteiros brasileiros

O quadro 21 ilustra a distribuição geral das 7 formulações indiretas do agradecimento nos roteiros brasileiros. Encontramos 4 casos de agradecimentos através de **material não verbal** (19%) – sinal de OK com a mão, tapinha no braço, tapinha no ombro e beijo; e 3 casos de agradecimentos **indiretos descritivos** (14%) através dos enunciados: “*Mãe o que seria de mim sem a senhora?*”, *Tu é legal para caramba.*” e “*Esse cara é legal pra caramba.*”.

Quadro 21: Formulações indiretas nos roteiros brasileiros: formulações lingüísticas

	<u>Indireto</u>	<u>Nao verbal</u>	<u>Total</u>
Brasil (A)	“Mãe o que seria de mim sem a senhora?” (1)	•sinal de OK com o dedo em forma de agradecimento (1) •tapinha no braço (1)	3
Brasil (B)	“Tu é legal pra caramba” “Esse cara é legal pra caramba” (2)	beijo tapinha no ombro (2)	4
Total	3/21 14%	4/21 19%	7/21 33%

Formulação: “Mãe o que seria de mim sem a senhora?”

No **roteiro brasileiro (A)** identificamos 1 caso de agradecimento indireto descritivo através do enunciado: “*Mãe o que seria de mim sem a senhora?*”. Este único caso ocorre numa relação pessoal entre Mãe e filho com muita experiência compartilhada. Carlos 3 aceitou o oferecimento de sua mãe de levá-lo de carro até o trabalho.

(191) *Sonia – Carlos 3*: “Tá entregue.”

Carlos 3 – Sonia: “**Mãe, o que seria de mim sem a senhora?**” (*Amores Possíveis*, Brasil, 2001:27)

Consideramos este presente como presente conversacional uma vez que se trata de um oferecimento.

Formulação: “Esse cara é legal pra caramba.”

No **roteiro brasileiro (B)** identificamos 1 caso de agradecimento indireto descritivo através do enunciado: “*Esse cara é legal pra caramba.*”. Este único caso ocorre numa relação pessoal entre amigos com pouca experiência compartilhada. Busca-Pé estava na praia com Angélica fumando maconha quando chega um grupo de meninos da favela e pede para fumar um pouco. Ele prefere deixar a maconha com os meninos para poder continuar sozinho com Angélica.

(192) Otávio não entende nada. Mas agradece num grito.

Otávio – Busca-Pé: “Seu baseado... mano.”

Busca-Pé – Otávio: “Pode ficar.”

Otávio – Busca-Pé: “**Esse cara é legal pra caramba.**” (*Cidade de Deus*, Brasil, 2003:129)

Consideramos como presente territorial físico por se tratar de um presente material, a maconha.

No **roteiro brasileiro (B)** identificamos 1 caso de agradecimento através da formulação “*Aí, Paulista, tu é legal pra caramba, hein, meu irmão?*”. Este único caso ocorre numa relação pessoal entre amigos com pouca experiência compartilhada. Paulista deu carona para Barbantinho e no meio do caminho perguntou se ele queria fumar maconha. Durante o caminho eles foram conversando e fumando.

(193) Barbantinho, agradecido, bate no ombro do Paulista.

Barbantinho – Paulista: “Aí, Paulista, tu é legal pra caramba, hein, meu irmão?” (Cidade de Deus, Brasil, 2003:129)

Consideramos este presente como presente territorial físico por se tratar de um presente material, neste caso a maconha.

Formulação: GESTUAL

No **roteiro brasileiro (A)** identificamos 2 casos de agradecimentos através do gestual “*sinal de OK com o dedo*” e “*tapinha no braço*”. O primeiro caso de agradecimento através do gestual (sinal de Ok com o dedo) ocorre numa relação pessoal entre Mãe e filho. Julia deseja bom passeio para seu filho Lucas, o menino agradece fazendo o sinal de OK com o dedo.

(194) *Julia 2 – Lucas: “Bom Passeio.”*

Lucas – Julia 2: (o menino faz um sinal de ok com o dedo, uma forma de agradecimento) “Tchau, mãe.” (Amores Possíveis, Brasil, 2001:18)

Consideramos como presente conversacional por se tratar de um objeto verbal, neste caso o desejo para que o filho tenha um bom passeio.

O segundo caso de agradecimento através do gestual (tapinha no braço) ocorre também numa relação pessoal com muita experiência compartilhada entre Filho e mãe. Julia 2 decide sair à noite para dançar com uma amiga e seu filho ao levá-la até a porta de casa diz: “Juízo”:

(195) *Julia 2 – Lucas: “Te cuida, hein?”*

Lucas – Julia 2: “Juízo!”

Julia da um tapinha no braço do filho. (*Amores Possíveis*, Brasil, 2001:47)

Consideramos como presente conversacional a expressão de preocupação dita pelo filho para a mãe.

No **roteiro brasileiro (B)** identificamos 2 casos de agradecimento através do gestual “*beijo*” e “*tapinha no ombro*”. O primeiro caso de agradecimento através do gestual (bater no ombro) ocorre numa relação pessoal entre amigos com pouca experiência compartilhada. Barbantinho agradece a maconha que Paulista deu para ele.

(196) **Barbantinho, agradecido, bate no ombro do Paulista.**

Barbantinho – Paulista: “Aí, Paulista, tu é legal pra caramba, hein, meu irmão?” (Cidade de Deus, Brasil, 2003:129)

Consideramos como presente territorial físico por se tratar de um presente material, que neste caso é a maconha.

O segundo caso de agradecimento através do gestual (beijo) ocorre numa relação pessoal entre amigos com muita experiência compartilhada. Angélica e Busca-pé estavam na praia e ela queria fumar maconha. Busca-Pé rapidamente foi na favela buscar para ela.

(197) *Busca-Pé – Angélica: “Aí, se tu tá mermo a fim, posso ir lá na boca do Neguinho buscar um pra você...”*

Angélica dá um beijinho em Busca-Pé.

Busca-Pé (V.O.) “Eu era capaz de fazer qualquer negócio pra agradar aquela mina... Comprar fumo, pó... eu podia ir direto no cafofo dos Apês e conseguir um preço honesto...” (Cidade de Deus, Brasil, 2003:107)

Consideramos como presente territorial físico por se tratar de um presente material, a maconha.

A realização indireta do agradecimento nos roteiros brasileiros foi identificada através de material não verbal (4 casos) - tapinha nas costas, tapinha no ombro, sinal de OK com o dedo e beijinho no rosto; e através do agradecimento indireto descritivo (3 casos) “*Mãe o que seria de mim sem a senhora?*”, “*Tu é legal pra caramba.*”, “*Esse cara é legal pra caramba.*”. Os 4 casos identificados para realização indireta do agradecimento através de material não verbal ocorreram por haver recebido presente conversacional (2 casos) e por haver recebido presente territorial (2 casos). Todos os 4 casos identificados ocorreram nas relações pessoais. Os 3 casos identificados do agradecimento através da realização indireta ocorreram através das seguintes formulações lingüísticas “*Mãe o que seria de mim sem a senhora?*”, “*Tu é legal pra caramba.*”, “*Esse cara é legal pra caramba.*”; os 3 casos ocorreram numa relação pessoal por haver recebido presentes territoriais (2 casos) e por haver recebido presente conversacional (1 caso).

► Assim como nos roteiros em espanhol, o agradecimento através do gestual foram os mais freqüentes. Acreditamos após análise dos dados que este tipo de agradecimento ocorra entre participantes com mais experiência compartilhada independente do tipo de presente.

► Os agradecimentos indireto descritivo também parecem estar relacionados ao tipo de relação e a distância social entre os interactantes.

3.5. Conclusão: as formulações diretas e indiretas dos agradecimentos nos roteiros brasileiros e hispânicos

O objetivo deste capítulo é, basicamente, responder a duas perguntas de pesquisa referentes às formulações diretas e indiretas dos agradecimentos. Em primeiro lugar gostaríamos de saber: *Quais são as formulações mais freqüentes para os agradecimentos em português e em espanhol?*

E, em segundo lugar: *Quais são os contextos de uso das formulações diretas e indiretas dos agradecimentos, considerando como fatores de variação conversacional: a) o tipo de presente; b) o tipo de relação social e c) a distância interpessoal nos intercâmbios?*

As formulações mais freqüentes de agradecimentos, nos roteiros hispânicos, são as formas “*gracias*” ou “*muchas gracias*”, sendo que neste caso as formulações mais longas têm o papel de intensificar os agradecimentos, demonstrando que não se trata de um presente ritual ou que os agradecimentos não são simples automatismos conversacionais. Nos roteiros brasileiros, a formulação mais freqüente foi a forma elíptica e mais coloquial “*valeu*” que parece opor-se à forma de maior distância “*obrigado/a*”.

Em português as formulações de agradecimentos assim como as de desculpas também parecem ter formas não marcadas de maior proximidade “*valeu*” e formas mais marcadas de maior distância interpessoal, “*obrigado*”.

Nossa hipótese inicial foi confirmada no que diz respeito aos agradecimentos. As formulações diretas e indiretas dos agradecimentos variam em função do contexto conversacional, ou seja, em função do objeto considerado como “presente”, em

função do tipo de relação social e da distância interpessoal assumida pelos participantes da interação.

As principais diferenças no contexto de formulação dos agradecimentos nos roteiros brasileiros, considerando o conjunto de roteiros hispânicos, estão relacionadas a três fatores principais, o tipo de presente, a realização indireta de atos derivados e a resposta opcional aos agradecimentos. No seu conjunto, a análise dessas divergências nos dá pistas sobre o perfil comunicativo e o funcionamento conversacional das diferentes comunidades sócio-culturais implicadas na nossa análise.

► No que diz respeito ao contexto convencional de uso dos agradecimentos é importante considerar o **objeto** que se considera como **presente** para procurar pistas sobre o funcionamento conversacional das diferentes comunidades sócio-culturais implicadas na nossa análise.

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2005:140) o agradecimento é um ato pelo qual um locutor acusa recebimento de um “presente” qualquer, mostrando seu reconhecimento ao responsável por este presente (o termo presente pode ser designado para qualquer forma de “ação benfeitora” que se pode fazer a alguém).

Após analisar os roteiros dos filmes estabelecemos basicamente três tipos de presentes (conversacionais, territoriais e relacionais) que desencadearam atos de agradecimentos. No quadro 22 podemos observar a frequência dos presentes que foram motivos de agradecimentos nos roteiros em português e espanhol:

Quadro 22: Tipos de presentes em espanhol e em português:

<u>Tipo de presentes</u>	<u>Espanhol</u>		<u>Português</u>	
Conversacionais	31	40%	6	29%
Territoriais	23	30%	11	52%
Relacionais	23	30%	4	19%
	77		21	

Consideramos seis tipos de **presentes conversacionais**: (1) Elogio / Palmas; (2) Expressão de bons desejos e Expressão Votiva; (3) Pergunta; (4) Informação; (5) Recusa de oferecimento (objeto / ação / convite); e (6) Aceitação de oferecimento (objeto / ação / convite).

Consideramos dois tipos de **presentes territoriais**: (1) Espaço; e (3) Físico.

Ao contrário da classificação de desculpas, não identificamos no nosso *corpus* de pesquisa presentes territoriais relacionados ao tempo, concedido como presente, nos nossos roteiros. Desta forma, não os incluímos em nossa classificação.

Consideramos dois tipos **presentes relacionais**: (1) Nas relações pessoais: Casal, Amigos, Pais e filhos; e (2) Nas relações transacionais: Compra e venda; Patrão e empregado; Médico e paciente; e Jornalista e entrevistado.

► No que diz respeito aos **presentes conversacionais** estes foram os presentes mais freqüentes no *corpus* em espanhol, já em português brasileiro os presentes repertoriados como mais freqüentes foram os presentes territoriais.

Nos roteiros hispânicos, como pode ser visto no quadro 23, dos 31 presentes conversacionais identificados os que foram reparados com mais freqüência são: **recusa de oferecimento** (14 casos); **elogios e palmas** (5 casos); **informação** (06 casos); **aceitação do oferecimento** (4 casos) e **pergunta** (02 casos). Não identificamos ocorrência do **presente expressão de bom desejo / expressão votiva**.

Nos roteiros brasileiros, como pode ser visto no quadro 24, dos 6 presentes conversacionais identificados os que foram reparados com mais freqüência são: **elogios** (2 casos); **expressão de bom desejo / expressão votiva** (2 casos); **aceitação do oferecimento** (1 caso) e **recusa de oferecimento** (1 caso).

Quadro 23: Tipos de presentes conversacionais nos roteiros hispânicos

<u>Tipo de presentes conversacionais</u>	<u>Espanhol</u>	
Elogios / Palmas	05	17%
Expressão de bons desejos	--	--
Pergunta mostrando interesse	02	7%
Informação	06	17%
Recusa de oferecimento	14	46%
Aceitação de oferecimento	04	13%
Total	31/77	100%

Quadro 24: Tipos de presentes conversacionais nos roteiros brasileiros

<u>Tipo de presentes conversacionais</u>	<u>Português</u>	
Elogios / Palmas	02	33%
Expressão de bons desejos	02	33%
Pergunta mostrando interesse	--	--
Informação	--	--
Recusa de oferecimento	01	17%
Aceitação de oferecimento	01	17%
Total	06/21	100%

A função conversacional mais freqüente nos roteiros hispânicos para os agradecimentos é a de recusa de oferecimento, enquanto que nos roteiros brasileiros a aceitação ou recebimento de elogios ou expressões votivas.

► No que diz respeito aos **presentes territoriais** há um percentual maior de presentes relativos ao espaço cedido nos roteiros hispânicos, enquanto que nos roteiros brasileiros os presentes estão bem restritos a questões físicas.

Nos roteiros hispânicos, como pode ser visto no quadro 25, dos 23 presentes territoriais identificados nos roteiros hispânicos, os que foram reparados com mais freqüência são: **físico** (13 casos) e **espaço** (13 casos)

Nos roteiros brasileiros, como pode ser visto no quadro 26, dos 11 presentes territoriais identificados, os que foram reparados com mais freqüência são: **físico** (9 casos) e **espaço** (2 casos).

Quadro 25: Tipos de presentes territoriais em espanhol:

Tipo de presentes territoriais	Espanhol	
Espaco	10	43%
Físico	13	57%
Total	23/100%	

Quadro 26: Tipos de presentes territoriais em português :

Tipo de presentes territoriais	Português	
Espaco	02	18%
Físico	09	82%
Total	11/100%	

De maneira geral, o espaço parece ter um papel mais importante no sistema de polidez dos roteiros hispânicos do que no sistema de polidez correspondente aos roteiros brasileiros, tanto nos agradecimentos quanto nas desculpas.

► No que diz respeito aos **presentes relacionais** há um percentual maior de agradecimentos em relações transacionais do que em relações pessoais, exatamente ao contrário do resultado que obtivemos para as desculpas. Além do mais registramos a maioria desses agradecimentos nos roteiros brasileiros concentrados no roteiro do Brasil (B). Caberia perguntar-se por que nesse caso, por uma coincidência do roteiro ou há diferenças nos contextos de uso segundo princípios de variação sócio-econômica no português brasileiro?.

Nos roteiros hispânicos, como pode ser visto no quadro 27, dos 23 presentes relacionais identificados os que foram reparados com mais frequência ocorreram nas relações entre: **Compra e venda** (12 casos); **Amigos** (6 casos); **Médico e paciente** (1 caso); **Patrão e empregado** (1 caso); **Casal** (1 caso); **Pais e filhos** (1 caso); e **Jornalista e entrevistado** (1 caso).

Nos roteiros brasileiros, como pode ser visto no quadro 28, dos 4 presentes relacionais identificados os que foram reparados com mais frequência ocorreram nas relações entre: **Compra e venda** (3 casos); e **Amigos** (1 caso).

Ao observarmos o quadro 27, vemos que os presentes relacionais nos roteiros em espanhol reparados com mais frequências ocorrem em relações **transacionais** (15 casos), em primeiro lugar, e em relações **pessoais** (8 casos), em segundo lugar.

Ao observarmos o quadro 28, vemos que os presentes relacionais nos roteiros em português brasileiro reparados com mais frequência ocorrem em relações **transacionais** (3 casos), em primeiro lugar, e em relações **pessoais** (1 caso), em segundo lugar.

Quadro 27: Tipos de presentes relacionais em espanhol:

Tipo de presentes relacionais	Espanhol	
Pessoal		
Casal	01	4%
Amigos	06	27%
Pais e filhos	01	4%
Transacional		
Compra e venda	12	53%
Patrão e empregado	01	4%
Paciente e médico	01	4%
Jornalista e entrevistado	01	4%
Total	23/100%	

Quadro 28: Tipos de presentes relacionais em português:

Tipo de presentes relacionais	Português	
Pessoal		
Casal	--	--
Amigos	01	25%
Pais e filhos	--	--
Transacional		
Compra e venda	03	75%
Patrão e empregado	--	--
Médico e paciente	--	--
Jornalista e entrevistado	--	--
Total	4/100%	

Nos roteiros em espanhol, dos 15 casos identificados de **presentes relacionais nas relações transacionais** temos a seguinte divisão: 7 casos no roteiro chileno, 4

casos no roteiro mexicano, 2 casos no roteiro argentino, 1 caso no roteiro colombiano e 1 caso no roteiro peruano. Não identificamos presente relacional nas relações transacionais nos roteiros cubano e espanhol.

Nos roteiros em português brasileiro, dos 3 casos identificados de presentes relacionais nas **relações transacionais** todos os casos identificados ocorreram no roteiro do filme *Cidade de Deus*. Não identificamos presente relacional nas relações transacionais no roteiro de *Amores Possíveis*.

► No que diz respeito às formulações de **agradecimentos que realizam outro ato de fala nos roteiros hispânicos e brasileiros**, verificamos que os agradecimentos também podem introduzir de forma indireta outros atos de fala (Bravo & Placencia, 2002) como **petições, recusas de oferecimentos ou estratégias de humor** para introduzir desacordo ou crítica como se vê no quadro 29.

Quadro 29: Agradecimentos e atos de fala em espanhol e português

<u>Atos de fala</u>	<u>Espanhol</u>		<u>Português</u>	
Agradecimentos	53	70%	19	90%
Petições	04	5%	01	5%
Recusa de oferecimentos	14	18%	01	5%
Humor	05	7%	- -	- -
Total	76	100%	21	100%

Há uma clara diferença no que diz respeito à utilização de estratégias de humor nos agradecimentos. Enquanto nos roteiros hispânicos o humor, a ironia, o sarcasmo e a parodia estão relacionados aos contextos de desacordo conversacional atenuados, não há um único caso de humor, nos roteiros brasileiros. Nos roteiros em português, predominam o uso das formulações de agradecimentos para expressar agradecimentos e não para realizar outros atos de linguagem.

► No que diz respeito ao **terceiro componente da troca dos agradecimentos nos roteiros hispânicos e brasileiros**, não se trata de uma estratégia comum e prevalece em relações pessoais de mais proximidade ou coloquialidade.

O terceiro componente da troca é a reação que o interlocutor manifesta após o agradecimento. Segundo Kerbrat-Orecchioni (2005:154) o funcionamento da troca é a seguinte: presente (FFA) (agente A) + agradecimento (FFA) (agente B) + “por nada” (minimização) (agente A). No que diz respeito ao componente central da troca, o agradecimento vem em seguida a um FFA e deve portanto, ser produzido pelo

segundo interlocutor (B), que ao fazê-lo tenta contrabalançar o presente com uma espécie de remuneração simbólica que o agradecimento constitui. No que diz respeito ao terceiro componente da troca, o presente é avaliado como um ato positivo (em virtude das normas em vigor na sociedade em questão); cabe ao autor (A) minimizá-lo. A presença do terceiro componente da troca é facultativa, de acordo com Kerbrat-Orecchioni (2005:149) teoricamente a reação pode ser negativa ou positiva.

Reações negativas: (1) o presenteado nega a existência prévia de um presente e põe em xeque o agradecimento; (2) um encadeamento aparentemente negativo constitui de fato uma aceitação do agradecimento, segundo esta mesma autora e o “*de nada!*” e suas variantes; (3) “verdadeiras reações negativas”, o presenteado admite a existência real do presente, mas recusa aceitar o agradecimento;

Reações positivas: (1) o presenteador declara ter efetuado voluntariamente a ação benfeitora; (2) o presenteado retribui o agradecimento “*Obrigado digo eu.*” Ou “*Obrigado igualmente*”; (3) o presenteador minimiza ou denega o presente pelo qual esta recebendo o agradecimento.

Ao analisar os nove roteiros que compõem o nosso *corpus* de pesquisa, identificamos um total de 77 casos de agradecimentos em espanhol e 21 casos de agradecimentos em português. Dos 77 agradecimentos em espanhol identificamos apenas 3 reações ao agradecimento e não identificamos reação ao agradecimento nos roteiros brasileiros.

Das 3 reações ao agradecimento, 2 ocorrências foram identificadas como reações negativas e 1 ocorrência foi identificada como reação positiva. O terceiro componente da troca se distribuiu da seguinte maneira nos roteiros hispânicos:

- a) no roteiro **chileno** identificamos 1 reação negativa ao agradecimento;
- b) no roteiro **cubano e argentino** identificamos 2 reações positivas ao agradecimento;
- c) e não identificamos nenhuma reação ao agradecimento no roteiro **colombiano, peruano, espanhol e mexicano**

A reação negativa aos agradecimentos no roteiro chileno é uma reação irônica, mais uma vez marca desacordo conversacional, Chavelo acha um absurdo que o garoto assaltado ainda agradeça quando eles se despedem, o que mostra bem o automatismo ritual desse tipo de formulação.

(123) *Chavelo – Muchacho*: “Ya, ustedes dos con el motor andando, listos para apretar cachete.”
Muchacho – Chavelo: “Oiga, gracias.”
Chavelo – Muchacho: (sarcástico) “**Me da las gracias el huevón.**” (*Taxi para tres*, Chile, 2001:17)

As duas reações negativas aos agradecimentos ocorrem em relações pessoais. No exemplo 187, David quer deixar claro que na relação entre ele e Diego ninguém deve nada pra ninguém porque não quer vínculo pessoal com o homossexual.

(187) *Diego – David*: “Te estoy tan agradecido.”
David – Diego: “**Era mi deber. Es una compañera y la de Vigilancia.** Yo doné sangre cuando el terremoto de Taskin” (*Fresa y chocolate*, Cuba, 1993:14)

E no exemplo 148, os agradecimentos respondem a uma recriminação verbal pela falta deles depois de um elogio, realizando-se desta forma mais por obrigação após solicitação do que por responder a condições de sinceridade.

(148) *Rafael – Nacho*: “¿Y ahora por qué te quedás mirándome? ¡Explicámelo, eso es lo que no...!”
Nacho – Rafael: “A que me des las gracias, viejo! ¡Qué carácter de mierda que tenés!”
Rafael – Nacho: “Bueno, **gracias.**”
Nacho – Rafael: “(Emocionado) No seas boludo, no tenés nada que agradecer.” (*El hijo de la novia*, Argentina, 2001: 120)

A condição de sucesso de um ato de fala como os agradecimentos é que se reconheça a existência de um presente prévio por parte do que agradece, tratando de equilibrar o que social e culturalmente considera-se um FFA do seu interlocutor. Entretanto, como vimos ao longo desta análise as condições de realização dos agradecimentos parecem seguir convenções rituais de conversação.

As desculpas e os agradecimentos contribuem para a harmonia das relações sociais, mas as normas que subjazem ao conhecimento dos falantes sobre o que se considera apropriado dizer a quem e em que circunstâncias, variam consideravelmente de uma comunidade lingüística a outra, tanto entre grupos idiomáticos diferentes, como também – o que é mais difícil determinar – no interior dos mesmos. A variedade cultural se manifesta, por exemplo, no caráter opcional ou obrigatório do agradecimento ou da desculpa em uma determinada situação.

Neste trabalho nos propusemos a responder as seguintes perguntas de pesquisa:

► *Quais são as formulações mais freqüentes para as desculpas e para os agradecimentos em português e em espanhol?*

► *Quais são os contextos de uso das formulações diretas e indiretas dos agradecimentos e desculpas, considerando como fatores de variação conversacional: a) o tipo de presente para os agradecimentos ou o tipo de ofensa para as desculpas; b) o tipo de relação social e c) a distância interpessoal nos intercâmbios?*

As formulações mais freqüentes em espanhol ocorrem através da forma verbal imperativa. Estas formulações estão mais relacionadas ao trabalho de imagem, apresentam um amplo repertório de possibilidade no que diz respeito à combinação do tipo de verbo, às formas de tratamento e à forma pronominal, em função do tipo de ofensa e de seu grau de imposição da imagem enquanto FTA, do tipo de relação social, e da distância interpessoal. Observamos que há diferença na seleção do verbo imperativo: “*perdonar*” ou “*disculpar*”. As formas com “*perdonar*” parecem ser mais coloquiais que as formas com “*disculpar*”. As formas nominais e verbo-pronominais acentuam a distância ou proximidade, e em relações mais hierárquicas a simetria ou a solidariedade adotadas como postura discursiva pelos interactantes.

Nos roteiros em português a forma verbal predominante é “*desculpar*”. Em Brasil (B) a forma imperativa do verbo “*desculpar*” é desculpa. Não importa se a relação é transacional ou pessoal, se os participantes compartilham muita ou nenhuma

experiência, as formas “*desculpa*” e “*desculpa aí*” prevalecem em todas as situações. Neste contexto sociocultural a forma “*desculpa*”, alterna em registros mais coloquiais com a forma “*desculpa aí*”. Em suma, em Brasil (A) a forma imperativa do verbo “*desculpar*” é “*desculpa*”, que alterna com registros menos coloquiais com as formas “*desculpe*”, “*desculpem*” e “*me desculpe*”; as formas flexionadas e com clíticos neste caso aumentam a distância interpessoal, de acordo com as hierarquias sociais ou funcionais.

Enfim, enquanto as formulações imperativas em espanhol estão diretamente relacionadas às formas de tratamento, em português só observamos isso no roteiro de Brasil (A). Acreditamos que as desculpas não estejam diretamente relacionadas às formas de tratamento em Brasil (B) porque os personagens representados têm menos escolaridade, menos acesso restrito a cultura letrada, desempenham papéis sociais mais marginalizados e têm seus ingressos econômicos mais limitados ao narcotráfico. Estas diferenças de distribuição social repercutem na seleção das formulações lingüísticas, e até em atos ritualizados como as desculpas.

Em espanhol, a formulação elíptica “*perdón*” foi a segunda mais freqüente e trata-se de uma estratégia fossilizada para situações de cortesia mais convencionais, ou seja, são formas menos marcadas do ponto de vista da cortesia conversacional no sentido de que não pressupõem um verdadeiro “*work face*”, o fato de usá-las não significa que seja necessariamente uma estratégia de cortesia, no sentido de preservação das faces ameaçadas na interação. São quase obrigatórias do ponto de vista do funcionamento conversacional, conforme os diferentes sistemas sócio-culturais, sua presença não é necessariamente cortês, mas sua ausência se reconhece imediatamente como descortês.

A ofensa (FTA) é um ato ameaçador a imagem do destinatário que logo o emissor tenta reparar com as desculpas (FFA). De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2005), quanto maior é o peso do FTA (peso que só se avalia em relação ao quadro comunicativo em que está inscrito o ato em questão) maior terá que ser o trabalho de reparação. Ao observarmos as desculpas com a formulação elíptica e conseqüentemente a ofensa relativa a cada um deles, notamos que as ofensas (FTA) conversacionais (que foram as mais freqüentes) identificadas (identificação, interrupção, início de intercâmbio, etc) têm baixo grau de imposição da imagem, se compararmos a outros tipos de ofensas: xingamento, insulto, gritos, maneira de falar, desacordo, opinião contrária ou crítica. Também são estratégias nas relações em que

os interactuantes estão na dúvida de que tratamento adotar. Desta forma, evitam a seleção da forma de tratamento e a distância interpessoal não é marcada o que pode ser útil em relações com pouco conhecimento compartilhado nas quais é difícil calcular a proximidade ou a distância adequada.

Já as formulações performativas, menos freqüentes, pela sua formulação mais longa, são expressões reservadas para situações menos coloquiais, com maior distância interpessoal, e sempre que a imposição da imagem da ofensa seja considerada alta: quanto maior o FTA maior o FFA para contrabalançar o desequilíbrio da relação.

As formulações indiretas foram menos freqüente nos roteiros em espanhol e em português que as formulações diretas. A formulação indireta descritiva que mais repertoriamos nos roteiros hispânicos foi “*lo siento*”. Ao analisarmos as desculpas através desta formulação observamos que no roteiro espanhol parece ter contextos e freqüência diferente ao que observamos nos roteiros mexicanos e colombianos. No roteiro espanhol trata-se de uma variante coloquial das formas imperativas do verbo “*perdonar*” e é mais freqüente que “*perdón*” neste roteiro. A alta freqüência de uso desta forma na norma castelhana explicaria variações coloquiais como “*se siente*”, dito em tom de ironia acentuando a vogal final que é bastante freqüente em conversações familiares. Já no roteiro colombiano e mexicano, “*lo siento*” se limita à fórmula de cortesia convencional frente à tarefa de transmitir más notícias.

De acordo com Haverkate (1994:100), os falantes que usam a formulação “*lo siento*” tentam reduzir os efeitos negativos inerentes à transmissão de mensagens desfavoráveis para o interlocutor. Segundo este mesmo autor, em virtude do seu conteúdo léxico, “*lo siento*” expressa simpatia ou empatia pelo interlocutor, de modo que funciona perfeitamente para conseguir a finalidade comunicativa indicada. Em português repertoriamos dois casos da formulação indireta descritiva “*Foi mal*” que se observa entre as gerações mais jovem em situação mais coloquial e marca menos distância social e “*Foi sem querer*” que o emissor transmite que não foi intencional o que aconteceu.

Além da formulação indireta descritiva, observamos em espanhol a realização das desculpas através das formulações interrogativas “*¿me perdonas?*”. Em alguns casos, aparece como segunda formulação utilizada pelo ofensor, ou seja, ele já pediu desculpas através de outra formulação e utiliza “*¿me perdonas?*” para reforçar o pedido. Além disso, observamos que mais que um pedido de desculpas o emissor

quando utiliza a formulação interrogativa tenta receber do seu interlocutor uma “aprovação” que suas desculpas foram aceitas, que a ofensa pôde ser reparada através deste ato de linguagem.

A formulação interrogativa elíptica “¿*perdón?*” fossiliza uma expressão de desacordo em forma de unidade discursiva diferente a simples forma elíptica “*perdón*”, se trata de um marcador conversacional cuja função pragmática é um pedido indireto de repetição e de desacordo por algo que foi dito.

Assim como as desculpas, os agradecimentos também podem ocorrer através de formulações diretas e indiretas. A diferença consiste em que as formulações diretas das desculpas ocorrem através das formulações imperativa, elípticas e performativas; já o agradecimento ocorre somente através da formulação elíptica e performativa. Esta diferença, nos mostra que os agradecimentos, ao contrário das desculpas, não estão diretamente relacionados com a forma de tratamento entre os participantes da interação. As formulações indiretas das desculpas ocorrem através das formulações indireta descritiva, interrogativa e interrogativa elíptica; e os agradecimentos ocorrem através das formulações indireta descritiva e do gestual (o que não identificamos nas desculpas). Observamos que há menos variação na seleção de formulações de agradecimento que nas de desculpas o que poderia sinalar um grau de discursivização convencional dos agradecimentos mais importante.

A formulação do agradecimento em espanhol mais freqüente é a formulação elíptica “*gracias*” que aparece em todos os roteiros e que como “*perdón*” no caso das desculpas são estratégias fossilizadas para situações de cortesia convencionais. Já em português a forma verbal mais freqüente é a formulação elíptica “*valeu*” que parece estar em contraponto como a formulação mais coloquial - “*obrigado*” / “*obrigada*”. Assim é como as formas “*valeu*” para os agradecimentos e “*foi mal*” para as desculpas se apresentam como variantes mais coloquiais de “*obrigado*” e “*desculpa*” respectivamente. Em nossos dados, “*valeu*” está muito mais difundido e convencionalizado nos agradecimentos que “*foi mal*” nas desculpas.

No agradecimento o aspecto cinético (Kerbrat-Orecchioni, 2006:36-37) tanto em português como em espanhol parece assumir um papel mais importante que nas desculpas. O **gesto** do agradecimento (olhada, sorriso, tapa nas costas, abraço) parece ser um acompanhamento necessário para o agradecimento verbal e o visual pode inclusive chegar a substituir o verbal.

Outra observação curiosa é que no filme referente a Brasil (A) o total de agradecimento é mínimo, já em Brasil (B) os atos de agradecimento aumentam consideravelmente. Estes resultados são contrários aos resultados das desculpas.

Em Brasil (A) predominam as desculpas sobre os agradecimentos enquanto que em Brasil (B) predominam os agradecimentos sobre as desculpas. Poderíamos dizer que se trata de uma diferença de interação condicionada por fatores sociais como poder aquisitivo e escolaridade ou por fatores contextuais como a temática mais familiar do primeiro filme - onde predominam as relações interpessoais – frente a uma temática mais social do segundo filme – onde predominam relações transacionais relativas ao ambiente do trafico de drogas?

Já que estamos analisando os agradecimentos e as desculpas de acordo com o contexto conversacional (tipo de ofensa e presente, tipo de relação e distância interpessoal entre os interactantes) mencionaremos a seguir todas as ofensas e presentes que foram motivos de reparação através das desculpas e dos agradecimentos para manter o equilíbrio da interação entre os interactantes.

As **ofensas conversacionais** foram as mais freqüentes no roteiro espanhol e no roteiro brasileiro. Os principais motivos de reparação nos roteiros hispânicos foram os erros de identificação ou pedido de identificação; nos roteiros em português só observamos reparação quando o emissor esqueceu de se apresentar ou quando esqueceu de apresentar alguém que estava ao lado dele. Outra prática conversacional que valeria a pena observar posteriormente é a ausência de reparação nos roteiros em português para interromper um turno de fala e para iniciar um intercâmbio; identificamos nos roteiros hispânicos reparação para estes dois tipos de ofensas.

Outra prática conversacional que merece a pena analisar posteriormente é o papel do desacordo e dos insultos ao interlocutor, ambos objeto de desculpa em espanhol, e que se verifica com pouca ou nenhuma freqüência nos roteiros em português.

Observamos que em português se recusam os oferecimentos majoritariamente com desculpas enquanto que em espanhol com agradecimentos.

As **ofensas territoriais** em português estão mais relacionadas a atos concretos (deixar a bicicleta cair, bater com carro e derrubar a parede do bar; e algemar e prender o namorado na cama.). Trata-se de ofensas mais materiais comparadas às desculpas territoriais físicas em espanhol como: incomodar com ruído, pegar objeto

de alguém (foto, comida); agressão física, queimar alguém com café ou fazer pedido referente ao físico (pedir para doar sangue ou que mantenha relações sexuais com alguém). As ofensas territoriais que se referem à invasão do espaço físico, ao entrar no território do outro (casa, dormitório, escritório) foram mais reparadas em espanhol que em português. Já as ofensas relativas ao território temporal (chegar tarde) também foram mais reparadas em espanhol que em português.

A maioria das **ofensas relacionais** que observamos nos roteiros hispânicos e brasileiros está mais relacionada com as relações pessoais. Nas relações transacionais encontramos em português uma reparação numa relação de compra e venda (erro do vendedor ao descrever e apresentar o produto) e duas reparações em espanhol, nos dois casos tratam-se de pedidos indiretos a Autoridade a respeito de infrações no trânsito ou no restaurante.

A maior frequência das desculpas para reparar ofensas conversacionais por motivos tão diversificados devem-se tanto ao caráter mais formulaico e ritualizado do ato de desculpar em alguns contextos, como a um trabalho estratégico de preservação de imagem na relação pessoal. As primeiras seriam desculpas menos intensificadas, enquanto que as segundas seriam mais intensificadas. Nos roteiros brasileiros há diferenças, sobretudo no roteiro de Brasil (B) que evidência relações sociais menos convencionalizadas de convivência pessoal. O tema do filme poderia condicionar os resultados, considerando que nas interações entre traficantes em Brasil (B), problemas como *identificação*, *maneira de falar* ou *desacordo verbais* não seriam objetos legítimos que demandem desculpas. Além disso, também não é preciso aumentar a distância interpessoal: *desculpe / desculpem*, mas sim diminuí-la: *desculpa aí*.

Os **presentes conversacionais** foram mais frequentes nos roteiros em espanhol e em segundo lugar em português. Os agradecimentos para reparar presentes conversacionais nos roteiros em espanhol foram para recusar oferecimento, seguidos por informação, elogios / palmas, aceitação do oferecimento e pergunta. Já nos roteiros em português os dois agradecimentos mais frequentes foram por haver recebido elogio / palma e por haver recebido expressão de bom desejo / votos seguidos por aceitação de oferecimento e recusa de oferecimento.

Os **presentes territoriais** foram mais frequentes em português. Os agradecimentos nos roteiros brasileiros foram para reparar: presentes territoriais físicos, seguidos pelos presentes territoriais espaciais. Já nos roteiros em espanhol os presentes territoriais vêm empatados com os presentes relacionais. Os agradecimentos

mais freqüentes por ter recebido presente territorial nos roteiros hispânicos foram para reparar: presentes territoriais físicos e depois presentes territoriais espaciais.

Os **presentes relacionais** foram os menos freqüentes em português. A maioria dos agradecimentos ocorre para reparar presentes relacionais nas relações transacionais e somente um caso de agradecimento nas relações pessoais. Já nos roteiros em espanhol os presentes relacionais vêm empatados com os presentes territoriais. Os agradecimentos mais freqüentes nos roteiros hispânicos foram para reparar presentes relacionais transacionais seguidos dos pessoais.

A maioria dos agradecimentos transacionais ocorre nas relações de compra e venda. Trata-se de situações bastante convencionalizadas em que predomina o agradecimento por parte do cliente, sobre o agradecimento por parte do vendedor. Registramos somente um único caso de agradecimento recíproco nas relações transacionais comerciais / profissionais em português. Já nos roteiros em espanhol observamos agradecimentos recíprocos na relação paciente / médico, cliente / vendedor ou recepcionista. Quando não se trata de agradecimentos recíprocos prevalece o agradecimento ao doutor, ao vendedor, a recepcionista ou quando há reciprocidade a freqüência é mais alta desde quem obtém o serviço que de quem outorga.

Enfim, nos roteiros em espanhol prevalecem os agradecimentos a presentes conversacionais e as desculpas para reparar ofensas conversacionais, ou seja, tanto o presente como as ofensas mais freqüentes nos roteiros hispânicos foram conversacionais. Já em português os agradecimentos mais freqüentes ocorreram por haver recebido presentes territoriais e as desculpas mais freqüentes ocorreram para reparar ofensas conversacionais.

Nos roteiros hispânicos os presentes relacionais dos agradecimentos, ao contrário das ofensas relacionais nas desculpas, predominam curiosamente nas relações transacionais e não nas relações pessoais. Nos roteiros brasileiros a situação se repete. Os agradecimentos relacionais ocorrem mais nas situações transacionais e menos em situações pessoais. Nas desculpas relacionais, a situação é exatamente inversa, as desculpas relacionais ocorrem mais em situações pessoais e menos em situações transacionais.

► *Quais são os usos convencionais de formulações de agradecimentos e desculpas que realizam, do ponto de vista pragmático, ou seja, da intenção ilocutória, outros atos de linguagem derivados?*

Ao analisarmos o nosso *corpus* de pesquisa observamos que as formulações de desculpas e agradecimentos muitas vezes se prestam a outros tipos de ato de linguagem.

Em português as desculpas estão majoritariamente relacionadas para reparar uma ofensa, mas também para introduzirem desacordos. Em espanhol, além de desculpas e de introduzir desacordo, as formulações de desculpas também realizam petições o que não se registra nos roteiros em português.

As “verdadeiras” desculpas disputam nos roteiros hispânicos lugar com atos conversacionais de pedido, desacordo ou com macro atos de humor (ironia, sarcasmo ou paródia), que servem para encobrir o conflito do desacordo e desta forma atenuam a tensão do enfrentamento entre os interlocutores. Os conflitos tratados com humor não foram encontrados nos roteiros brasileiros. O único caso de humor que encontramos relativo as desculpas nos roteiros brasileiros aparece numa interação de casal em contexto de sedução. Na verdade, trata-se de uma paródia de recusa de oferecimento.

Os agradecimentos também se prestam a realizar outros atos de linguagem de forma indireta, como: petições, recusas de oferecimentos ou estratégias de humor:

Em português os agradecimentos estão majoritariamente relacionados a repassar o equilíbrio das relações sociais quando recebe um presente e raramente introduzem pedidos ou recusa oferecimento. Já em espanhol as formas de agradecimento parecem ter um uso bastante convencional para recusar oferecimentos o que acontece com menos frequência nos roteiros em português. Em ambos os casos o agradecimento para recusar oferecimentos acompanha invariavelmente uma negação atenuada (repetição “no, no” ou marcador discursivo “ah não”) e uma justificativa (“ya tengo” ou “eu tô acompanhada”). Nos roteiros em português observamos a preferência de recusar oferecimentos com desculpas.

Os “verdadeiros” agradecimentos disputam nos roteiros hispânicos lugar com atos discursivos de recusa de oferecimento ou conversacionais de desacordo em macro atos de humor (ironia, sarcasmo ou paródia) em que o interlocutor nega a existência do presente. Em espanhol os pedidos são introduzidos com mais frequência com desculpas que com agradecimentos. Já os conflitos tratados com humor não se

encontram nos roteiros brasileiros com agradecimentos e observamos somente um caso com desculpas.

Poderíamos afirmar uma tendência a evitar o conflito verbal e o enfrentamento na cultura brasileira frente a algumas, não todas, comunidades socioculturais hispânicas como a argentina, a mexicana e a espanhola? Em todo caso o papel do humor nas interações sociais e nos agradecimentos e desculpas parece ter diferentes funções conversacionais nas diferentes comunidades socioculturais.

► *Quais são as estratégias de intensificação mais freqüentes de agradecimentos e desculpas?*

Tanto em português como em espanhol, predomina a **intensificação das desculpas** como pode ser visto no quadro 30:

Quadro 30: Tipos de intensificação das desculpas em espanhol e português:

<u>Tipos de intensificação das desculpas</u>	<u>Espanhol</u>		<u>Português</u>	
Forma nominal e pronominal	21	21%	11	38%
Justificativa	22	23%	09	32%
Marcador discursivo	11	11%	03	10%
Repetição	07	7%	01	3%
Estado de ânimo	04	4%	--	--
Reconhecimento da ofensa	11	11%	02	7%
Oferta / promessa / declaração de amor	07	7%	01	3%
Interjeição superlativa	12	12%	--	--
Afirma involuntariedade	02	2%	02	7%
Quantificador	01	1%	--	--
Condicional	01	1%	--	--
Total	99	100%	29	100%

As estratégias de intensificação do pedido de desculpas que encontramos nos roteiros em português e em espanhol foram basicamente às mesmas. A única intensificação que identificamos nos roteiros em espanhol e não encontramos nos roteiros em português foi à intensificação através da interjeição superlativa (“uy”, “ah”, “ah” e “ay”) que antecede o pedido de desculpas.

As intensificações com interjeições nas desculpas são freqüentes em espanhol, mas em português soaria um pouco afeminada na elocução masculina.

Gostaríamos de ressaltar que a intensificação a partir das formas nominais está mais relacionada com o tipo de relação entre os participantes do que com o tipo de ofensa. Nas relações transacionais foi mais freqüente a intensificação através do nome próprio ou através de títulos profissionais do destinatário. Observamos no nosso *corpus* que os casos identificados dos nomes próprios ocorreram nas relações pessoais e transacionais, sendo que nas relações transacionais os participantes tinham alguma experiência compartilhada, ou seja, não havia muita distância social entre eles. Nas relações onde domina o poder, observamos que o superior usa o nome próprio, já o inferior tende a usar título genérico “*señorita*” ou nome próprio com o uso de “*don*” ou título profissional “*oficial*”.

Como podemos observar no quadro 31 nos roteiros em espanhol predomina as intensificações combinadas a isoladas, ou seja, mais de uma estratégia de intensificação por cada ato de desculpas. Nos roteiros em português predominam as intensificações isoladas.

Quadro 31: Intensificação das desculpas em espanhol e português:

<u>Intensificação das desculpas</u>	<u>Espanhol</u>		<u>Português</u>	
Nenhuma	15	20%	1	4%
Isolada	21	28%	14	58%
Combinada	38	52%	9	38%
Combinada	38	52%	9	38%
Total	74 / 100%		24 / 100%	

Em espanhol predominam as **intensificações dos agradecimentos** ao contrário dos roteiros em português. Tanto em português como em espanhol, predominam as intensificações dos agradecimentos através das formas nominais e marcadores discursivos. Algumas estratégias de intensificação do agradecimento foram registradas em espanhol e não identificadas em português: repetição, interjeição superlativa, valorização do objeto, modalização condicional e gesto.

Podemos observar no quadro 32 como se distribuem as intensificações dos agradecimentos:

Quadro 32: Tipos de intensificação dos agradecimentos em espanhol e português :

<u>Tipos de intensificação dos agradecimentos</u>	<u>Espanhol</u>		<u>Português</u>	
Forma nominal	13	19%	04	23%
Justificativa	06	8%	01	6%
Repetição	01	1%	--	--
Marcador discursivo	09	12%	04	23%
Negação	11	15%	01	6%
Reconhecimento do presente	11	15%	02	12%
Oferta / promessa	01	1%	02	12%
Interjeição superlativa	01	1%	--	--
Valoriza objeto ou sujeito	03	4%	--	--
Quantificador	14	20%	03	18%
Condicional	02	3%	--	--
Gesto	01	1%	--	--
Total	73	100%	17	100%

Em português e em espanhol predomina a intensificação isolada, ou seja, com só uma marca de intensificação. Em português é mais freqüente que se agradeça sem nenhuma intensificação enquanto que em espanhol é mais freqüente que se intensifique com duas ou mais estratégias de uma vez. A maior freqüência das intensificações combinadas em espanhol talvez possa ser explicada pela intensificação de “*muchas gracias*” que já está bastante convencionalizada, desta forma é necessário reafirmá-la com mais recursos léxicos como “*mil gracias*”, “*muchísimas gracias*” ou com outras estratégias de intensificação. A seguir, podemos apreciar no quadro 33 as intensificações:

Quadro 33: Intensificação dos agradecimentos em espanhol e português:

<u>Intensificação dos agradecimentos</u>	<u>Espanhol</u>		<u>Português</u>	
Nenhuma	22	29%	11	53%
Isolada	31	41%	07	33%
Combinada	23	30%	03	14%
Total	76	100%	21	100%

Enfim, em espanhol predominam tanto as intensificações dos agradecimentos como das desculpas. Em português as desculpas foram muito mais intensificadas que os agradecimentos. As estratégias de intensificação das desculpas que encontramos nos roteiros em português e em espanhol são bastante similares.

► *Quais são os contextos conversacionais, mais ou menos convencionalizados, que condicionam o aparecimento do terceiro elemento da troca?*

Identificamos o terceiro elemento da troca tanto nas desculpas como nos agradecimentos. No caso da desculpas, o terceiro elemento da troca foi identificado em 4 dos 7 roteiros hispânicos que compõem o *corpus* deste trabalho. Repertoriamos 7 casos de reações às desculpas, 5 casos foram identificados como reações positivas e 2 casos como reações negativas ao pedido de desculpas. Dos 5 casos de reações positivas todas assumiram a forma de uma denegação da ofensa. Como diz Kerbrat-Orecchioni (2005:149) a existência da ofensa não é negada: a ofensa é reconhecida como tal e de certo modo, apagada pela desculpa. Dos 2 casos de reações negativas, no primeiro caso o ofendido não aceita as desculpas por considerar a ofensa irreparável ou por achar que as desculpas não são suficientes para reparar a ofensa recebida, não admite que meras palavras possam compensar o dano sofrido; e no segundo caso o emissor tem uma reação negativa por negar a existência prévia de uma ofensa. Casos assim colocam em xeque a condição de sucesso das desculpas, mas de acordo com Kerbrat-Orecchioni(2005:148) isso não tem efeito particularmente negativo sobre a relação interpessoal.

Em relação ao contexto de uso do terceiro elemento da troca, acreditamos que esteja relacionado ao tipo de ofensa. Identificamos a maior frequência após ofensas conversacionais pela maneira de falar e por cometer uma gafe. Essas ofensas têm um grau alto de imposição à imagem o que pode levar a ruptura da relação. Acreditamos que seja por isso que o ofendido manifesta a sua reação, desta forma, revela ao ofensor que considera efetivamente reparado (ou não) o dano causado que acaba de sofrer. Nos dois roteiros em português identificamos 3 casos do terceiro elemento da troca; 2 ocorrências consideradas como reações positivas e 1 ocorrência considerada como negativa. Estes três casos da reação às desculpas ocorrem após ofensas relacionais (2 casos nas relações pessoais e 1 caso na relação transacional).

Observamos também o terceiro elemento da troca após os agradecimentos. A reação ao agradecimento foi identificada em 3 dos 7 roteiros hispânicos que compõem o *corpus* deste trabalho. Repertoriamos 3 casos de reações ao agradecimento, 2 casos foram identificados como reações positivas e 1 caso como reação negativa. Dos 2 casos de reações positivas, 1 caso assumiu a forma de uma denegação do presente. Como diz Kerbrat-Orecchioni (2005:149) a existência do presente não é negada; e 1

caso assumiu a forma aparente de reação negativa, mas na verdade houve a aceitação do agradecimento. Quando Nacho diz “*No seas boludo, no tenés nada que agradecer.*” Ele mostra que aceita o agradecimento, afinal foi ele quem reivindicou ao seu primo e patrão Rafael. E o único caso de reação negativa ocorre porque o presenteador não reconhece que tenha dado presente e quando o presenteado o agradeceu ele não entendeu. De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2005:148) este tipo de acontecimento põe em xeque a condição de sucesso do agradecimento. Para que o agradecimento tenha êxito é preciso que ele seja precedido de um presente qualquer, sendo seu autor (presenteador) aquele a quem se agradece e seu beneficiário (presenteado) aquele que formula o agradecimento.

Observamos também que dos 3 casos identificados do terceiro componente da troca, 2 casos de reação ao agradecimento ocorreram nas relações pessoais e 1 caso de reação ao agradecimento ocorre na relação transacional. Além disso, 1 caso de reação ocorre como resposta a um presente conversacional, 1 caso de reação ocorre como resposta a um presente relacional e 1 caso como resposta a um presente territorial. Não observamos o terceiro elemento da troca nos roteiros em português

Para concluir, as hipóteses que tínhamos no início desta pesquisa se confirmaram. Após a análise dos dados podemos observar que as formulações diretas e indiretas dos agradecimentos e das desculpas variam de acordo com o “presente” ou “ofensa” levando em consideração o tipo de relação social e a distância interpessoal entre os participantes da interação. Verificamos também que os procedimentos de intensificação dos agradecimentos e desculpas, assim como as respostas a esses dois atos de linguagem e ainda, as funções derivadas que assumem, parecem estar diretamente relacionadas ao grau de imposição dos presentes e ofensas. Ou seja, quanto maior o grau de imposição da ofensa ou do presente à imagem do interactante, maior terá que ser o trabalho para manter o equilíbrio da relação, isso significa que mais estratégias de intensificação serão usadas. A reação às desculpas e aos agradecimentos também parece estar relacionada ao grau de imposição da ofensa ou do presente já que é preciso mostrar ao ofensor ou ao presenteador que as desculpas e os agradecimentos foram reconhecidos e foram aceitos (ou não), no primeiro caso há o reequilíbrio da relação e no segundo caso pode ocorrer a ruptura da relação entre os participantes da interação, principalmente quando se trata das desculpas. E para finalizar, as formulações de desculpas e de agradecimentos que cumprem atos

derivados também parecem estar relacionadas ao grau de imposição à imagem, pois quando se trata de pedido (como por exemplo, para que a pessoa se retire) ou para introduzir um desacordo é comum observarmos as formulações de desculpas como estratégia para ameaçar menos a imagem do interlocutor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMODÓVAR, Pedro (1997). *Carne Trémula*. Madrid: Plaza Janés
- AUSTIN, John L. (1962). *How to Do Things with Words*. Oxford: Oxford University Press.
- BAKHTIN, Mikhail (1997). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BLUM-KULKA, Soshana (1997). Discourse Pragmatics. In: VAN DIJK, T. A. (ed.). *Discourse as Social Interaction*. London: Sage.
- BLUM-KULKA, S., House, J. & Kasper, G. (eds.) (1989). *Cross-cultural pragmatics: Requests and apologies*. Norwood: Ablex.
- BORETTI, Susana (2001). *Aspectos de la cortesía lingüística en el español coloquial de la Argentina*. *Oralia*, 4, pp. 75-102.
- BRAVO, Diana (1999). “¿Imagen positiva Vs. Imagen negativa?: Pragmática sociocultural y componentes de face”. In: *Análisis del discurso oral*. V.2. Universidad de Almería: Arco libros.
- BRAVO, Diana (2003). *Actividades de cortesía, imagen social y contextos socioculturales: una introducción*. Actas del primer Coloquio del programa EDICE, “La perspectiva no etnocentrista de la cortesía: identidad sociocultural de las comunidades hispanohablantes.” Universidad de Estocolmo. Disponible em: <<http://www.primercoloquioedice.org/Actas/actas.html>>.
- BRAVO, Diana (2005). *Competencia en la pragmática sociocultural del español. Actos de habla y cortesía*. Actas del II Coloquio del Programa EDICE, “Actos de habla y cortesía en distintas variedades del español: Perspectivas teóricas y metodológicas.” Universidad de Estocolmo. Disponible em: <<http://www.edice.org/2coloquio/2coloquioEDICE.pdf>>.

BRAVO, Diana (2005). *Estudios de la (des) cortesía en español. Categorías conceptuales y aplicaciones a corpora oral y escritos*. Buenos Aires: Dunken.

BRAVO, Diana & BRIZ, Antonio (2004). *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel.

BRIZ, Antonio (1998): *El español coloquial en la conversación. Esbozo de pragmagramática*. Barcelona: Ariel.

BROWN, R & A. GILMAN (1960), “The pronouns of power and solidarity”. T.Sebeock (ed), *Style in Language*. Nova York: MIT.

BROWN, P. & LEVINSON, S. C. (1987). *Politeness. Some Universals in Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press.

CAMPANELLA, Juan José (2002). *El Hijo de la Novia*. Buenos Aires: Del Nuevo extremo.

CARRICABURO, Norma (1997). *Las fórmulas de tratamiento en el español actual*. Madrid: Arco Libros.

COSERIU, Eugenio (1967). *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos.

COSTA, Jannaina V. (2007). *Formas nominais de tratamento em espanhol: polidez, funções conversacionais e variação geoletal. Representações de sete centros urbanos no cinema contemporâneo: Bogotá, Buenos Aires, Ciudad de México, Habana, Lima, Madrid e Santiago*. Dissertação de Mestrado em Língua Espanhola – Curso de Pós-graduação em Letras Neolatinas, Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras.

CUBA VEGA, Lidia E. (2002). “Creencias y actitudes en el uso de las formas nominales de tratamiento en una muestra de hablantes de la variante culta habanera”. Havana. Disponível em < <http://fayl.uh.cu/revista.htm>>. Acesso em agosto de 2005.

DUMITRESCU, Domnita (2005). *Agradecer en una interlengua. Una comparación entre la competencia pragmática de los estudiantes nativos y no nativos del español en California, Estados Unidos.* . Actas del II Coloquio del Programa EDICE, “Actos de habla y cortesía en distintas variedades del español; Perspectivas teóricas y metodológicas.” Universidad de Estocolmo. Disponible em: <<http://www.edice.org/2coloquio/2coloquioEDICE.pdf>>.

ESCANDELL VIDAL, M. V. (1995). *Cortesía, fórmulas convencionales y estrategias indirecta*, Revista Española de Lingüística, 25.01.1995, pp. 31-66. Madrid: Gredos.

ESCANDELL VIDAL, M. V. (1996). *Introducción a la pragmática*. Barcelona: Ariel.

ESCANDELL VIDAL, M. V. (1998). Politeness: a relevant sigue for relevante theory. Revista Alicantina de Estudios Ingleses.

ESCANDELL VIDAL, M. V. (2002). *La investigación en pragmática*. Interlingüística, 14, pp. 45-58.

ESCANDELL VIDAL, M. V. (2004). *Aportaciones de la pragmática. Enseñar español como segunda lengua (L2) / lengua extranjera (LE)*. Valdemécum para la formación de profesores. Madrid: SGEL.

ESCANDELL VIDAL, M. V. (2004). Norms and principles: putting social and cognitive pragmatics together. In MARQUEZ REITER, R. e PLACENCIA, M. E. (eds.). *Current Trends in the Pragmatics of Spanish*. Amsterdam: John Benjamins.

FARACO, Carlos Alberto (1996). O tratamento de *você* em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, Curitiba, Ed. da UFPR, n. 13.

FAVERO, Leonor Lopes & AQUINO, Zilda G. O (2001). “Os atos de agradecimento”. En: URBANO, Hudinilson; Dias, Ana Rosa Ferreira; LEITE, Marli Quadros; SILVA, Luiz Antonio da; GALEMBECK, Paulo de Tarso (eds.). *Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia e ensino*. São Paulo: Cortez.

FONTANELLA DE WEINBERG, María Beatriz (1992). *El español de América*. Madrid: Mapfre.

FONTANELLA DE WEINBERG, María Beatriz (1999) *Sistemas pronominales de tratamiento usados en el mundo hispánico*. In: BOSQUE, Ignacio & DEMONTE, Violeta. *Gramática descriptiva de la lengua española, 1*. Madrid: Espasa Calpe Libros.

GOFFMAN, Erving (1967) *Interactional ritual: Essays on face-to-face behaviour*. New York: Doubleday.

GOFFMAN, Erving (1981). *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

GONZALEZ IÑARRITU, Alejandro (2000). *Amores Perros*, México.[versión manuscrita de los diálogos de la película].

GRICE, Herbert Paul (1975). “Logic and conversation”. In Cole, P., and Morgan, J., editors, *Syntax and Semantics 3: Speech Acts*. New York: Academic Press.

GRICE, Herbert Paul (1989). “*Studies in the way of words*”. New York: Havard, University Press.

GUMPERZ, John J. (1982). *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.

GUTIÉRREZ Aléa, Tomás (1993). *Fresa y Chocolate*. La Habana:[versión manuscrita de los diálogos de la película].

HALM, Paulo (2001). *Amores Possíveis*. Rio de Janeiro: Objetiva.

HAVERKATE, Henk (1994). *La cortesía verbal: Estudio Pragmalinguístico*; Madrid: Gredos.

HAVERKATE, Henk (2003). *El análisis de la cortesía comunicativa: categorización pragmalingüística de la cultura española*. Actas del primer Coloquio del programa EDICE, “La perspectiva no etnocentrista de la cortesía: identidad sociocultural de las comunidades hispanohablantes.” Universidad de Estocolmo. Disponible en: <<http://www.primercoloquioedice.org/Actas/actas.html>>.

HERNÁNDEZ FLORES, Nieves (1999). Politeness ideology in Spanish colloquial conversation: the case of advice. *Pragmatics*, 9, pp. 37-49.

HERNÁNDEZ FLORES, Nieves (2003). “Los tests de hábitos sociales y su uso en el estudio de la cortesía: una introducción.”, En: BRAVO, D. (ed.) *Actas del Primer Coloquio del Programa EDICE. “La perspectiva no etnocentrista de la cortesía: identidad sociocultural de las comunidades hispanohablantes.”* Estocolmo: Universidad de Estocolmo.

HERNÁNDEZ FLORES, Nieves (2004). Politeness as “face” enhancement: an analysis of Spanish conversations between family and friends. In R. Márquez Reiter e M. E. Placencia (eds), *Current Trends in the Pragmatics of Spanish*. Amsterdam: John Benjamins.

HERNÁNDEZ FLORES, Nieves (2005). Cortesía y oscilación de la imagen social en un debate televisivo. Actas del II Coloquio del Programa EDICE, “*Actos de habla y cortesía en distintas variedades del español; Perspectivas teóricas y metodológicas.*” Universidade de Estocolmo.

HICKEY, Leo (2004). “Politeness in Spain: Thanks, but no “thanks””. En: L. Hickey y M. Steward (eds.), *Politeness in Europe*. Clevedon: Multilingual Matters.

HOPPER, Paul (1991). “On some principles of grammaticization”. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd. (eds.): *Approaches to grammaticalization*. Volume I, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Company.

IGLESIAS RECUERO, Silvia (2001). “*Los estudios de la cortesía en el mundo hispánico. Estado de la cuestión*”. *ORALIA*, Vol. 4, pp.245-298.

IGLESIAS RECUERO, Silvia (s/d), *El cambio lingüístico desde la pragmática. Hacia una pragmática histórica del español*. Seminario de Historia de la Lengua. (mimeo)

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (2004). *¿Es universal la cortesía?* In: BRAVO, Diana & BRIZ, Antonio. *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (2005). *Os atos de Linguagem no Discurso: teoria e funcionamento*. Niterói: Eduff. Traducción de Fernando Afonso de Almeida & Irene Ernest Dias. Título original: *Les actes du langage dans le discours* (2001).

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (2006). *Análise da conversação princípios e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial. Traducción de Carlos Piovezani Filho. Título original: *La conversation* (1996). Paris: Seuil.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (2007). *Le fonctionnement des termes d'adresse en français dans certaines situations de parole publique (petits commerces, débats médiatiques)*. Colóquio AIELA, 2007. REVISTA AIELA. Perugia: Guerra Edizioni (no prelo).

KOCH, Ingedore G. V. (2003). *A Inter.-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto.

KOIKE, Dale (1998). *Language and social relationship in Brazilian Portuguese: The pragmatics of politeness*. Austin: The University of Texas Press.

LAKOFF, Robin (1973) *The logic of politeness; or, minding your P's and Q's*. CLS.

LAKOFF, Robin (1998). "La lógica de la cortesía, o acuérdate de dar las gracias." En: Julio, M. T. y Muñoz, R. *Textos clásicos de pragmática*. Madrid: Arco Libros.

LEECH, Geoffrey (1983). *Principles of Pragmatics*. London: Longman.

LEVINSON, Stephen C (1983). *Pragmatics*. Cambridge: University Press.

LOPES, C. R. S. e DUARTE, M. E. L. (2003). «De *Vossa mercê* a *você*: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas ». In: Brandão, Silvia Figueiredo e Mota, Maria Antónia. *Análise contrastiva de variedades do português*. Rio de Janeiro, In folio, pp. 61-76.

LOPES, C. R. S. ; COUTO, L. R. & DUARTE, M. E. L. (2005). *Como as pessoas se tratam no cinema latino-americano: análise de formas de tratamento em roteiros de três países*. In: XIV Congresso Internacional da ALFAL, 2005, Monterrey. Memórias - XIV Congresso Internacional da ALFAL. Vol. 1, Monterrey : ALFAL.

LÓPEZ SERRANA, Araceli (2007). *Oralidad y escrituralidad en la recreación literaria del español coloquial*. Madrid: Gredos.

LOMBARDI, Francisco G. (2000). *Tinta Roja*. Lima: [versión manuscrita de los diálogos de la película].

LÜBERT, Orlando (2001). *Taxi para Tres*. Santiago de Chile: [manuscrito de la versión final enviada por el autor].

LUCCA, Nívia N. Garcia (2005). *A variação tu / você na fala brasiliense*. Dissertação de mestrado - Instituto de Letras. Brasília: UnB.

MAINGUENEAU, Dominique (2001). “*O dativo ético*”. In: *Elementos de lingüística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 17-19. [*Elements de linguistique pour le texte littéraire*, Paris, Bordas, 1990. Tradução: Maria Augusta Bastos de Matos].

MAINGUENEAU, Dominique (2001). *Análise de textos de comunicação*. Trad. Maria Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez.

MARCOTULIO, Leonardo L. (2005). *A estrutura familiar e a interação social no condicionamento das formas de tratamento: textos epistolares escritos no Rio de Janeiro do séc. XVIII*. In: SANTOS, Deize V. dos (org.) *Inicia – Revista da Graduação em Letras da UFRJ*. Rio de Janeiro: Ed. Faculdade de Letras / UFRJ.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (2001). *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortes.

MÁRQUEZ REITER, R.M. e Placencia, M.E (2005). *Spanish Pragmatics*. Palgrave: Macmillan.

MARSTON, Joshua (2004). *María, llena eres de gracia*. Bogotá: [versión manuscrita de los diálogos de la película].

MEIRELLES, Fernando (2003). *Cidade de Deus*. Rio de Janeiro: Objetiva.

MEY, Jacob L. (2001) *Pragmatics: An Introduction*. Oxford: Blackwell

MIRANDA UBILLA, Horacio (2000). *La cortesía verbal en textos para la enseñanza del español e inglés como lenguas extranjeras*. Tese de doutorado. Valladolid: Universidade de Valladolid. Disponível em:
<http://www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=8136&ext=pdf>.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco (1998). *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, cap. 8, pp. 141-157.

MOSER, Kapapelin (2007). *(Des) cortesía en el español de Costa Rica: el ustededeo, la variación ustededeo-voseo y la forma –T en el discurso familiar informal: Siglo 18 hasta 20*. Actas del III Coloquio del Programa EDICE, “Cortesía y conversación: de lo escrito a lo oral.” Universidad de Estocolmo.

NARO, A. J. & BRAGA, M. L (2000). *A interface sociolingüística / gramaticalização*. Gragoatá, n. 9, pp. 125-134.

OLIVEIRA, Cristina Maria (2000). *La planificación del discurso escrito - un proceso de interactividad*. Tese de Doutorado em Ciências da Educação, defendida no Depto. de Didática da Língua e da Literatura na Universidade de Barcelona.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia (2003). O retorno do pronome *tu* à fala carioca. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (orgs). *Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras.

PAZ, Senel (1994). *Fresa y Chocolate*. Havana:. Transcrito por AMORIM, Ana Paula de Souza & ALMEIDA, Sara Luciana Mendes de.

PEDROVIEJO ESTERUELAS, Juan Manuel (2004). “Formas de tratamiento en dos obras de teatro del siglo XX: *Historia de una escalera* y *Bajarse al moro*”. : In: BRAVO & BRIZ, Diana e Antonio. *Pragmática Sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel.

PLACENCIA, Maria Elena. & BRAVO, Diana (1996). *Actos de habla y cortesía en español*. Munich: Lincom Europa, Lincom studies in Pragmatics 05.

PLACENCIA, Maria Elena & GARCÍA, Carmen (2007). *Research on Politeness in the Spanish-Speaking World*. Lawrence Erlbaum Associates.

REYES, Graciela (1990). *La pragmática lingüística: el estudio del uso del lenguaje*. Barcelona: Montesinos

REYES, Graciela (2000). *El abecé de la pragmática*. Madrid: Arco Libros.

REBOLLO COUTO, Leticia (2005). *Formas de tratamiento y cortesía en el mundo hispánico*. Conferencia presentada en el II Simposio de Didáctica, realizado en el Instituto Cervantes. Río de Janeiro: mimeo.

RIGATUSO, Elisabeth M. (1992). *Lengua, historia y sociedad. Evolución de las fórmulas de tratamiento en el español bonaerense (1830-1930)*. Bahía Blanca, Argentina: Universidad Nacional del Sur.

RIGATUSO, Elisabeth M. (1994) *Familia y tratamientos: aspectos de la evolución de las fórmulas de tratamiento en el español bonaerense (1800-1930)*. *El español en el Nuevo Mundo: estudios sobre la historia del español en Hispanoamérica*. Washington: Ed. M^a B. Fontanella de Weinberg. Disponível em: http://www.iacd.oas.org/Interamer/Interamerhtml/Weinberghhtml/Weinb_Riga.htm.

RUMEU, Márcia C. B. (2004). *Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa – Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, Mimeo.

IGLESIAS RECUERO, Silvia (2002). *Oralidad, Diálogo y contexto en la lírica tradicional*. Visor libros.

SCHRADER-KNIFFKI, Martina (2001). *Cortesía em transición: La dinámica de la imagen social de los zapotecas bilingües en Oxaca/Mexico*. *Oralia*, 2, pp. 213-241.

SEARLE, John (1969). *Speech Acts: Na essay on the Philosophy of Language*. Cambridge: University Press.

SEARLE, John (2001). “*Actos de habla*”. Madrid: Cátedra.

SILVA, A. S.; ANTONIO, F. G. D. & LOPES, C.R.S. (2005). “*As formas de tratamento que foram “possíveis” em Amores Possíveis: análise de um roteiro brasileiro*”

SOTO, Ucy. M. S (2001). *Variação/mudança do pronome de tratamento alocutivo: uma análise enunciativa em cartas brasileiras*. Tese de Doutorado, Araraquara: UNESP

SOUZA, Jair O. (2006). *Estratégias de cortesia nos atos diretivos de discurso impositivos em Loucura de Isidoro*. Dissertação de Mestrado em Língua Espanhola – Curso de Pós-graduação em Letras Neolatinas, Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras.

SPERBER, D. & WILSON, D. (1995). *Relevance. Communication and cognition*. Oxford: Blackwell.

STALNAKER, Robert (1980). *Pragmatics: Implicature, Presupposition and Logical Form*. *Language*, vol. 56, nº 4, pp. 902-905.

TORREJÓN, Alfredo (1986). *Acerca del “Voseo” Culto de Chile*. *Hispania*: Vol. 69, nº 3, pp 677-683.

VAN DIJK, Teun. A. (1981). *Studies in the pragmatics of discourse*. Berlin: Mouton.

WATTS, Richard J. (2003). *Politeness*. Cambridge: University Press.

YULE, George (1996). *Pragmatics*. Oxford: University Press.

A seguir faremos um breve resumo sobre cada filme que compõem o *corpus* desta pesquisa. Vale ressaltar, que esboçaremos somente os perfis dos personagens que de forma direta ou indireta foram emissores e / ou destinatários dos atos de fala que expressam agradecimentos e desculpas.

Anexo 1:



Carne Trémula (Espanha, 1997) conta-nos como muitas vidas mudam por causa de um único tiro. Começando em 1970 quando uma prostituta dá a luz seu filho Víctor, a história salta para uma Madrid contemporânea. Víctor Plaza se envolve em uma confusão na casa da Elena, a quem conheceu dias antes. Dois policiais, Sancho e David, aparecem por lá depois que a vizinha ligou para a polícia dizendo que tinham ouvido tiros. No meio da confusão, um disparo atinge David que fica paraplégico. Víctor leva a culpa e vai para a prisão. Nesse meio tempo Elena se casa com David. Víctor sai da prisão e começa a perseguir Elena. Até que no final da história eles acabam juntos e têm um filho. Esboçaremos a seguir, somente os personagens que foram emissores e / ou destinatários de algum ato de fala que expressa agradecimentos e / ou desculpas:

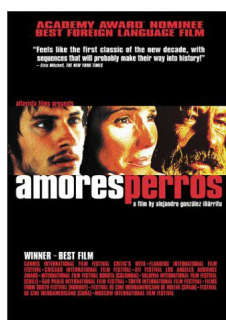
► *Operário* trabalha no cemitério que a mãe do Víctor e o pai da Elena foram enterrados.

► *Clara* é esposa de Sancho. Ela foi amante de David, mas depois que Víctor saiu da prisão eles começaram a namorar. Vivia um casamento sem amor e com muita violência, pois o marido batia sempre nela. No final da trama Sancho a mata e depois se mata.

► *Clementina* trabalha no *Lar Infantil* junto com *Elena*. Ela cuida das crianças e foi responsável pela admissão de *Víctor* como voluntário na instituição.

► *Josep* trabalha no *Lar Infantil* e como *Víctor* também é voluntário.

Anexo 2:



O filme **Amores Perros** (México, 2000) conta-nos três histórias. Três vidas que se cruzam em um brutal acidente de carro: a de Otávio, a de Valéria e a de Chivo. Otávio é um jovem que quer fugir de casa com a esposa do irmão. Como ele não tem dinheiro, decide levar seu cachorro para participar de rinhas e desta forma ganhar algum trocado para poder juntar e fugir com ela. Valéria é atriz e modelo. Tem um namorado casado que decide deixar sua esposa e filhas para viver com ela, mas no dia que eles estão festejando o novo apartamento e a nova vida, Valéria sofre um acidente de carro que a fará perder uma das pernas. E a terceira e última história é a de Chivo, um ex-guerrilheiro do partido comunista que depois de vários anos na prisão e decepcionado com a vida decide ganhar dinheiro matando as pessoas. Quando ainda era comunista decidiu deixar a esposa e a filha. Depois de muitos anos, ele decide procurar a sua filha deixando um recado na secretária eletrônica dela e dando todo o dinheiro que tinha conseguido juntar. Chivo está na rua justamente na hora que o carro de Otávio avança o sinal e bate no de Valéria. Ele leva o cachorro de Otávio para casa dele, faz curativo e fica com ele. Em seguida mencionaremos somente os personagens do filme que foram emissores e / ou destinatários de algum ato de fala que expressa agradecimentos e / ou desculpas:

► *Suzana* é casada com o irmão do Otávio e mora na mesma casa que ele. Ela não trabalha, tem um filho pequeno e esta grávida do segundo.

► *Ramiro* é irmão do Otávio, trabalha no supermercado e nas horas vagas faz alguns assaltos. No final acaba sendo morto.

► *Cliente* é uma senhora que vai ao supermercado que Ramiro trabalha e passa suas compras no caixa dele.

► *Andrés* é um ator famoso de televisão.

► *Presentador* entrevista atores famosos em seu programa, como Valéria e Andrés, por exemplo.

► *Público* está assistindo na platéia ao programa onde Valéria e Andrés estão sendo entrevistados.

► *Daniel* apesar de ser casado e ter duas filhas é namorado de Valéria e por ela decide largar sua família.

► *Nacho* é o médico que cuida de Valéria logo após o acidente de carro que ela sofreu.

► *Leonardo* é um ex-policial e colega de Chivo.

► *Secretária* trabalha na mesma empresa que Daniel.

► *Su madre* é a mãe de Otávio e Ramiro. Ela mora com os dois filhos, a nora e o neto.

Anexo 3:



Fresa y chocolate (Cuba, 1993) conta a história de David um estudante da universidade de Havana e Diego um artista homossexual. Diego vê David sentado em um bar tomando sorvete e decide sentar na mesma mesa que ele. Depois de puxar assunto, Diego convida David para ir até o seu apartamento. Quando chega, David vê que há muitas pinturas religiosas e literatura estrangeira o que é proibido em Cuba. Ao perceber que Diego planeja fazer uma exposição de arte com ajuda de uma

embaixada estrangeira, David decide sair do apartamento por achar que esta atitude é anti-revolucionária. Quando retorna à universidade, David conta esta história a um amigo de turma e este sugere que ele continue freqüentando a casa de Diego para saber como ele consegue os livros proibidos e os whiskies no mercado negro. O importante era que David conseguisse obter informações sobre uma possível conexão ilícita entre Diego e alguma embaixada. Mas as visitas transformaram a relação de David e Diego, pois eles acabaram se tornando amigos. Diego teve que deixar Cuba e David começou a namorar Nancy, vizinha e grande amiga de Diego. Vale ressaltar, que estes três personagens e mais um taxista (que aparece em uma única cena) foram os únicos personagens que em algum momento em suas interações foram emissores e / ou destinatários dos atos de agradecimentos e desculpas.

Anexo 4:



María llena eres de gracia (Colômbia, 2004) conta-nos a história de María, uma garota de 17 anos que vive em um vilarejo na Colômbia. Para a manter o sustento de sua família, ela trabalha extraindo espinhos na produção local de rosas. Trabalhando sempre no limite da paciência, María resolve pedir as contas quando seu chefe não a deixa sair para ir ao banheiro quando ela passa mal. Neste meio tempo descobre que esta grávida do seu namorado. Precisando levar dinheiro para o sustento de sua miserável família, ela pega uma carona com Franklin até Bogotá e lhe diz que está procurando emprego. Ele comenta que há como conseguir dinheiro rápido e María logo entende que se trata de um trabalho de “mula”, ou seja, levar pacotinhos de cocaína no estômago para Nova Iorque (EUA). Ela acaba aceitando transportar a droga e decide não voltar para Colômbia. Mencionaremos a seguir, somente os

personagens que foram emissores e / ou destinatários dos atos de fala que expressa agradecimentos e / ou desculpas:

► *Blanca* é amiga de *María*. Trabalharam juntas na fábrica de flores, onde tiravam os espinhos das rosas. Ela também transportou cocaína no estomago para Nova Iorque (EUA).

► *Pasajera* é uma senhora que estava sentada ao lado de *Maria* no avião.

► *Carla* é irmã de *Lucy*. Mora em Nova Iorque com o marido e o cunhado.

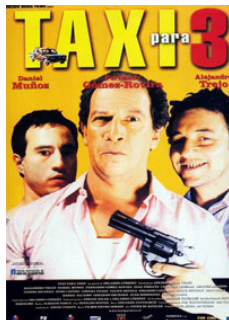
► *Lucy* já tinha transportado droga à Nova Iorque duas vezes, mas na terceira vez um pacotinho estourou em seu estômago e ela morreu. *María* tentou ajudá-la, mas não foi possível.

► *Don Fernando* é um senhor que trabalha em um escritório em Nova Iorque onde ajuda a expatriados latino-americanos.

► *Javier* é a pessoa responsável por selecionar, pagar e enviar as “mulas” aos Estados Unidos.

► *Recepcionista* atendeu a *María* quando ela foi fazer uma ultra-sonografia.

Anexo 5:

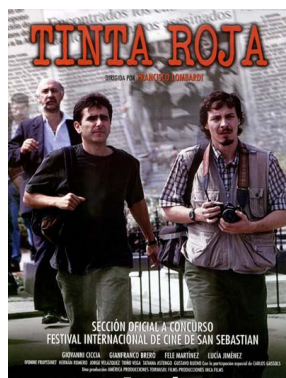


Taxi para tres (Chile, 2001) conta-nos a história de um taxista chamado Ulises. Ele está numa situação difícil, pois uma dupla de assaltantes embarca em seu táxi e lhe faz uma oferta: ou torna-se cúmplice ou vítima. Ulises tem tempo só de pensar na mulher e nos filhos, além, é claro, nas prestações do táxi que ainda faltam para pagar. Com a faca no pescoço, não tem dúvidas: "Cúmplice", diz. Mal sabia ele no que estava se metendo e, pior, ainda acabaria gostando - ainda mais quando os assaltantes dividem com ele o lucro dos roubos. No final da trama ele atropela os assaltantes e sai como vítima e herói no noticiário televisivo. A seguir,

mencionaremos somente os personagens que foram emissores e / ou destinatários dos atos de fala que expressam agradecimentos e / ou desculpas:

- ▶ *Chavelo* é um dos assaltantes que rende Ulises.
- ▶ *Coto* junto com Chavelo assalta Ulises e o faz de refém.
- ▶ *Muchacho* é um rapaz que foi assaltado por Chavelo e Coto. Participou de um assalto com eles no táxi de Ulises e recebeu sua parte do roubo.
- ▶ *Jeanette* trabalha no armazém onde Ulises foi comer um sanduíche. Eles acabam virando amantes.
- ▶ *Secretária* trabalha no escritório da Lada onde Ulises foi pagar a cota do táxi.
- ▶ *Padilla* é policial e suspeita que Ulises esteja envolvido em assaltos. A partir disso, começa a perseguir e a investigar a vida dele.

Anexo 6:



A trama do filme **Tinta Roja (Peru, 2000)** descreve um jovem rapaz, Alfonso Fernández, que vai estagiar no jornal sensacionalista *El Clamor*, onde é selecionado para a seção policial. Alfonso tem como grande sonho se tornar um escritor e acredita que o trabalho no jornal servirá apenas para receber o certificado que precisa para concluir a faculdade. Mas ao chegar na seção onde irá trabalhar, ele conhece seu futuro chefe Saul Faundez, um repórter veterano que, com sua moral duvidosa, transita com extrema naturalidade em um universo de cadáveres e sangue. Aos poucos, Alfonso é influenciado por Saul, passando a ver sua vida e sua cidade com outros olhos e também a repensar seus objetivos. Além destes dois personagens, há

outros em que repertoriamos em suas interações atos de fala que expressam agradecimentos e / ou desculpas. Por esta razão iremos mencioná-los a seguir:

► *Rosana* é jornalista e amante de Faundez. Ele sempre lhe fornece todas as informações sobre o que será publicado no dia seguinte no jornal *El Clamor* para que ela possa publicar no meio de comunicação que trabalha.

► *Mayor* é policial e responsável por divulgar as notas oficiais à imprensa.

► *Mujer* é uma senhora que aparece no filme porque seu marido morreu e a equipe do *El Clamor* foi entrevistá-la.

► *Escalona* é um rapaz tímido que quase não fala. Trabalha no jornal *El Clamor* como fotógrafo.

► *Eva* é cantora na boate *Peña Criolla*, onde a equipe que trabalha no jornal *El Clamor* frequenta depois do trabalho.

► *Van Gogh* é motorista do jornal *El Clamor*. Ele leva os jornalistas e o fotógrafo ao local do acontecimento que deverá ser publicado no dia seguinte.

► *Hugo* é policial e trabalha junto com Mayor. Geralmente ele passa as informações para Alfonso sobre algum acontecimento para futura publicação no jornal *El Clamor*.

► *Juanqui* é um rapaz da mesma faixa etária que Alfonso. Eles começaram a estagiar juntos no *El Clamor*.

► *Ortega* é o chefe geral do jornal *El Clamor*.

► *Mozo* é o garçom de um bar que a equipe do *El Clamor* vai com muita frequência.

► *Padre* é o pai de Alfonso que depois de muitos anos aparece na recepção do jornal *El Clamor* para se desculpar com o filho por ter sido um pai ausente e sem escrúpulos, já que ele vendia óbitos falsos.



No filme **El hijo de la novia** (Argentina, 2001) o protagonista Rafael Belvedere não está feliz com a vida que leva. Passa a maior parte do tempo trabalhando no restaurante que o pai dele fundou e por isso não tem tempo para visitar a mãe que está internada em uma clínica geriátrica, já que sofre de Alzheimer; não vê a filha do seu casamento com Sandra e não dá muita atenção a namorada, Nati, que mora com ele. Depois de ter um problema cardíaco decide mudar essa situação. Passa a visitar a mãe com frequência, decide ajudar seu pai a casar na igreja com a sua mãe, passa mais tempo com a sua filha e decide dar mais atenção a sua namorada. A seguir, somente os personagens que em suas interações foram emissores e / ou destinatários dos atos de agradecimentos e desculpas:

- ▶ *Provedor* é responsável por entregar no restaurante do Rafael comida e bebida.
- ▶ *Sciacalli* é representante de uma empresa que estava interessada em comprar o restaurante de Rafael.
- ▶ *Molina* é a pessoa responsável pela entrega dos vinhos para o restaurante do Rafael.
- ▶ *Enfermera* cuidou de Rafael quando ele teve o problema no coração.
- ▶ *Juan Carlos* é amigo de Rafael desde infância. Depois de muitos anos eles se reencontraram.
- ▶ *Nino* é o pai de Rafael.
- ▶ *Nacho* é primo de Rafael e trabalha com ele no restaurante.
- ▶ *Norma* é a mãe de Rafael.

► *Hombre* (Oficial) é na verdade Juan Carlos. Ele decide dar um susto no Rafael. Vai ao restaurante dele e se passa por um Oficial que está ali para fiscalizar, pois recebeu uma denúncia.

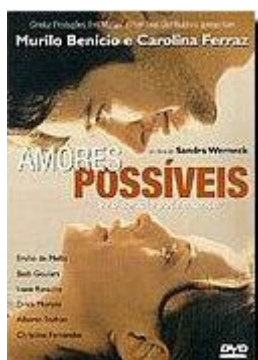
► *Sargento Garcia* também é Juan Carlos. Como a Igreja não aceita fazer o casamento dos pais de Rafael, por acreditar que a mãe deveria estar consciente (ela sofre de Alzheimer). Rafael combina com o Sargento Garcia para ele ser o padre do casamento.

► *Alcón* é um ator que está gravando uma cena no estúdio.

► *Director* está no estúdio junto com Alcón gravando as cenas.

► *Senhora da clínica* está internada onde Norma, mãe de Rafael também está.

Anexo 8:



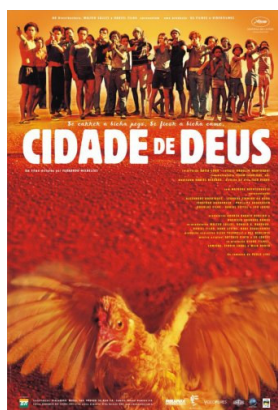
Amores Possíveis (Brasil, 2001) narra a história de Carlos que há 15 anos foi ao cinema para se encontrar com Julia, sua colega de faculdade, por quem estava apaixonado. Entretanto, a espera é em vão, já que Julia não aparece, deixando Carlos sozinho no hall do cinema. Quinze anos após este acontecimento, acompanhamos três versões possíveis e distintas da vida de Carlos. Na primeira, ele (Carlos 1) é um homem que se divide entre a estabilidade de uma vida segura e um casamento morno e o desejo crescente de viver uma paixão. Ao reencontrar Julia 1 em uma galeria de arte fica na dúvida se deve ou não se separar de sua esposa, pois teme largar o casamento mesmo sem amor para começar uma nova vida. Na segunda versão, Carlos 2 é um homossexual que colocou a paixão acima de tudo largando sua esposa e seu filho para viver com outro homem. E na terceira ele (Carlos 3) é um homem que vive com mãe e ainda não descobriu o amor e que busca, em sucessivas e desastrosas

experiências amorosas, a mulher ideal. Em seguida mencionaremos somente os personagens do filme que foram emissores e / ou destinatários do ato de fala expressa agradecimento e / ou desculpas:

- ▶ *Sonia* é a mãe de Carlos 3. Ela é separada e vive com filho.
- ▶ *Lucas* é filho de Julia 2. Ele vive com a mãe que é separada do pai dele (Carlos 2).
- ▶ *Pedro 2* é homossexual e vive com o seu namorado (Carlos 2).
- ▶ *Maria* é a esposa de Carlos 1.
- ▶ *Garçom* trabalha no restaurante que Carlos 3, Julia 3 e Sonia foram jantar.
- ▶ *Lídia* é a atendente do Instituto da Alma Gêmea onde Carlos 3 foi procurar uma namorada.

Vale ressaltar que os números ao lado dos nomes estão de acordo com a sequência do filme descrita acima, ou seja, Carlos 1 e Julia 1 fazem parte da primeira versão para a vida de Carlos logo que ele ficou no cinema esperando por Julia. Em seguida temos Carlos 2 e Julia 2 para a segunda versão e para finalizar temos Carlos 3 e Julia 3 para terceira e última versão feita pela autora do filme.

Anexo 9:



Em **Cidade de Deus (Brasil, 2003)** a história é dividida em três partes. A primeira, situada no fim dos anos 60, mostra os primeiros anos de existência do conjunto habitacional na Cidade de Deus, para onde se mudam duas crianças, Buscapé e Dadinho. Buscapé tem 11 anos e seu irmão, Marreco, forma com os amigos Cabeleira e Alicate um grupo de bandidos conhecido como o Trio Ternura,

cuja especialidade é assaltar os caminhões de gás que fazem entrega no local. Dadinho acompanha esse grupo de marginais e sonha ser como eles. A segunda parte do filme se passa nos anos 70. Buscapé continua seus estudos e arruma um emprego num supermercado. Enquanto isso, Dadinho torna-se um pequeno líder de gangue com grandes ambições. Quer se tornar traficante. Em pouco tempo, Dadinho torna-se o bandido mais perigoso e temido do local. Recebe um novo apelido, Zé Pequeno, e expande seu negócio. A terceira parte, situada no começo dos anos 80, mostra como Zé Pequeno se transforma em um dos traficantes mais poderosos do Rio de Janeiro. Até que ele cruza o caminho de um trocador de ônibus conhecido como Mané Galinha. Depois de ver sua mulher ser estuprada, Mané Galinha decide se vingar de Zé Pequeno associando-se a outro traficante local, Sandro Cenoura. Estoura a guerra na Cidade de Deus. Nesse meio tempo, Buscapé, que sempre sonhou ser fotógrafo, consegue sua primeira máquina profissional e consegue registrar essa guerra. Neste filme há muitos personagens secundários. Iremos mencionar somente aqueles que foram emissores e / ou destinatários do ato de fala que expressa agradecimento e / ou desculpas:

- Thiago é um rapaz de classe média que está sempre na favela para comprar droga.

- Neguinho é traficante e teve a sua “boca de fumo” tomada por Zé Pequeno. Na festa de Bené ele tentou matar Zé Pequeno, mas o tiro acabou pegando em Bené.

- Garotão é um rapaz da zona sul que troca objetos da casa dos pais por droga.

- Filé com Fritas é um menino da favela que faz pequenos favores aos traficantes.

- Angélica era namorada do Thiago e a paixão de Buscapé. Era uma menina que gostava de fumar maconha, mas não era viciada. Conheceu Bené na praia e começaram a namorar.

- Barbantinho é amigo de Buscapé. Ele também mora na favela, mas é trabalhador.

- Paulista conheceu Buscapé e Barbantinho quando foi perguntar se eles conheciam a Barra da Tijuca. Como os dois tinham a intenção de assaltar alguém naquela noite, falaram que estavam indo para lá e aproveitaram a “carona” de Paulista.

- ▶ Jovem é a namorada do Zé Galinha que Zé Pequeno estuprou.
- ▶ Cocota é um rapaz da zona sul que foi trocar uma máquina de fotografia por droga.

F I M